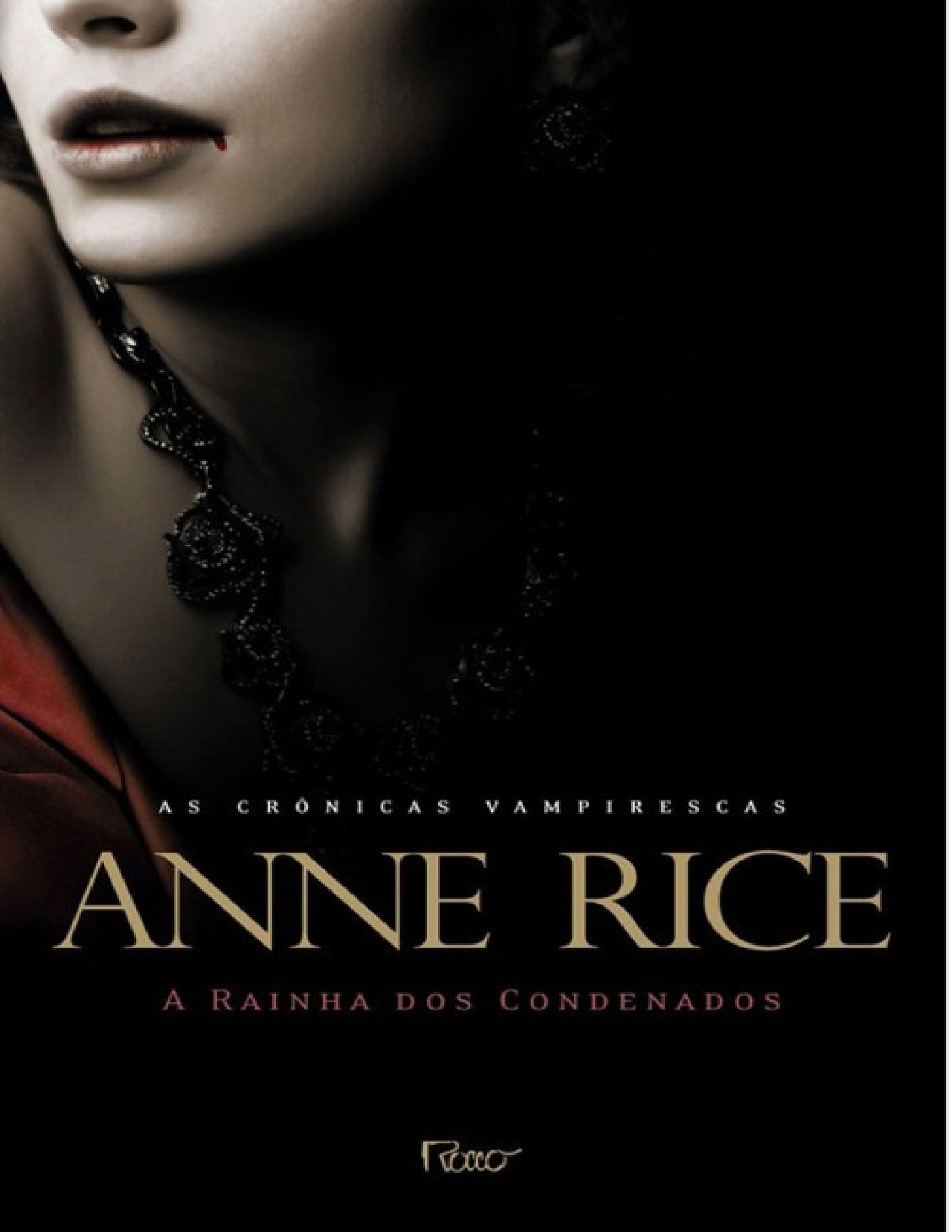




A S C R Ô N I C A S V A M P I R E S C A S

ANNE RICE

A R A I N H A D O S C O N D E N A D O S

Rocco



Anne Rice

**A RAINHA
DOS
CONDENADOS**



Poco

ANNE RICE

A RAINHA DOS CONDENADOS

PARTE I

Sou o Vampiro Lestat. Lembram-se de mim? O vampiro que se tornou um superastro do rock, aquele que escreveu a auto-biografia? Aquele de cabelos louros e olhos cinzentos, e o desejo insaciável de notoriedade e fama? Vocês se lembram. Eu queria ser um símbolo do mal num século brilhante que não tinha espaço para o mal literal que eu sou. Achei até que faria algum bem dessa maneira — bancando o demônio no palco pintado.

E estava começando muito bem, quando nos falamos pela ultima vez. Eu acabava de fazer minha estréia em São Francisco — primeiro “show ao vivo” meu e da minha banda mortal. Nosso disco foi um sucesso tremendo. Minha auto-biografia estava indo muito bem, tanto com os mortos quanta com os não-mortos. Então aconteceu uma coisa inteiramente imprevista. Bom, pelo menos eu não previ. E quando deixei vocês eu estava, pode-se dizer, a beira do abismo. Bom, agora está tudo acabado — tudo o que aconteceu depois. Sobrevivi, obviamente. Senão não estaria falando com vocês. E a poeira cósmica finalmente assentou; e o pequeno rasgão no tecido das crenças racionais foi consertado, ou pelo menos fechado.

Estou um pouco mais triste por causa disso tudo, um pouco mais perverso, e também um pouco mais cuidadoso. Estou também infinitamente mais poderoso, embora a minha parte humana esteja mais perto da superfície do que nunca — um ser angustiado e faminto que ao mesmo tempo ama e odeia essa invencível casca imortal que me aprisiona. A sede de sangue? Insaciável, embora fisicamente eu precise menos que nunca — acho que agora poderia viver inteiramente sem sangue. Mas o desejo que sinto por tudo que anda me diz que nunca farei essa experiência.

Sabem, de qualquer maneira nunca se tratou simplesmente de uma necessidade de sangue, embora o sangue seja o mais sensual que uma criatura possa desejar; e a intimidade do momento — matar, beber — a grande dança dos corpos colados que se desenrola à medida que a vítima enfraquece e eu me sinto expandir, engolindo a morte, que por uma fração de segundo resplandece enorme como a vida. Mas isto é falso.

Nenhuma morte pode ser enorme como a vida. E é por isso que estou sempre tirando a vida, não é? E agora mais que nunca estou longe da salvação. Ter consciência disso só piora as coisas.

Claro que ainda posso passar por humano; de um jeito ou de outro, todos nós podemos, não importa a nossa idade. Colarinho levantado, chapéu puxado para baixo, óculos escuros, mãos nos bolsos — isso geralmente funciona. Gosto de me disfarçar com jaquetas de couro apertadas e calças jeans bem justas, e um par de botas de couro boas para qualquer terreno. Porém, de vez em quando, uso as sedas que as pessoas gostam neste clima sulino onde agora resido. Se alguém olhar bem de perto, então há uma rápida sugestão telepática: o que você está vendo é inteiramente

normal. Uma amostra do velho sorriso, os caninos bem escondidos, e o mortal se tranqüiliza.

Ocasionalmente dispenso todos os disfarces e saio do jeito que sou: cabelos compridos, um paletó de veludo que me faz lembrar os velhos tempos e um ou dois anéis de esmeralda na mão direita. Caminho apressado por entre as multidões no centro dessa linda e corrupta cidade sulina; ou passeio devagar ao longo das praias, respirando a cálida brisa sulina, nas areias brancas como a lua. Ninguém me olha por mais de um segundo. Há muitas outras coisas inexplicáveis a nossa volta — horrores, ameaças, mistérios que atraem as pessoas e depois as desencantam inevitavelmente. Então elas voltam ao velho ramerrão. O príncipe jamais virá, todos sabem disso; e talvez a Bela Adormecida esteja morta.

Acontece o mesmo com os que sobreviveram comigo e que comigo compartilham desse cantinho quente e verdejante do universo — o extremo sudeste do continente norte-americano, a cintilante metrópole de Miami, um belo campo de caça para os imortais sedentos, se um tal lugar existisse. Quanto aos outros, é bom tê-los comigo: na verdade, é primordial — é o que sempre achei que desejava: um congresso de gala dos sábios, duradouros, antigos e descuidados jovens. Mas a agonia de ser anônimo entre os mortais nunca me foi mais penosa, monstro ambicioso que sou. O murmúrio suave de vozes sobrenaturais não me aliviam. O gosto do reconhecimento mortal foi por demais sedutor — os discos nas vitrines, os fãs saltando e aplaudindo diante do palco. Não importa que eles no fundo não acreditassem que sou um vampiro; naquele momento estávamos juntos. Gritavam meu nome!

Agora não há mais os discos, nunca mais ouvirei aquelas canções. Meu livro permanece, juntamente com a

Entrevista com O Vampiro — prudentemente disfarçado de ficção —, e talvez seja melhor assim. Já causei problemas demais, como verão. Desastre, era isso que eu causava com meus joguinhos. O vampiro que teria sido herói e finalmente mártir por um único instante de pura relevância. Imagina-se que eu tenha aprendido alguma coisa com tudo isso, não é? Bem, aprendi mesmo. Mas é que é tão doloroso encolher-me novamente na sombra — Lestat, o bandido vampiro, rápido e anônimo, novamente atacando os pobres mortais que nada sabem de coisas como eu! Tão doloroso ser novamente o forasteiro, eternamente na periferia, lutando com o mal e o bem do imemorial inferno particular do corpo e alma...

Agora em meu isolamento sonho em encontrar uma coisinha linda num aposento iluminado pelo luar — uma daquelas adolescentes, como são chamadas agora, que leram meu livro e escutaram minhas canções; uma daquelas gracinhas idealistas que me escreviam cartas de admiração em papel perfumado, durante aquele breve período de malfadada glória, falando em poesia e no poder da ilusão, dizendo que gostariam que eu fosse real; sonho em esgueirar-me para seu quarto às escuras, onde talvez meu livro esteja sobre a mesa-de-cabeceira com um lindo marcador de veludo, e sonho em tocá-la nos ombros, sorrindo quando nossos olhares se encontrarem.

“Lestat! Sempre acreditei em você. Sempre soube que viria!”.

Pego seu rosto em minhas mãos e inclino-me para beijá-la.

“Sim, querida”, respondo. “Você não sabe como preciso de você, como amo você, como sempre amei você”. Talvez ela me ache ainda mais encantador por causa

do que me aconteceu — o horror inesperado que vi, a dor inevitável que suportei. É uma verdade terrível a de que o sofrimento pode nos aprofundar, dar mais brilho as nossas cores; mais ressonância as nossas palavras. Isto é, se não nos destrói, se não aniquila o otimismo e a coragem, a capacidade de ter visões, o respeito pelas coisas simples, porem indispensáveis.

Por favor, perdoem-me se pareço amargurado. Não tenho direito de sê-lo. Eu comecei tudo; e sai inteiro, como dizem. E tantos de nos não conseguiram! Houve também os mortais que sofreram. Foi indesculpável. E, certamente, sempre pagarei por isso.

Mas ainda não compreendo inteiramente o que aconteceu, entendem? Não sei se foi uma tragédia ou simplesmente uma aventura sem sentido. Ou se alguma coisa absolutamente magnífica poderia ter nascido dos meus enganos, alguma coisa que poderia elevar-me acima da irrelevância e do pesadelo, finalmente, para a luz ardente da redenção.

E posso nunca ficar sabendo, também. Quer dizer: acabou. E o nosso mundo — nosso reinozinho particular — está menor, mais escuro e mais seguro que nunca. Nunca mais será o que foi.

É incrível que eu não tenha previsto o cataclisma, mas acontece que nunca imagino o final de qualquer coisa que eu inicie. É o risco que me fascina, o momento de possibilidades infinitas. Ele me atrai através da eternidade quando todos os outros encantos falham. Afinal, eu era assim quando estava vivo, há duzentos anos — o inquieto, o impaciente, o que estava sempre procurando amor e uma boa briga. Quando parti para Paris em 1780 para ser ator,

só sonhava com os inícios — o momento, a cada noite, em que a cortina subia.

Talvez os antigos estejam certos. Refiro-me agora aos verdadeiros imortais — os bebedores de sangue que sobreviveram aos milênios — que afirmam que nenhum de nós realmente muda com o tempo; apenas nos tornamos mais integralmente o que somos.

Em outras palavras: ficamos realmente mais sábios quando vivemos centenas de anos; mas também temos mais tempo para nos tornarmos tão ruins quanto nossos inimigos sempre disseram que nos tornaríamos.

E sou o mesmo demônio que sempre fui, o rapaz que queria o centro do palco, onde podem me ver melhor, ou talvez me amar. Uma coisa não serve sem a outra. E quero tanto divertir vocês, fasciná-los, fazer com que me perdoem qualquer coisa... Infelizmente os momentos esparsos de contato e reconhecimento secretos nunca serão suficientes. Mas estou me adiantando demais, não estou? Se vocês leram minha autobiografia, então querem saber do que estou falando. Que desastre foi esse a que me refiro? Bem, vamos recapitular, está bem? Como disse, escrevi o livro e gravei o disco porque queria aparecer, ser visto como sou, mesmo que apenas em termos simbólicos.

Quanto ao risco de que os mortais realmente descobrissem, percebessem que eu era exatamente o que dizia ser, eu ficava excitado com essa possibilidade também. Que nos cacem, que nos destruam — esse era, de certo modo, meu maior desejo. Não merecemos existir; deviam nos matar. E pensar nas batalhas! Ah, combater aqueles que realmente sabem quem sou! Mas no fundo nunca esperei tal confronto; e a persona do roqueiro era um disfarce maravilhoso para um demônio como eu.

Foi minha própria espécie que literalmente me pegou, que decidiu me castigar pelo que eu tinha feito.

E, naturalmente, eu também esperava por isso. Afinal, contei nossa história em minha autobiografia; revelei nossos mais profundos segredos, coisas que havia jurado nunca contar. Exibindo-me diante dos refletores e das câmeras. E se algum cientista tivesse me agarrado, ou, mais provavelmente, um policial zeloso por causa de uma barbearagem no trânsito, cinco minutos antes do amanhecer, e eu fosse encarcerado, examinado, identificado e classificado — tudo isso a luz do dia, enquanto eu jazia inerte — para a satisfação dos piores céticos mortais em todo o planeta?

Concordo que isso não era muito provável. Ainda não é. (Mas podia ser tão divertido, podia mesmo!). No entanto, era inevitável que minha própria espécie se enfurecesse com os riscos a que eu me expunha, que me tentasse queimar vivo ou me esquartejar em pedaços imortais. A maioria dos jovens entre eles eram estúpidos demais para perceber como estávamos em segurança. E à medida que se aproximava à noite do espetáculo, comecei a sonhar com essas batalhas, também. Seria um prazer tão grande destruir aqueles que eram tão maus quanto eu, ceifar os culpados, apagar minha imagem vez após vez!

No entanto, sabem, a alegria pura de estar lá, fazendo música, fazendo teatro, fazendo mágica! — no fim era só isso. No fim, eu queria estar vivo. Queria ser simplesmente humano, o ator mortal que foi para Paris há duzentos anos e encontrou a morte no bulevar, e que finalmente teve seu momento. Mas, continuando a recapitulação: o show foi um sucesso. Tive meu momento de triunfo diante de quinze mil fãs mortais em delírio; e dois dos meus maiores amantes imortais estavam lá comigo: Gabrielle e Louis, minhas crias,

meus paladinos, de quem eu ficara separado por muitos anos sem luz.

Antes do final da noite derrotamos os vampiros importunos que tentaram castigar-me pelo que eu estava fazendo. Mas tínhamos um aliado invisível nessas escaramuças; nossos inimigos explodiam em chamas antes de nos fazer mal. O amanhecer se aproximava, mas eu estava excitado demais com tudo aquilo e não levei a sério o perigo. Ignorei os avisos apaixonados de Gabrielle — seria maravilhoso abraçá-la novamente; e zombei das sombrias suspeitas de Louis, como sempre fizera. E então o engarrafamento, a estrada beirando o abismo. . .

Quando o sol estava nascendo sobre o Vale de Carmel e eu fechava os olhos como os vampiros precisam fazer nesse momento, percebi que não estava sozinho em minha toca subterrânea. Não eram apenas os vampiros jovens que eu alcançara com minha música; minhas canções haviam despertado do sono os mais antigos de nossa espécie em todo o mundo. Encontrei-me num daqueles aterradores instantes de perigo e incerteza. Que aconteceria? Eu morreria finalmente, ou renasceria, talvez?

Agora, para lhes contar toda a história do que aconteceu depois disso, tenho que recuar um pouco no tempo.

Tenho que começar umas dez noites antes do show fatal, e deixar que vocês entrem dentro das mentes e dos corações de outros seres que estavam reagindo a minha música e ao meu livro de um modo sobre o qual eu pouco ou nada sabia na ocasião. Em outras palavras: muita coisa estava acontecendo, que mais tarde tive que reconstruir. E é essa reconstrução que agora lhes ofereço. De modo que vamos sair dos limites estreitos e líricos da primeira pessoa

do singular; vamos saltar, como milhares de escritores mortais já fizeram, para dentro dos cérebros e das almas de “muitos personagens”. Vamos disparar para o mundo da “terceira pessoa” e do “ponto de vista múltiplo”. Alias, quando esses outros personagens pensam ou dizem de mim que sou bonito, irresistível, etc., não pensem que coloquei essas palavras em suas cabeças. Não coloquei!

Foi o que me foi contado depois, ou o que apreendi de suas mentes com meu infalível poder telepático; não mentiria sobre isso ou sobre qualquer outra coisa. Não tenho culpa de ser um bandido deslumbrante. Foi o que recebi. O monstro bastardo que fez de mim o que sou escolheu-me pela minha bela aparência. Isso foi tudo. E acidentes desse tipo acontecem o tempo todo. No final das contas, vivemos num mundo de acidentes, no qual apenas os princípios estéticos possuem uma consistência a respeito da qual podemos ter certeza. Lutaremos para sempre com o certo e o errado, esforçando-nos para criar e manter um equilíbrio ético; mas o brilho da chuva de verão sob a luz dos postes ou o grande clarão da artilharia de encontro ao céu noturno — essa beleza brutal está acima de discussões.

Porém não se preocupem: embora os abandone, voltarei com força total no momento apropriado. A verdade é que odeio não ser o tempo todo o narrador na primeira pessoa! Parafraseando David Copperfield: não sei se sou herói ou vítima nessa história. Mas de qualquer maneira, não deveria eu dominá-la? Afinal, sou eu quem a esta narrando! Infelizmente não se trata apenas de eu ser o James Bond dos vampiros. A vaidade terá que esperar. Quero que saibam o que realmente aconteceu conosco, mesmo que nunca acreditem. Na ficção, se não em qualquer outra coisa, preciso de um pouco de sentido, de coerência, senão enlouqueço. De maneira que até nos encontrarmos novamente estarei sempre pensando em

vocês; amo vocês; queria que estivessem aqui... nos meus braços.

PROÊMIO

DECLARAÇÃO EM FORMA DE GRAFITO

— escrita em preto com uma caneta de ponta de feltro numa parede vermelha do salão dos fundos de um bar chamado Filha de Drácula em São Francisco — Filhos da Escuridão

Saibam o Seguinte:

LIVRO UM: Entrevista com o Vampiro, publicado em 1976, era uma historia real. Qualquer de nós poderia tê-lo escrito — por nos termos tornado o que somos, pelo sofrimento e pela busca. No entanto Louis, o imortal de duzentos anos de idade revela tudo, insiste na solidariedade mortal. Lestat, o vilão que deu a Louis o Dom Negro, deu-lhe pouca coisa mais à guisa de explicações ou consolo. Parece familiar? Louis ainda não desistiu de sua busca à salvação, mesmo que Armand, o imortal mais velho que ele conseguiu encontrar, nada pudesse dizer-lhe sobre a razão por que estamos aqui ou quem nos fez. Não é muito surpreendente,

não acham, vampirinhos e vampirinhas? Afinal, nunca se fez um catecismo para vampiros.

Isto é, até a publicação de:

LIVRO DOIS: O Vampiro Lestat, nesta mesma semana. Subtítulo: “o início de sua educação e suas aventuras”. Não acreditam? Procurem na livraria mortal mais próxima. Depois se dirijam a loja de discos mais próxima e peçam para ver o disco que acabou de sair — também intitulado o Vampiro Lestat, com previsível modéstia. Se nada disso adiantar, liguem sua TV a cabo, se não desprezam essas coisas, e esperem um dos muitos vídeo-filmes de rock de Lestat, que ontem começaram a ser exibidos com enojante frequência. Vão reconhecer imediatamente o que Lestat é. E não se surpreendam ao saber que ele planeja coroar esses ultrajes inéditos aparecendo “ao vivo” no palco, num espetáculo de estréia aqui mesmo nesta cidade. E, vocês adivinharam: na Noite das Bruxas.

Mas vamos esquecer no momento a flagrante insanidade de seus olhos sobrenaturais brilhando em cada vitrine de loja de discos, sua voz poderosa cantando os nomes ocultos e as histórias secretas dos mais antigos entre nós. Por que ele está fazendo tudo isso? O que é que suas canções nos dizem? Está explicado em seu livro. Ele nos deu não apenas um catecismo, mas uma Bíblia. E nas profundezas das eras bíblicas somos levados ao confronto com nossos primeiros pais: Enkil e Akasha, regentes do Vale do Nilo antes que aquele lugar se chamasse Egito. Por favor ignorem a chorumela sobre como eles se tornaram os primeiros chupadores de sangue na face da terra; não faz mais sentido do que a história de como a vida se formou nesse planeta em primeiro lugar, ou como os fetos humanos se desenvolvem desde células microscópicas no ventre de suas mães mortais. A verdade é que descendemos desse

venerável par, e, gostando ou não, temos muitas razões para acreditarmos que o gerador primal de todos os nossos poderes deliciosos e indispensáveis reside em um ou outro de seus corpos tão antigos. Que significa isso tudo? Em poucas palavras: se um dia Akasha e Enkil caminharem de mãos dadas para uma fornalha, nós todos arderemos com eles. Se forem esmagados, transformados em poeira brilhante, nós também seremos destruídos.

Ah, mas existe esperança... o casal não se moveu em mais de cinqüenta séculos! Sim, é verdade. Apesar de Lestat pretender tê-los despertado tocando violino ao pé de seu santuário. Mas se ignorarmos aquela historia extravagante de que Akasha o tomou nos braços e compartilhou com ele de seu sangue primal, teremos uma situação mais provável, corroborada pelas historias de antigamente, de que os dois não se movem desde antes da queda do Império Romano. Durante todo esse tempo foram mantidos numa bela cripta particular por Marius, um velho vampiro romano, que certamente sabe o que é melhor para todos nós. E foi ele quem disse ao Vampiro Lestat para jamais revelar o segredo. Não é um confidente muito confiável, o Vampiro Lestat. E quais são seus motivos para o livro, o disco, os filmes, o show? Impossível saber o que se passa na mente desse bandido, exceto que ele faz tudo o que deseja fazer — nisso nós podemos confiar. Afinal, ele não fez um bebê vampiro? E fez de sua própria mãe, Gabrielle, um vampiro, ela que durante anos foi sua amorosa companheira? Ele pode até voltar os olhos para o papado, esse demônio, por pura sede de excitação!

Em resumo: Louis, um filósofo errante que nenhum de nós consegue encontrar, confiou nossos segredos morais mais profundos a inúmeros estranhos. E Lestat ousou revelar nossa história ao mundo, pavoneando seus dotes sobrenaturais diante do público mortal. Agora a Pergunta:

Por que esses dois ainda existem? Por que ainda não os destruímos? Ah, o perigo que o grande rebanho mortal representa para nós não é de modo algum uma certeza. Os aldeões ainda não estão a nossa porta, tochas nas mãos, ameaçando incendiar o castelo. Mas aquele monstro está provocando uma mudança na perspectiva mortal. E embora sejamos demasiado inteligentes para corroborar suas tolas invencionices perante os registros humanos, esse ultraje excede a todos os precedentes. Não pode ficar sem punição.

Outras observações: se a história que o Vampiro Lestat contou é verdadeira — e há muitos que juram que é, embora não saibam explicar porque — o velho Marius, que tem dois mil anos de idade, não pode vir punir a desobediência de Lestat? Ou talvez o Rei e a Rainha, se tiverem ouvidos para ouvir, despertem ao som de seus nomes levados por ondas de rádio por todo o planeta. Que poderá acontecer a nós todos se isso ocorrer? Prosperaremos sob seu novo Reinado? Ou eles fixarão o momento da destruição universal? Seja como for, a rápida eliminação do Vampiro Lestat não poderá evitá-lo?

O Plano: destruir o Vampiro Lestat e todos os seus seguidores assim que ousarem mostrar-se.

Destruir todos os que lhe prestarem lealdade.

Um Aviso: inevitavelmente, existem por aí outros bebedores de sangue muito antigos. Todos nós de vez em quando já os vimos de relance, ou sentimos sua presença. As revelações de Lestat não apenas chocam, mas também despertam uma consciência adormecida dentro de nós.

E certamente, com seus grandes poderes, esses antigos conseguem ouvir a música de Lestat. Que seres

imemoriais e terríveis, incitados pela história, por um propósito ou simplesmente por curiosidade, podem estar em marcha, lenta e inexorável, para atender a seu chamado?

Cópias desta Declaração foram enviadas a todos os pontos de encontro da Conexão Vampiro, e para casas Comuns em todo o mundo. Mas vocês precisam prestar atenção e espalhar a ordem: o Vampiro Lestat tem que ser destruído, e com ele sua mãe, Gabrielle, seus seguidores, Louis e Armand, e todo e qualquer imortal que lhe prestar lealdade. Feliz Dia das Bruxas, vampirinhos e vampirinhas. Nós nos veremos no show.

Vamos cuidar para que o Vampiro Lestat não saia vivo de lá.

A figura de cabelos louros e paletó de veludo vermelho leu novamente a Declaração de seu confortável lugar no canto oposto. Os olhos eram quase invisíveis atrás das lentes escuras e da aba do chapéu cinzento. Usava luvas de camurça cinzenta, e os braços estavam dobrados sobre o peito enquanto ele se recostava no lambril escuro, o salto da bota preso na travessa da cadeira.

— Lestat, sua criatura danada! — sussurrou. — Você é um príncipe dos moleques!

Soltou uma risadinha. Depois examinou o grande e sombrio salão. Não lhe era desagradável o intrincado mural de tinta preta desenhado com tanta habilidade, como teias de aranha na parede branca.

Gostava do castelo em ruínas, do cemitério, da árvore morta erguendo as garras para a lua. Era o lugar-comum

reinventado como se não fosse um lugar-comum, um gesto artístico que ele invariavelmente apreciava.

Também era belo o teto com enfeites de gesso, sua frisa de demônios saltitantes e bruxas montadas em vassouras. E o incenso tão doce — uma antiga mistura indiana que ele próprio uma vez queimara no santuário de Aquiles Que Devem Ser Preservados muitos séculos antes. Sim, esse era um dos mais bonitos pontos de encontro clandestinos. Menos agradáveis eram seus ocupantes, o punhado de figuras magras e brancas que se juntavam em volta das velas colocadas nas mesinhas de ébano. Eram em numero excessivo para essa cidade moderna e civilizada. E sabiam disso. Para caçar hoje à noite, teriam que procurar longe, e os jovens sempre precisam caçar. Os jovens precisam matar. São famintos demais para fazer de outra maneira.

Mas agora só conseguem pensar nele — quem era, de onde tinha vindo? Seria muito velho e muito forte, e o que faria antes de ir embora? Sempre as mesmas perguntas, embora ele tentasse esgueirar-se para dentro de seus “bares de vampiro” como qualquer bebedor de sangue errante, olhos desviados, mente bloqueada. Hora de deixar suas perguntas sem resposta. Já tinha o que queria: uma idéia das intenções deles.

E a pequena fita cassete de Lestat no bolso do paletó. Antes de ir para casa conseguiria uma fita de vídeo dos filmes de rock. Levantou-se para sair. E um dos jovens levantou-se também. Houve um silêncio tenso, não só de palavras, mas também de pensamentos, enquanto ele e o rapaz se dirigiam à porta. Apenas as chamas das velas se moviam, lançando seu reflexo trêmulo no chão de cerâmica negra como se fosse água.

— De onde vem, estranho? — perguntou o rapaz educadamente.

Não devia ter mais de vinte anos quando morreu, e isso não devia ter sido há mais de dez anos. Tinha os olhos pintados, os lábios untados, os cabelos manchados de cor agressiva, como se os dotes sobrenaturais não fossem suficientes. Sua aparência extravagante não se assemelhava ao que ele realmente era: um fantasma magro e forte que, com sorte, viveria milênios. Que é que lhe tinham prometido com sua gíria moderna? Que ele conheceria o Bardo, o Plano Astral, os reinos etéreos, a música das esferas, o som de uma só mão batendo palmas? O rapaz tornou a falar:

— Qual é a sua opinião sobre o Vampiro Lestat, sobre a Declaração?

— Perdoe-me, por favor. Estou de saída.

— Mas certamente sabe o que Lestat fez — insistiu o jovem, colocando-se entre ele e a porta.

Ora, isso já não era educado. Ele estudou com mais atenção aquele rapaz atrevido. Será que devia fazer alguma coisa para mexer com eles? Para que falassem sobre isso durante séculos? Não conseguiu reprimir um sorriso. Melhor não. Logo haveria bastante confusão, graças ao seu amado Lestat.

— Em resposta, deixe-me dar-lhe um pequeno aviso — disse em tom baixo ao jovem inquisidor. — Você não conseguiria destruir o Vampiro Lestat; ninguém consegue. Mas a razão disso, honestamente, não sei.

O jovem ficou confuso, e um pouco ofendido. O outro continuou:

— Mas agora deixe-me perguntar-lhe uma coisa. Por que essa obsessão com o Vampiro Lestat? O que me diz do conteúdo das revelações dele? Vocês, crianças, não tem vontade de procurar Marius, o guardião de Aqueles Que Devem Ser Preservados? Não querem ver, vocês mesmos, a Mãe e o Pai?

O rapaz ainda estava confuso, mas encheu-se de brios. Não conseguia formular uma resposta inteligente, mas a verdadeira resposta estava bem clara em sua alma — na alma de todos os que os assistiam.

Aqueles Que Devem Ser Preservados talvez existissem, talvez não; Marius também, talvez não existisse. Mas o Vampiro Lestat era real, tão real quanto qualquer outra coisa que aquele aprendiz de imortal conhecia, e o Vampiro Lestat era um bandido ambicioso que arriscava a prosperidade secreta de toda a sua espécie apenas para ser amado e enxergado pelos mortais.

Quase riu na cara do jovem. Um adversário tão insignificante! Era preciso admitir que Lestat compreendia lindamente esses tempos sem fé. Sim, revelara os segredos que devia guardar, mas assim fazendo ele não traía nada nem ninguém.

— Cuidado com o Vampiro Lestat — respondeu finalmente ao rapaz, com um sorriso. — Há poucos imortais de verdade neste mundo. Ele pode ser um deles.

Então ergueu o rapaz do chão e colocou-o fora de seu caminho. E atravessou a porta para dentro do bar oficial. O salão da frente, espaçoso e opulento, com seus painéis de veludo negro ferragens de cobre laqueado, estava atulhado de mortais barulhentos. Vampiros do cinema olhavam com raiva em suas molduras douradas, nas paredes forradas de

cetim. Um órgão derramava a vibrante Tocata e Fuga de Bach, sob o burburinho das conversas e violentas explosões de risadas embriagadas. Ele adorava a visão de tanta vida em exuberância. Adorava até mesmo o cheiro antigo de malte e de vinho, e o perfume dos cigarros. Enquanto abria caminho até a porta, deleitou-se com o aperto suave e fragrante dos humanos contra seu corpo.

Adorava o fato de que os vivos não lhe prestavam a menor atenção. Finalmente o ar úmido, o movimento de início da noite nas calçadas da Rua Castro. O céu tinha, um brilho de prata lustrada. Homens e mulheres caminhavam apressados para fugir da chuva leve e oblíqua, e juntavam-se aos punhados nas esquinas esperando que as grandes lâmpadas bulbosas sinalizassem atenção, ande.

Os alto-falantes da loja de discos do outro lado da rua berravam a voz de Lestat acima do rugido do ônibus que passava, pneus sibilando no asfalto molhado:

Em meus sonhos ainda a possuo,

Anjo, amada, Mãe.

E em meus sonhos beijo-lhe os lábios,

Amante, Musa, Filha.

Ela deu-me a vida,

Eu dei-lhe a morte,

Minha linda Marquesa.

E os caminhos do inferno percorremos,

Dois órfãos juntos então.

Será que ela esta noite ouve meus cânticos

de Reis e Rainhas, e Antigos Mistérios?

De juras quebradas, de dores?

Ou percorre veredas distantes

Onde as rimas e as canções não a encontram?

Volta para mim, minha Gabrielle, Minha linda Marquesa.

O castelo esta em ruínas na colina,

A aldeia perdida sob a neve,

Mas tu és minha para sempre.

Será que já estava lá, a mãe?

A voz foi enfraquecendo num jorro suave de notas elétricas, finalmente engolida pelos ruídos confusos à sua volta. Enfrentando a brisa úmida, pôs-se a caminho da esquina. Ruazinha bonita, movimentada. O florista ainda vendia seus botões sob o toldo. O açougue estava repleto de fregueses que saíam do trabalho. Por trás das janelas dos cafés, mortais faziam sua refeição noturna ou liam com calma seus jornais.

Dúzias esperavam pelo ônibus que descia, formando uma fila que atravessava toda à frente de um velho cinema. Ela estava aqui, Gabrielle. Ele tinha essa sensação vaga, porém, infalível. Quando chegou ao meio-fio, pôs-se de costas para o poste de luz da rua, respirando o vento fresco que vinha da montanha. Era uma boa vista do centro da cidade, a larga e reta Rua do Mercado. Quase como um

bulevar em Paris. Em toda a volta, as suaves subidas e descidas urbanas, cobertas com alegres janelas iluminadas.

Sim, mas onde estava ela, precisamente? Ele sussurrou: Gabrielle... Fechou os olhos. Tentou escutar.

Primeiro veio o grande rugido de milhares de vozes, imagens em cima de imagens. O mundo inteiro ameaçava abrir-se e engoli-lo com suas incessantes lamentações. Gabrielle. O trovejante clamor lentamente esvaeceu-se. Ele percebeu uma faísca de sofrimento, vinda de um mortal que passou por perto. E num prédio alto na colina uma mulher agonizante sonhava com as contendas da infância, sentada inerte a janela. Então, num silêncio distante e regular, ele viu o que queria ver: Gabrielle, que estacava os passos. Tinha ouvido a voz dele. Sabia que estava sendo observada. Uma mulher alta e loira, cabelos presos numa trança nas costas, parada numa das ruas limpas e desertas do centro, não muito distante dele. Usava calças e jaqueta caqui, um velho suéter marrom. E um chapéu não muito diferente do dele cobria-lhe os olhos; apenas Um pedaço do rosto era visível acima do colarinho levantado. Ela então fechou a mente, rodeando-se de um escudo invisível.

A imagem desapareceu.

Sim, ali, esperando por seu filho Lestat. Por que ele chegara a temer por ela, a insensível, que nada teme por si mesma, só por Lestat? Tudo bem. Ela ficou feliz. E Lestat também ficaria. Mas e o outro? Louis, o suave, com os cabelos negros e olhos verdes, cujos passos faziam um som descuidado quando ele caminhava.

Louis, que chegava a assoviar pelas ruas escuras para que os mortais o ouvissem aproximar-se. Louis onde está você?

Quase instantaneamente ele viu Louis entrando em uma sala de visitas deserta. Acabara de subir a escada que vinha do porão, onde passara o dia dormindo numa cripta atrás da parede. Não tinha a menor consciência de estar sendo observado. Atravessou com passos de seda o aposento empoeirado e postou-se junto à janela, observando, através da vidraça suja, o intenso fluxo de carros. A mesma velha casa na Rua Divisadero! Na verdade, nada tinha mudado nessa criatura elegante e sensual que tinha causado aquele pequeno tumulto com seu Entrevista com o Vampiro. A diferença era que agora Louis estava esperando Lestat.

Tivera sonhos perturbadores; temia por Lestat, e estava cheio de antigos e desconhecidos anseios.

Afastou a imagem com relutância. Tinha muita afeição por aquele ali, Louis. E a afeição não era sábia; pois Louis tinha a alma terna e educada, sem coisa alguma dos poderes estonteantes de Gabrielle ou de seu diabólico filho. No entanto, tinha certeza de que Louis viveria tanto quanto eles. São curiosos os tipos de coragem que formam a resistência. Talvez tivesse algo a ver com aceitação. Nesse caso, então, como explicar Lestat, derrotado, marcado, e novamente de pé? Lestat, que nunca aceitava coisa alguma?

Ainda não tinham se encontrado, Gabrielle e Louis. — Mas tudo bem. Que deveria fazer? Aproximá-los?

Essa idéia... Além disso, Lestat logo cuidaria desse assunto. Agora sorria novamente. “Lestat, sua criatura danada! Sim, o príncipe dos moleques!” Evocou com vagar cada detalhe do rosto e da forma de Lestat. Os gelados olhos azuis que escureciam com o riso; o sorriso generoso; o modo como as sobrancelhas juntavam-se num amuo

infantil; as súbitas explosões de alegria e humor blasfemo. Conseguia evocar até mesmo a postura felina do corpo. Tão incomum num homem de compleição musculosa. Tanta força, sempre tanta força e tanto otimismo incontrolável!

Na verdade ele não sabia muito bem o que pensar sobre toda a empreitada; sabia apenas que achava engraçado e fascinante. Claro que não pensara em vingar-se de Lestat pela revelação de seus segredos. E certamente Lestat tinha contado com isso, mas, na verdade, disso não se podia ter certeza. Talvez Lestat realmente não se importasse. Desse assunto ele sabia tanto quanto os idiotas lá no bar.

O que lhe importava era que pela primeira vez em tantos anos ele se encontrava pensando em termos de passado e futuro; encontrava-se agudamente cômico da natureza dessa era. Aqueles Que Devem Ser Preservados eram uma ficção até para seus próprios filhos! Estavam distantes os dias em que ferozes bebedores de sangue procuravam seu santuário e seu sangue poderoso. Ninguém mais acreditava ou se importava! E aquela era a essência da época; pois seus mortais eram de uma laia ainda mais materialista, a todo momento rejeitando o miraculoso. Com uma coragem sem precedentes eles baseavam seus maiores avanços éticos nas verdades engastadas no mundo físico. Já fazia duzentos anos que ele e Lestat tinham discutido exatamente essas coisas no Mediterrâneo — o sonho de um mundo ateu e verdadeiramente moralizado, onde o amor ao próximo seria o único dogma. Um mundo ao qual não pertencemos. E agora esse mundo estava quase realizado. E o Vampiro Lestat entrara para o folclore popular, onde todos os velhos demônios deveriam estar, e levaria com ele toda a tribo maldita, inclusive Aqueles Que Devem Ser Preservados, embora esses talvez nunca venham a saber disso.

A simetria daquilo tudo fê-lo sorrir. Via-se não apenas assustado, mas também fortemente seduzido por tudo o que Lestat tinha feito. Entendia muito bem a atração da fama. Ora, ele próprio ficara desavergonhadamente satisfeito ao ver seu próprio nome rabiscado na parede do bar. Tinha achado graça, mas tinha se deliciado com isso. Típico de Lestat, criar um enredo tão inspirador, e era isso mesmo. Lestat, o exuberante ator de rua do antigo regime, agora levado ao estrelato nesta era formosa e inocente. Mas será que tinha razão ao afirmar para o filhote no bar que ninguém poderia destruir o príncipe-moleque? Aquilo era pura fantasia. Uma boa propaganda. O fato é que qualquer um de nós pode ser destruído... de um jeito ou de outro. Até Aqueles Que Devem Ser Preservados. Com certeza.

Eram fracos, naturalmente, aqueles jovens “Filhos da Escuridão”, como costumavam definir-se. Seu número não aumentava perceptivelmente a sua força. Mas e os mais velhos? Se ao menos Lestat não tivesse usado os nomes de Mael e Pandora... Mas não havia também bebedores de sangue ainda mais velhos que esses, e dos quais ele próprio nada sabia? Pensou naquele aviso na parede: “seres imemoriais e terríveis... em marcha, lenta e inexorável, para atender a seu chamado”.

Um arrepio assustou-o; era o frio — mas por um instante ele pensou ter visto uma selva, um lugar verde e fétido, impregnado de um calor insalubre e abafado. Como tantos sinais e mensagens súbitas que recebia, essa sumiu sem explicação. Há muito aprendera a cortar o infinito fluxo de vozes e imagens que seus poderes mentais lhe permitiam ouvir; no entanto, de vez em quando chegava até ele alguma coisa violenta e inesperada, como um grito agudo.

Seja como for, ele já se demorara demais nesta cidade. Não pretendia interferir, acontecesse o que acontecesse! Teve raiva de seu súbito acesso de sentimentalismo. Sentiu vontade de estar em casa. Já fazia tempo demais que estava longe de Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Mas adorava observar a energética multidão humana, o desajeitado desfile de trânsito brilhante.

Sequer se importava com os odores venenosos da cidade; não eram piores que o Fedor da antiga Roma, ou da Antioquia, ou de Atenas quando pilhas de excremento humano alimentavam as moscas onde quer que se olhasse, e o ar recendia inevitavelmente a doença e fome. Não; ele gostava bastante das cidades da Califórnia, limpas e de cores claras. Poderia deixar-se ficar para sempre entre seus habitantes de olhos claros e propósitos firmes.

Porém tinha que voltar para casa. O show ainda demoraria, e ele poderia então ver Lestat, se assim decidisse... Que delícia não saber o que iria fazer, exatamente como os outros, aqueles que nem mesmo acreditavam nele!

Atravessou a Rua Castro e subiu apressado a calçada larga da Rua do Mercado. O vento cedera; o ar estava quase quente. Seu andar era rápido, e ele chegou até a assoviar, como Louis costumava fazer. Sentia-se bem. Humano. Então parou diante da loja que vendia rádios e televisores. Lestat estava cantando em todas as telas, grandes e pequenas.

Riu consigo mesmo do grande espetáculo de gestos e movimentos. O som estava apagado, enterrado nos minúsculos grãos brilhantes dentro do equipamento. Ele teria que procurar para recebê-lo. Mas não era encantador

simplesmente assistir as travessuras do príncipe-moleque de cabelos louros em impiedoso silêncio?

A câmera afastou-se para mostrar por inteiro a figura de Lestat, que tocava um violino como se num vácuo. De vez em quando uma escuridão estrelada o envolvia. Então subitamente abria-se um par de portas — era exatamente como o velho santuário de Aqueles Que Devem Ser Preservados. E ali estavam Akasha e Enkil, ou melhor, atores maquilados para esse papel, egípcios de pele branca com cabelos longos, negros e sedosos, e jóias cintilantes.

Naturalmente. Por que não tinha imaginado que Lestat levaria a coisa até esse extremo vulgar e perturbador? Inclinou-se para frente, tentando ouvir a transmissão do som. Ouviu a voz de Lestat acima do violino:

Akasha! Enkil!

Guardem seus segredos, Guardem seu silêncio,

E um dom melhor que a verdade.

E então, enquanto o violinista fechava os olhos e se dedicava à música, Akasha levantou-se lentamente do trono. O violino caiu das mãos de Lestat quando ele a viu; como uma dançarina, ela rodeou-o com os braços, puxou-o para si, inclinou-se para tomar-lhe o sangue, ao mesmo tempo que pressionava os dentes dele em sua própria garganta. Era melhor do que ele chegara a imaginar. Uma produção muito inteligente. A figura de Enkil agora despertava, erguia-se e caminhava como um boneco mecânico. Avançava para pegar de volta sua Rainha:

Lestat foi lançado ao chão do santuário: E ali terminava o filme. O salvamento por Marius não fazia parte dele.

— Ah, quer dizer que não me torno uma celebridade da televisão — ele sussurrou com um breve sorriso.

Dirigiu-se para a porta da loja às escuras. A jovem estava esperando para deixá-lo entrar. Tinha na mão a fita de videocassete de plástico preto.

— Os doze estão aí — disse. Bela pele escura e grandes olhos castanhos. A faixa de prata em volta do pulso brilhou a luz. Ele achou fascinante. Ela pegou o dinheiro com alegria, sem contá-lo.

— Passaram em uma dúzia de canais. Consegui pegar todos. Terminei ontem à tarde.

— Você me serviu bem — ele respondeu. — Eu agradeço. — E pegou outro rolo de notas.

— Foi moleza — ela disse. Não queria receber mais dinheiro. Mas vai.

Dando de ombros, ela pegou o dinheiro e botou no bolso. Foi moleza. Ele adorava aquelas eloqüentes expressões modernas. Adorava o súbito movimento dos viçosos seios quando ela dava de ombros, e o macio ondular dos quadris sob as grossas roupas de brim que faziam-na parecer ainda mais suave e frágil. Uma flor incandescente. Quando ela tornou a abrir a porta, ele tocou no ninho macio de seus cabelos castanhos.

Impensável alimentar-se de alguém que lhe fez um favor; alguém tão inocente. Não faria isso! No entanto girou o corpo dela, os dedos enluvados escorregando através dos cabelos dela para aninhar-lhe a cabeça:

— Um beijinho só, minha bela.

Ela fechou os olhos; os dentes dele perfuraram instantaneamente a artéria, e a língua lambeu o sangue. Só um gostinho. Um minúsculo clarão de calor que se queimou em seu coração em menos de um segundo. Ele não recuou, lábios pousados na garganta frágil. Podia sentir-lhe a pulsação. A ânsia pela dose inteira era quase mais do que podia suportar. Pecado e remissão. Deixou-a ir.

Alisou-lhe os cachos suaves e elásticos, enquanto olhava dentro de seus olhos enevoados. Não se lembre.

— Então adeus — ela disse, sorrindo.

Ficou imóvel na calçada deserta. E a sede ignorada e importuna, gradualmente desapareceu. Ele olhou para a capa de papelão do videocassete.

“Uma dúzia de canais”, ela tinha dito. “Consegui pegar todos”. Se assim era, seus protegidos já teriam visto Lestat, inevitavelmente, na grande tela colocada diante deles no santuário. Há muito tempo ele tinha colocado a antena parabólica na encosta acima do telhado, para trazer-lhes as transmissões do mundo inteiro.

Um minúsculo computador trocava o canal a cada hora. Durante anos, eles assistiram, sem expressão, as imagens e cores transformando-se diante de seus olhos sem vida. Teria havido um minúsculo movimento quando ouviram a voz de Lestat, ou viram suas próprias imagens? Ou ouviram seus próprios nomes cantados como se num hino?

Ora, ele logo saberia. Ia exibir o videocassete para eles. Ia estudar seus rostos congelados e brilhantes, em busca de alguma coisa — qualquer coisa — além do mero reflexo da luz.

— Ah, Marius, você nunca se desespera, não é mesmo? Você não é melhor que Lestat, com seus sonhos tolos...

Era meia-noite quando chegou em casa. Fechou a porta de aço, bloqueando a neve forte, e, imóvel por um momento, deixou o ar aquecido rodeá-lo. A nevasca ferira-lhe o rosto e as orelhas, até mesmo os dedos enluvados. O calor era delicioso. No silêncio, escutou o som familiar dos enormes geradores, e o fraco pulsar eletrônico do televisor dentro do santuário, muitas centenas de metros abaixo. Será que Lestat estava cantando? Sim. Sem dúvida, as últimas palavras melancólicas de alguma outra canção.

Lentamente despiu as luvas. Removeu o chapéu e passou a mão pelos cabelos. Estudou o grande salão de entrada e a sala contígua, procurando qualquer evidência de que alguém tivesse estado ali. Naturalmente isso era quase impossível. Estava a quilômetros de qualquer vestígio de civilização, num grande deserto gelado e coberto de neve. Mas por força do hábito ele sempre observava tudo com atenção. Havia alguns que poderiam penetrar nessa fortaleza, se soubessem onde ela fica.

Tudo certo. Postou-se diante do gigantesco aquário, o tanque enorme que ocupava a parede sul. Tinha construído aquilo cuidadosamente, com o vidro mais espesso e o equipamento mais moderno. Observou os cardumes de peixes multicoloridos passando por ele, mudando de direção subitamente à luz artificial. A enorme alga marinha oscilava de um lado para outro, uma floresta presa num ritmo hipnótico, movimentada pela leve pressão do arejador. Aquilo nunca deixara de cativá-lo, de prendê-lo de repente em sua espetacular monotonia. Os olhos redondos e negros dos peixes causavam-lhe um arrepio; as esguias árvores de alga, com suas folhas pontudas e amareladas,

entusiasmavam-no vagamente; mas era o movimento, o constante movimento, que mais o perturbava.

Finalmente voltou às costas, com um ultimo olhar, aquele mundo puro, inconsciente, incidentalmente belo. Sim, estava tudo bem por ali. Bom estar naqueles aposentos quentinhos. Nada de errado com os móveis de couro macio espalhados pelo espesso tapete cor de vinho. A lareira cheia de lenha. Livros ao longo das paredes. E o grande painel de equipamentos eletrônicos esperando que ele inserisse a fita de Lestat. Era o que desejava: acomodar-se junto ao fogo e assistir a cada filme em seqüência. A produção o intrigava tanto quanta as próprias canções, a química de velho e novo — como Lestat usara as distorções da mídia para disfarçar-se tão perfeitamente como qualquer roqueiro mortal tentando parecer um deus.

Tirou o sobretudo cinzento e jogou-o sobre uma cadeira. Por que tudo aquilo lhe dava um prazer tão inesperado? Será que todos nos desejamos blasfemar, erguer os punhos na face dos deuses? Talvez. Muitos séculos antes, no que agora é chamado de “Roma antiga”, ele, o rapaz educado, sempre rira das travessuras das crianças más.

Deveria ir até o santuário antes de fazer qualquer outra coisa, sabia disso. Só por um instante, para certificar-se de que as coisas estavam certas. Verificar a televisão, o calor e todos os complexos sistemas elétricos. Colocar carvão e incenso no braseiro. Agora era tão fácil manter para eles um paraíso, com as lívidas luzes que forneciam nutrição do sol as árvores e flores que nunca tinham visto as luzes naturais do céu.

Mas o incenso, isso tinha que ser feito à mão, como sempre. E ele nunca o espalhava sobre os carvões sem se

lembrar da primeira vez que tinha feito isso.

Hora também de pegar um pano macio e cuidadosamente, respeitosamente, espanar o pó dos pais — de seus corpos duros e rígidos, até mesmo dos lábios e dos olhos, os olhos frios e imóveis. E, pensando bem, tinha sido um mês inteiro. Parecia um absurdo.

Sentiram saudades de mim, meus amados Akasha e Enkil? Ah, a velha brincadeira.

Sua mente afirmou-lhe, como sempre, que eles não sabiam nem se importavam, se ele ia ou ficava.

Mas seu orgulho sempre brincava com outra possibilidade. O demente trancado na cela do hospício não sente alguma coisa pelo escravo que lhe traz água? Talvez não fosse uma boa comparação. Certamente não era gentil.

.

Sim, eles tinham se movimentado por causa de Lestat, o príncipe-moleque, era verdade — Akasha, para oferecer o poderoso sangue, e Enkil para vingar-se. E Lestat poderia fazer seus filmes sobre isso eternamente. Mas isso não vinha apenas provar, de uma vez por todas, que em nenhum deles a mente ainda existia? Com certeza não mais que uma centelha atávica brilhara por um instante. Tinha sido simples demais levá-los de volta ao silêncio e a imobilidade de seu trono estéril.

No entanto, ele se amargurara. Afinal, nunca fora seu propósito transcender as emoções de um homem racional, e sim refiná-las, reinventá-las, deliciar-se com elas numa compreensão infinitamente aperfeiçoável. E no próprio instante ele se sentira tentado a voltar-se contra Lestat numa fúria por demais humana.

Rapaz, por que você não se encarrega de Aqueles Que Devem Ser Preservados, já que eles lhe concederam tão notável privilégio? Gostaria de me ver livre deles. Só estou submetido a esta carga desde o início da era crista.

Mas na realidade, esse não era seu sentimento mais elevado. Nem na época, nem agora. Apenas uma indulgência temporária. A Lestat ele amava como sempre amara. Todo reino precisa de um príncipe-moleque. E o silêncio do Rei e da Rainha era, talvez, tanto uma benção quanta uma maldição. A canção de Lestat acertara em cheio, nesse ponto. Mas quem algum dia tiraria essa dúvida? Ah, mais tarde ele desceria com o videocassete e observaria com seus próprios olhos, naturalmente. E se houvesse o mínimo pestanejar, a mínima modificação em seus olhares eternos...

Mas lá vou eu de novo. Lestat me deixa jovem e estúpido. Capaz de me alimentar de inocência e sonhar com desastres.

Quantas vezes, ao longo das eras, tais esperanças haviam surgido, apenas para deixá-lo ferido, de coração partido! Muitos anos antes, ele lhes trouxera filmes coloridos do sol nascente, do céu azul, das pirâmides do Egito. Ah, que milagre! Diante dos olhos deles fluíam as águas do Nilo, banhadas de sol. Ele próprio tinha chorado diante da perfeição da ilusão. Chegara até a temer que o sol cinematográfico o ferisse, embora naturalmente soubesse que isso era impossível. Mas tal tinha sido o calibre da invenção. A ponto de permitir que ele pudesse ficar ali vendo o nascer do sol, coisa que não tinha visto desde que era um homem mortal. Mas Aqueles Que Devem Ser Preservados olhavam com imperturbável indiferença — ou seria pasmo, o grande pasmo abrangente que fazia com

que até as partículas de poeira no ar fossem uma fonte de eterna fascinação?

Quem chegará a saber? Eles viveram quatro mil anos antes mesmo que ele tivesse nascido. Talvez as vozes do mundo trovejassem em seus cérebros, tão aguda era sua audição telepática; talvez um bilhão de imagens em mutação os cegasse a tudo o mais. Certamente essas coisas quase o enlouqueceram antes que ele aprendesse a controlá-las. Chegara até a ocorrer-lhe trazer aparelhagens médicas modernas para estudar esse ponto, prender eletrodos em suas cabeças para testar os padrões de seus cérebros! Mas a idéia de instrumentos tão rústicos e feios era desagradável demais. Afinal, eles eram seu Rei e sua Rainha, o Pai e a Mãe de todos nós. Sob seu teto eles tinham reinado durante dois milênios sem ser desafiados.

Um defeito ele tinha que admitir: ultimamente tinha um tom ácido ao falar com eles. Não era mais o Sumo Sacerdote quando entrava na câmara. Não. Havia algo brusco e sarcástico em seu tom, e aquilo não era digno dele. Talvez fosse o que chamavam “o temperamento moderno”. Como alguém podia viver num mundo de foguetes indo a lua sem uma intolerável auto consciência ameaçando cada sílaba trivial? E ele nunca ficara alheio ao século em que vivia. Fosse como fosse, agora ele tinha que ir ao santuário. E iria purificar seus pensamentos adequadamente. Não entraria com ressentimento ou desespero. Mais tarde, depois de ver os filmes, ele os passaria para eles. Ficaria lá, observando. Mas não tinha coragem para isso agora.

Entrou no elevador de aço e apertou o botão. O gemido eletrônico e a súbita perda de gravidade deu-lhe um vago prazer sensual. O mundo de hoje era tão cheio de sons que ele nunca ouvira antes! Era bem divertido. E havia

também a deliciosa sensação de mergulhar centenas de metros num poço através do gelo sólido, para alcançar as câmaras lá embaixo, eletricamente iluminadas. Abriu a porta e saiu para o corredor acarpetado. Era Lestat novamente, cantando no santuário, uma canção rápida, mais alegre, a voz lutando contra um trovão de tambores e os gemidos eletrônicos distorcidos e ondulantes. Mas algo não estava certo.

Ele sentiu isso apenas olhando para o comprido corredor. O som era alto demais, claro demais. As antecâmaras que levavam ao santuário estavam abertas!

Foi imediatamente para lá. As portas elétricas haviam sido destrancadas e abertas. Como podia ser?

Só ele conhecia os códigos das séries de botões no computador. O segundo par de portas também estava escancarado, assim como o terceiro. Na realidade ele conseguia enxergar dentro do próprio santuário, a visão bloqueada apenas pela parede de mármore branco da pequena alcova. Os lampejos vermelhos e azuis da tela da televisão, mais além, eram como a luz de uma velha estufa a gás. E a voz de Lestat ecoava poderosamente pelas paredes de mármore, pelo teto abobadado.

Matem-nos, meus irmãos e irmãs,

A guerra começou.

Entendam o que vêem,

Quando me virem.

Respirou fundo. Não havia outro som além da música, que agora desaparecia, substituída por uma conversa de mortais. E nenhum forasteiro. Ele sabia. Ninguém em sua

toca. Seus instintos lhe davam certeza disso. Houve uma pontada de dor em seu peito. Ele chegou a sentir um calor no rosto. Incrível.

Atravessou as antecâmaras de mármore e parou junto à porta da alcova. Estava rezando? Estava sonhando?

Sabia o que logo veria: Aqueles Que Devem Ser Preservados, exatamente como sempre foram. E uma explicação trivial para as portas — um curto-circuito ou um fusível queimado — logo surgiria. No entanto, ele sentiu de repente não medo, mas a crua expectativa de um jovem místico à beira de uma visão, à beira de ver o Deus vivo, ou ter nas próprias mãos os estigmas sangrentos. Calmamente entrou no santuário.

Por um instante não percebeu. Viu o que esperava ver: o aposento comprido cheio de árvores e flores, e o banco de pedra que era o trono, e atrás dele a grande tela de televisão pulsando com olhos, bocas, risos sem importância. Então reconheceu o fato: havia apenas uma figura sentada no trono, e essa figura estava quase completamente transparente! As cores violentas da distante tela da televisão passavam através dela!

Não, mas isso era inteiramente fora de questão. Marius, olhe direito. Nem mesmo os seus sentidos são infalíveis. Como um perturbado mortal, ele levou as mãos à cabeça, como se para afastar as distrações. Estava olhando para as costas de Enkil, que, excetuando os cabelos negros, transformara-se numa espécie de estátua de vidro leitoso através da qual as cores e as luzes movimentavam-se com leve distorção. De repente um súbito clarão de luz fez com que a figura se tornasse uma fonte de raios brilhantes. Sacudiu a cabeça.

Impossível. Então estremeceu de corpo inteiro.

— Certo, Marius — sussurrou. — Vá devagar. Mas dezenas de suspeitas informes ferviam em sua mente.

Alguém tinha vindo, alguém mais velho e mais poderoso que ele, alguém que tinha descoberto Aqueles Que Devem Ser Preservados e tinha feito alguma coisa inominável! E tudo obra de Lestat! Lestat, que tinha contado ao mundo o seu segredo. Seus joelhos estavam fracos. Imagine! Havia tanto tempo que ele não sentia aquelas fraquezas dos mortais que esquecera-as completamente. Devagar tirou do bolso um lenço de linho.

Enxugou a fina camada de suor de sangue que cobria sua testa. Depois moveu-se em direção ao trono, rodeou-o e parou diretamente defronte a figura do Rei.

Enkil como ele fora durante dois mil anos, os cabelos pretos em múltiplas tranças longas e finas caindo até os ombros; o pesado colar de ouro de encontro ao peito liso e glabro, o linho do kilt impecável em suas pregas marcadas, os anéis ainda nos dedos imóveis. Mas o corpo em si era vidro! E inteiramente oco! Até mesmo as enormes órbitas brilhantes eram transparentes, apenas círculos sombreados definindo a íris. Não, espere. Observe tudo. Ali estão os ossos, transformados na mesma substância da carne, ali estão eles, e também a fina rede de veias e artérias, e alguma coisa como pulmões lá dentro; mas agora é tudo transparente, tudo da mesma textura. Mas o que lhe tinham feito!

E a coisa ainda estava mudando. Diante de seus próprios olhos perdia o tom leitoso. Estava secando, tornando-se cada vez mais transparente. Hesitantemente, ele tocou na estátua. Não era vidro. Uma casca.

Mas seu gesto descuidado tinha desequilibrado a coisa. O corpo oscilou, depois caiu sobre o chão de mármore, os olhos abertos, os membros rígidos na posição anterior. Fez um som como o raspar de um inseto ao cair.

Apenas os cabelos se moveram. Os cabelos macios e negros. Mas também estavam mudando. Estavam se despedaçando. Quebrando-se em minúsculos cacos brilhantes. Uma fria corrente de ventilação espalhava os cacos como se fossem palha. E quando a garganta ficou descoberta ele viu nela dois furos escuros. Feridas que não tinham cicatrizado como deveriam porque todo o sangue havia sido retirado da coisa.

— Quem fez isto? — ele falou alto, apertando os dedos da mão direita como se isso fosse impedi-lo de gritar. Quem poderia ter tirado a última gota de vida? E a coisa estava morta. Não havia a menor dúvida. E o que era revelado por aquele terrível espetáculo? Nosso Rei foi destruído, nosso Pai. E eu vivo ainda; respiro. E isso só pode significar que ela contém o poder primal. Ela era a primeira, e o poder sempre residiu nela. E alguém a levou!

Procurar no sótão. Revistar a casa. Mas esses eram pensamentos tolos, frenéticos. Ninguém entrara ali, e ele sabia disso. Apenas uma criatura poderia ter feito isso! Uma criatura apenas saberia que tal coisa finalmente era possível. Ele não se moveu. Ficou encarando a figura estendida no chão, observando-a perder os últimos traços de opacidade. E desejou poder chorar por aquela coisa, pois alguém certamente deveria.

Desaparecido, com tudo o que sempre soube, tudo o que testemunhou. Isso também estava chegando ao fim.

Aceitar esse fato parecia acima de sua capacidade.

Mas ele não estava sozinho. Alguém ou alguma coisa acabava de sair da alcova, ele podia sentir-se observado. Por um momento — um instante claramente irracional manteve os olhos no Rei caído. Tentava compreender com toda a calma possível tudo o que estava acontecendo a sua volta. A coisa se movia atrás dele agora, sem um som; tornava-se uma sombra graciosa no canto do seu olho, quando contornou o trono e pôs-se a seu lado.

Sabia quem era, quem tinha de ser, que se aproximava com a pose natural de um ser vivo. Mesmo assim, quando ergueu os olhos nada poderia tê-lo preparado para aquele momento. Akasha, parada a dez centímetros dele. A pele era branca, dura e opaca como sempre fora. As faces brilhavam como pérola quando ela sorriu, os olhos escuros úmidos e cheios de vida, a pele enrugando-se levemente em volta. Eles positivamente cintilavam de vitalidade.

Ele a encarou sem falar. Observou-a erguer os dedos cheios de jóias para tocar-lhe o ombro. Fechou os olhos, depois abriu-os. Ao longo de milhares de anos tinha falado com ela em tantas línguas — orações, suplicas, queixas, confissões — e agora não dizia uma só palavra. Simplesmente olhava para os lábios dela, para os caninos brancos, para o frio brilho de reconhecimento no olhar, o macio e suave vale entre os seios que se moviam sob o colar de ouro.

— Você me serviu bem — ela disse. — Eu agradeço. A voz era baixa, rouca, linda. Mas a entonação, as palavras! Eram o que ele tinha dito horas antes a garota na loja às escuras, na cidade! Os dedos apertaram o ombro dele.

— Ah, Marius! — ela continuou, imitando perfeitamente o tom dele. — Você nunca se desespera, não

é verdade? Não é melhor que Lestat, com seus sonhos tolos.

Novamente suas próprias palavras, ditas a si mesmo numa rua de São Francisco. Ela zombava dele!

Isso era terror? Ou era ódio o que ele sentia, um ódio que havia séculos esperava dentro dele, misturado com ressentimento e cansaço, e piedade de seu coração humano, um ódio que agora fervia a um ponto que ele nunca teria imaginado. Não ousava mover-se, falar. O ódio era novo e espantoso, e o tinha dominado inteiramente, e ele nada podia fazer para controlá-lo ou compreendê-lo. Todo raciocínio o abandonara.

Mas ela sabia. Naturalmente. Sabia de tudo, cada pensamento, palavra; ato, era o que estava lhe dizendo. Sempre soubera, tudo e qualquer coisa que desejasse saber! E sabia que a coisa sem mente a seu lado não podia mais defender-se. E esse, que deveria ter sido um momento triunfal, era de alguma forma um momento de horror! Ela riu baixinho enquanto olhava para ele. Ele não conseguia suportar aquele som. Teve vontade de feri-la. De destruí-la, que todos os seus filhos monstruosos se danassem! Que nós todos morramos com ela! Se pudesse, ele a teria destruído! Ela pareceu assentir, dizer-lhe que compreendia. Que insulto monstruoso! Bem, ele não compreendia. E em outro momento estaria chorando como uma criança. Um terrível engano tinha sido cometido, uma horrível distorção de objetivo.

— Meu caro servo — disse ela, os lábios alongando-se num sorriso leve e amargo. — Você nunca teve poder para me impedir.

— Que é que você quer? Que pretende fazer?

— Perdoe-me por favor — disse ela; ah, com tanta delicadeza, exatamente como ele tinha se dirigido ao rapaz nos fundos do bar. — Estou de saída.

Ele ouviu o som antes que o chão se movesse: o rangido de metal rasgando-se. Ele estava caindo, e a tela da televisão explodira, o vidro perfurando sua pele como minúsculos punhais. Gritou, como um mortal, e dessa vez era medo. O gelo rachava, rugindo, e caía em cima dele.

— Akasha!

Ele estava caindo numa fenda gigantesca, mergulhando na frieza escaldante. .

— Akasha! — tornou a gritar.

Mas ela havia partido, e ele ainda estava caindo. Então o gelo prendeu-o, cercou-o, enterrou-o, esmagando os ossos dos braços, das pernas, do rosto. Ele sentiu o sangue jorrando de encontro à superfície cortante, congelando-o em seguida. Não conseguia se mover. Não conseguia respirar. E a dor era tão intensa que ele não conseguia suportar. Tornou a ver a selva, inexplicavelmente, por um instante, como tinha visto mais cedo. A selva quente e fétida, e alguma coisa movendo-se através dela. Então ela sumiu. E dessa vez quando ele gritou foi para Lestat: Perigo. Lestat, cuidado. Estamos todos em perigo.

Então houve apenas o frio e a dor, e ele perdeu a consciência. Um sonho se aproximava, um lindo sonho de sol quente brilhando numa clareira coberta de relva. Sim, o sol abençoado. O sonho agora o dominava. E as mulheres, que lindos os seus cabelos vermelhos. Mas que era aquilo, a coisa que ali jazia, sob as folhas murchas, no altar?

PARTE I

A ESTRADA PARA O VAMPIRO LESTAT

— Tentador colocar em colagem coerente a abelha, a cordilheira, a sombra do meu casco

— Tentador juntá-las, enlaçadas pelo lógico fio de pensamento molecular vasto e brilhante através de toda a Substância

— Tentador dizer que vejo em tudo, que vejo o lugar onde a agulha iniciou a tapeçaria

— Mas ah, tudo parece ser todo e ser parte

— Viva o globo do olho e o coração lúcido.

STAN RICE de “Four Days in Another City”, Some Lamb (1975)

1

A LENDA DAS GÊMEAS

Diga em rimada continuidade.

Detalhe por detalhe as criaturas vivas.

Diga como deve ser, o ritmo sólido da forma.

Mulher. Braços erguidos. Comedora de sombra.

STAN RICE de “Elegy”, Whiteboy (1976)

— Chame-a para mim — ele disse. — Diga-lhe que tive os sonhos mais estranhos, eram sobre as gêmeas. Você tem que chamá-la!

A filha não queria fazer isso. Observou-o lutar com o livro. Suas mãos agora eram suas inimigas, ele costumava dizer. Aos noventa e um anos, mal podia segurar um lápis ou virar uma página.

— Papai, essa mulher com certeza está morta — ela disse. Todos os que ele conhecera estavam mortos.

Ele sobrevivera aos colegas; sobrevivera aos irmãos e às irmãs, e até a dois de seus filhos. De um modo trágico sobrevivera às gêmeas pois agora ninguém lia seu livro. Ninguém se importava com “a lenda das gêmeas”.

— Não, telefone para ela — insistiu. — Tem que chama-lá. Diga-lhe que sonhei com as gêmeas. Eu as vi no sonho.

— Por que ela quereria saber disso, papai?

A filha pegou a pequena caderneta de endereços e folheou-a lentamente. Mortas, todas aquelas pessoas, havia muito tempo os homens que tinham acompanhado seu pai em tantas expedições, os editores e os fotógrafos que tinham trabalhado com ele no livro. Até seus inimigos, que disseram que sua vida foi desperdiçada, que sua pesquisa dera em nada; até os mais grosseiros, que o acusaram de adulterar as pinturas e mentir sobre as cavernas, coisa que seu pai nunca tinha feito. Por que ela ainda estaria viva, a mulher que tinha financiando suas antigas expedições, a mulher rica que durante tantos anos mandou-lhe tanto dinheiro?

— Tem que pedir-lhe para vir! Diga que é muito importante. Preciso contar a ela o que vi.

Vir? Viajar até o Rio de Janeiro porque um velho teve uns sonhos estranhos? A filha encontrou a página, e realmente lá estavam o nome e o número. E a data ao lado apenas dois anos antes.

— Ela mora em Bangcoc, papai. Que horas seriam em Bangcoc?

Ela não tinha idéia.

— Mas ela virá me ver. Sei que virá.

Ele fechou os olhos e acomodou-se na almofada. Agora era pequenino, encolhido. Mas quando abriu os olhos, era o pai dela quem a encarava, apesar da pele amarela e

enrugada, das manchas escuras nas costas das mãos engelhadas, da cabeça calva. Ele agora parecia estar escutando a música, o canto suave do Vampiro Lestat, que vinha do quarto dela. Ela pensou em baixar o volume, se aquilo o incomodasse. Não era uma grande fã dos roqueiros americanos, mas gostava daquele.

— Diga-lhe que preciso falar com ela! — ele disse de repente, como se voltasse a si.

— Certo, papai, se é o que você quer. — Desligou a lâmpada de cabeceira. — Agora volte a dormir.

— Não desista até encontrá-la. Diga-lhe... as gêmeas! Vi as gêmeas.

Quando ela saía, ele a chamou de volta com um daqueles gemidos súbitos que sempre a assustavam. A luz do vestíbulo ela viu que ele apontava para os livros na parede oposta.

— Pegue para mim — ele pediu, lutando para levantar-se.

— O livro, papai?

— As gêmeas, as pinturas...

Ela pegou o velho volume e colocou-o em seu colo. Aprumou os travesseiros e tornou a ligar a lâmpada.

Doía-lhe erguê-lo e sentir como ele estava leve; doía-lhe vê-lo lutar para colocar os óculos de armação de prata. Ele pegou o lápis para ler com ele na mão, pronto para escrever, como sempre fizera, mas então deixou-o cair; ela o pegou e o recolocou na mesa.

— Vá ligar para ela! — ele pediu.

Ela assentiu. Mas ficou ali, caso ele precisasse. A música que vinha do quarto estava mais alta, uma das canções mais metálicas e ruidosas. Mas ele não parecia notar. Com muita delicadeza ela abriu o livro para ele no primeiro par de figuras coloridas, uma ocupando a página esquerda, outra à direita. Como ela conhecia bem essas figuras, como se lembrava, ainda menininha, da longa subida com ele até a caverna no Monte Carmel, onde ele a levara para dentro da escuridão seca e poeirenta, a lanterna erguida para revelar os entalhes pintados na parede!

— Ali, as duas figuras, está vendo? As mulheres de cabelos vermelhos...

A princípio tinha sido difícil distinguir as figuras grosseiramente desenhadas a luz baça da lanterna.

Muito mais fácil estudá-las mais tarde, os detalhes lindamente revelados pela câmera. Mas nunca esqueceria aquele primeiro dia, quando ele lhe mostrava cada pequena seqüência: as gêmeas dançando na chuva que caía em pequenos pontinhos de um borrão de nuvem; as gêmeas ajoelhadas de cada lado do altar sobe o qual jazia um corpo adormecido ou morto; as gêmeas prisioneiras, diante de um tribunal de figuras raivosas; as gêmeas fugindo. E então a pintura estragada, da qual nada pôde ser recuperado; e finalmente uma das gêmeas sozinha, chorando, as lágrimas caindo em pontinhos, como a chuva, dos olhos que também eram minúsculos pontinhos pretos. Tinham sido entalhadas na rocha, com acréscimo de pigmentos laranja para os cabelos, giz branco para as roupas, verde para as plantas que cresciam ao redor delas, e até mesmo azul para o céu acima de suas cabeças.

Seis mil anos tinham se passado desde que elas tinham sido criadas na profunda escuridão da caverna.

Não menos. Antigos eram os entalhes quase idênticos, numa pequena câmara de pedra no alto da encosta de Huayna Picchu, do outro lado do mundo. Ela também fizera essa viagem com o pai um ano depois, atravessando o Rio Urubamba e subindo pelas matas do Peru. Vira as mesmas duas mulheres num estilo notavelmente semelhante, embora não fosse o mesmo.

Também lá, na parede lisa, havia as mesmas cenas da chuva caindo, as gêmeas ruivas em sua alegre dança. E então a sombria cena do altar, em detalhes. Era o corpo de uma mulher sobre o altar, e as gêmeas seguravam nas mãos dois pratos minúsculos, cuidadosamente desenhados. Soldados assistiam a cerimônia com espadas erguidas. As gêmeas foram aprisionadas, chorando. E então veio o tribunal hostil e a fuga. Em outra figura, apagada, mas ainda visível, as gêmeas seguravam uma criança, uma pequena trouxinha com pontinhos no lugar dos olhos e um mínimo de cabelos vermelhos; então entregaram seu tesouro a outras pessoas, quando mais uma vez surgiram os soldados ameaçadores. E finalmente a gêmea única, no meio das frondosas árvores da floresta, braços estendidos como se procurasse a irmã, o pigmento vermelho dos cabelos preso à parede de pedra com sangue coagulado.

Como ela conseguia recordar a excitação! Tinha compartilhado do êxtase do pai, de ter encontrado as gêmeas em mundos inteiramente diferentes, naquelas figuras antigas, enterradas nas cavernas das montanhas da Palestina e do Peru. Parecia o maior acontecimento da história, nada poderia ser tão importante. Então, um ano depois, foi descoberto em Berlim um vaso com as mesmas figuras, ajoelhadas, pratos na mão, diante de um caixão de

pedra. Uma obra grosseira, sem documentação. Mas e daí? Tinha sido datada de 4000 a.C. pelos métodos mais seguros, e ali, na linguagem recém-traduzida da antiga Suméria, estavam as palavras que significavam tanto para todos eles: “A LENDA DAS GÊMEAS”

Sim, tão terrivelmente importante parecia tudo aquilo na época! O alicerce do trabalho de uma vida inteira, até que ele publicou suas pesquisas. Então riram dele. Ou o ignoraram. Tal elo entre o Velho e o Novo Mundo não era confiável. Seis mil anos de idade, ora! Relegaram-no ao departamento dos excêntricos, juntamente com aqueles que falavam de astronautas antigos, Atlântida e o reino perdido de Mu. Ele discutiu, ensinou, suplicou-lhes que acreditassem, que viajassem com ele até as cavernas para verem por si mesmos!

Ofereceu as amostras de pigmento, os relatórios dos laboratórios, os estudos detalhados das plantas nos entalhes e até das roupas brancas das gêmeas. Outro homem teria desistido. Todas as universidades e fundações lhe fecharam as portas. Ele não tinha dinheiro sequer para sustentar os filhos. Aceitou um cargo de professor para ganhar o pão com manteiga, e a noite escrevia cartas para museus no mundo inteiro. E um tablete de cerâmica, coberto de desenhos, foi descoberto em Manchester, e outro em Londres, ambos mostrando claramente as gêmeas! Com dinheiro emprestado ele viajou para fotografar esses artefatos.

Escreveu sobre eles para publicações obscuras. E continuou sua busca.

Então ela aparecera, a mulher calada e excêntrica que o escutara, vira seu material e então lhe dera um papiro antigo, encontrado no princípio do século numa caverna no

Alto Egito, que continha alguns dos mesmos desenhos, e as palavra “A Lenda das Gêmeas”. “Um presente para você”, ela dissera. E então comprou o vaso do museu em Berlim para ele. E também os tabletes da Inglaterra. Mas era a descoberta peruana que a fascinava mais que tudo. Deu uma quantia ilimitada de dinheiro para que ele voltasse a América do Sul e continuasse seu trabalho. Durante anos ele revistou caverna após caverna a procura de mais evidências, falou com aldeões sobre seus mitos mais antigos, estudou ruínas, templos, até mesmo antigas igrejas cristãs, procurando pedras retiradas de santuários pagãos. Mas décadas se passaram e ele nada encontrou. Isso resultou na sua ruína. Mesmo ela, sua benfeitora, dissera-lhe para desistir. Não queria ver a vida dele gasta dessa maneira. Ele devia deixar que homens mais jovens continuassem. Mas ele não escutava. Aquela era a sua descoberta! A Lenda das Gêmeas! E assim ela continuou assinando os cheques e ele continuou o trabalho até ficar velho demais para subir montanhas e atravessar florestas.

Nos últimos anos ele fazia poucas conferências. Não conseguia interessar os estudantes novos nesse mistério, mesmo quando mostrava o papiro, o vaso, os tabletes. Afinal, aqueles itens na verdade não se ajustavam à parte alguma, não eram de qualquer período definível. E as cavernas, alguém poderia encontrá-las agora? Mas ela tinha sido leal, a sua benfeitora. Comprara-lhe essa casa no Rio, criara para ele um fundo que iria para a filha quando ele morresse. O dinheiro dela pagou a educação da filha e muitas outras coisas.

Estranho que vivessem com tanto conforto — como se afinal ele tivesse sido bem sucedido.

— Ligue para ela — ele tornou a dizer. Estava ficando agitado, e as mãos vazias raspavam as fotografias.

Afinal, a filha não se movera. Ela ficou parada ao lado dele olhando as figuras, as fotos das gêmeas.

— Está bem, papai. — E deixou-o com o livro.

Já era o fim da tarde do dia seguinte quando a filha foi dar-lhe um beijo. A enfermeira disse que ele andara chorando como uma criança. Ele abriu os olhos quando a filha apertou-lhe a mão.

— Agora sei o que fizeram a elas — declarou. — Eu vi! Foi sacrilégio o que fizeram! A filha tentou acalmá-lo. Disse-lhe que tinha chamado a mulher. Ela estava a caminho.

— Não estava em Bangcoc, papai. Mudou-se para a Birmânia, para Ragoon. Mas consegui falar com ela, e ela ficou feliz em ter notícias suas. Disse que partiria dentro de algumas horas. Queria saber sobre os sonhos. Ele ficou muito feliz. Ela viria! Fechou os olhos e virou a cabeça no travesseiro.

— Os sonhos vão começar de novo, depois do escurecer — sussurrou. — A tragédia inteira vai recomeçar.

— Papai, descanse até ela chegar.

Ele morreu durante a noite. Já estava frio quando a filha entrou. A enfermeira estava aguardando instruções. Ele tinha o olhar opaco, de pálpebras semicerradas, dos mortos. O lápis estava sobre a colcha, e havia um pedaço de papel — a orelha do seu precioso livro — amassado em sua mão direita. Ela não chorou. Por um instante nada fez. Lembrou-se da caverna na Palestina, da lanterna: “Está vendo? As duas mulheres?”.

Fechou com suavidade os olhos dele, beijou-lhe a testa, Ele escrevera algo no pedaço de papel. Ela ergueu os

dedos frios, rígidos, e removeu o papel. Leu as palavras que ele rabiscara com sua letra irregular: “NAS FLORESTAS — CAMINHANDO”

Que poderia significar aquilo? E agora era tarde demais para alcançar a mulher, que com certeza chegaria à noite. Viajar de tão longe... Bem, daria a ela o papel, caso fosse importante, e contar-lhe-ia as coisas que ele disse a respeito das gêmeas.

2

A VIDA CURTA E FELIZ DE BABY JENKS E A GANGUE DAS GARRAS

O mortebúrguer
é servido aqui.
Na porta do Céu
não há fila de espera
para a morte sem fermento.
Você pode bater as botas
aí mesmo neste canto.
Maionese, cebola, domínio da carne.
Se quer comê-lo,
tem que nutri-lo.

“Volte sempre”.

“É isso aí”.

STAN RICE de “Texas suite” Some lamb (1975)

Baby Jenks forçou sua Harley a dar 105 quilômetros por hora, o vento congelando suas mãos alvas, nuas. Tinha quatorze anos no verão anterior, quando haviam feito aquilo com ela, transformando-a em mais uma dos Mortos, e pesava 38,5 quilos. Não penteava o cabelo desde que acontecera, não precisava, e suas duas trancinhas loiras eram jogadas para trás pelo vento, caindo dos ombros da jaqueta de couro preta. Inclinação para frente, rosto crispado, a boca delicada voltada para baixo, ela parecia má, e enganadoramente bonitinha. Os grandes olhos azuis eram vagos. O rock do Vampiro Lestat berrava nos fones, de modo que ela nada sentia além da vibração da gigantesca moto sob ela e a louca solidão que vinha sentindo desde que deixara Gun Barrel City, cinco noites antes. E havia um sonho que a perturbava, um sonho que vinha tendo todas as noites antes de abrir os olhos.

No sonho ela via aquelas gêmeas ruivas, duas moças bonitas, e então aconteciam todas aquelas coisas horríveis. Não, ela não estava gostando droga nenhuma daquilo, e se sentia tão solitária que estava enlouquecendo. A Gangue das Garras não foi ao encontro dela no sul de Dallas, como tinham combinado. Ela ficou esperando duas noites no cemitério, e então viu que alguma coisa estava muito, muito errada. Eles nunca seguiriam para a Califórnia sem ela. Iam ver o show do Vampiro Lestat em São Francisco, mas tinham bastante tempo. Não, havia alguma coisa errada. Ela sabia.

Mesmo no tempo em que era viva, Baby Jenks sentia essas coisas. E agora que era uma dos Mortos, isso era dez vezes mais forte. Sabia que a Gangue das Garras estava com sérios problemas. O Matador e o Davis nunca a teriam largado. O Matador dizia que a amava. Por que diabos ele a teria feito, se não a amasse? Ela teria morrido em Detroit, se não fosse pelo Matador.

Estava morrendo de hemorragia, o médico havia feito o serviço, não tinha mais bebê, mas ela também ia morrer, ele tinha cortado uma coisa qualquer lá dentro, e ela, tão doidona de heroína que estava se lixando.

E então aconteceu aquela coisa engraçada: ela flutuou até o teto e, ficou olhando para o corpo lá embaixo! E não era viagem, não. Parecia que muita coisa estava para acontecer. Mas lá embaixo o Matador entrou no quarto, e lá de cima, onde estava flutuando, ela viu que ele era um dos Mortos. Claro que então não sabia como ele se chamava. Só sabia que não era vivo. Fora isso, o aspecto dele era bastante comum. Jeans pretos, cabelos pretos, olhos pretos de verdade. Nas costas da jaqueta estava escrito “Gangue das Garras”. Sentou-se na cama, junto ao corpo, e inclinou-se sobre ele.

— Que menininha bonitinha! — falou. A mesma droga que o cafetão dizia quando a fazia trançar os cabelos e colocar pregadores de plástico antes de ir para a esquina. Então vuuuum! Ela estava de volta ao corpo, cheia de alguma coisa mais quente e melhor que heroína e ouviu-o dizer:

— Você não vai morrer, Baby Jenks, nunca! Ela tinha os dentes cravados no maldito pescoço dele, e bicho, que barato! Mas aquela parte, de nunca morrer... Ela agora não tinha tanta certeza.

Antes de se mandar de Dallas, desistindo para sempre da Gangue das Garras, ela vira a casa comunal na Avenida Suíça reduzida a escombros pelo fogo. Todos os vidros das janelas explodidos. Tinha sido o mesmo em Oklahoma. Que merda tinha acontecido a todos os Mortos naquelas casas? E eram chupadores de cidade grande, os espertos que chamavam a si próprios de vampiros. Como ela tinha rido quando o Matador e Davis lhe contaram isso, que aqueles Mortos andavam de terno e gravata, ouviam música clássica e se chamavam de vampiros. Baby Jenks quase morreu de rir. Davis também achava muito engraçado, mas o Matador não se cansava de aconselhá-la contra eles. Fique longe deles. o Matador e Davis, mais Tim e Russ, passaram com ela em frente à casa comunal na Avenida Suíça pouco antes que ela os deixasse para ir a Gun Barrel City.

— Você tem que saber sempre onde é, para depois ficar longe — Davis afirmara. Mostravam-lhe a casa comunal de cada cidade grande aonde chegavam. Mas foi quando lhe mostraram a primeira, em St. Louis, que lhe contaram toda a história.

Ela tinha sido bem feliz com a Gangue das Garras desde que deixaram Detroit, alimentando-se dos homens que atraíam para fora dos bares de estrada. Tim e Russ eram legais, mas o Matador e Davis eram seus amigos especiais, e os líderes da Gangue das Garras. De vez em quando entravam na cidade e encontravam um barraco qualquer, vazio, ou então com dois mendigos, homens que se pareciam um pouco com o pai dela, usando bonés velhos, com mãos muito calejadas. E então se banqueteariam com os sujeitos. Sempre se pode viver de gente assim, o Matador lhe dissera, porque ninguém se importa com o que acontece com eles.

Golpeavam depressa, cabuum! E bebiam depressa o sangue, secando-os, até a ultima batida do coração. Não era divertido torturar pessoas assim, dizia o Matador.

Sempre ficava com pena deles. Depois de fazer o que era feito, era preciso incendiar o barraco, ou então levá-los para fora e enterrá-los num buraco bem fundo. E caso não se pudesse fazer alguma coisa para disfarçar, então usava-se um pequeno truque: corte o dedo, deixe seu sangue de Morto cair em cima da mordida por onde você os secou e, veja só, os dois buraquinhos desaparecem! Ninguém vai desconfiar; vai ficar parecendo um derrame ou um enfarte. Baby Jenks estava se divertindo. Ela conseguia manejar uma Harley grande, carregar um cadáver com um só braço, saltar por cima do capo de um carro, era fantástico. E ainda não estava tendo o maldito sonho, aquele que tinha começado em Gun Barrel City — com aquelas gêmeas ruivas e o corpo daquela mulher deitado naquele altar. Que é que estavam fazendo?

Que faria ela agora, se não encontrasse a Gangue das Garras? Lá na Califórnia o Vampiro Lestat faria seu show dali a duas noites. E todos os Mortos da criação estariam lá; pelo menos era o que ela imaginava, e o que a Gangue das Garras tinha imaginado, e todos, deveriam estar juntos. Então, que droga ela estava fazendo, perdida da Gangue das Garras e indo para uma cidade mijona feito St. Louis? Tudo o que queria é que as coisas fossem como antes, merda. Ah, o sangue era bom, hum, era tão bom, mesmo agora que estava sozinha e tinha que criar coragem, como tinha sido nessa noite, para parar num posto de gasolina e atrair o velhote para os fundos. Ah, sim, snap, quando ela colocou as mãos no pescoço dele, e o sangue veio, tinha sido ótimo, como hambúrguer, batata frita, sorvete de morango, como cerveja e sundae de chocolate. Era como

um pico na veia, coca, haxixe. Era melhor que trepar! Era tudo junto.

Mas tudo era melhor quando a Gangue das Garras estava com ela. E eles tinham entendido quando ela se cansou dos velhotes e disse que queria alguma coisa nova e macia. Nenhum problema. Ora, ela precisava de uma criança fugindo de casa, disse o Matador. É só fechar os olhos e desejar. E foi assim mesmo, encontraram o garoto pedindo carona na estrada, uns sete quilômetros depois de uma cidade qualquer no norte do Missouri. O nome dele era Parker. Bem bonitinho, com cabelos negros, compridos e desgrenhados; tinha só doze anos, mas era bem alto para a idade, tinha alguns pelos no queixo e tentava passar por dezesseis. Subiu na moto dela e eles levaram-no para o bosque. Então Baby Jenks deitou-se com ele, com muita delicadeza, e pronto, foi o fim de Parker.

Foi mesmo delicioso; a palavra era “suculento”. Mas ela não sabia se no fundo foi melhor do que com os velhos. E com eles era mais diversão. O velho sangue dos garotos, Davis chamava. Davis era um Morto negro, e muito bonitão, no entender de Baby Jenks. A pele tinha um brilho dourado, o brilho dos Mortos que no caso dos Mortos brancos faz com que pareça estar sempre sob luz fluorescente. Davis também tinha lindos cílios, inacreditavelmente longos e espessos, e usava todo ouro que conseguia encontrar. Roubava os anéis, relógios, correntes e objetos de ouro das vítimas. Davis adorava dançar. Todos eles adoravam dançar. Mas Davis conseguia dançar mais que os outros. Iam dançar nos cemitérios, por volta das três da manhã, depois de terem se alimentado, enterrado os mortos, etc. Colocavam o rádio portátil a todo volume em cima de uma sepultura, com o Vampiro Lestat rugindo o Grande Sabá, que era a canção boa para dançar. Ah, como era bom girar, contorcer-se e saltar no ar, ou então contemplar Davis e o Matador

dançando e Russ girando em círculos até cair. Aquilo sim era a verdadeira dança dos Mortos! E se aqueles chupadores de sangue da cidade grande não se tocavam disso, eram loucos.

Deus, ela agora desejava poder contar a Davis sobre esse sonho que vinha tendo desde Gun Barrel City. Tinha começado no trailer da mãe dela, zum, a primeira vez, quando ela estava sentada esperando. Foi claro demais para um sonho, aquelas duas mulheres de cabelos vermelhos, e o corpo deitado ali com a pele toda preta e meio rachada. E que diabos havia naqueles pratos do sonho? Sim, era um coração num prato e um cérebro no outro. Meu Deus. E todas aquelas pessoas ajoelhadas em volta do corpo e daqueles pratos. Era apavorante. E ela teve o mesmo sonho muitas vezes, desde então. Ora, estava tendo aquele sonho cada droga de vez que fechava os olhos, e, novamente, pouco antes de sair do lugar onde estivesse se escondendo da luz do dia. O Matador e Davis compreenderiam. Saberiam se aquilo significava alguma coisa. Queriam ensinar-lhe tudo.

Quando primeiro chegaram a St. Louis, a caminho do sul, a Gangue das Garras tinha deixado o bulevar e entrado numa daquelas grandes ruas escuras com portões de ferro, que eles chamam de “rua particular” em St. Louis. Baby Jenks tinha gostado das árvores grandes. No sul do Texas não existem muitas árvores grandes. E ali as árvores eram tão grandes que seus galhos formavam um telhado. As ruas estavam cheias de ruidosas folhas secas, e as casas eram amplas, com telhados em meio e as luzes bem no fundo delas. A casa comunal era de tijolos aparentes e tinha o que o Matador chamava de arcos mouriscos.

— Não chegue perto demais — Davis tinha dito. O Matador apenas rira. O Matador não tinha medo dos Mortos

da cidade grande. O Matador havia sido feito sessenta anos antes. Era velho. Sabia de tudo.

— Mas vão tentar ferir você, Baby Jenks — ele disse, empurrando sua Harley um pouco mais para longe.

Tinha o rosto comprido, usava um brinco de ouro na orelha e os olhos eram pequenos, meio pensativos.

— Sabe, esta é uma casa comunal muito antiga, está em St. Louis desde o princípio do século.

— Mas por que iam querer nos ferir? — Baby Jenks tinha perguntado.

Estava realmente curiosa sobre aquela casa. Que faziam os Mortos que viviam em casas? Que tipo de mobília tinham? Quem pagava as contas, pelo amor de Deus? Parecia que ela estava vendo um lustre numa das salas da frente, através das cortinas. Um lustre grande, todo enfeitado. Hum, que luxo!

— Ah, eles tem tudo esquematizado — disse Davis, lendo sua mente. — Você quer saber se os vizinhos pensam que eles são pessoas de verdade? Veja o carro na calçada, sabe o que é? É uma Bugatti. E o outro é uma Mercedes-Benz.

Que diabos havia de errado com um Cadillac cor-de-rosa? É o que ela gostaria de ter, um enorme conversível bebedor de gasolina que ela podia dirigir a 180 quilômetros por hora num trecho livre. E foi isso que a meteu em confusão, que a levou a Detroit: um babaca com um Cadillac conversível. Mas só porque você é um dos Mortos não significa que tem que dirigir uma Harley e dormir na poeira todos os dias, não é?

— Somos livres, minha querida — disse Davis, lendo seus pensamentos. — Não entende? Essa vida de cidade grande obriga a gente a ter um monte de bagagem. Conte para ela, Matador. E ninguém me pega numa casa igual a essa, dormindo numa caixa debaixo do assoalho. Começou a rir. O Matador riu também. Ela também. Mas que merda de vida eles tinham lá dentro? Ligavam a televisão de madrugada para ver os filmes de vampiros? Davis rolava no chão.

— O negócio, Baby Jenks, é que para eles nós somos errados, eles querem mandar em tudo — disse o Matador. — Por exemplo, acham que a gente não tem direito de ser Morto. Quando eles fazem um novo vampiro, como eles chamam, fazem uma grande cerimônia.

— Como um casamento ou coisa assim? Mais risadas.

— Não exatamente — disse o Matador. — Mais como um enterro! Estavam fazendo barulho demais. Com certeza aqueles Mortos dentro da casa iam ouvi-los. Mas Baby Jenks não tinha medo, se o Matador também não tinha. Onde estavam Russ e Tim? Caçando?

— Mas o caso, Baby Jenks, é que eles tem um monte de regras, e eu vou lhe contar uma coisa, estão espalhando por toda parte que vão pegar o Vampiro Lestat na noite do show — afirmou o Matador. — E sabe de uma coisa? Eles lêem o livro dele como se fosse a Bíblia. Usam todas aquelas palavras que ele usou, como Dom Negro, Truque Negro, juro que é a coisa mais imbecil que já vi, vão queimar o cara na fogueira e depois usam o livro dele como se fosse um manual de etiqueta...

— Não vão pegar Lestat — Davis zombou. — De jeito nenhum, bicho. Ninguém consegue matar o Vampiro Lestat,

é impossível. Já tentaram, sabem, e não conseguiram. Ora, aquele é um sujeito que é inteiramente e completamente imortal.

— Porra, eles vão para lá, igualzinho a nós. Vamos nos juntar ao sujeito se ele nos quiser — disse o Matador.

Baby Jenks não estava entendendo aquela história. Não sabia o que era um manual de etiqueta. E nós todos não somos imortais? E por que o Vampiro Lestat ia querer andar com a Gangue das Garras? Quer dizer, ele é um astro, ora! Provavelmente tem um carrão. E não é uma gracinha, vivo ou Morto? Cabelos louros lindos de morrer e um sorriso que dá vontade de chegar perto e deixar ele morder nosso maldito pescoço! Ela tentara ler o livro do Vampiro Lestat — a história inteira dos Mortos desde os tempos antigos e tudo — mas havia muitas palavras difíceis e ela sempre dormia. O Matador e Davis diziam que ela agora poderia ler bem depressa, se não desistisse. Andavam com exemplares do livro de Lestat, o primeiro, aquele com um título que ela nunca conseguia lembrar direito, qualquer coisa como “conversas com o vampiro” ou “conversando com um vampiro” ou “conhecendo um vampiro”, qualquer coisa assim. De vez em quando Davis lia alto um pedaço desse livro, mas Baby Jenks não agüentava, dormia! o Morto, Louis, ou sei lá quem era, foi feito Morto lá em Nova Orleans e o livro estava cheio de coisas sobre folhas de bananeira, grades de ferro e musgo barba-de-velho.

— Baby Jenks, os antigos europeus sabem de tudo — Davis tinha dito. — Sabem como isso começou, sabem que podemos continuar para sempre se nos cuidarmos, viver mil anos e virar mármore branco.

— Ah, que ótimo, Davis — respondeu Baby Jenks. — Já é bastante ruim não poder entrar numa lanchonete com

todas aquelas luzes sem que as pessoas olhem para a gente. Quem quer parecer mármore branco?

— Baby Jenks, você não precisa mais entrar numa lanchonete — Davis disse calmamente. Mas estava certo.

Vamos esquecer os livros. Baby Jenks realmente amava a música do Vampiro Lestat, e aquelas músicas sempre lhe diziam muito, especialmente aquela sobre Aqueles Que Devem Ser Preservados — o Rei e a Rainha egípcios —, embora, para falar a verdade, ela não soubesse que diabos aquilo tudo significava, até o Matador explicar:

— São os pais de todos os vampiros, Baby Jenks, a Mãe e o Pai. Sabe, somos todos uma única linhagem de sangue que vem do Rei e da Rainha no Antigo Egito, que são chamados de Aqueles Que Devem Ser Preservados. E eles precisam ser guardados porque, se forem destruídos, nós todos seremos também. Parecia um monte de besteiras.

— Lestat viu a Mãe e o Pai — disse Davis. — Encontrou-os escondidos numa ilha grega, de modo que sabe que é verdade. É o que ele anda contando a todo mundo com estas canções: a verdade.

— E a Mãe e o Pai não se movem nem falam nem bebem sangue, Baby Jenks — acrescentou o Matador.

Parecia pensativo, quase triste.

— Ficam sentados de olhos fixos, e estão assim há milhares de anos. Ninguém sabe o que aqueles dois sabem.

— Provavelmente nada — disse Baby Jenks com impaciência. — Vou lhe dizer uma coisa, isso é que é ser imortal! Por que você disse que os Mortos de cidade grande podem nos matar? Como é que conseguem isso?

— O fogo e o sol podem fazer isso — respondeu o Matador com uma leve impaciência. — Já lhe falei isso. Agora preste atenção, por favor. Sempre se pode lutar contra Mortos de cidade grande. Nós somos fortes. Na verdade os Mortos de cidade grande têm tanto medo de nós quanto nós deles. O negócio é se mandar quando avistar um Morto desconhecido. É uma regra seguida por todos que são Mortos.

Depois que se afastaram da casa comunal, ela recebeu outra grande surpresa do Matador: ele contou-lhe sobre os bares de vampiros. Lugares grandes e luxuosos em Nova York, São Francisco e Nova Orleans, onde os Mortos se reuniam nos salões dos fundos enquanto os malditos idiotas humanos bebiam e dançavam nos salões da frente.

Lá, nenhum Morto podia matar outro, fosse um vigarista da cidade, um europeu ou uma aventureira como ela.

— Corra para um desses lugares, se os Mortos da cidade grande algum dia quiserem pegar você.

— Não tenho idade para entrar num bar — Baby Jenks objetou. Foi o máximo. Ele e Davis riram até passar mal. Quase caíram das motocicletas.

— Quando encontrar um bar de vampiros, Baby Jenks, você simplesmente lhes dá um Mau Olhar e diz “me deixe entrar”.

É, ela tinha usado aquele Mau Olhar nas pessoas, fazendo com que elas fizessem coisas. Funcionava direitinho. E a verdade é que eles nunca tinham visto os bares de vampiros. Só tinham ouvido falar. Não sabiam onde ficavam. Ela tinha um monte de perguntas quando finalmente deixaram St. Louis. Mas enquanto viajava para o

norte, na direção da mesma cidade, a única coisa que ela queria no mundo era chegar à mesma droga de casa comunal. Mortos da cidade grande, aqui vou eu. Ia ficar doidinha se tivesse que ir sozinha. A música nos fones cessou; a fita tinha acabado. Ela não conseguia suportar o silêncio no rugido do vento. O sonho voltou; ela tornou a ver as gêmeas, os soldados chegando. Droga. Se não o bloqueasse: a merda do sonho ia se repetir como a fita. Dirigindo a moto mão no bolso interno fitas e virar a fita.

— Cante mais, cara! — falou, e sua voz soava-lhe aguda e minúscula com o rugido do vento, se é que ela conseguia ouvi-la.

De Aqueles Que Devem Ser Preservados Que podemos saber?

Alguma explicação poderá nos salvar?

Sim senhor, essa era a que ela adorava. A que estava escutando quando adormeceu esperando a mãe voltar do trabalho, em Gun Barrel City. Não era a letra que a atraía, era a modo como ele a cantava, gemendo no microfone como Bruce Springsteen e fazendo a gente se desmanchar. De certo modo, era uma espécie de hino. Tinha esse tipo de som, e no entanto Lestat estava bem ali no meio dele, cantando para ela, e havia uma percussão ritmada que ia direto aos ossos.

— Certo, cara, certo, você é o único Morto de merda que eu tenho agora, Lestat. Continue cantando!

Cinco minutos até St. Louis, e lá estava ela pensando na mãe de novo, em como tinha sido estranho, ruim. Baby Jenks não contara sequer ao Matador ou a Davis por que ia em casa, embora eles soubessem, entendessem. Baby Jenks tinha que fazer isso, tinha que ir até os pais antes que

a Gangue das Garras partisse para o oeste. E mesmo agora ela não se arrependia. A não ser por aquele estranho momento em que a mãe estava morrendo ali no chão. Ora, Baby Jenks sempre odiara a mãe. Considerava a mãe uma verdadeira idiota, fazendo cruces todos os dias de sua vida com conchinhas cor-de-rosa e pedacinhos de vidro, para vender no Mercado das Pulgas de Gun Barrel City por dez dólares. E eram feias, lixo artesanal, aquelas coisinhas com um pequeno Jesus todo retorcido no meio, feito de minúsculas contas vermelhas e azuis, e outras coisas mais.

Mas não era só isso, era tudo que a mãe tinha feito que perturbava Baby Jenks e lhe dava raiva. Ir a igreja já era péssimo, mas falar com as pessoas daquele jeito meloso, e agüentar os porres do marido, e sempre dizer coisas boas sobre os outros! Baby Jenks nunca acreditou numa palavra daquilo. Costumava ficar deitada na sua cama no trailer, pensando: qual é a dessa mulher? Quando é que ela vai explodir como uma banana de dinamite? Ou é burra demais até para isso? Muitos anos antes a mãe parara de encarar Baby Jenks nos olhos. Quando Baby Jenks tinha doze anos, chegou e disse:

— Sabe que eu já trepei, não sabe? Espero que não pense que sou virgem.

A mãe pareceu desmanchar-se, desviou os olhos arregalados, vazios e estúpidos, e voltou ao trabalho, cantarolando como sempre fazia enquanto fabricava aquelas cruces de conchinhas. Uma vez uma pessoa de cidade grande disse à mãe que ela fazia a verdadeira arte popular.

— Estão te fazendo de trouxa — Baby Jenks avisou.

— Não está vendo? Eles não compraram uma cruz, compraram? Sabe o que essas coisas parecem? Vou lhe dizer. Parecem brincos de camelô! Não se discute. Apenas oferece-se a outra face.

— Quer jantar, querida?

Era um caso sem solução, Baby Jenks concluiu. Então saíra cedo de Dallas, chegando ao Lago Cedar Creek em menos de uma hora, e lá estava o cartaz de sempre, que indicava sua linda cidade natal:

“BEM-VINDO A GUN BARREL CITY, O SEU TIRO CERTEIRO.”

Ela escondeu a Harley atrás do trailer quando chegou, ninguém em casa, e deitou-se para tirar uma soneca, Lestat cantando nos fones de ouvido, e o ferro de engomar prontinho ao seu lado. Quando a mãe entrasse, bam, bam, obrigada, madame. Foi quando aconteceu o sonho. Ora, ela não estava nem dormindo quando ele começou. Era como se Lestat fosse desaparecendo e o sonho a puxasse de repente. Estava num lugar cheio de sol. Uma clareira na encosta de uma montanha. E aquelas duas gêmeas estavam lá, lindas mulheres de cabelos macios e ondulados, vermelhos, ajoelhadas como anjos na igreja, de mãos postas. Muitas pessoas em volta, usando túnicas compridas, como na Bíblia. E havia música, também, um ritmo sinistro e o som de uma corneta, muito triste. Mas a parte pior era o cadáver, o corpo queimado da mulher numa pedra. Ora, parecia que ela tinha sido cozinhada, deitada ali! E nos pratos havia um coração gordo e brilhante, e um cérebro. É, sem dúvida, havia um coração e um cérebro.

Baby Jenks tinha acordado assustada. Para o inferno! A mãe estava parada a porta. Baby Jenks deu um salto e

atacou-a com o ferro de engomar até que ela parasse de se mexer. Afundou-lhe mesmo a cabeça. E a mãe devia estar morta, mas ainda não estava, e então houve aquele momento louco. A mãe estava ali caída no chão, meio morta, olhos fixos, exatamente como o pai ficaria mais tarde. E Baby Jenks estava sentada, uma perna por cima do braço da poltrona, apoiada no cotovelo, ou girando uma das tranças, esperando, pensando mais ou menos nas gêmeas do sonho, o corpo e as coisas nos pratos, para que aquilo tudo? Mas principalmente esperando. Morra, sua puta idiota, vamos, morra, não vou bater de novo. Mesmo agora Baby Jenks não tinha certeza do que acontecera. Era como se os pensamentos da mãe tivessem mudado, tornando-se maiores.

Talvez ela estivesse flutuando perto do teto como tinha acontecido com Baby Jenks quando ela quase morreu e o Matador a salvou, mas, fosse qual fosse a causa, os pensamentos eram espantosos. Simples mente espantosos. Por exemplo, a mãe sabia tudo! Tudo sobre o bem e o mal e a importância do amor, o amor de verdade, e como havia muito mais coisas além de todas as regras de não beba, não fume, reze a Jesus. Não era coisa de padre. Era imensa.

A mãe, caída ali, tinha pensado que a falta de amor em sua filha, Baby Jenks, era tão horrível quanto se ela fosse aleijada ou cega. Mas não tinha importância. Tudo ia dar certo. Baby Jenks ia sair daquela, exatamente como quase saíra antes que o Matador chegasse, e haveria uma compreensão melhor de tudo. Que diabos significava aquilo? Alguma coisa sobre tudo a nossa volta ser parte de um todo, as fibras no tapete, as folhas lá fora, a água pingando na pia, as nuvens cobrindo o Lago Cedar Creek e as árvores nuas, e elas não eram na verdade tão feias quanto Baby Jenks pensava. Não, a coisa toda era quase bonita demais para ser descrita de repente. E a mãe de

Baby Jenks sempre soubera disso tudo! Sempre vira as coisas assim! A mãe de Baby Jenks perdoava Baby Jenks por tudo o que ela fizera. Coitada da Baby Jenks! Ela não sabia. Não sabia a respeito da grama verde. Ou das conchas brilhando a luz da lâmpada. Então a mãe de Baby Jenks morreu. Graças a Deus! Chega! Mas Baby Jenks chorou. Depois levou o corpo para fora do trailer e enterrou-o nos fundos, sentindo como era bom ser uma Morta e tão forte e capaz de manejar a pá cheia de terra. Então o pai chegou em casa. Essa vai ser por divertimento! Ela o enterrou ainda vivo. Nunca mais esqueci a expressão do rosto dele quando ele entrou e a viu com a machadinha:

— Ora, é a esquartejadora!

Que diabos era uma esquartejadora? Então o modo como ele empurrou o queixo para frente, e seu punho voou em cima dela, ele era tão seguro de si!

— Sua viborazinha!

Ela rachou a cabeça dele ao meio. É, aquela parte foi ótima, sentir o crânio ceder.

— Caia, seu filho da puta!

Cobriu o rosto dele de terra, com a pá, enquanto ele ainda olhava para ela. Paralisado, ele não conseguia mover-se; pensava ser novamente garoto numa fazenda ou coisa assim no Novo México. Conversa para boi dormir. Seu filho da puta, sempre soube que você tinha merda dentro da cabeça. Agora estou sentindo o cheiro! Mas por que diabos ela tinha ido até lá? Por que tinha largado a Gangue das Garras? Se não os tivesse largado, agora estaria com eles em São Francisco, com o Matador e Davis, esperando para ver Lestat no palco. Eles podem até estar no bar dos vampiros de lá, ou coisa assim. Pelo menos, se tiverem

chegado até lá. Se alguma coisa não estiver errada de verdade. E que merda ela estava fazendo agora, andando para trás? Talvez devesse ter ido direto para o oeste. Duas noites, era só o que ela tinha. Merda, talvez alugasse um quarto num motel na hora do show, para assistir pela TV. Mas antes disso tinha que encontrar alguns Mortos em St. Louis. Não podia continuar sozinha. Como encontrar aquela casa comunal?

Esse bulevar parecia familiar. Ela o percorreu devagar, rezando para que nenhum policial intrometido saísse atrás. Naturalmente correria mais que ele, sempre conseguira, embora sonhasse em encontrar um daqueles malditos filhos da puta numa estrada deserta. Mas na verdade ela não queria sair correndo de St. Louis. Ora, aquilo ali parecia conhecido. Sim, aquele era o lugar; ela então entrou para a direita e desceu uma rua velha com aquelas árvores enormes. Aquilo a fez pensar na mãe novamente: a grama verde, as nuvens. Um pequeno soluço.

Se não estivesse tão sozinha! Mas então viu os portões, e, a rua era aquela. O Matador lhe dissera que os Mortos nunca se esquecem de coisa alguma. Seu cérebro seria como um pequeno computador. Talvez fosse verdade. Aqueles eram os mesmos portões, enormes portões de ferro, escancarados e cobertos de hera de um verde escuro. Com, certeza nunca chegavam a fechar a “rua particular”. Diminuiu a velocidade, depois desligou o motor. Barulhento demais naquele escuro vale de mansões. Um filho da puta qualquer poderia chamar a polícia. Ela teve que saltar e empurrar a moto; suas pernas não eram suficientemente compridas para empurrar de outra maneira. Mas tudo bem. Gostava de caminhar sobre aquelas folhas mortas. Gostava de toda aquela rua sossegada. Bicho, se eu fosse uma vampira de cidade grande ia morar aqui também, ela

pensou, e então viu a casa, no final da rua; as paredes de tijolos e os arcos mouriscos. Seu coração estava disparado.

Incendiada! A principio ela não acreditou. Depois viu que era mesmo verdade: grandes manchas negras nos tijolos e as vidraças todas estouradas, não sobrara uma sequer. Deus do Céu! Ela quase enlouqueceu.

Empurrou a moto mais para perto, mordendo o lábio com tanta força que sentiu o gosto do próprio sangue.

Olhe só! Quem foi que fez isso? Minúsculos cacos de vidro espalhados por todo o gramado e até mesmo nas árvores, o lugar inteiro cintilava de um jeito que os humanos com certeza não conseguiam ver. Parecia uma decoração de Natal de pesadelo. E o cheiro de madeira queimada pairava no ar. Ela ia chorar! Ia começar a gritar! Mas então ouviu alguma coisa. Não um som de verdade, mas as coisas que o Matador lhe ensinara a escutar. Havia um Morto por ali!

Mal conseguia acreditar na própria sorte, e estava cagando para o que acontecesse: ia entrar. E, havia alguém lá. O sinal era bem fraco. Ela avançou mais uns metros, caminhando ruidosamente por cima das folhas mortas. Não havia luz, mas alguma coisa se movia lá dentro e sabia que ela estava chagando. Enquanto estava parada ali, o coração disparado, cheia de medo e louca para entrar, alguém saiu para a varanda: um Morto, olhando diretamente para ela.

Graças a Deus, ela sussurrou. E não era um babaca de terno, não... Era um rapaz, talvez nem dois anos mais velho que ela quando foi feito, e parecia especial de verdade. Para começar, tinha cabelos prateados, bem curtinhos e cacheados, e isso sempre ficava lindo numa pessoa jovem. E era alto, também, por volta de 1,80m e magro, um cara realmente elegante, na opinião dela. A pele parecia gelo de

tão branca, e ele usava uma camisa marrom bem esticada no peito, e calças e paletó de couro bem elegantes, nada parecido com roupa de motoqueiro. Bem bacana aquele cara, e mais bonito que qualquer Morto da Gangue das Garras.

— Entre — ele sibilou. — Depressa.

Ela voou degraus acima. O ar estava cheio de cinzas, que lhe doíam nos olhos e faziam-na tossir.

Metade da varanda tinha desabado. Ela entrou cuidadosamente no vestíbulo. Lá dentro, alguns degraus da escada tinham sobrado, mas o telhado lá em cima estava aberto. E o lustre tinha caído, estava quebrado e negro de fuligem. Bem sinistro aquele lugar, como uma casa mal-assombrada. O cara Morto estava na sala, ou no que tinha sobrado dela, chutando e vasculhando no meio dos restos queimados, móveis e coisas; ele parecia estar com raiva.

— Baby Jenks, não é? — disse, lançando-lhe um sorriso estranho, falso, cheio de dentes perolados, inclusive os caninos, e os olhos cinzentos meio brilhantes. — E você está perdida, não está? Certo, outro maldito telepata como Davis. E com sotaque estrangeiro.

— É, e daí? — ela respondeu. Com grande surpresa ela pegou o nome dele como se fosse uma bola que ele lhe tivesse jogado: Laurent. Ora, um nome elegante, parecia francês.

— Fique aí mesmo, Baby Jenks — ele instruiu. O sotaque também era francês, com certeza. — Havia três nesta casa comunal, e dois foram incinerados. A polícia não consegue distinguir os restos, mas você vai reconhecê-los se pisar neles, e não vai gostar.

Merda! E ele estava falando a verdade, porque havia um bem ali, nos fundos do vestíbulo, sem brincadeira, parecia um monte de roupas meio queimadas, com um vago contorno humano, e realmente ela sabia pelo cheiro que antes havia um cara Morto naquelas roupas, e só tinham sobrado as mangas, as pernas das calças e os sapatos. No meio de tudo havia uma espécie de massa cinzenta, parecia mais gordura e poeira do que cinzas. Engraçado, o modo como a manga da camisa saía de dentro da manga do paletó. Com certeza era um terno com colete. Estava ficando enjoada. A gente vomita quando é Morto? Ela queria sair dali. E se a coisa que tinha feito isso voltasse? Imortal, amarre-lhe uma sineta no pescoço!

— Não se mova — disse o cara Morto. — Vamos embora juntos assim que pudermos.

— Agora mesmo, está bem? — disse ela. Estava tremendo, merda. Era isso que chamavam de suar frio!

Ele tinha encontrado uma latinha e estava tirando dinheiro de dentro dela.

— Ei, bicho, vou cair fora — ela disse. Podia sentir alguma coisa por ali, que nada tinha a ver com aquela mancha gordurosa no chão. Ela estava pensando nas casas comunais incendiadas em Dallas e Oklahoma, o modo como a Gangue das Garras tinha desaparecido. Ele entendeu tudo isso, ela percebeu. O rosto dele ficou suave, bonito outra vez. Jogou a lata no chão e aproximou-se dela tão depressa que ela ficou ainda mais assustada.

— Sim, ma chère — ele falou, em tom bem simpático. — Todas aquelas casas comunais, exatamente. A Costa Leste inteira explodiu como uma série de lâmpadas em curto-circuito. Não recebo resposta da casa comunal de

Paris, nem da de Berlim. Pegou o braço dela enquanto se dirigiam para a porta da frente.

— Merda, quem está fazendo isso? — ela perguntou.

— Merda, quem é que sabe? Cherie, essa coisa destrói as casas, os bares de vampiros, tudo o que encontra. Temos que sair daqui. Ligue a moto. Mas ela não se movera: alguma coisa ali. Ela estava parada na beira da varanda. Alguma coisa. Ela tinha tanto medo de sair quanto de tornar a entrar na casa.

— Que foi? — ele perguntou num sussurro. Que lugar escuro, com aquelas árvores enormes e as casas, todas pareciam mal-assombradas, e ela estava escutando alguma coisa bem baixinho, como... como uma coisa respirando. Algo assim.

— Vamos embora, Baby Jenks!

— Mas para onde? — ela perguntou.

A coisa, fosse o que fosse, era quase um ...

— Para o único lugar aonde podemos ir querida, para o Vampiro Lestat. Ele está lá esperando, ileso!

— É? — disse ela, perscrutando a rua escura. — É, tudo bem, vamos para o Vampiro Lestat. — Apenas dez passos até a moto. Ande, Baby Jenks. Ele estava prestes a partir sem ela. — Não, não faça isso, seu filho da puta, não toque na minha moto!

Mas agora era um som, não era? Baby Jenks nunca tinha ouvido uma coisa assim. Mas ouvem-se muitas coisas quando se é um Morto. Ouve-se um trem a quilômetros de

distância, e pessoas conversando nos aviões lá em cima. O cara Morto ouviu. Não, ele ouviu-a ouvindo!

— Que é? — sussurrou. Poxa, estava assustado. E agora ele também conseguia ouvir.

Puxou-a para que ela descesse os degraus da varanda. Ela tropeçou e quase caiu, mas ele a ergueu e a colocou na moto.

O ruído estava ficando bem alto. Vinha ritmado, como música. E agora estava tão alto que ela não conseguia nem ouvir o que aquele cara Morto estava dizendo. Girou a chave, ligou o motor, o cara Morto subiu para a garupa, merda, o barulho, não dava nem para pensar. Ela nem conseguia ouvir o motor! Olhou para baixo, tentando ver que merda estava acontecendo; estava funcionando, mas ela nem sentir conseguia. Então levantou os olhos e entendeu que estava olhando na direção da coisa que enviava o barulho. Lá na escuridão, atrás das árvores. O cara Morto saltara da moto e falava sem parar com a coisa, como se conseguisse vê-la.

Mas não, estava olhando em volta como um maluco, falando sozinho. Ela não conseguia entender uma palavra.

Apenas sabia que a coisa estava ali, olhando para eles, e o maluco estava desperdiçando o fôlego.

Ela saltou da moto, que tombou. O barulho cessou. Então sentiu uma campainha bem alta em seus ouvidos.

— O que você quiser! — estava dizendo o cara Morto ao lado dela. — Qualquer coisa, é só dizer, nós faremos. Somos seus servos...! — Ele então passou correndo por Baby Jenks, quase a derrubou, e agarrou a moto.

— Ei! — ela gritou e saltou na direção dele, mas nesse mesmo instante ele explodiu em chamas. E deu um berro. E então Baby Jenks berrou também. Berrou e berrou. O cara Morto rolava no chão, em chamas. Atrás dela, a casa comunal explodiu. Ela sentiu nas costas o calor. Viu coisas voando pelo ar. O céu parecia meio-dia.

Ah, meu Jesus, não me deixe morrer!

Por uma fração de segundo pensou que o coração tinha explodido. Pensou em olhar e ver se o peito tinha se despedaçado e o coração estava derramando sangue como lava de um vulcão, mas então o calor cresceu dentro de si e ela foi embora. Estava subindo através de um túnel escuro, e depois flutuando bem alto, olhando para a cena toda. É, exatamente como antes. E lá estava ela, a coisa que os tinha matado, uma figura branca parada num pequeno grupo de árvores. E lá estavam as roupas do cara Morto fumegando na calçada. E o corpo dela própria em chamas. Através das labaredas ela via o contorno escuro de seus próprios ossos. Mas aquilo não a assustava. Nem chegava a ser interessante. Era a figura branca que lhe causava espanto. Parecia uma estátua, como a Virgem Maria da Igreja Católica. Baby Jenks fixou os olhos nos brilhantes fios prateados que pareciam sair da figura em todas as direções, fios feitos de algum tipo de luz dançante. E à medida que se elevava ela via que os fios de prata esticavam-se, misturando-se com outros, formando uma rede gigantesca que envolvia o mundo inteiro. Em toda a rede havia caras Mortos presos como moscas numa teia. Minúsculos pontinhos de luz pulsavam, ligados a figura branca; era quase bonita, aquela visão, se não fosse tão triste.

Ah, pobres almas dos Mortos, aprisionadas na matéria indestrutível incapaz de envelhecer ou morrer!

Mas ela estava livre. A teia agora estava distante. Ela via muitas coisas. Por exemplo, havia milhares e milhares de outras pessoas mortas flutuando lá em cima, numa grande camada cinzenta e nebulosa. Algumas estavam perdidas, outras lutavam entre si, e algumas estavam olhando lá para baixo, para onde morreram, que tristeza, pareciam não saber ou não acreditar que estavam mortas. Havia várias tentando ser vistas e ouvidas pelos vivos, mas não conseguiam fazer isso. Ela sabia que estava morta. Já tinha acontecido antes. Estava apenas passando por aquele tenebroso covil de pessoas tristes: Tinha seu caminho a seguir! E a insignificância da sua vida na terra causava-lhe tristeza. Mas agora isso não era a coisa importante.

A luz estava brilhando de novo, a luz magnífica que ela tinha vislumbrado quando quase tinha morrido naquela primeira vez. Foi para perto dela, para dentro dela. E aquilo era mesmo lindo! Nunca tinha visto cores assim, um brilho assim, nunca tinha ouvido a música pura que estava ouvindo agora. Não havia palavras para descrever aquilo; era além de qualquer linguagem que ela conhecia. E dessa vez ninguém ia levá-la de volta!

Porque a pessoa que vinha em sua direção, para abraçá-la e ajudá-la... era sua mãe! E sua mãe não ia abandoná-la. Nunca sentira um amor como o que sentia pela mãe; então o amor a rodeou; a luz, a cor, o amor — essas coisas eram inteiramente indistinguíveis. Ah, coitada da Baby Jenks, pensou, dando uma última olhada para a terra. Mas agora ela não era Baby Jenks. De jeito nenhum.

3

A DEUSA PANDORA

Antigamente tínhamos as palavras

Boi e Falcão. Arado.

Havia transparência.

Selvagem como chifres curvados.

Vivíamos em aposentos de pedra.

Pendurávamos os cabelos nas janelas

e os homens subiam por eles.

Um jardim atrás das orelhas, os cachos.

Em cada colina um rei

daquela colina. À noite os fios eram arrancados das tapeçarias.

Os homens desmanchados gritavam.

Todas as luas expostas.

Tínhamos as palavras.

STAN RICE de “The words once” — Whiteboy (1976)

Era uma criatura alta, vestida de negro, apenas os olhos descobertos; seus passos eram longos, ela caminhava com velocidade sobre-humana pelo traiçoeiro caminho coberto de neve. Quase clara, essa noite de estrelas minúsculas, muito altas no ar rarefeito do Himalaia, e bem à frente além de seus poderes de medir distâncias erguia-se o flanco enorme e enrugado do Everest, esplendidamente visível acima de uma espessa grinalda de turbulentas nuvens brancas. Ela perdia o fôlego cada vez que olhava para lá, não apenas por ser tão bonito, mas porque era tão intensamente cheio de significado, embora ali não houvesse um significado verdadeiro.

Reverenciar essa montanha? Sim, podia-se fazer isso impunemente, porque a montanha jamais responderia. O vento silvante que congelava sua pele era a voz de nada e de ninguém. E aquela grandiosidade casual e inteiramente indiferente dava-lhe vontade de chorar. O mesmo efeito provocava-lhe a visão dos peregrinos bem abaixo dela, um fino rastro de formigas, parecia, subindo um caminho sinuoso e estreito.

Triste demais, a ilusão deles. No entanto ela ia em direção ao mesmo templo escondido na montanha. Em direção ao mesmo deus desprezível e enganador.

O frio causava-lhe sofrimento. Seu rosto e suas pálpebras, estavam cobertos de neve, que se agarrava aos cílios em minúsculos cristais. E cada passo no vento cortante era difícil até mesmo para ela. Na realidade, nada daquilo poderia causar-lhe dor, ou mesmo a morte; era velha demais para isso. Seu sofrimento era qualquer coisa

mental. Vinha da tremenda resistência dos elementos, vinha de passar horas sem ver coisa alguma exceto a neve inteiramente branca, cegante. Mesmo assim... Algumas noites antes, ela sentira um profundo arrepio de susto, nas ruas apinhadas e fedorentas da velha Deli, e desde então aquilo se repetia a cada hora, como se a terra tivesse começado a tremer em seu cerne.

Em certos momentos, tinha a certeza de que a Mãe e o Pai estavam despertando. Em algum lugar distante, na cripta onde seu amado Marius os tinha colocado, Aqueles Que Devem Ser Preservados finalmente se moviam. Nada menos que tal ressurreição poderia transmitir esse sinal poderoso, embora vago — Akasha e Enkil erguendo-se do trono que compartilhavam, depois de seis mil anos de horrível imobilidade. Mas isso era imaginação, não era? A mesma coisa que pedir a montanha que falasse. Pois para ela eles não eram apenas lendas, os pais imemoriais de todos os bebedores de sangue.

Diferentemente de tantos de seus descendentes, ela os tinha visto com seus próprios olhos. Tinha sido feita imortal a porta do santuário; tinha se esgueirado para dentro de joelhos e tocado na Mãe; tinha perfurado a superfície lisa e brilhante que já fora a pele humana da Mãe e recebido na boca o jorro de sangue da Mãe. Que milagre tinha sido, mesmo então, o sangue vivo jorrando do corpo sem vida antes que as feridas se fechassem miraculosamente. Mas naqueles antigos séculos de crenças magníficas ela compartilhava da convicção de Marius de que a Mãe e o Pai simplesmente dormiam, de que chegaria a hora em que despertariam e novamente falariam com seus filhos.

A luz de velas, ela e Marius haviam cantado hinos a eles; ela própria tinha queimado o incenso, colocado as

flores diante deles; tinha jurado nunca revelar a localização do santuário, para que outros bebedores de sangue não viessem destruir Marius, roubar seus protegidos e banquetear-se gulosamente no sangue primordial e poderosíssimo. Mas aquilo tinha sido muito antes, quando o mundo era dividido em tribos e impérios, quando heróis e imperadores eram feitos deuses em um dia. Naquela época as elegantes idéias filosóficas a encantavam. Agora ela sabia o que significava viver para sempre. Conte a montanha. Perigo. Ela sentiu-o novamente percorrendo-a, uma corrente que queimava. Depois passou, E então um vislumbre de um lugar verde e úmido, um lugar de terra macia e vegetação sufocante. Mas isso desapareceu quase instantaneamente.

Parou, pois a neve iluminada pelo luar cegou-a por um instante, e ergueu os olhos para as estrelas que brilhavam através do velo de uma nuvem que passava. Tentou escutar outras vozes imortais. Mas não ouvia qualquer transmissão clara e importante apenas um fraco pulsar que vinha do templo para onde se dirigia, e muito atrás dela, erguendo-se das tocas escuras de uma cidade suja e super povoada, as gravações eletrônicas, mortas, daquele bebedor de sangue maluco, o “astro do rock”, o Vampiro Lestat.

Estava perdido, aquele impetuoso filhote moderno que ousara fabricar canções truncadas com pedaços de antigas verdades. Ela já vira inúmeros jovens como ele no sucesso e na decadência.

No entanto a audácia dele a intrigava, até mesmo a chocava. Será que o sinal de perigo que ela ouvira estava de alguma forma ligado àquelas canções lamentosas, porém estridentes?

Akasha, Enkil, Escutem seus filhos!

Como ele ousava revelar os nomes antigos ao mundo mortal? Parecia impossível, um insulto à razão, que tal criatura não fosse destruída. No entanto, esse monstro, deleitando-se com uma celebridade improvável, revelara segredos que só poderia ter aprendido com o próprio Marius. E onde estava Marius, que durante dois mil anos tinha levado Aqueles Que Devem Ser Preservados de um santuário secreto para outro? Ela ficaria de coração partido se se deixasse pensar em Marius, nas brigas que, tanto tempo antes, os tinham separado.

Mas a voz gravada de Lestat já tinha desaparecido, engolida por outras vagas vozes elétricas, vibrações que se erguiam de cidades e aldeias, e o grito sempre audível das almas mortais. Como acontecia com tanta frequência, seus ouvidos poderosos não conseguiam separar um sinal único. A maré enchente a submergira — informe, horrível — de modo que ela bloqueou-a. Só o vento, outra vez.

Ah, como devem ser as vozes coletivas da terra para a Mãe e o Pai, cujos poderes tinham crescido inevitavelmente desde a aurora dos tempos conhecidos? Será que tinham o poder, como ela ainda tinha, de bloquear o fluxo, ou escolher de vez em quando as vozes que queriam ouvir? Talvez nesse assunto fossem tão passivos quanto nas outras coisas, e era aquele barulho incontrollável que os mantinha imóveis, incapazes de raciocínio, ouvindo os gritos infinitos, mortais e imortais, do mundo inteiro.

Olhou para o imenso pico a sua frente. Tinha que continuar. Ajustou o pano que lhe cobria o rosto e recomeçou a caminhada. Quando a trilha levou-a a um pequeno promontório, ela finalmente enxergou seu destino. Do outro lado de uma imensa geleira erguia-se o templo, num penhasco alto uma estrutura de uma brancura quase invisível, a torre desaparecendo na neve turbulenta que

começava a cair. Quanto tempo ela levaria para alcançá-lo, mesmo caminhando tão depressa? Sabia o que devia fazer, mas tinha pavor a isso.

Devia erguer os braços, desafiar as leis da natureza e de sua própria razão, e erguer-se acima do abismo que a separava do templo, descendo suavemente quando atingisse o outro lado. Nenhum outro poder fazia com que se sentisse tão insignificante, tão inumana, tão longe do ser terreno e comum que fora uma vez.

Mas queria chegar ao templo. Tinha que chegar. E assim ergueu lentamente os braços, com uma graciosidade consciente. Fechou os olhos por um instante, enquanto usava a força de sua vontade para elevar-se, e sentiu o corpo erguer-se imediatamente, como se não tivesse peso algum, uma força aparentemente inatingida pela substância, cavalcando pela própria vontade do vento. Por um longo momento ela deixou que o vento a atacasse; deixou o corpo girar, vagar. Ergueu-se cada vez mais alto, permitindo-se afastar da terra, as nuvens voando à sua volta, e virou-se para as estrelas. Como as roupas pesavam! Não estaria pronta para tornar-se invisível? Não seria esse o passo seguinte? Um grão de poeira no olho de Deus, pensou. O coração lhe doía. O horror daquilo, de estar completamente desligada... As lágrimas vieram-lhe aos olhos.

E como sempre acontecia em momentos como esse, o passado humano, vago e brilhante ao qual ela se apegava parecia mais que nunca um mito a ser valorizado quando todas as crenças práticas morressem: eu vivi, amei, minha carne era quente. Viu Marius, seu criador, não como ele era agora, mas naquela época, um jovem imortal ardendo com um segredo sobrenatural: — Pandora, minha adorada... Por

favor, me conceda, eu lhe imploro... Pandora, venha comigo pedir a benção da Mãe e do Pai Entre no santuário...

Sem apoio, sem esperança, ela poderia ter esquecido seu destino. Poderia deixar-se vagar à deriva em direção ao sol nascente. Mas o medo voltou, o sinal de Perigo silencioso e pulsante, para lembrar-lhe seu propósito. Ela estendeu os braços, obrigou-se a olhar novamente para a terra e viu o pátio do templo com suas fogueiras ardentes. Sim, ali mesmo.

A velocidade da descida assustou-a e; por um instante, impediu-a de raciocinar. Depois encontrou-se parada no pátio, o corpo doendo por uma fração de segundo, e logo frio e imóvel. O grito do vento estava distante. A música do templo saía através das paredes, um pulsar estonteante, os tambores acompanhando, as vozes fundidas num único som repetitivo e repelente. E diante dos olhos dela havia as piras, que cuspiam e estalavam, os cadáveres escurecendo, empilhados sobre a madeira em chamas. O fedor deixou-a nauseada. No entanto, ficou longo tempo observando as chamas atacando devagar a carne esturricada, os tocos de membros enegrecidos, os cabelos que soltavam súbitas baforadas de fumaça. O cheiro a sufocava; o ar purificador da montanha não a alcançava ali.

Fixou os olhos na distante porta de madeira que dava para o interior do santuário. Teria que testar o poder novamente, a contragosto. Agora: e encontrou-se atravessando a soleira, a porta aberta; a luz do interior cegou-a, com o ar quente e o canto ensurdecedor.

— Azim! Azim! Azim! — cantavam os celebrantes, costas voltadas para ela, apinhados no centro do salão iluminado por velas, mãos erguidas, punhos girando no ritmo do balanço das cabeças.

— Azim! Azim! Azim-Azim-Azim! Aaaa Ziiim!

Dos incensórios saía fumaça; um infinito formigueiro de pessoas girava sem sair do lugar, pés descalços. Mas não a viam; tinham os olhos fechados, os rostos morenos sem expressão; apenas as bocas moviam-se para repetir o nome reverenciado.

Ela abriu caminho entre eles, homens e mulheres em andrajos, outros envoltos em sedas multicores e cintilantes jóias de ouro, todos repetindo a invocação em horrenda monotonia. Ela sentiu cheiro de febre, inanição, corpos mortos esmagados, despercebidos no delírio coletivo. Agarrou-se a uma coluna de mármore, como se a uma ancora no fluxo turbulento de movimento e som. Então viu Azim no meio da multidão. A pele de um bronze escuro, úmida e brilhante a luz das velas; a cabeça envolta num turbante de seda preta; a túnica bordada, longa, manchada com uma mistura de sangue mortal e imortal. Os olhos negros, pintados com kohl, eram enormes. Dançava ao ritmo pesado dos tambores, ondulando, jogando os punhos para frente e puxando-os de volta como se esmurrasse uma parede invisível. Os pés calçados de sandálias batiam no mármore num ritmo frenético. Dos cantos da boca saía sangue. Sua expressão era de absorção completa e irracional. No entanto sabia que ela tinha vindo. Do centro de sua dança encarou-a diretamente, e ela viu os lábios manchados de sangue curvarem-se num sorriso. Pandora, minha linda Pandora imortal.

Estava repleto do banquete, cheio e aquecido como ela raramente vira um imortal ficar. Jogou a cabeça para trás, girou e soltou um grito agudo. Seus acólitos aproximaram-se, golpeando seus pulsos estendidos com as facas cerimoniais. E os fiéis avançaram em torno dele, bocas erguidas para receber o sangue sagrado que jorrava.

O cântico ficou mais alto, mais insistente, acima dos gritos abafados daqueles mais próximos a ele. E de repente ela o viu ser erguido, o corpo estendido nos ombros dos fiéis, sandálias douradas apontando para o teto alto e abobadado, as facas rasgando-lhe os tornozelos e novamente os pulsos, onde os cortes já tinham fechado. A multidão enlouquecida parecia expandir-se, à medida que seus movimentos ficavam cada vez mais frenéticos, corpos malcheirosos batendo de encontro a ela, alheios ao frio e a rigidez dos membros imemoriais sob suas pesadas roupas de lã. Ela não se moveu. Deixou-se rodear. Viu Azim novamente de pé; sangrando, gemendo, feridas já fechadas. Ele acenou para que ela se juntasse a ele; ela recusou silenciosamente.

Observou-o estender a mão e pegar uma vítima, às cegas, ao acaso — uma moça de olhos pintados e argolas de ouro cortando-lhe a garganta frágil. A multidão perdera a forma perfeita das sílabas do cântico, que era agora um simples grito sem palavras que vinha de todas as bocas. Olhos arregalados, como se horrorizado com seu próprio poder, Azim chupou todo o sangue da mulher num único gole profundo, depois jogou o corpo nas pedras a sua frente, onde ele ficou todo retorcido, rodeado pelos fiéis de mãos estendidas em súplica ao seu deus cambaleante. Ela lhe deu as costas e saiu para o ar frio do pátio, afastando-se do calor das fogueiras. Fedor de urina, de fezes. Recostou-se a parede, olhos voltados para cima, pensando na montanha, sem prestar atenção quando os acólitos passaram por ela arrastando os corpos dos últimos mortos, para jogá-los no fogo.

Pensou nos peregrinos que vira no caminho, a comprida fila que dia e noite caminhava lentamente através das montanhas desabitadas até esse lugar sem nome. Quantos morriam sem jamais chegar a este precipício?

Quantos morriam do lado de fora dos portões, esperando ser admitidos? Ela odiava aquilo. No entanto isso não tinha importância. Era um horror imemorial. Esperou. Então Azim chamou-a. Ela virou-se e tornou a atravessar a porta, e depois outra, para uma pequena antecâmara lindamente ornamentada. Com pinturas, onde, de pé sobre um tapete vermelho bordado de rubis, ele esperava em silêncio, rodeado por tesouros, oferendas de ouro e prata, a música no salão mais baixa, cheia de langor e medo.

— Adorada — falou.

Tomou o rosto dela nas mãos e beijou-a. Uma golfada de sangue quente jorrou de sua boca para a dela, e por um instante de êxtase ela sentiu-se repleta do canto e da dança dos fiéis, dos gritos inebriantes. Uma onda de cálida adoração mortal, rendição. Amor. Sim, amor. Por um instante ela vislumbrou Marius. Abriu os olhos e recuou um passo. Por um momento viu as paredes com seus pavões pintados, os lótus; viu as pilhas de ouro brilhante. Depois só viu Azim.

Ele era imutável como a sua gente, imutável como as aldeias de onde tinham vindo, vagando pela neve ao encontro desse final horrível e sem sentido. Mil anos antes, Azim tinha começado a reinar nesse templo de onde fiel algum jamais saíra vivo. Sua macia pele dourada, alimentada por um rio infinito de sangue sacrificial, pouco empalidecera ao longo dos séculos, ao passo que a pele dela tinha perdido seu tom humano em metade desse tempo; apenas os olhos, e talvez os cabelos castanhos, davam-lhe uma aparência superficial de vida. Era bela, sim, sabia disso, mas ele tinha um enorme vigor. Maligno. Irresistível para seus seguidores, envolto em lendas, ele reinava, sem passado ou futuro, incompreensível para ela agora, como sempre fora.

Ela não queria ficar. Aquele lugar a repelia mais do que queria que ele soubesse. Contou-lhe silenciosamente sua intenção, o sinal de perigo que ouvira. Alguma coisa errada em algum lugar, alguma coisa mudando, alguma coisa que nunca tinha acontecido antes! E contou-lhe também sobre o jovem bebedor de sangue que gravava canções na América, canções repletas de verdades sobre a Mãe e o Pai, cujos nomes ele conhecia. Ela simplesmente abriu a mente, sem drama. Observava Azim, sentindo o imenso poder dele, a capacidade de extrair dela todo e qualquer pensamento ou idéia, e de ocultar-lhe os segredos de sua própria mente.

— Santa Pandora! — ele exclamou em tom de escárnio. — Acha que estou me preocupando com a Mãe e o Pai? Que e que eles são para mim? Acha que me importo com o seu precioso Marius? Ele que fique pedindo socorro, para mim não faz diferença.

Ela ficou atônita: Marius pedindo socorro?

Azim riu.

— Explique o que está dizendo — ela pediu.

Ele tomou a rir e deu-lhe as costas. Ela nada podia fazer senão esperar. Marius a tinha feito; o mundo inteiro conseguia ouvir a voz de Marius, menos ela. Seria um eco o que a alcançara, distorcido e vago, de um grito poderoso que os outros tinham ouvido? Conte-me, Azim. Por que fazer de mim uma inimiga? Quando ele tomou a virar-se para ela, estava pensativo, o rosto gorducho com uma aparência humana, enquanto cedia a ela, as costas das mãos carnudas apertadas uma contra a outra sob o úmido lábio inferior. Queria uma coisa dela. Agora não havia escárnio nem maldade.

— É um aviso — contou. — Vem o tempo todo, ecoando através de uma corrente de ouvintes que o trazem de sua origem num lugar distante qualquer: estamos todos em perigo. Em seguida vem um pedido de socorro, mais fraco: que o ajudem, para que ele tente evitar o perigo. Mas esse pedaço não tem muita convicção. É ao aviso que ele quer que prestemos atenção acima de tudo.

— As palavras, quais são?

Ele deu de ombros.

— Nunca ouvi. Não me interessa.

— Ah! Agora foi ela quem lhe deu as costas. Ouviu que ele se aproximava, sentiu as mãos dele em seus ombros.

— Agora você é quem vai responder — disse. Virou-a para que o encarasse. — É o sonho das gêmeas que me preocupa. Que significa?

Sonhos das gêmeas? Ela não sabia a resposta. A pergunta. A pergunta não fazia senti do. Ela nunca tivera esse sonho. Ele a encarava em silêncio, como se achasse que ela mentia. Depois falou bem devagar, observando suas reações cuidadosamente.

— Duas mulheres ruivas. Coisas horríveis acontecem com elas. Elas me aparecem em visões perturbadoras e desagradáveis, pouco antes de abrir os olhos. Vejo essas mulheres estupradas diante de uma corte de espectadores. Porém, não sei quem são ou onde esse crime acontece. E não sou o único a perguntar. Por aí, espalhados pelo mundo, há outros deuses negros que tem esses sonhos e gostariam de saber por que eles estão vindo para nós agora.

Deuses negros! Não somos deuses, ela pensou com desprezo. Ele sorriu. Não estavam ali ouvia os gemidos dos fiéis? Não deles?

— Não sei coisa alguma dessas mulheres — ela afirmou. Gêmeas, ruivas? Não. Tocou suavemente nos dedos dele, quase sedutoramente. — Azim, não me atormente. Quero que me fale de Marius. De onde vem o chamado?

Como o odiava naquele momento, porque ele escondia dela esse segredo!

— De onde? — ele repetiu desafiadoramente. — Ah, aí é que está, não é? Acha que ele ousaria nos mostrar o caminho para o santuário da Mãe e do Pai? Se eu achasse isso, responderia, ah, sim, é verdade. Deixaria meu templo para encontrá-lo, é claro. Mas ele não consegue nos enganar. Preferia ser destruído a revelar o lugar.

— De onde ele está chamando? — ela perguntou pacientemente.

— Esses sonhos! — ele exclamou, a expressão crispando-se de raiva. Os sonhos das gêmeas, é isso que eu quero saber!

— E eu lhe diria quem elas são e o que significam, se soubesse.

Ela pensou nas canções de Lestat, nas palavras que ouvira. Canções sobre Aqueles Que Devem Ser Preservados e sobre criptas subterrâneas, canções de busca, de sofrimento. Nada sobre ruivas, nada.

Furioso, ele acenou para que ela parasse.

— O Vampiro Lestat! — falou em tom zombeteiro. — Não me fale nessa abominação. Por que ele ainda não foi destruído? Os deuses negros estão dormindo, como a Mãe e o Pai?

Ele a observava, raciocinando. Ela esperava.

— Está bem. Acredito em você — ele disse finalmente.

— Contou-me tudo o que sabe.

— Sim.

— Fecho meus ouvidos ao Marius, já lhe disse. Ladrão da Mãe e do Pai, ele que grite por socorro até o final dos tempos. Mas você, Pandora, por você sempre sinto amor, de modo que vou me sujar com essa história. Atravesse o oceano para o Novo Mundo. Procure no norte congelado, depois do ultimo bosque perto do mar oriental. Lá você pode encontrar Marius, preso numa fortaleza de gelo. Ele grita que não consegue se mover. Quanto ao aviso, é fraco mas insistente: estamos em perigo. Temos que ajudá-lo para que ele impeça o perigo. Para que ele possa ir até o Vampiro Lestat.

— Ah, então foi o rapaz quem fez isso!

Um estremecimento percorreu-a, violento e doloroso. Ela viu em pensamento os rostos vazios da Mãe e do Pai, monstros indestrutíveis em forma humana. Confusa, encarou Azim. Ele tinha silenciado, mas ainda não terminara. Esperou que ele continuasse.

— Não — ele disse, a voz mais baixa, sem a pontada de raiva. — Há perigo, Pandora, sim. Um grande perigo, e não é preciso que Marius o anuncie. Tem a ver com as gêmeas ruivas.

Como ele estava sendo honesto, direto!

— Sei disso porque eu já era velho antes de Marius ser feito. As gêmeas, Pandora. Esqueça Marius. E preste atenção nos seus sonhos.

Ela estava sem fala, observando-o. Ele a encarou por um longo momento, e em seguida seus olhos pareceram tornar-se menores e sólidos. Ela podia senti-lo recuar, afastando-se dela e de tudo sobre o que tinham falado. Finalmente ele não a via mais. Ouvia o gemido insistente dos fiéis. Sentiu sede de novo; queria hinos e sangue. Voltou-se para sair do aposento, e então lançou um olhar por cima do ombro.

— Venha comigo, Pandora! Junte-se a mim por uma hora apenas! A voz era pastosa, embriagada. O convite pegou-a desprevenida. Ela pensou no assunto. Havia anos que não procurava aquele prazer delicioso.

Pensou não apenas no próprio sangue, mas na união momentânea com outra alma. E ali estava, de repente, esperando por ela, entre aqueles que tinham subido a cordilheira mais alta da terra para procurar aquela morte. Pensou também na missão a sua frente encontrar Marius — e nos sacrifícios que isso exigiria.

— Venha, adorada.

Ela lhe deu a mão e deixou-se levar para o centro do salão. A intensidade da luz assustou-a; sim, o sangue novamente. O cheiro dos humanos a engolfava, atormentando-a. Os gritos dos fiéis eram ensurdecedores. O estampido dos pés humanos parecia sacudir as paredes pintadas, o teto de ouro cintilante.

O incenso queimava-lhe os olhos. Uma lembrança vaga do santuário, eras antes, de Marius abraçando-a. Azim estava parado a sua frente, removendo seu manto, revelando o rosto dela, os braços nus, a túnica simples de lã preta que ela usava, os longos cabelos castanhos. Ela viu-se refletida em mil pares de olhos mortais.

— A deusa Pandora! — ele gritou, jogando a cabeça para trás.

Os gritos encobriram o ritmo dos tambores. Inúmeras mãos humanas a acariciavam. Os gritos de

“Pandora! Pandora! Pandora!” misturavam-se aos de “Azim!” Um rapaz de pele morena dançava diante dela, a camisa de seda branca grudada ao suor do peito escuro. Os olhos negros, brilhando sob as sobrancelhas escuras, estavam incendiados com o desafio: sou a sua vítima, deusa! De repente ela não conseguia enxergar, aquela luz trêmula e em meio ao barulho, outra coisa senão os olhos, o rosto dele. Abraçou-o, em sua pressa esmagando-lhe as costelas, os dentes cravados profundamente no pescoço. Viva. o sangue jorrava para dentro dela, chegava ao coração e inundava suas câmaras, depois enviava seu calor aos membros gelados. Era além de qualquer recordação aquela sensação gloriosa e o prazer delicioso, o desejo novamente! A morte chocou-a, tirou-lhe o fôlego. Ela sentiu-a passar para dentro do seu cérebro. Ficou cega, a gemer. Então, instantaneamente, a clareza de sua visão paralisou-a. As colunas de mármore eram vivas, e respiravam! Deixou o corpo cair e pegou outro, um rapaz faminto, de peito nú, cuja força a beira da morte enlouqueceu-a.

Quebrou-lhe o pescoço frágil enquanto bebia, ouvindo seu próprio coração expandir-se, sentindo até mesmo a superfície da pele cheia de sangue. Percebeu a cor de suas

mãos antes de fechar os olhos, sim, mãos humanas; a morte foi mais lenta, resistente, cedendo com uma onda de escuridão e som. Viva!

— Pandora! Pandora! Pandora!

Meu Deus, não há justiça, não há um fim? Ficou parada, oscilando para frente e para trás; a sua frente dançavam rostos humanos, discretos e indiscretos. o sangue dentro dela fervia ao inundar cada tecido, cada célula. Viu sua terceira vítima jogar-se sobre ela, braços jovens e finos a rodeá-la, cabelos tão macios, os dele, essa penugem nas costas dos braços, os ossos frágeis, tão leves, como se ela fosse o ser real e eles apenas criaturas da imaginação.

Arrancou metade da cabeça, contemplando os ossos brancos da coluna vertebral partida, depois engolindo a morte instantânea com o violento jorro de sangue da artéria rompida. Mas o coração, queria vê-lo, prová-lo. Dobrou o corpo de costas sobre seu braço direito, os ossos estalando, enquanto com a mão esquerda partia o osso do peito e as costelas, enfiava a mão na cavidade quente e sanguinolenta para arrancar o coração. Ele ainda não estava morto de verdade. E escorregadio, brilhando como uvas molhadas. Os fiéis esmagavam-na enquanto ela o erguia acima da cabeça, apertando-o suavemente para que o suco vivo escorresse por entre seus dedos para dentro da boca aberta. Sim, aquilo, para sempre!

— Deusa! Deusa!

Azim a observava sorrindo. Mas ela não olhou para ele. Olhava para o coração sem sangue, o bagaço.

Deixou-o cair. As mãos brilhavam como mãos vivas, manchadas de sangue. Ela sentia no rosto o calor do

sangue. Uma onda de lembranças a ameaçou, uma onda de visões sem compreensão. Ela a afastou. Dessa vez aquilo não ia escravizá-la. Estendeu a mão para o manto negro. Sentiu-o rodeá-la, quando mãos humanas quentes e solícitas cobriram com a lã macia seus cabelos e a parte inferior do rosto. E ignorando os ardentes gritos do seu nome, virou-se e saiu, machucando acidentalmente os adoradores enlouquecidos que caíam em seu caminho.

Deliciosamente frio, o pátio. Ela baixou levemente a cabeça, respirando um vento errante que atravessou o abismo e soprou as piras antes de levar embora a fumaça acre. O luar era claro e lindo, caindo sobre os picos nevados ao longe. Ela ficou escutando o sangue dentro de si, maravilhando-se, de um modo louco e desesperador, pelo fato de que ele ainda conseguia fortalecê-la, mesmo agora. Triste, cheia de sofrimento, olhou para a bela amplidão nua que rodeava o templo, para as nuvens acima. Como o sangue lhe dava coragem, como lhe dava uma crença momentânea na sabedoria do universo frutos de um ato horrível, imperdoável!

Se a mente não encontra o sentido, então os sentidos o desnudam. Viva para isto, seu patife.

Aproximou-se da pira mais próxima e, cuidando para não queimar a roupa, estendeu as mãos para que o fogo as limpasse, queimasse o sangue, os pedaços de coração. O calor das chamas não se comparava ao calor do sangue dentro dela. Quando finalmente sentiu um pequeno indício de dor, um mínimo sinal de mudança, recuou e olhou para a pele branca e imaculada. Mas tinha que partir agora. Seus pensamentos estavam demasiadamente cheios de raiva, de um novo ressentimento. Marius precisava dela. Perigo. o sinal voltou, mais forte que nunca, porque o sangue tornava-a uma receptora mais poderosa. E não lhe parecia

vir de uma só pessoa. Era uma voz coletiva, o vago brado de um conhecimento coletivo. Ela sentiu medo.

Permitiu que a mente se esvaziasse, enquanto lágrimas toldavam-lhe a visão. Ergueu as mãos, apenas as mãos, delicadamente. E iniciou a subida. Silenciosa, rápida, tão invisível aos olhos mortais, talvez, quanto o próprio vento. Bem acima do templo, seu corpo perfurou uma névoa fina e turbulenta. A intensidade da luz a espantou; em toda parte a brancura brilhante. E abaixo a paisagem franzida de picos de pedra e geleiras cegantes, descendo para a suave escuridão de florestas e vales. De vez em quando punhados de luzes brilhantes, aldeias e cidades. Poderia ficar para sempre contemplando. Não entanto, em questão de segundos uma nuvem ondulante obscureceu tudo. E ela viu-se sozinha com as estrelas.

As estrelas — duras, cintilantes, abraçando-a como se fosse uma delas. Mas na realidade as estrelas não exigiam nada nem ninguém. Sentiu-se aterrorizada. Em seguida uma tristeza profunda, não muito diferente da alegria. Terminadas as lutas. Terminado o sofrimento. Examinando a esplêndida passagem das constelações, ela diminuiu a velocidade da subida e estendeu ambas as mãos para o ocidente. o nascer do sol estava nove horas para trás. E assim, iniciou sua viagem para longe dele, acompanhando a noite em seu caminho para o outro lado do mundo.

A HISTÓRIA DE DANIEL, O FAVORITO DO DEMÔNIO, OU O GAROTO DA ENTREVISTA COM O VAMPIRO

Quem são essas sombras por quem esperamos e acreditamos

que descerão numa noite qualquer em limusines do Céu?

A rosa embora saiba não tem garganta e não pode dizer.

Minha metade mortal ri.

O código e a mensagem não são os mesmos.

E o que é um anjo senão um fantasma travestido?

STAN RICE de “Of heaven” — Body of work (1983)

Era um rapaz alto e magro, de cabelos cinzentos e olhos violeta. Usava uma camiseta cinzenta suja e jeans, e sentia frio no vento gelado que fustigava a Avenida Michigan às cinco horas. Daniel Molloy era o seu nome. Tinha trinta e dois anos, embora parecesse mais jovem, um

eterno estudante, não um homem. Era esse tipo de rosto jovem. Falava baixinho, consigo mesmo, enquanto caminhava:

— Armand, preciso de você. Armand, o show é amanhã. E uma coisa horrível vai acontecer, uma coisa horrível. . .

Estava com fome. Trinta e seis horas tinham se passado desde que se alimentara. Não havia coisa alguma na geladeira do seu quarto de hotel pequeno e sujo, e além disso ele não pudera entrar de manhã porque não tinha pago o aluguel. Difícil lembrar-se de tudo ao mesmo tempo. Então lembrou-se do sonho que vinha tendo, o sonho que lhe chegava todas as vezes que fechava os olhos, e perdeu a vontade de comer. No sonho via as gêmeas. Via o corpo torrado da mulher diante delas, os cabelos queimados, a pele esturricada. O coração jazia brilhante como uma fruta inchada no prato ao lado dela. O cérebro, no outro prato, parecia exatamente um cérebro cozido. Armand sabia disso, tinha que saber. Não era um sonho comum, esse. Alguma coisa a ver com Lestat, definitivamente. E Armand logo viria. Droga, ele estava fraco, delirante. Precisava de alguma coisa, uma bebida, pelo menos. No bolso não havia dinheiro, apenas um cheque velho e amassado de direitos autorais pelo livro Entrevista com o vampiro, que ele “escrevera” sob pseudônimo, doze anos antes.

Outro mundo, aquele, quando era um jovem repórter percorrendo os bares do mundo com seu gravador, tentando fazer com que a escória e os dejetos da noite lhe contassem alguma verdade. Bem, certa noite em São Francisco ele encontrou um magnífico assunto para suas investigações. E a luz da vida comum extinguia-se de repente. Agora ele era uma coisa arruinada, caminhando depressa demais sob o

céu nublado de Chicago em outubro. No domingo anterior estivera em Paris, e na sexta antes disso em Edimburgo. Antes de Edimburgo estivera em Estocolmo, e antes disso não conseguia lembrar-se, o cheque dos direitos autorais o alcançara em Viena, mas ele não sabia quando tinha sido. Em todos aqueles lugares ele assustava os passantes. O Vampiro Lestat tinha uma boa expressão para isso em sua autobiografia: “Um desses mortais enfadonhos que já viram fantasmas...” Sou eu!

Onde estava aquele livro, o Vampiro Lestat? Ah, alguém o tinha roubado do banco do parque esta tarde, quando Daniel dormia. Bem, que fiquem com ele. O próprio Daniel o tinha roubado, e já o lera três vezes.

Mas se o tivesse agora poderia vendê-lo, talvez conseguir o bastante para um cálice de conhaque para aquecê-lo. E qual era o seu valor naquele momento, esse vagabundo friorento e faminto que se arrastava pela Avenida Michigan odiando o vento que o congelava através das roupas usadas e sujas? Dez milhões? Cem milhões? Ele não sabia. Armand saberia.

Quer dinheiro, Daniel? — Vou arranjar para você. É mais simples do que imagina.

Mil e quinhentos quilômetros ao sul, Armand esperava na ilha particular dos dois, que na verdade pertencia apenas a Daniel. Se tivesse ao menos uma moeda, só uma moeda, poderia usá-la num telefone público e dizer a Armand que queria voltar para casa. Desceriam do céu para buscá-lo. Sempre faziam isso. Ou o avião grande com o quarto de dormir de veludo ou o pequeno, com teto baixo e poltronas de couro. Alguém naquela rua lhe emprestaria uma moeda em troca de um vôo grátis para Miami? Provavelmente não.

Armand, agora! Quero estar seguro ao seu lado quando Lestat subir naquele palco amanhã à noite.

Quem descontaria aquele cheque? Ninguém. Eram sete horas e as lojas elegantes da Avenida Michigan já estavam quase todas fechadas, e ele não tinha qualquer identificação, porque sua carteira tinha desaparecido dois dias antes. Tão melancólico, aquele crepúsculo cinzento e nublado de inverno, o céu cheio de nuvens metálicas e baixas. Até as lojas tinham adquirido uma melancolia incomum, com suas rígidas fachadas de mármore ou granito, a riqueza lá dentro brilhando como relíquias arqueológicas atrás dos vidros dos museus. Ele enfiou as mãos nos bolsos para aquecê-las, e inclinou a cabeça quando o vento soprou com mais ferocidade, trazendo o primeiro aguilhão da chuva.

Na verdade estava cagando e andando para o cheque. Não conseguia imaginar-se apertando os botões de um telefone. Nada ali parecia particularmente real, nem mesmo o frio. Só o sonho parecia real, e a sensação de desastre iminente, de que o Vampiro Lestat tinha colocado em movimento alguma coisa que nem ele próprio poderia jamais controlar. Comer restos de lixo se precisar, dormir em qualquer lugar, nem que seja num parque. Nada disso tem importância. Mas ele congelaria se tornasse a dormir ao ar livre, e, além disso, o sonho voltaria. Agora ele vinha toda vez que fechava os olhos. E a cada vez era mais longo, mais detalhado. As gêmeas ruivas eram tão delicadamente lindas! Ele não queria ouvir seus gritos. Na primeira noite, no quarto de hotel, ignorou o assunto: coisa sem sentido. Voltara para a autobiografia de Lestat, de vez em quando erguendo os olhos quando o pequeno televisor em preto e branco passava algum filme de Lestat.

Tinha ficado fascinado com a audácia de Lestat; no entanto o disfarce de astro de rock era bem simples. Olhos penetrantes, pernas magras, porém, fortes, e um sorriso travesso, sim. Mas não dava para distinguir. Ou dava. Ele nunca vira Lestat. Mas era especialista em Armand, não era? Tinha estudado cada detalhe do corpo jovem e do rosto de Armand. Ah, que prazer delicioso tinha sido ler sobre Armand nas páginas de Lestat; perguntando-se o tempo todo se os cortantes insultos e as respeitosas análises de Lestat tinham deixado o próprio Armand furioso. Em muda fascinação Daniel assistiu ao vídeo na MTV retratando Armand como o mestre comunal dos velhos vampiros sob o cemitério de Paris, presidindo rituais satânicos até que o Vampiro Lestat, o iconoclasta do século XVIII, destruiu os Velhos Costumes. Armand deve ter odiado ver sua história particular desnudada em imagens brilhantes, tão mais cruas que a história criteriosamente escrita por Lestat.

Armand, cujos olhos estudavam eternamente os seres vivos a sua volta, recusando-se até a falar dos não-mortos. Mas era impossível que não soubesse. E tudo isso para as multidões como um antropólogo, de volta da selva, vende os segredos da tribo por um lugar na lista dos mais vendidos. Então, deixe que os deuses demoníacos guerreiem uns com os outros. Esse mortal tinha estado no topo da montanha onde eles terçam espadas. E tinha voltado. Tinha sido expulso. Na noite seguinte, o sonho voltara com a nitidez de uma alucinação. Sabia que aquilo não podia ter sido inventado por ele. Nunca vira pessoas como aquelas, jóias feitas de osso e madeira. O sonho voltara três noites depois. Ele estava assistindo a um vídeo de Lestat pela décima quinta vez, quem sabe aquele sobre a Mãe e o Pai egípcios dos vampiros antigos e imóveis, Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Akasha e Enkil,

Somos seus filhos, mas que é que vocês nos dão?

Seu silencio é um presente melhor que a verdade?

E então Daniel sonhou. As gêmeas estavam prestes a começar o banquete. Iam dividir os órgãos nos pratos de barro: uma ficaria com o cérebro, a outra com o coração. Ele acordara com uma sensação de urgência, medo. Alguma coisa terrível ia acontecer, alguma coisa ia acontecer a todos nós... E aquela foi a primeira vez que ele ligou isso a Lestat. Então teve vontade de pegar o telefone. Eram quatro da manhã em Miami. Por que diabos não tinha feito isso? Armand estaria sentado no terraço da mansão, contemplando a incansável frota de barcos brancos indo e vindo da Ilha da Noite.

“Sim, Daniel?” Aquela voz sensual, hipnótica! “Acalme-se e diga onde está, Daniel”.

Mas Daniel não tinha telefonado. Seis meses tinham se passado desde que ele deixara a Ilha da Noite, e dessa vez era para ser para sempre. Renunciara de uma vez por todas ao mundo de tapetes, carrões e aviões particulares, adegas cheias de safras raras e armários repletos de roupas elegantes e a presença calma e poderosa de seu amante imortal, que lhe dera todas as coisas terrenas que ele podia desejar. Mas agora fazia frio e ele não tinha um quarto, nem dinheiro, e estava com medo.

Você sabe onde estou, seu demônio. Sabe o que Lestat fez. E sabe que quero voltar para casa.

Que é que Armand diria? Mas não sei, Daniel. Eu escuto. Tento saber. Não sou Deus, Daniel.

Não tem importância. Venha, Armand. Venha. Está escuro e frio em Chicago. E amanhã a noite o Vampiro

Lestat vai cantar suas canções num palco de São Francisco. E alguma coisa ruim vai acontecer. Este mortal sabe. Sem diminuir o passo, Daniel enfiou a mão dentro da gola da camiseta disforme e tateou o pesado medalhão de ouro que sempre usava — o amuleto, como Armand chamava com sua queda não confessada, porém incontrolável, para o drama — que continha o minúsculo frasco com sangue de Armand. E se ele nunca tivesse provado desse cálice estaria tendo esse sonho, essa visão, esse presságio de tragédia? As pessoas viravam-se para olhar; ele estava falando sozinho outra vez, não estava? E o vento o fazia suspirar alto. Pela primeira vez em todos esses anos sentiu vontade de abrir o medalhão e o frasco, sentir aquele sangue queimar sua língua. Armand, venha!

Ao meio-dia o sonho o visitara em sua forma mais assustadora. Ele estava sentado num banco no pequeno parque perto do Water Tower Place. Alguém tinha largado um jornal ali, e quando o abriu ele viu o anúncio: “Amanhã: o Vampiro Lestat Ao Vivo em São Francisco”. A TV a cabo transmitiria o show às dez horas da noite, horário de Chicago. Que ótimo para aqueles que ainda moravam dentro de casas, podiam pagar o aluguel, tinham eletricidade! Teve vontade de rir daquilo tudo, deliciar-se, divertir-se com tudo, com a surpresa que Lestat fizera a todos. Mas um arrepio o percorreu, transformando-se num choque profundo e perturbador. E se Armand não estiver sabendo? Mas as lojas de discos na Ilha da Noite devem ter o Vampiro Lestat nas vitrines. Deviam estar tocando aquelas canções obsedantes e hipnóticas nos salões elegantes.

Chegara até a ocorrer a Daniel, naquele momento, ir para a Califórnia por conta própria. Certamente poderia fazer um milagre qualquer, pegar seu passaporte no hotel, entrar em qualquer banco usando-o como identificação. Rico, sim, tão rico, esse pobre rapaz mortal. Mas como

podia pensar em algo tão deliberado? O sol estava quente em seu rosto quando ele se deitara no banco. Dobrara o jornal para fazer um travesseiro. Ali estava o sonho que todo esse tempo estivera a espera. Meio-dia no mundo das gêmeas; o sol jorrando na clareira. Silêncio, a não ser os pássaros cantando. E as gêmeas ajoelhadas, imóveis, na poeira. Mulheres tão pálidas, olhos verdes, cabelos longos, ondulados, cor de cobre. Usavam belas roupas, vestidos de linho branco que tinham vindo dos mercados de Nínive, comprados pelos aldeões em honra daquelas bruxas poderosas a quem os espíritos obedeciam. O banquete fúnebre estava pronto. Os tijolos de barro do forno tinham sido derrubados e levados para longe, e o corpo jazia fumegante na pedra, os sucos amarelos escorrendo onde a pele crestada tinha se rompido, uma coisa preta e nua, coberta apenas por folhas cozidas. Aquilo horrorizou Daniel. Mas aquele espetáculo não horrorizava qualquer dos presentes nem as gêmeas, nem os aldeões que se ajoelhavam para ver o banquete começar. Aquele banquete era o direito e o dever das gêmeas. Aquela era a mãe delas, aquele corpo enegrecido em cima da pedra. E o que era humano tinha que ficar com o humano.

Levaria um dia e uma noite para que o banquete fosse consumido, mas todos ficariam vigiando até o final.

Agora uma corrente de excitação perpassa pela multidão em volta da clareira. Uma das gêmeas ergue o prato onde está o cérebro, juntamente com os olhos, e a outra faz um gesto de assentimento e pega o prato que contém o coração. E assim foi feita a divisão. As batidas no tambor aumentam, embora Daniel não consiga ver o instrumento. Lento, ritmado, brutal.

— Que o banquete comece!

Mas então vem o grito terrível, como Daniel sabia que viria: Impeça os soldados. Mas ele não consegue.

Tudo isso aconteceu em algum lugar, disso ele agora tem certeza. Não é um sonho, é uma visão. E ele não está lá. Os soldados invadem a clareira, os aldeões se espalham, as gêmeas largam os pratos e jogam-se sobre o banquete fumegante. Mas isso é loucura! Os soldados afastam-nas sem esforço, a pedra é erguida, o corpo cai, despedaçando-se, e o coração e o cérebro são jogados na terra. As gêmeas gritam sem parar. Mas os aldeões também estão gritando, destruídos pelos soldados enquanto correm. Os mortos e os moribundos atulham as trilhas da montanha. Os olhos da mãe caíram na lama, e, juntamente com o coração e o cérebro, são pisados e esmagados. Uma das gêmeas, braços presos nas costas, clama aos espíritos por vingança. E eles vêm, sem dúvida. É um redemoinho. Mas não é suficiente. Se ao menos acabasse logo... Mas Daniel não consegue acordar.

Tudo quieto. O ar está cheio de fumaça. Nada se ergue ali onde aquelas pessoas viveram durante séculos. Os tijolos de barro estão espalhados, os potes de cerâmica estão quebrados, tudo o que queima foi queimado. Bebês de gargantas cortadas jazem nus no chão, a mercê das moscas. Ninguém vai assar esses corpos, ninguém vai consumir essa carne. Tudo isso vai sumir da raça humana, com todo o seu poder, todo o seu mistério. Os chacais já se aproximam. E os soldados partiram. Onde estão as gêmeas? Ele as ouve chorar, mas não consegue encontrá-las. Uma grande tempestade ruge sobre o caminho estreito que ondula através do vale em direção ao deserto. Os espíritos fazem o trovão. Os espíritos fazem a chuva. Os olhos se abrem.

Chicago, Avenida Michigan ao meio dia. O sonho sumiu como uma luz que se apaga. Ele ficou sentado a tremer e a suar. Um rádio tocava por perto, Lestat cantando, com sua voz obsedante e melancólica, sobre Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Mãe e Pai,

Mantenham seu silencio,

Guardem seus segredos,

Mas aqueles de vocês que tem língua,

Cantem minha canção.

Filhos e filhas

Da escuridão,

Ergam suas vozes,

Façam um coro.

Que o céu nos ouça!

Juntem-se,

Irmãos e irmãs,

Juntem-se a mim!

Ele se levantara e saíra andando. Entrara no Water Tower Place, tão parecido com a Ilha da Noite, com suas grandes lojas, músicas e luzes incessantes, vidros brilhantes. E agora eram quase oito horas e ele estivera andando sem parar, fugindo do sono e do sonho. Estava distante de qualquer música ou luz. Como seria da próxima

vez? Iria descobrir se elas estavam vivas ou mortas? Minhas lindezas, minhas pobres lindezas...

Parou de costas para o vento por um instante, ouvindo sinos tocarem em algum lugar; então avistou um relógio sujo acima de um balcão de uma loja. Sim, Lestat já despertara, na Costa Oeste. Quem estaria com ele? Louis estaria lá? E o show, em pouco mais de vinte e quatro horas! Catástrofe! Armand, por favor! O vento aumentou, empurrando-o alguns passos para trás, fazendo-o estremecer violentamente. As mãos estavam congeladas. Será que já sentira tanto frio antes? Obstinadamente atravessou a Avenida Michigan com a multidão no sinal luminoso e parou diante da vitrine de uma livraria, onde o livro o Vampiro Lestat estava exposto.

Certamente Armand o lera, devorando cada palavra naquela maneira esquisita, horrível, virando página após página sem parar, os olhos voando pelas palavras, até o livro estar terminado, e então o jogando de lado.

Como podia uma criatura ter tanta beleza e ao mesmo tempo inspirar tamanha... Que era? Repulsa? Não, ele nunca sentira repulsa por Armand, tinha que admitir, o que sempre sentia era um desejo intenso e desesperado. Uma mocinha dentro do calor da loja pegou um exemplar do livro de Lestat, depois o encarou através da vidraça.

A respiração dele nublou o vidro a sua frente. Não se preocupe, minha querida, sou um homem rico. Poderia comprar toda essa livraria e dá-la de presente a você. Sou dono e senhor de minha própria ilha, sou o favorito do Demônio e ele satisfaz todos os meus desejos. Quer vir me dar o braço? Já estava escuro havia horas na costa da Flórida. A Ilha da Noite já estaria apinhada de turistas. As lojas, os restaurantes, os bares teriam aberto suas amplas

janelas ao anoitecer, em cinco andares de galerias ricamente acarpetadas. As escadas rolantes prateadas teriam iniciado seu zumbido baixo e vibrante. Daniel fechou os olhos e visualizou as paredes de vidro erguendo-se acima dos terraços no porto. Quase chegava a ouvir os chafarizes, ver os canteiros de tulipas e narcisos eternamente em flor fora de época, ouvir a música hipnótica que pulsava como um coração. E Armand estava provavelmente percorrendo os aposentos pouco iluminados da mansão, a poucos passos dos turistas e dos compradores, no entanto inteiramente separado por portas de aço e paredes brancas um amplo palácio com janelas que iam do teto ao chão e largas sacadas, empoleirado acima da areia branca. Solitária, porém próxima do incessante movimento, a sala enorme de frente para as luzes faiscantes da costa de Miami.

Ou então tinha atravessado uma das muitas portas sem marca e entrado nas galerias públicas. — Para viver e respirar entre mortais — costumava dizer naquele universo seguro e confinado que ele e Daniel tinham criado. Como Armand adorava a brisa cálida do Golfo, a eterna primavera da Ilha da Noite! Nenhuma luz se apagava até o amanhecer.

— Mande alguém me buscar, Armand, preciso de você! Sabe que quer que eu volte para casa.

Naturalmente isso já tinha acontecido muitas vezes. Não eram necessários sonhos estranhos, ou que Lestat reaparecesse, rugindo como Lúcifer em fita e em filme. Durante meses tudo dava certo; Daniel seguia seus impulsos, viajando de uma cidade para outra, percorrendo as calçadas de Nova York, Chicago, Nova Orleans. Então vinha a súbita desintegração; percebia de repente que não tinha se movido da cadeira durante cinco horas. Ou acordava de súbito numa cama suja, assustado, incapaz de recordar o nome da cidade onde estava ou onde estivera

antes. Então o carro ia buscá-lo, depois o avião o levava para casa. Não seria Armand quem provocava isso? De alguma forma ele não levava Daniel a ter aqueles períodos de loucura? Não destruía, com uma mágica maligna qualquer, toda fonte de prazer, todo manancial de sustento, até Daniel alegrar-se ao ver o costureiro motorista vir buscá-lo para levá-lo ao aeroporto, o homem que nunca se chocava com a situação de Daniel, a barba por fazer, as roupas imundas? Quando Daniel finalmente chegava a Ilha da Noite, Armand negava:

— Você voltou para mim porque queria, Daniel — sempre dizia calmamente, o rosto imóvel e radiante, os olhos cheios de amor. — Você agora só tem a mim, Daniel. Sabe disso. A loucura está à espreita lá fora.

— A mesma dança de sempre — Daniel invariavelmente respondia.

E todo aquele luxo, tão embriagador! Camas macias, música, a taça de vinho colocada em sua mão. Os aposentos estavam sempre cheios de flores, a comida que ele desejasse vinha em bandejas de prata. Armand estaria jogado numa enorme poltrona de veludo preto, vendo televisão, Ganimedes em calças e camisa de seda branca, assistindo a noticiários, filmes, os vídeos que fizera de si mesmo, lendo poesia, comédias idiotas, dramas, musicais, filmes mudos.

— Entre, Daniel, sente-se. Não o esperava de volta tão cedo.

— Seu filho da puta — Daniel dizia. — Você queria que eu voltasse, mandou me chamar. Eu não conseguia comer, dormir, nada, só andar e pensar em você. Foi você quem fez isso.

Armand então sorria, às vezes até ria. Tinha uma risada rica, agradável, sempre cheia de gratificação e humor. Quando ria, parecia um mortal.

— Acalme-se, Daniel. Seu coração está disparado. Isso me assusta. — Uma pequena ruga na testa, a voz mais rouca de compaixão. — É só dizer o que deseja, Daniel, e eu conseguirei para você. Por que está sempre fugindo?

— É mentira, seu filho da puta. Confesse que me queria de volta. Você vai me atormentar para sempre, não vai? Depois vai me ver morrer, e vai achar isso interessante, não é? É verdade o que Louis disse: seus escravos mortais, você os observa morrer, eles nada significam. Vai ficar observando as cores mudarem no meu rosto quando eu estiver morrendo.

— Isto é conversa de Louis — Armand dizia pacientemente. — Por favor não me cite aquele livro. Prefiro morrer a ver você morrer, Daniel.

— Então dê-a para mim! Maldito! A imortalidade tão perto, à distância de um abraço!

— Não, Daniel, porque também prefiro morrer a fazer isso.

Porém mesmo se Armand não provocasse aquela loucura que trazia Daniel para casa, certamente sempre sabia onde ele estava. Conseguia ouvir o chamado de Daniel. O sangue os unia, tinha que unir os pequenos e preciosos goles de sangue ardente e sobrenatural. Nunca mais do que o suficiente para despertar sonhos em Daniel, e a sede de eternidade, fazer as flores do papel de parede dançarem e cantarem. Fosse como fosse, Armand sempre podia encontrá-lo, disso ele não tinha dúvida.

No princípio, mesmo antes da troca de sangue, Armand perseguira Daniel com a astúcia de uma harpia.

Não havia lugar na terra em que Daniel pudesse esconder-se. Aterrador, mas instigante, o começo dos dois em Nova Orleans, doze anos antes, quando Daniel entrara numa casa velha no Garden District e soubera imediatamente que ali era o covil do vampiro Lestat. Dez dias antes ele partira de São Francisco depois de sua entrevista, que durara a noite inteira, com o vampiro Louis, sofrendo os efeitos da confirmação definitiva da apavorante história que ouvira: num súbito abraço, Louis tinha demonstrado seu poder sobrenatural ao beber o sangue de Daniel quase até matá-lo. As dentadas tinham desaparecido, mas a lembrança deixara Daniel próximo à loucura. Febril, às vezes delirante, ele não conseguia viajar mais que algumas centenas de quilômetros por dia. Em motéis baratos de beira de estrada, onde era forçado a alimentar-se, duplicou uma a uma as fitas gravadas da entrevista, mandando as cópias para uma editora em Nova York, de modo que o livro estava sendo feito bem antes que ele batesse a porta de Lestat. Mas isso tinha sido secundário, a publicação — um acontecimento ligado aos valores de um mundo distante e apagado.

Tinha que encontrar o Vampiro Lestat. Tinha que descobrir o imortal que fizera Louis, o único que ainda sobrevivia em algum lugar daquela cidade úmida, decadente e bela, esperando talvez que Daniel o despertasse, o trouxesse para dentro desse século que o aterrorizava e o forçava a esconder-se. Era o que Louis queria, com certeza. Por que outra razão teria dado a esse emissário mortal tantas pistas do lugar onde Lestat poderia ser encontrado? No entanto, alguns dos detalhes eram enganosos. Seria isso uma ambivalência de Louis? No fim das contas não tinha importância. No cartório Daniel

encontrara a escritura da propriedade e o número da rua, sob o nome inconfundível: Lestat de Lioncourt.

O portão de ferro nem mesmo estava trancado, e, tendo aberto caminho através da vegetação cerrada do jardim, ele conseguira facilmente arrebentar a fechadura enferrujada da porta da frente. Apenas uma pequena lanterna de bolso ajudava-o. Mas a lua estava alta, jogando sua luz branca em manchas através dos ramos dos carvalhos. Ele vira claramente as pilhas de livros que iam até o teto, formando as próprias paredes dos aposentos. Nenhum humano conseguiria ou desejaria fazer uma coisa assim tão metódica e insana. E então, no quarto do andar superior, ajoelhado na poeira espessa que cobria o tapete apodrecido, ele tinha encontrado o relógio de bolso de ouro, onde estava escrito o nome de Lestat. Ah, aquele momento aterrador em que o pêndulo afastou-se da loucura crescente em direção a uma nova paixão — Daniel iria procurar até os confins da terra aqueles seres pálidos e mortais cuja existência ele apenas vislumbrara!

Que é que desejava nessa época? Será que tinha esperança de possuir os esplêndidos segredos da própria vida? Certamente não ganharia com esse conhecimento qualquer propósito para uma existência já repleta de desilusão. Não, queria ser afastado de tudo aquilo que já amara. Ansiava pelo mundo violento e sensual de Louis. O Mal. Ele já não tinha medo. Talvez fosse como o explorador perdido que, atravessando a selva, de repente a vista a sua frente à parede do templo lendário, seus entalhes encobertos por trepadeiras e teias de aranha; não importava que ele talvez não sobrevivesse para contar a história: tinha contemplado a verdade com seus próprios olhos. Se ao menos pudesse abrir um pouquinho mais a porta, ver toda a magnificência! Se ao menos o deixassem

entrar! Talvez desejasse apenas viver para sempre. Alguém poderia culpá-lo por isso?

Sentira-se bem e seguro, sozinho nas ruínas da velha casa de Lestat, com as roseiras silvestres agarrando-se a janela quebrada e a cama de dossel apenas um esqueleto, suas cortinas apodrecidas. Perto deles, perto de sua preciosa escuridão, sua linda e devoradora melancolia. As cadeiras mofadas com seus pedaços de entalhes, seus farrapos de veludo e as coisas rastejantes que comiam o resto do tapete como ele tinha amado a desesperança daquilo tudo. Mas a relíquia, ah, a relíquia era tudo, o brilhante relógio de ouro que tinha o nome de um imortal! Depois de algum tempo ele abriu o armário; os fraques negros desmanchavam-se quando ele os tocava. Botas estragadas jaziam nas prateleiras de cedro. Mas, Lestat, você está aqui. Ele preparara o gravador, colocara a primeira fita, sentara-se e deixara a voz de Louis erguer-se suavemente no quarto ensombrecido. As fitas tocaram durante horas a fio. Então pouco antes do amanhecer ele vira a figura no vestíbulo, e entendera que fora proposital. E vira a lua iluminar o rosto infantil, os cabelos louros. A terra estremeceu, a escuridão desceu. A última palavra que pronunciara tinha sido o nome de Armand. Devia ter morrido então. Teria sido um capricho que o mantivera vivo? Tinha despertado num porão escuro e úmido. Escorria água das paredes. Tateando na escuridão, descobrira uma janela tapada com tijolos, uma porta trancada, forrada de aço.

E aquele era seu consolo: ter encontrado outro deus do panteão secreto: Armand, o mais antigo dos imortais, a quem Louis tinha descrito; Armand, o mestre comunal do Teatro dos Vampiros de Paris, no século XIX, que confiara a Louis seu terrível segredo: de nossas origens nada se sabe. Durante três dias e três noites, talvez, Daniel ficara aprisionado. Impossível dizer ao certo. Ele estivera perto da

morte; o cheiro de sua própria urina dava-lhe náuseas, os insetos o atormentavam. No entanto, sentia um fervor religioso.

Chegara bem perto das verdades escuras e pulsantes que Louis revelara. Perdendo intermitentemente a consciência, ele sonhara com Louis. Louis falando com ele naquele quartinho sujo em São Francisco, sempre houve coisas como nós, sempre; Louis abraçando-o, os olhos verdes escurecendo de repente quando mostrou a Daniel os caninos de vampiro.

Na quarta noite, Daniel despertou e soube imediatamente que havia alguém ou alguma coisa ali com ele.

A porta estava aberta para um corredor. Em algum lugar a água fluía com rapidez, como se num esgoto subterrâneo. Lentamente seus olhos acostumaram-se a luz esverdeada que vinha da porta e então ele viu a figura pálida, de pele branca, parada junto à parede. Tão imaculados o terno escuro, a camisa branca engomada — como a imitação de um homem do século XX. E os cabelos louros cortados curtos, as unhas brilhando até mesmo na semi-escuridão. Como um cadáver pronto para o caixão — assim asséptico e bem preparado. A voz era suave, com um leve sotaque. Não europeu; alguma coisa mais aguda, porém ao mesmo tempo mais suave. Árabe ou grego, talvez. Esse tipo de entonação. As palavras eram lentas e isentas de raiva.

— Saia. Leve suas fitas. Estão ao seu lado. Conheço seu livro. Ninguém vai acreditar nele. Agora vá e leve suas coisas.

— Então você não vai me matar. E também não vai fazer de mim um dos seus.

Pensamentos estúpidos, desesperados, mas ele não conseguia impedi-los. Tinha visto o poder! Não havia ali nenhuma mentira, nenhuma vigarice. E ele se pusera a chorar enfraquecido pelo medo e pela fome, reduzido a uma criança.

— Fazer de você um de nós? — o sotaque ficara mais forte, dando uma bela entonação às palavras. — Por que faria isso? — Os olhos se apertaram. Não faço isso àqueles a quem desprezo, àqueles, que não me importo de ver queimando no inferno. Então por que deveria fazer a um tolo inocente como você?

— Eu quero. Quero viver para sempre.

Daniel sentou-se e depois ficou de pé lentamente, esforçando-se para ver Armand mais claramente. Uma lâmpada fraca ardia em algum lugar no final do corredor. Quero estar com Louis e com você.

Uma risada. Baixa, suave. Mas zombeteira.

— Entendo por que ele escolheu você como confidente. Você é belo e ingênuo. Mas a beleza podia ser a única razão, sabe?

Silencio.

— Seus olhos têm uma cor estranha, quase violeta. E você é estranhamente desafiador e suplicante ao mesmo tempo.

— Faça-me imortal! Conceda-me a eternidade!

Outra risada. Quase triste. E então silêncio, a água correndo rápida em algum lugar distante. O aposento tornara-se visível, um porão imundo. E a figura tornara-se mais parecida com um mortal. Havia até um leve tom rosado na pele lisa.

— Tudo o que ele lhe contou é verdade. Mas ninguém vai acreditar. E você vai terminar enlouquecendo por saber disso. É o que sempre acontece. Mas ainda não está louco.

— Não. Isto é real, está acontecendo. Você é Armand e estamos conversando. E não estou louco.

— É verdade. E acho isso bastante interessante... Que você saiba o meu nome e que seja um vivo. Nunca contei meu nome a uma pessoa viva. — Armand hesitou. — Não quero matá-lo. Não agora.

Daniel sentira o primeiro toque de medo. Se alguém olhasse atentamente para esses seres, poderia ver o que eram. Tinha sido a mesma coisa com Louis. Não, não eram vivos. Eram medonhas imitações dos vivos. E aquele ali, aquele manequim de rapaz!

— Vou deixar você sair daqui — Armand dissera. Com delicadeza. — Quero segui-lo, vigiá-lo, ver aonde vai. Enquanto achá-lo interessante, não vou matá-lo. Claro que posso perder todo o interesse e não me dar ao trabalho de matá-lo. Isso é sempre possível. Você pode ter essa esperança. E talvez com sorte eu o perca. Tenho minhas limitações, naturalmente. Você tem o mundo inteiro para ir, e pode movimentar-se durante o dia. Agora vá. Comece a correr. Quero ver o que faz, quero saber quem você é. Agora vá, comece a correr!

Ele pegara o primeiro avião para Lisboa, o relógio de ouro de Lestat apertado em sua mão. No entanto, duas

noites depois, em Madri, virara-se e se deparara com Armand sentado a seu lado no banco do ônibus, a poucos centímetros dele. Uma semana depois, em Viena, olhara pela janela de um café e vira Armand vigiando-o da rua. Em Berlim, Armand entrara num táxi ao lado dele e ficara ali a encará-lo, até que finalmente Daniel saltara para o meio do trânsito e fugira correndo. Ao longo dos meses, porém, aqueles assustadores confrontos silenciosos tinham dado lugar a ataques mais fortes. Despertara num quarto de hotel em Praga e encontrara Armand de pé a seu lado, enlouquecido, violento.

— Fale comigo agora! Eu exijo! Acorde. Quero que converse comigo, me mostre coisas nessa cidade. Por que veio especialmente para cá?

Viajando num trem pela Suíça, ele ergueu os olhos de repente e viu Armand sentado a sua frente, observando-o por cima da gola erguida do sobretudo forrado de pele. Armand arrancara o livro de suas mãos e insistira que ele explicasse o que era, por que o lia, o que significava a figura na capa. Em Paris, Armand o perseguira todas as noites pelos bulevares e pelos becos, de vez em quando interrogando-o a respeito dos lugares aonde ia, as coisas que fazia. Em Veneza, olhou pela janela de seu quarto e viu Armand encarando-o de uma janela do outro lado da rua. Então passaram-se semanas sem uma visita, Daniel hesitava entre o terror e uma estranha expectativa, novamente duvidando de sua própria sanidade. Mas lá estava Armand, esperando por ele no aeroporto de Nova York. E na noite seguinte, em Boston, Armand estava no restaurante do Copley quando Daniel entrou. O jantar de Daniel já estava encomendado. Por favor, sente-se Daniel

— Sabia que Entrevista com o vampiro já estava nas livrarias?

— Devo confessar que gosto dessa pequena notoriedade — Armand dissera, com uma sutil delicadeza e um sorriso mau. — O que me espanta é você não desejar a fama. Não se colocou como “autor”, o que significa que é muito modesto ou muito covarde. Qualquer das duas explicações seria monótona demais.

— Não estou com fome, vamos sair daqui — Daniel respondera debilmente. Mas prato após prato era colocado na mesa; todos reparavam.

— Não sabia o que você queria — Armand confidenciou, o sorriso tomando-se absolutamente extático. — De modo que pedi tudo o que tinham.

— Acha que pode me enlouquecer, não acha? — zombara Daniel. — Bem, não pode, não. Vou lhe dizer uma coisa: cada vez que ponho os olhos em você, vejo que não o inventei, e que sou são!

E pusera-se a comer furiosamente — um pouco de peixe, um bifinho, um pouco de vitela, um pedaço de pão doce, um pouquinho de queijo, um pouquinho de todas as coisas, tudo misturado, que importava! E Armand ficara tão feliz, rindo como um garotinho, enquanto o observava, de braços cruzados. Era a primeira vez que Daniel ouvia aquela risada suave, sedosa. Tão sedutora. Ele embebedou-se o mais depressa que conseguiu. Os encontros ficaram cada vez mais compridos. As conversas, as discussões e as brigas tornaram-se regra. Uma vez Armand arrastou Daniel para fora da cama em Nova Orleans e gritou com ele:

— Pegue o telefone, quero que ligue para Paris, quero ver você falar com Paris.

— Merda, ligue você — Daniel rugira de volta. — Tem quinhentos anos de idade e não sabe usar um telefone? Leia

as instruções. Afinal, você é um mortal idiota? Não vou fazer isso!

Como Armand ficara surpreso!

— Está bem, vou ligar para Paris. Mas você paga a conta. — Naturalmente — Armand respondera inocentemente. Então tirara do bolso dezenas de notas de cem dólares, jogando-as sobre a cama de Daniel.

Cada vez mais discutiam filosofia em seus encontros. Puxando Daniel para fora de um teatro em Roma, Armand perguntara: o que Daniel achava que a morte era realmente? As pessoas que ainda viviam sabiam essas coisas! Daniel sabia o que Armand realmente temia? Como era mais de meia-noite e exausto, dormindo a sono solto não o encontrara, não quis saber.

— Vou lhe contar o que temo — Armand dissera, com o tom intenso de um jovem estudante. — Que depois da morte haja o caos, que ela seja um sonho do qual não se pode acordar. Imagine, vagar meio consciente, meio inconsciente, tentando em vão recordar quem ou o que você era. Imagine, desejar eternamente a claridade perdida dos vivos...

Aquilo assustara Daniel. Alguma coisa ali soava verdadeira. Não havia histórias de médiuns conversando com presenças incoerentes, embora poderosas? Ele não sabia. Como diabos poderia saber?

Talvez depois da morte não houvesse coisa alguma. Aquilo aterrorizava Armand, que não fazia qualquer esforço para ocultá-lo.

— E acha que isso também não me aterroriza? — Daniel perguntara, encarando a figura de rosto pálido. —

Quantos anos ainda tenho de vida? Você consegue saber só de olhar para mim? Diga-me.

Quando Armand acordou-o em Port-au-Prince, era sobre a guerra que queria conversar. O que os homens deste século pensavam realmente sobre a guerra? Daniel sabia que Armand era garoto quando tudo isso começou para ele? Dezesete anos, e naquela época isso era muito jovem, muito jovem. Os rapazes de dezesete anos no século XX eram verdadeiros monstros, tinham barba, cabelos no peito, no entanto eram crianças. Naquela época, não. No entanto as crianças trabalhavam como homens. Mas não vamos perder o fio. O caso era que Armand não sabia o que os homens sentiam. Nunca sentira. Ora, naturalmente conhecera os prazeres da carne, pois isso era comum. Ninguém então pensava que as crianças eram inocentes de prazeres sensuais. Mas sabia pouco sobre a verdadeira agressividade. Matava porque era sua natureza como vampiro; e o sangue era irresistível. Mas por que os homens achavam a guerra irresistível? O que era o desejo de enfrentar violentamente à vontade de outrem com armas? O que era a necessidade física de destruição?

Nessas ocasiões Daniel fazia o possível para responder: para alguns homens era a necessidade de afirmar sua própria existência através da destruição do outro. Certamente Armand conhecia essas coisas.

— Conhecer? Conhecer? De que adianta conhecer sem compreender? — Armand perguntara, o sotaque insolitamente carregado por causa da sua agitação. — Se não se pode ir de uma percepção para outra? É isso que não consigo fazer, não entende?

Quando encontrou Daniel em Frankfurt, era a natureza da história, a impossibilidade de escrever uma explicação

coerente para os acontecimentos que não fosse ela própria uma mentira. A impossibilidade da verdade ser respeitada em generalizações, e a impossibilidade de aprender sem elas. De vez em quando esses confrontos não tinham sido inteiramente egoístas.

Numa hospedaria no interior da Inglaterra, Daniel acordou com o som da voz de Armand avisando-o para sair imediatamente. Um incêndio destruiu a hospedaria em menos de uma hora.

Em outra ocasião ele estava na cadeia em Nova York, preso por bebedeira e vagabundagem, quando Armand apareceu para pagar-lhe à fiança, com aparência inteiramente humana, como sempre acontecia depois que se alimentava. Um jovem advogado de sobretudo de tweed e calças de flanela que acompanhou Daniel até um quarto no Carlyle e deixou-o lá adormecido, com uma mala cheia de roupas novas e uma carteira cheia de dinheiro escondida num bolso. Finalmente, depois de um ano e meio dessa loucura, Daniel começou a interrogar Armand. Como tinham sido na realidade aqueles dias antigos em Veneza? Veja esse filme, passado no século XVIII, e diga-me o que está errado nele. Mas Armand ficava notavelmente reticente.

— Não posso lhe dizer essas coisas porque não tenho experiência delas. Entende, tenho tão pouca capacidade de sintetizar o conhecimento! Lido com o imediato com uma fria intensidade. Como era a vida em Paris? Pergunte-me se choveu na noite de sábado, 5 de julho de 1793. Talvez eu possa responder.

No entanto, em outras ocasiões ele falava em rajadas rápidas sobre as coisas ao seu redor, sobre a sinistra e espalhafatosa assepsia desta era, sobre a horrenda aceleração das mudanças.

— Veja as tremendas invenções que se tornaram inúteis ou obsoletas no mesmo século: o barco a vapor, as ferrovias. Sabe o que significaram; depois de seis mil anos de escravos remadores e homens a cavalo? E agora a prostituta compra um produto químico para matar a semente dos amantes, e vive até os setenta e cinco anos num quarto cheio de aparelhos que refrigeram o ar e literalmente comem a poeira. No entanto, apesar de todos os filmes de época e os romances históricos que estão por toda parte, o público não tem uma lembrança acurada de coisa alguma; cada problema social é observado em relação à “normas” que na realidade nunca existiram; as pessoas se sentem “privadas” de conforto e paz, coisas que na verdade nunca foram comuns entre os povos de qualquer lugar.

— Mas Veneza na sua época, conte-me...

— Contar o quê? Que era suja? Que era linda? As pessoas andavam em farrapos, tinham dentes podres e hálitos fedorentos, e riam nas execuções públicas. Quer saber a principal diferença? Nesta época de agora existe uma horrível solidão. Não, escute. Naquela época morávamos seis ou sete em cada quarto, quando eu ainda era um dos vivos. As ruas das cidades eram mares humanos; e agora, nestes prédios altos, almas ignorantes vivem em luxuosa privacidade, contemplando através da janela de uma televisão o mundo distante onde se beija e se toca. Ficar sozinho assim deveria criar algum grande fundo de conhecimento coletivo, algum novo nível de consciência humana, um curioso ceticismo.

Daniel ficava fascinado, às vezes tentava escrever as coisas que Armand lhe dizia. No entanto Armand continuava a assustá-lo. Daniel estava sempre em fuga.

Não tinha certeza de quanto tempo se passara antes que parasse de fugir, embora a noite em si fosse impossível esquecer. Talvez quatro anos tivessem decorrido desde que o jogo começara. Daniel passara um longo e calmo inverno no sul da Itália, durante o qual não encontrara sequer uma vez seu demônio familiar.

Num quarto de um hotel barato a meio quarteirão das ruínas da antiga Pompéia, ele passava ali horas lendo, escrevendo, tentando definir o que seu vislumbre do sobrenatural lhe fizera, e como tinha que aprender novamente a desejar, imaginar, sonhar. A imortalidade nesta terra era realmente possível isso ele sabia sem qualquer dúvida. Mas que diferença fazia, se a imortalidade não estava ao seu alcance? Durante o dia, caminhava pelas ruas esburacadas das ruínas romanas. E quando a lua estava cheia ele fazia a mesma coisa também à noite. Parecia que a sanidade lhe voltara. E a vida logo poderia voltar também. As folhas verdes tinham um cheiro fresco quando ele as esmagava entre os dedos. Olhava para as estrelas e não sentia raiva, e sim tristeza. No entanto, em outras ocasiões, ansiava por Armand como por um elixir sem o qual não poderia continuar. A negra energia que o incendiara durante quatro anos agora estava ausente. Sonhava que Armand estava ao seu lado; acordava chorando estupidamente. Então chegava a manhã e ele ficava triste, porém calmo. Então Armand voltou. Era tarde, talvez dez horas da noite, e o céu, como acontece com tanta frequência no sul da Itália, ostentava um brilhante azul-escuro. Daniel estivera caminhando sozinho pela comprida estrada que leva de Pompéia a Vila dos Mistérios, esperando que não surgisse um guarda para expulsá-lo.

Assim que chegou na casa antiga, sentiu a imobilidade. Nenhum guarda. Nenhum ser vivo. Apenas a aparição silenciosa e súbita de Armand diante da porta.

Novamente Armand. Aparecera silenciosamente das sombras para o luar, um rapaz de jeans sujos e jaqueta de brim muito usada; tinha abraçado Daniel e beijado seu rosto com suavidade. Uma pele tão quente, repleta do sangue fresco da matança. Daniel imaginou que conseguia sentir o cheiro do perfume dos vivos ainda preso a Armand.

— Quer entrar nesta casa? — Armand sussurrara. Fechaduras jamais foram empecilho para Armand.

Daniel estava tremendo, a beira das lágrimas. E por que? Tão bom vê-lo, tocá-lo, ah, maldito! Entraram para os aposentos escuros, de teto baixo, a pressão do braço de Armand nas costas de Daniel estranhamente apaziguante. Ah, sim, essa intimidade, porque é isso mesmo, não é? Você, meu secreto... Secreto amante. Sim.

Então Daniel compreendera, parado ali com Armand na sala de jantar em ruínas, com seu famoso mural da flagelação ritual apenas visível na penumbra: afinal ele não vai me matar. Não vai fazer isso. É claro que não vai me fazer o que ele é, mas, também não vai me matar. A dança não vai terminar assim.

— Mas como você podia não saber uma coisa como essa? — perguntara Armand, lendo-lhe os pensamentos. — Amo você. Se não tivesse passado a amá-lo, já o teria matado, é claro. O luar entrava pelas treliças de madeira. As opulentas figuras dos murais criaram vida contra seu fundo vermelho, a cor de sangue seco. Daniel encarou intensamente a criatura a sua frente, aquela coisa que parecia humana e soava humana mas não era. Sentiu uma horrível alteração na sua percepção: viu aquele ser como um enorme inseto, um predador monstruoso e mau que tinha devorado um milhão de vidas humanas. No entanto amava aquela coisa.

Amava a pele branca e macia, os grandes olhos castanhos. Amava-o não porque ele parecia um rapaz simpático e delicado, mas sim porque era horrível, terrível e detestável, e lindo, tudo ao mesmo tempo. Amava como as pessoas amam o mal, porque isso as excita até o fundo da alma. Imagine, matar assim, tirar uma vida no momento que desejar, simplesmente matar, enfiar os dentes em outro e tirar tudo o que o outro pode oferecer...

As roupas que ele usava, camisa de algodão azul, jaqueta de brim com botões de metal — onde tinha arranjado aquilo? Com uma vítima, sim; era como pegar a faca e escalar a vítima ainda quente. Não era de se estranhar que as roupas cheirassem a sal e sangue. E os cabelos cortados como se não fossem crescer em vinte e quatro horas até seu tamanho normal, a altura dos ombros. Isso é ruim. Isso é ilusão. Isso é o que quero ser, e por isso não suporto olhar para ele.

Os lábios de Armand moveram-se num sorriso suave, meio oculto. E então seus olhos nublaram-se e se fecharam. Ele inclinara-se para Daniel e pressionara os lábios contra o pescoço do rapaz. E mais uma vez, como naquele quartinho na Rua Divisadero em São Francisco com o vampiro Louis, Daniel sentiu dentes aguçados perfurarem a superfície de sua pele. Uma dor súbita e um calor latejante.

— Está me matando, finalmente? — Ficou tonto, incendiado, cheio de amor. — Sim, faça isso.

Mas Armand bebera apenas algumas gotas. Soltara Daniel e apertara-lhe suavemente os ombros, forçando-o a ajoelhar-se. Daniel erguera os olhos e vira o sangue fluindo do pulso de Armand. Grandes choques elétricos percorreram-no ao sentir o gosto daquele sangue. Por um instante parecia que a cidade de Pompéia estava cheia de

sussurros, gritos, uma impressão vaga e latejante de sofrimento e morte muito antigos. Milhares morrendo nas cinzas e na fumaça. Milhares morrendo juntos. Juntos. Daniel agarrara-se a Armand. Mas o sangue desaparecera. Apenas um gostinho — mais nada.

— Você é meu, menino lindo — dissera Armand.

Na manhã seguinte, quando acordou numa cama no Excelsior em Roma, Daniel sabia que nunca mais fugiria de Armand. Menos de uma hora depois do crepúsculo Armand apareceu. Iriam para Londres, o carro estava esperando para levá-los ao avião. Mas havia tempo suficiente — não havia? — para outro abraço, outra pequena troca de sangue.

— Aqui da minha garganta — dissera Armand, aninhando a cabeça de Daniel em sua mão. Um pulsar fraco e silencioso. A luz das lâmpadas intensificou-se, expandiu-se, obliterou o aposento. Amantes. Sim, tinha virado um romance extático e absorvente.

— Você vai ser o meu professor — dissera-lhe Armand. — Vai me ensinar tudo sobre este século. Estou aprendendo segredos que me escapavam desde o início. Vai dormir quando o sol nascer, se quiser, mas as noites são minhas.

Mergulharam ao próprio centro da vida. Armand era um gênio da dissimulação e quando matava no início da noite conseguia passar por humano em qualquer lugar. Nas primeiras horas sua pele queimava de tão quente, seu rosto era cheio de apaixonada curiosidade, seus abraços eram rápidos e febris. Seria preciso ser imortal para conseguir acompanhar-lhe o ritmo. Daniel cochilava em concertos e óperas, ou durante as centenas de filmes a que Armand o arrastava para assistir. Havia também as festas

intermináveis, as barulhentas reuniões desde Chelsea até Mayfair, onde Armand discutia política e filosofia com estudantes, mulheres da moda ou qualquer pessoa que lhe desse a menor chance. Seus olhos ficavam úmidos de entusiasmo, a voz perdia sua ressonância sobrenatural e tomava o ácido sotaque humano dos outros rapazes presentes. Roupas de todos os tipos o fascinavam, não por sua beleza, mas pelo que ele achava que significavam. Usava jeans e camisetas como Daniel; usava suéter de tricô e sapatos de operário, jaquetas de couro e óculos espelhados no alto da cabeça. Usava ternos sob medida, e smokings, e casaca quando tinha vontade; os cabelos numa noite eram cortados curtos, como qualquer rapaz de Cambridge, e no dia seguinte ficavam longos, cacheados, angelicais.

Parecia-lhe que ele e Daniel estavam sempre subindo quatro andares de escadas mal iluminadas para visitar algum pintor, escultor ou fotógrafo, ou para ver algum filme especial, nunca lançado, porém revolucionário. Passavam horas em apartamentos baratos de mocinhas de olhos escuros que tocavam rock e faziam chás de ervas que Armand nunca bebia. Homens e mulheres apaixonavam-se por Armand, naturalmente — “tão inocente, tão apaixonado, tão brilhante!” É mesmo? Na verdade, o poder de sedução de Armand quase lhe escapava ao controle, e era Daniel quem devia dormir com aqueles infelizes, se Armand conseguisse armar a situação, enquanto este assistia sentado numa cadeira, um Cupido de olhos escuros com um terno sorriso de aprovação. Era tórrida, perturbadora, aquela paixão testemunhada, Daniel usando o outro corpo com um abandono ainda maior, excitado pelo duplo propósito de cada gesto íntimo. No entanto, depois ficava deitado, vazio, olhos fixos em Armand, ressentido, frio.

Em Nova York foram a vernissages em museus, a cafés, bares; adotaram um jovem bailarino, pagando-lhe todas as contas durante seu aprendizado. Sentavam-se nos degraus do Soho e de Greenwich Village, passando as horas com quem quer que parasse para juntar-se a eles. Freqüentavam aulas noturnas de literatura, filosofia, história da arte, política. Estudavam biologia, compravam microscópios, colecionavam espécimes. Estudavam livros de astronomia e montavam gigantescos telescópios nos telhados dos prédios onde moravam alguns dias, no máximo um mês. iam a lutas de boxe, shows de rock, espetáculos na Broadway.

As invenções tecnológicas começaram a obcecar Armand. Primeiro foram batedeiras de cozinha, nas quais ele fazia horríveis misturas, baseadas principalmente nas cores dos ingredientes; depois, fornos de microondas, nos quais cozinhava baratas e ratos. Trituradores de lixo o encantavam; ele os alimentava com toalhas de papel e pacotes inteiros de cigarros.

Depois foram os telefones. Ligava para o planeta inteiro, conversando horas com mortais na Austrália ou na Índia. Finalmente a televisão seduziu-o completamente, de modo que o apartamento era cheio de alto-falantes aos berros e telas tremeluzindo. Qualquer coisa que tivesse céu azul o deliciava. Depois passou a assistir aos noticiários, aos seriados do horário nobre, e no fim a qualquer filme exibido, independentemente da qualidade. Finalmente passou a interessar-se por certos filmes. Assistia incansavelmente Blade Runner, o caçador de andróides, fascinado por Rutger Hauer, o musculoso ator que, como líder dos andróides rebeldes, enfrenta seu criador humano, beija-o e depois esmaga-lhe o crânio. Isso sempre provocava em Armand um risinho lento e quase travesso — os ossos rachando, o olhar dos gélidos olhos azuis de Hauer.

— Este aí é o próprio Lestat, seu amigo — certa vez cochichou a Daniel. — Lestat teria... como é que se diz? Teria peito para fazer isso!

Depois de Blade Runner foi aquele filme engraçado e idiota, Os Bandidos do Tempo, uma comédia inglesa em que cinco anões roubam um “Mapa da Criação” e viajam através dos buracos no Tempo. Vão rolando de um século para outro, roubando e fazendo confusão, junto com um companheiro garotinho, até que terminam todos no covil do demônio. Uma cena em particular tornou-se a predileta de Armand: os anões num palco em ruínas em Castelleone cantando Eu e a Minha Sombra para Napoleão. Armand ficava maluco. Perdia toda a sua compostura sobrenatural e tornava-se inteiramente humano, rindo até chorar. Daniel tinha que admitir que aquele numero, Eu e a Minha Sombra, tinha mesmo um certo encanto, com os anões tropeçando, brigando entre si, bagunçando tudo, e os músicos do século XVIII, perplexos, sem saber o que pensar daquela canção do século XX. Napoleão ficou espantado, depois achou maravilhoso. A cena inteira era genial. Mas quantas vezes um mortal agüentaria assisti-la? Para Armand, parecia não haver limite.

No entanto, seis meses depois ele tinha trocado os filmes por uma câmera de vídeo para fazer seus próprios filmes. Arrastou Daniel por Nova York inteira, entrevistando pessoas nas ruas de vida noturna.

Armand possuía vídeos de si próprio recitando poesia em italiano ou latim, ou simplesmente encarando a câmera, de braços cruzados, uma presença branca e brilhante entrando e saindo de foco numa luz bronzeada, eternamente baça. Então, em algum lugar, de um modo qualquer, desconhecido para Daniel, Armand fez uma longa filmagem de si mesmo deitado no caixão durante seu sono

diurno, tão semelhante à morte. Daniel não conseguiu ver isso. Armand sentava-se durante horas diante do filme, contemplando seus cabelos, cortados ao amanhecer, crescendo lentamente por sobre o cetim, enquanto ele jazia imóvel, de olhos fechados. Em seguida foram os computadores. Ele enchia disquete após disquete com seus escritos secretos. Alugou apartamentos em Manhattan para alojar seus editores de texto e suas máquinas de videogame.

Finalmente voltou-se para os aviões. Daniel sempre fora um viajante compulsivo; fugira de Armand pelo mundo inteiro, e obviamente ele e Armand já tinham viajado juntos de avião. Não era novidade. Mas agora era uma exploração concentrada; tinham que passar a noite inteira no ar. Não era raro voarem para Boston, depois Washington, Chicago, e de volta a Nova York. Armand observava tudo: passageiros, aeromoças, falava com os pilotos; acomodava-se nas confortáveis poltronas da primeira classe e ficava escutando o ronco dos motores. Amava especialmente os jatos de dois andares. Era preciso sempre tentar aventuras mais longas, mais ousadas: direto a Port-au-Prince ou São Francisco, ou Roma, ou Madri ou Lisboa, não fazia diferença, contanto que Armand estivesse em terra e em segurança quando amanhecesse. Armand virtualmente desaparecia ao amanhecer, Daniel nunca ficou sabendo onde ele dormia. Mas, de qualquer maneira, ao amanhecer, Daniel já estava dormindo em pé. Durante cinco anos não viu o meio-dia.

Freqüentemente Armand já estava no quarto havia algum tempo, quando Daniel despertava. O café estaria no fogo, a música ligada — Vivaldi ou piano de bar, pois Armand amava as duas coisas igualmente — e ele estaria andando de um lado para outro, pronto para o despertar de Daniel.

— Venha, meu amor, esta noite vamos ao balé. Quero ver Baryshnikov. Depois disso vamos ao Village. Lembra-se daquela banda de jazz que eu adorei, no verão passado? Bom, eles voltaram. Venha, depressa, meu amado. Temos que ir.

E se Daniel demorasse, Armand empurrava-o para o chuveiro, ensaboava-o, lavava-o, puxava-o para fora, enxugava-o e barbeava-o com amoroso cuidado, como um barbeiro de antigamente, e finalmente vestia-o, depois de escolher criteriosamente uma roupa no armário de roupas sujas e maltratadas de Daniel. Daniel adorava a sensação das mãos rijas, brancas e brilhantes em sua pele nua; pareciam luvas de cetim. E os olhos castanhos que pareciam atrair Daniel para fora de si mesmo; ah, aquela deliciosa desorientação, a certeza de que estava sendo levado para baixo, para fora de todas as coisas físicas, e finalmente as mãos se fechando suavemente em torno da sua garganta, e os dentes rompendo a pele. Fechava os olhos, o corpo aquecendo-se aos poucos, para queimar de verdade quando o sangue de Armand tocava em seus lábios. Ouvia novamente os suspiros distantes, o grito, seria das almas perdidas? Parecia haver a sua volta uma enorme continuidade luminosa, como se todos os seus sonhos estivessem ligados de repente, e fossem de uma importância vital, mas tudo se esvaia...

Certa vez ele estendeu a mão, agarrou Armand com toda a sua força e tentou rasgar-lhe a carne da garganta. Armand tinha sido tão paciente, fazendo o corte para ele e deixando-o beber por um longo tempo — sim, foi o mais longo, depois afastando-o suavemente. Daniel já não tinha poder de decisão. Vivia em apenas dois estados alternados, sofrimento e êxtase, unidos pelo amor. Nunca sabia quando ia ganhar o sangue.

Nunca soube se as coisas pareciam diferentes por causa do sangue — os cravos encarando-o de dentro dos vasos, arranha-céus horivelmente visíveis como plantas crescendo de sementes de aço da noite para o dia ou porque ele estava enlouquecendo.

Então veio a noite em que Armand disse que estava pronto para entrar realmente neste século, pois agora entendia o suficiente sobre ele. Desejava a riqueza “incalculável”. Desejava uma enorme propriedade, cheia de todas aquelas coisas que ele aprendera a apreciar. E iates, aviões, carros, milhões de dólares. Queria comprar para Daniel tudo aquilo que ele pudesse vir a desejar.

— Que quer dizer, milhões? — zombara Daniel. — Você joga fora às roupas que usa, aluga apartamentos e esquece onde são. Sabe o que é, um código postal, ou um incentivo fiscal? Sou eu quem compra todas essas merdas dessas passagens de avião. Milhões! Como é que vamos ganhar esses milhões? Roube outra Maserati e pronto, pelo amor de Deus!

— Daniel, você é um presente de Louis para mim. Armand respondeu com, ternura. — Que faria sem você? Entende tudo errado! — Os olhos estavam enormes, infantis. — Quero estar no centro das coisas, como estava em Paris antigamente, no Teatro dos Vampiros. Você com certeza se lembra. Quero ser um tumor no próprio olho do mundo!

Daniel ficara atordoado com a velocidade em que as coisas aconteceram. Tudo começou com o encontro de um tesouro no oceano, perto da Jamaica; Armand alugou um barco para mostrar a Daniel onde deveriam começar a operação de resgate. Poucos dias depois, foi descoberto um galeão espanhol naufragado, carregado de ouro e jóias. Em

seguida foi uma descoberta arqueológica: preciosas estatuetas olmecas. Dois outros navios afundados foram encontrados em rápida sucessão. Um terreno barato na América do Sul deu-lhe uma mina de esmeraldas esquecida havia muito. Compraram uma mansão na Flórida, iates, voadeiras, um jatinho pequeno, mas primorosamente equipado.

E então precisavam estar vestidos como príncipes em todas as ocasiões. O próprio Armand supervisionou as camisas, os ternos, os sapatos de Daniel, feitos sob medida. Escolheu os tecidos para um estoque interminável de paletós, calças, roupões, lenços de seda. Evidentemente Daniel tinha que ter capas de chuva forradas de mink, para os dias mais frios, e smokings para Monte Carlo, e abotoaduras preciosas, e até mesmo uma capa longa, de camurça preta, que ficava muito bem em Daniel, com sua “estatura do século XX”.

Quando Daniel acordava, ao crepúsculo, suas roupas já estavam preparadas. Que Deus o ajudasse se ele trocasse um item sequer, do lenço de linho as meias de seda preta. O jantar estaria esperando na enorme sala de jantar, com suas janelas abertas para a piscina. Armand já estava sentado a sua escrivaninha, no escritório contíguo. Havia trabalho a fazer: mapas a consultar, mais dinheiro a ganhar.

— Mas como consegue fazer isso? — Daniel perguntara, ao ver Armand tomando notas, escrevendo instruções para novas compras.

— Se você consegue ler a mente dos homens, consegue qualquer coisa que queira — Armand respondera pacientemente.

Ah, aquela voz suave e pausada, aquele rosto de garoto, aberto e quase confiante, os cabelos louros sempre caindo descuidadamente nos olhos, o corpo que sugeria serenidade humana, tranquilidade física.

— Então me dê o que eu quero — Daniel pedira.

— Eu lhe dou tudo que me pedir.

— É, mas não o que eu já pedi, o que eu quero!

— Fique vivo, Daniel. — Um sussurro baixo, como um beijo. — Digo-lhe de coração, a vida é melhor que a morte.

— Não quero ser vivo, Armand, quero viver para sempre, e então eu lhe direi se a vida é melhor que a morte.

O fato era que a riqueza o estava descontrolando, fazendo com que sentisse sua mortalidade mais agudamente que antes. Velejando na cálida Corrente do Golfo numa noite de céu claro, pontilhada de estrelas, ele desejou desesperadamente possuir tudo aquilo para sempre. Com ódio e amor contemplou Armand dirigindo o barco sem esforço. Armand iria mesmo deixá-lo morrer?

A brincadeira de comprar continuou.

Picassos, Degas, Van Goghs, foram apenas alguns dos quadros roubados que Armand recuperou sem explicação e entregou a Daniel para que os vendesse ou recebesse a recompensa. Evidentemente os últimos donos não ousavam mostrar-se, isso se tivessem sobrevivido à silenciosa visita noturna de Armand aos esconderijos onde os tesouros roubados estavam expostos. Às vezes nem existia um dono. Rendiam milhões nos leilões. Mas até isso não era suficiente. Pérolas, rubis, esmeraldas, tiaras de diamantes, tudo isso ele levava para Daniel: “Não é importante, são

roubadas, ninguém vai pedir de volta”. E dos selvagens traficantes de drogas de Miami, Armand roubava qualquer coisa: armas, maletas cheias de dinheiro, até seus barcos.

Daniel contemplava as muitas pilhas de notas verdes, que as secretárias contavam e embalavam para as contas secretas nos bancos europeus. Frequentemente Daniel via Armand sair sozinho para caçar nas mornas águas sulinas, um rapaz de camisa de seda e calças pretas, dirigindo uma voadeira sem iluminação, o vento fustigando seus cabelos compridos: um inimigo mortal. Em algum lugar lá fora, além do alcance da vista, ele encontra seus contrabandistas e os ataca — o pirata solitário, a morte. As vítimas serão jogadas nas profundezas, os cabelos ondulando talvez por um momento, enquanto a lua ainda os pode iluminar, e erguem os olhos para um último vislumbre daquilo que tinha sido sua ruína. Esse rapaz! Eles, que pensavam ser perigosos.

— Deixa eu ir com você? Deixa eu ver, quando você agir?

— Não.

Finalmente tinham juntado capital suficiente; Armand estava pronto para atuar de verdade. Mandou Daniel fazer compras, sem ouvir conselhos, sem hesitar: uma flotilha de barcos de cruzeiro, uma cadeia de restaurantes e hotéis. Quatro aviões particulares estavam agora à disposição deles. Armand tinha oito telefones. E então o sonho definitivo: a Ilha da Noite. Criação pessoal do próprio Armand, com seus cinco andares de teatros, restaurantes e lojas. Ele próprio desenhou as plantas para os arquitetos que escolheu.

Deu-lhes listas intermináveis dos materiais que queria usar, as fazendas, as esculturas dos chafarizes, até mesmo

as flores, as árvores em vasos.

A Ilha da Noite. Do pôr-do-sol ao amanhecer os turistas a invadiam, barcos trazendo-os de Miami sem descanso. Ouvia-se música eternamente, nas galerias, nas pistas de dança. Os elevadores de vidro nunca interrompiam sua subida ao céu; lagos, regatos, cachoeiras reluziam em meio a canteiros de flores úmidas e frágeis. Podia-se comprar qualquer coisa na Ilha da Noite — diamantes, uma Coca-Cola, pianos, papagaios, alta-costura, bonecas de porcelana. Todas as cozinhas do mundo estavam representadas lá. Cinco filmes eram exibidos todas as noites nos cinemas. Havia tweed inglês e couro espanhol, seda indiana, tapetes chineses, prata de lei, sorvetes de casquinha e algodão-doce, porcelana, sapatos italianos. Ou podia-se morar ao lado, em secreto esplendor, indo e voltando do redemoinho quando se desejasse.

— Tudo isto é seu, Daniel — dissera Armand, percorrendo devagar os aposentos espaçosos e arejados da sua própria Vila dos Mistérios, que ocupava três andares e porões proibidos a Daniel — suas janelas abertas para a vista noturna de Miami, distante e ardente, e para as nuvens vagas que passavam lá no alto.

Esplêndida, a mistura de antigo e novo. Portas de elevador que se abriam para aposentos retangulares cheios de tapeçarias medievais e candelabros antigos; televisores enormes em todos os cômodos. A suíte de Daniel era cheia de pinturas da Renascença e tapetes persas. O melhor da escola veneziana rodeava Armand em seu escritório acarpetado de branco, cheio de computadores, intercomunicadores e monitores. Os livros, as revistas e os jornais vinham do mundo inteiro.

— Este é o seu lar, Daniel.

E assim tinha sido, e Daniel o tinha amado, era preciso admitir, e o que amava ainda mais era a liberdade, o poder, e o luxo que o rodeava onde quer que fosse. Ele e Armand foram às profundezas da selva da América Central para ver as ruínas maias; subiram a encosta do Annapurna para vislumbrar o pico distante sob o luar. Pelas ruas apinhadas de Tóquio tinham caminhado juntos, por Bangcoc, Cairo e Damasco, por Lima, Rio e Katmandu. De dia, Daniel gozava do conforto dos melhores hotéis; a noite vagava destemido, com Armand a seu lado. No entanto, de vez em quando a ilusão de vida civilizada rompia-se. De vez em quando, em algum lugar longínquo, Armand sentia a presença de outros imortais. Explicara que tinha lançado seu escudo em volta de Daniel, mas mesmo assim preocupava-se. Daniel precisava ficar a seu lado.

— Faça-me igual a você, e não vai mais se preocupar.

— Não sabe o que está dizendo! — Armand respondera.

— Agora você é um entre bilhões de humanos sem rosto. Se fosse um de nós, seria como uma vela acesa no escuro.

Daniel não se conformava.

— Iam descobrir você, sem dúvida — continuara Armand. Estava zangado, embora não com Daniel. O fato era que não gostava de conversar sobre os não-mortos. — Não sabe que os velhos destroem os novos sem hesitar? Seu amado Louis não lhe explicou isso? É o que eu faço sempre que chegamos a algum lugar: acabo com eles, os novinhos, a escória. Mas não sou invencível. — Fez uma pausa, como se decidisse se devia ou não continuar. — Sou como qualquer fera caçando. Tenho inimigos mais velhos e

mais poderosos, que tentariam me destruir se isso lhes interessasse...

— Mais velhos que você? Mas pensei que você fosse o mais velho de todos...

Havia anos que não falavam da Entrevista com o Vampiro. Na realidade, jamais tinham discutido seu conteúdo em detalhes.

— Não, claro que não sou o mais velho — respondera Armand. Parecia pouco à vontade. — Simplesmente o mais velho que seu amigo Louis já conheceu. Há outros. Não sei o nome deles. Raramente vi seus rostos. Mas às vezes eu os sinto. Pode-se dizer que nós nos sentimos uns aos outros. Mandamos nossos sinais silenciosos, mas poderosos: “Fique longe de mim”.

Na noite seguinte ele dera o medalhão, o amuleto, como o chamava, para Daniel usar. Primeiro beijou-o e esfregou as mãos nele como se para aquecê-lo. Era estranho assistir àquele ritual. Ainda mais estranho ver o próprio medalhão, com a letra A entalhada, e dentro o minúsculo frasco com o sangue de Armand.

— Tome, arrebente o fecho se algum deles se aproximar de você. Quebre o frasco imediatamente. E eles vão sentir o poder que o protege. Não ousarão. . .

— Você vai deixar que me matem. Sei que vai — Daniel respondera com frieza. — dê-me o poder de lutar por mim mesmo.

Mas desde então usava o medalhão. Sob a luz ele examinara o “A” e os intrincados entalhes e descobriu que eram figuras humanas retorcidas, algumas mutiladas, outras contorcendo-se em agonia, algumas mortas. Na

realidade, um objeto horrível. Ele o deixara cair de volta dentro da camisa, frio, de encontro à pele, mas pelo menos fora de vista... No entanto Daniel nunca viu ou sentiu a presença de outro ser sobrenatural. Lembrava-se de Louis como se fosse uma alucinação, algo produzido por uma febre. Armand era o único oráculo de Daniel, seu deus demoníaco, desapiedado e amoroso. Sua amargura crescia. A vida com Armand inflamava-o, enlouquecia-o. Passaram-se anos desde que Daniel pensara em sua família, nos amigos que costumava ter. Seus parentes recebiam cheques, disso ele fazia questão, mas agora eram apenas nomes numa lista.

— Você nunca vai morrer, mas olha para mim e me vê morrer, noite após noite, você observando.

Brigas feias, terríveis, Armand finalmente perdendo o controle, de olhos vidrados de ódio silencioso, depois chorando baixinho, mas incontrolavelmente, como se alguma emoção perdida tivesse sido redescoberta e ameaçasse despedaçá-lo.

— Não vou fazer isso, não posso. Peça-me para matá-lo, seria mais fácil. Você não sabe o que está pedindo, entende? É sempre um erro! Não vê que qualquer um de nós preferiria ser apenas humano?

— Desistir da imortalidade para viver uma vida só? Não acredito. É a primeira vez que você me conta uma mentira tão deslavada.

— Como ousa!

— Não me bata. Pode me matar sem querer. Você é muito forte.

— Eu desistiria. Se não fosse um covarde na hora H, se depois desses quinhentos anos de gula neste redemoinho não estivesse ainda aterrorizado com a morte.

— Não desistiria, não. O medo não tem nada a ver com isso. Imagine uma única vida naquela época em que você nasceu: nada disto aqui teria existido. Este futuro em que você tem o poder e o luxo que Gengis Khan nunca sonhou ter. Mas esqueça os milagres da tecnologia; preferiria ignorar os destinos do mundo? Ah, não venha me dizer que sim.

Nunca chegaram a uma decisão. A briga sempre terminava com o abraço, o beijo que ardia nele, a mortalha de sonhos fechando-se sobre ele como uma enorme rede, a fome! Eu te amo! Quero mais! Sim, mais.

Mas nunca o suficiente. Era inútil. Que é que aquelas transfusões tinham feito ao seu corpo e a sua alma?

Dando-lhe a possibilidade de ver com maiores detalhes a queda da folha que cai? Armand não ia dar o que ele pedia! Várias vezes Armand viu Daniel ir embora e perder-se nos terrores do mundo cotidiano; preferia esse risco do que fazer o que o outro queria. Nada havia que Daniel pudesse fazer para obtê-lo, nada que pudesse dar em troca. E então começava a viagem errante, a fuga, e Armand não o seguia. Esperava sempre até Daniel implorar para voltar. Ou até Daniel estar além da possibilidade de chamá-lo, até Daniel estar à beira da própria morte. E então, só então, Armand o trazia de volta.

A chuva martelava as calçadas largas da Avenida Michigan. A livraria estava vazia, as luzes apagadas.

Em algum lugar um relógio batera às nove horas. Ele parou junto à vidraça, observando o trânsito passar a sua

frente. Nenhum lugar aonde ir. Beber a gota de sangue dentro do medalhão. Por que não? E Lestat na Califórnia, já em plena caça, talvez nesse instante emboscando uma vítima. E estavam preparando o auditório para o show, não estavam? Homens mortais colocando refletores, microfones, quiosques, alheios aos códigos secretos sendo enviados, a sinistra platéia que estaria oculta entre a grande multidão humana, indiferente e inevitavelmente histérica. Ah, talvez Daniel tivesse feito um terrível erro de cálculo! Talvez Armand estivesse lá! A princípio parecia uma impossibilidade, depois uma certeza. Por que Daniel não tinha visto isso antes? Certamente Armand tinha ido! Se havia alguma verdade no que Lestat tinha escrito, Armand iria para testemunhar, para procurar, talvez, aqueles de quem se perdera ao longo dos séculos e que agora eram atraídos a Lestat pelo mesmo motivo.

E que importância teria então um amante mortal, um humano que durante uma década fora pouco mais que um brinquedo? Não. Armand tinha ido sem ele. E dessa vez não haveria resgate. Sentia-se pequeno e friorento, parado ali. Sentia-se infeliz e solitário. Suas premonições não tinham importância, o sonho das gêmeas que descera sobre ele e o deixara com mil pressentimentos. Essas eram coisas que passavam por ele como grandes asas negras. Dava para sentir o vento indiferente que provocavam ao passar. Armand seguira sem ele em direção a um destino que Daniel nunca compreenderia inteiramente. Aquilo enchia-o de horror, de tristeza. Portões trancados. A ansiedade criada pelo sonho misturava-se a um medo informe e sufocante.

Chegara ao fim. Que faria? Exausto, visualizou a Ilha da Noite fechada para ele. Viu a casa atrás de suas paredes brancas, bem acima da praia, inatingível.

Imaginou seu passado desaparecido, como seu futuro. A morte era a compreensão do presente imediato: de que finalmente não há mais coisa alguma. Caminhou alguns passos; as mãos estavam dormentes. A chuva empapara sua camiseta. Tinha vontade de deitar-se na calçada e deixar que as gêmeas voltassem. E as frases de Lestat passavam-lhe pela cabeça. O Truque Negro, ele chamava o momento do renascimento. O Jardim Selvagem, ele chamava o mundo que podia abraçar monstros tão primorosos, ah, sim. Mas deixe-me ser, um amante no Jardim Selvagem com você, e a luz que sumiu de minha vida voltaria numa grande explosão de glória. Da carne mortal eu passaria para a eternidade, seria um de vocês! Tonto. Quase caíra? Alguém falando com ele, perguntando se estava bem. Não, claro que não. Por que estaria?

Mas sentiu uma mão em seu ombro. Daniel... Ergueu os olhos. Armand estava parado junto ao meio-fio.

A princípio ele não conseguiu acreditar; desejava tanto aquilo, e não podia negar a que estava vendo. Armand estava parado ali, contemplava-o silenciosamente de dentro da imobilidade sobrenatural que ele parecia carregar consigo, o rosto enrubescido sob um toque mínimo de palidez. Parecia normal, se é que a beleza é normal; no entanto, estranhamente diferenciado das coisas materiais que o tocavam, o terno branco amassado que usava. Atrás dele esperava o grande vulto cinzento de um Rolls, como uma visão ancilar, gotas escorrendo de seu teto prateado.

— Vamos, Daniel. Desta vez você dificultou as coisas para mim, não foi? Dificultou muito...

Por que a urgência da ordem, quando a mão que o puxava para frente era tão forte? Era muito raro ver Armand tão zangado. Ah, como Daniel amava aquela raiva! Seus

joelhos cederam. Sentiu-se erguido. E então o veludo macio do banco traseiro do carro estendeu-se diante dele. Caiu em cima das mãos. Fechou os olhos. Mas Armand colocou-o sentado e manteve-o assim. O carro balançava-se deliciosamente enquanto avançava. Tão bom dormir finalmente nos braços de Armand! Porém havia muita coisa que devia contar a Armand, tanta coisa sobre o sonho, o livro.

— Acha que eu não sei? — Armand sussurrou.

Havia uma luz estranha nos olhos dele, que seria? Alguma coisa crua e terna no seu modo de olhar; toda a pose desaparecera. Ele ergueu um cálice com conhaque e colocou-o na mão de Daniel.

— E você fugindo de mim, de Estocolmo para Edimburgo, Paris. Que é que pensa que sou? Acha que posso segui-lo em tal velocidade por tantos caminhos? E o perigo...

De repente os lábios contra o rosto de Daniel, ah, assim está melhor. Gosto de beijar. E de me aninhar de encontro a coisas mortas, sim, abrace-me. Enterrou o rosto no pescoço de Armand. O seu sangue.

— Ainda não, meu amado. — Armand empurrou-o, apertando os dedos contra os lábios de Daniel. Havia um sentimento pouco comum em sua voz baixa e controlada. — Escute o que vou lhe dizer. No mundo inteiro, nossa espécie está sendo destruída.

Destruída. Aquilo provocava uma corrente de pânico que o percorreu, tensionando-lhe o corpo, apesar da sua exaustão. Tentou prestar atenção em Armand, mas estava vendo as gêmeas ruivas de novo, os soldados, o corpo

enegrecido da mãe sendo virado nas cinzas. Mas o significado, a continuidade... Por que?

— Não sei — disse Armand.

Estava falando do sonho, pois ele também o tivera. Levou o conhaque aos lábios de Daniel. Ah, tão quente. Ele perderia a consciência se não se esforçasse. Estavam agora correndo silenciosamente pela rodovia, saindo de Chicago, a chuva inundando as janelas, abraçados naquele lugarzinho quente, forrado de veludo. Ah, uma linda chuva de prata. E Armand voltara-se, como se ouvisse alguma música distante, os lábios entreabertos, paralisados no momento em que ele ia falar. Estou com você, em segurança.

— Em segurança não, Daniel — ele respondeu. — Talvez nem por uma noite, nem por uma hora.

Daniel tentou raciocinar, formular uma pergunta, mas estava fraco e tonto demais. O carro era tão confortável, seu movimento era tão tranquilizador... E as gêmeas! As lindas gêmeas ruivas queriam entrar agora! Seus olhos se fecharam por uma fração de segundo e ele afundou contra o ombro de Armand, sentindo a mão de Armand em suas costas. Bem distante ouviu a voz do outro:

— Que é que vou fazer com você, meu amado? Especialmente agora, que eu mesmo estou com tanto medo...

Novamente a escuridão. Ele agarrou-se ao sabor do conhaque em sua boca, ao toque da mão de Armand, mas já estava sonhando. As gêmeas estavam caminhando no deserto; o sol estava alto. Queimava-lhes os braços alvos, os rostos. Seus lábios estavam inchados e gretados de sede. As vestes estavam manchadas de sangue.

— Façam a chuva cair — Daniel sussurrou alto. — Vocês conseguem, façam a chuva cair.

Uma das gêmeas ajoelhou-se, a irmã ajoelhou-se também e abraçou-a. Cabelos ruivos e cabelos ruivos.

Em algum lugar distante ele ouviu, novamente, a voz de Armand. Armand dizia que elas estavam muito no centro do deserto. Nem mesmo os espíritos poderiam fazer chover nesse lugar. Mas por quê? Os espíritos não podiam fazer qualquer coisa? Sentiu novamente Armand beijá-lo com suavidade. As gêmeas sentaram num desfiladeiro baixo, entre montanhas. Mas não há sombra, pois o sol está, diretamente acima delas, e as paredes de pedra são perigosas demais para a escalada. Elas continuam a caminhar. Será que ninguém pode ajudá-las? Agora tropeçam e caem depois de poucos passos. As rochas

parecem quentes demais para serem tocadas. Finalmente uma delas cai de rosto na areia e a outra deita-se por cima, abrigando-a com seus cabelos. Ah, se pelo menos viesse à noite com seus ventos frios...

De repente a gêmea que protege a irmã ergue os olhos: um movimento nos penhascos. Depois novamente a imobilidade. Uma pedra cai, ecoando. E então Daniel vê uns homens descendo o precipício, o povo do deserto, com a mesma aparência de há milhares de anos: pele escura e vestes brancas e pesadas. As gêmeas põem-se de joelhos quando os homens se aproximam. Eles oferecem água. Derramam a água fresca sobre as gêmeas. De repente elas estão rindo e falando histericamente, tão grande é seu alívio, mas os homens não compreendem. Então são os gestos, tão puramente eloqüentes, enquanto uma das gêmeas aponta para o ventre da irmã, depois dobra os braços, fazendo o sinal universal de ninar um bebê. Ah, sim. Os homens erguem a mulher grávida. E todos se dirigem para o oásis em volta do qual estão suas tendas. Finalmente, a luz da fogueira do lado de fora da tenda, as gêmeas dormem, seguras, entre o povo do deserto, os beduínos. Será que os beduínos são tão antigos que sua história remonta a milhares e milhares de anos? Ao amanhecer, uma das gêmeas se levanta, aquela que não está grávida. Enquanto a irmã observa, ela se encaminha para as oliveiras do oásis. Ergue os braços, e a princípio parece estar apenas dando as boas-vindas ao sol. Outros já acordaram e juntam-se para ver. Então surge um vento suave, movimentando os galhos das oliveiras. E a chuva, leve e doce, começa cair.

Ele abriu os olhos. Estava no avião. Reconheceu imediatamente o pequeno quarto pelas paredes de plástico branco e a qualidade calmante da fraca luz amarela. Tudo sintético, duro e brilhante como as grandes costelas das

criaturas pré-históricas. As coisas deram a volta completa, a tecnologia recriou a câmara de Jonas no fundo do ventre da baleia.

Ele estava deitado na cama que não tinha pés, pernas ou estrado. Alguém havia lavado seu rosto e suas mãos. Estava barbeado. Ah, que delícia. E o ronco dos motores, era um enorme silêncio, a baleia respirando, cortando o mar. Aquilo tornava-lhe possível ver distintamente as coisas à sua volta. Um frasco. Bourbon. Ele queria. Mas estava exausto demais para mover-se. E alguma coisa não estava certa, alguma coisa... Levantou a mão, tocou no pescoço. O amuleto sumira! Mas não tinha importância; ele estava com Armand.

Armand estava sentado junto à mesinha perto da janela que era o olho da baleia, a pálpebra de plástico branca puxada até o fim. Tinha cortado os cabelos. E agora usava lã preta, como o cadáver novamente vestido para o enterro, até os brilhantes sapatos pretos. Tudo muito melancólico. Alguém por favor leia agora o Salmo 23. Traga as roupas brancas de volta.

— Você está morrendo — disse Armand baixinho.

— “E embora caminhe no vale das sombras da morte”, etcetera — sussurrou Daniel.

Tinha a garganta seca, e a cabeça doía. Não era importante dizer o que realmente pensava.

Tudo tinha sido dito muito tempo antes. Armand tornou a falar silenciosamente, um raio laser tocando o cérebro de Daniel.

Quer saber dos detalhes? Você agora não pesa nem 60 quilos. E o álcool o está corroendo por dentro. Está meio maluco. No mundo não há quase nada de que você goste.

— A não ser conversar com você de vez em quando. É tão fácil ouvir o que você diz...

— Se você nunca mais me visse, isso só ia piorar as coisas. Se continuar como está, não vai viver nem cinco dias.

— Uma idéia insuportável. Mas se é assim, então por que andei fugindo?

Nenhuma resposta.

Como tudo parecia nítido! Não era apenas o ronco dos motores, era o curioso movimento do avião, aquela ondulação irregular e interminável, como se ele passasse por saliências e buracos, de vez em quando subindo uma encosta.

A baleia seguindo a toda velocidade o caminho das baleias, como dizia Beowulf. Os cabelos de Armand estavam cuidadosamente escovados para um lado. Relógio de ouro no pulso, uma daquelas peças de alta tecnologia que ele adorava. Imagine aquela coisa com seus algarismos brilhando no escuro de um caixão durante o dia. E o casaco preto, meio antiquado, com suas lapelas estreitas. O colete era de seda preta, pelo menos parecia. Mas o rosto, ah, ele tinha se alimentado. E muito bem.

— Lembra-se de alguma coisa que eu lhe disse antes?

— Sim — respondeu Daniel. Mas na verdade tinha dificuldades em lembrar-se. Então tudo voltou de repente, opressivamente. — Alguma coisa sobre destruição em toda parte. Mas estou morrendo. Eles estão morrendo, eu estou morrendo. Eles conseguiram ser imortais antes disso acontecer; eu sou apenas vivo. Está vendo? Eu me lembro. Gostaria de beber conhaque agora.

— Não há coisa alguma que eu possa fazer para que você queira viver, não é mesmo?

— Não me venha com isso de novo. Vou saltar do avião, se você continuar.

— Quer me ouvir, então? Ouvir de verdade?

— Como posso deixar de ouvir? Não consigo fugir da sua voz quando você quer que eu ouça; é como um pequeno microfone dentro da minha cabeça. Que é isso, está chorando? Vai chorar em cima de mim?

Por um segundo ele parecia um garoto. Que disfarce perfeito!

— Maldito seja, Daniel — ele disse, e Daniel ouviu as palavras em voz alta. Um arrepio percorreu-o. Horrível vê-lo sofrer. Daniel nada disse.

— O que nós somos não era para existir, você sabe — Armand falou. — Não precisava ler o livro de Lestat para descobrir. Qualquer um de nós podia ter lhe contado que foi uma abominação, uma fusão demoníaca...

— Então o que Lestat escreveu é verdade.

Um demônio que entrou na Mãe e no Pai, os antigos egípcios. Bem, pelo menos um espírito. Naquela época eles os chamavam de demônios.

— Não importa que seja verdade ou não. O princípio não tem mais importância. O que importa agora é que o fim pode estar próximo.

Um profundo espasmo de pânico, a atmosfera do sonho voltando, o som agudo dos gritos das gêmeas.

— Escute-me — pediu Armand pacientemente, chamando-o de volta para longe das duas mulheres.

— Lestat despertou alguma coisa ou alguém...

— Akasha... Enkil.

— Talvez. Pode ser mais que um ou dois. Ninguém sabe ao certo. Há um grito de perigo, vago e repetido, mas ninguém parece saber de onde vem. Sabem apenas que estão sendo caçados e destruídos, e as casas comunais, os pontos de encontro, estão explodindo em chamas.

— Ouvi o grito de perigo — Daniel sussurrou. — Às vezes muito forte no meio da noite, e em outros momentos como um eco. — Tornou a ver as gêmeas. Tinha que ser algo ligado às gêmeas. — Mas como sabe essas coisas sobre as casas comunais, sobre...

— Daniel, não me atormente. Não temos muito tempo. Eu sei. Os outros sabem. É como uma corrente, percorrendo os fios de uma grande teia.

— Sim.

Sempre que bebia o sangue vampiresco, ele vislumbrava por um instante a grande rede de conhecimento, ligações, visões incompreendidas. E era verdade, então. A teia começara com a Mãe e o Pai...

— Há muitos anos, eu não teria me importado com tudo isso

— Armand interrompeu.

— Que quer dizer?

— Mas não quero que termine agora. Não quero continuar, a não ser que você... — Sua expressão alterou-se levemente,

tomando um vago ar de surpresa. — Não quero que você morra.

Daniel não disse coisa alguma.

Sinistra, a imobilidade daquele momento. Mesmo com o avião cortando suavemente as correntes de ar.

Armand sentado ali, tão controlado, tão paciente, com as palavras desmentindo à calma da voz.

— Não tenho medo, porque você está aqui — Daniel declarou de repente.

— Então você é um tolo. Mas vou lhe contar outro mistério disso tudo.

— Sim?

— Lestat ainda existe. Continua com seus planos. E aqueles que foram para perto dele estão ilesos.

— Mas como pode ter certeza?

Uma curta risada de veludo.

— Lá vai você de novo. Tão incontrolavelmente humano! Você me superestima ou me subestima; raramente acerta no alvo.

— Trabalho com equipamento limitado. Às células do meu corpo são sujeitas a deterioração, a um processo chamado envelhecimento e...

— Reuniram-se em São Francisco. Atulham o salão dos fundos de um bar chamado Filha de Drácula.

Talvez eu saiba porque outros sabem, uma mente poderosa recebe imagens de outra e, deliberadamente ou sem querer, passa as imagens adiante. Talvez uma testemunha telegrafe a imagem a muitos. Não sei. Os pensamentos, os sentimentos, as vozes, só sei que existem. Viajando pela teia, pelos fios. Alguns são nítidos, outros não. De vez em quando o aviso encobre todo o resto: perigo. Como se o nosso mundo silenciasse por um instante. Depois as outras vozes voltam.

— E Lestat? Onde está?

— Tem sido visto, mas só de relance. Não conseguem chegar ao esconderijo dele. Ele é esperto demais. Mas gosta de provocá-los. Passa disparado com seu Porsche preto pelas ruas de São Francisco. Talvez nem saiba de tudo o que aconteceu.

— Explique

— O poder de comunicação varia. Escutar o pensamento dos outros muitas vezes significa ser ouvido também. Lestat está escondendo sua presença. Pode ter bloqueado por completo a mente.

— E as gêmeas? As gêmeas do sonho, quem são?

— Não sei. Nem todos têm esses sonhos. Mas muitos sabem delas, e todos parecem temer por elas, têm a convicção de que, de alguma forma, a culpa é de Lestat. Tudo que aconteceu é culpa de Lestat.

— Um verdadeiro demônio entre demônios. — Daniel riu baixinho.

Assentindo levemente, Armand mostrou ter entendido a brincadeira. Chegou até a sorrir.

Imobilidade. O ronco dos motores.

— Entende o que estou lhe dizendo? Houve ataques ao nosso povo em toda parte, menos lá.

— Onde Lestat está?

— Exatamente. Mas o destruidor movimenta-se erraticamente. Parece que precisa estar perto daquilo que quer destruir. Pode estar esperando o show para terminar o que começou.

— Mas não pode atingir você. Senão já teria. . .

Novamente a risada curta, zombeteira, quase inaudível. Uma risada telepática?

— Sua fé sempre me comove, mas não seja meu acólito exatamente agora. A coisa não é onipotente.

Não consegue mover-se em velocidade infinita. Você precisa entender a escolha que fiz. Vamos para perto dele, porque não há outro lugar seguro. A coisa encontrou bandidos em lugares distantes e reduziu-os a cinzas.

— E também porque você quer estar com Lestat.

Nenhuma resposta.

— Sabe que quer. Quer vê-lo. Quer estar lá, caso ele precise de você. Se houver uma batalha...

Nenhuma resposta.

— E se Lestat provocou isso, talvez possa impedi-lo. Armand ainda não respondeu. Parecia confuso.

— É mais simples — disse finalmente. — Tenho que ir.

O avião parecia uma coisa suspensa numa espuma de som. Daniel olhou sonolentemente para o teto, para a luz que se movia. Finalmente ver Lestat. Pensou na antiga casa de Lestat em Nova Orleans.

No relógio de ouro que ele tinha encontrado no chão empoeirado. E agora voltar a São Francisco, voltar ao início, voltar a Lestat. Deus, ele queria o conhaque. Por que Armand não lhe dava? Estava tão fraco...

Iriam ao show, ele veria Lestat... Mas então a sensação de medo voltou, mais profunda — o medo que os sonhos inspiravam.

— Não me deixe mais sonhar com elas — sussurrou de repente.

Acho ter ouvido Armand dizer que sim. De repente Armand estava de pé ao lado da cama. Sua sombra caiu sobre Daniel. O ventre da baleia parecia menor, do tamanho da luz que rodeava Armand.

— Olhe para mim, amado — disse.

Escuridão. E então os grandes portões de ferro se abrindo, a lua banhando o jardim. Que lugar é este?

Ah, Itália, tinha que ser, com essa brisa suave e a lua cheia brilhando na grande extensão de árvores e folhas, e, mais além, a Vila dos Mistérios, à beira da antiga Pompéia.

— Mas como foi que chegamos aqui?

Ele voltou-se para Armand, que estava a seu lado, vestido em roupas estranhas, antiquadas, de veludo. Por um momento ele nada pôde fazer senão olhar para Armand,

para a túnica de veludo preto que ele usava, as perneiras, e os cabelos louros, longos e cacheados.

— Na verdade não estamos aqui — Armand disse. — Você sabe que não estamos.

Virou-se e caminhou pelo jardim em direção a casa, os passos fazendo um som muito fraco nas gastas pedras cinzentas. Mas era real! Veja os muros em ruínas, e as flores em seus canteiros compridos, e o próprio caminho, com as pegadas úmidas de Armand! E as estrelas lá em cima, as estrelas! Ele virou-se, estendeu a mão para o limoeiro e arrancou uma folha perfumada. Armand voltou-se e esticou a mão para pegar em seu braço. O cheiro de terra recém-revolvida subia dos canteiros. Ah, eu poderia morrer aqui;

— Sim, poderia — disse Armand. — E vai. Sabe, nunca fiz isso antes. Já lhe disse, mas você nunca acreditou em mim. Agora Lestat contou no livro. Nunca fiz isso. Acredita nele?

— Claro que acreditei em você. O juramento que fez, você me explicou tudo. Mas, Armand, minha pergunta é a seguinte: a quem você fez esse juramento?

Riso.

Suas vozes espalhavam-se pelo jardim. Rosas e crisântemos, como eram enormes! E das portas da Vila dos Mistérios jorrava luz. Havia música? Ora, todo o lugar em ruínas estava brilhantemente iluminado sob o azul incandescente do céu noturno.

— Então você quer que eu quebre meu juramento. Quer ter o que pensa que deseja. Mas olhe bem para este jardim, porque, uma vez feito, você nunca mais vai poder ler meus pensamentos ou ver minhas visões. Cairá um véu de silêncio.

— Mas seremos irmãos, não entende? — perguntou Daniel.

Armand estava tão perto dele que quase se beijavam. As flores eram esmagadas de encontro a eles, as enormes dalias amarelas e os gladiolos brancos, um perfume tão delicioso e forte! Tinham parado sob uma árvore morta, na qual glicínias cresciam profusamente. Seus botões delicados estremeciam nos cachos, seus ramos brancos como ossos. E de mais além vinham vozes da casa. Havia gente cantando?

— Mas onde estamos realmente? — Daniel perguntou. — Diga-me!

— Já lhe disse. É um sonho. Mas se quer um nome, vou chamar de porta da vida e da morte. Vou levar você comigo por esta porta. E por quê? Porque sou covarde. E amo você demais para deixá-lo partir.

Daniel sentiu tal alegria, tal sensação de triunfo frio e delicioso! Então seria senhor do momento, não estaria mais perdido na terrível queda livre do tempo. Não mais um dos milhões que descansariam nesta terra perfumada, sob flores quebradas e murchas, sem nome ou conhecimento, toda a visão perdida.

— Não lhe prometo coisa alguma. Como poderia? Já lhe disse o que há depois.

— Não me importo. Vou com você.

Os olhos de Armand estavam avermelhados, fatigados, velhos. Roupas tão delicadas, aquelas, costuradas a mão, empoeiradas como as roupas de um fantasma. Seriam o que a mente produzia sem esforço, quando queria ser puramente ela própria?

— Não chore. Não é justo — disse Daniel. — Este é o meu renascimento. Como pode chorar? Não sabe o que isso significa? É possível que nunca tenha descoberto?

Ergueu os olhos de repente, para olhar toda a extensão daquela paisagem encantada, a casa distante, o terreno ondulado. E então virou o rosto para cima, e os céus o deixaram atônito. Nunca vira tantas estrelas. Ora, parecia que o próprio céu estendia-se para cima eternamente, com as estrelas em tamanho número e tão brilhantes que as constelações se perdiam. Nenhum padrão. Nenhum significado. Apenas a maravilhosa vitória da energia e da matéria puras. Mas então viu as Plêiades — a constelação amada pelas infelizes gêmeas ruivas do sonho — e sorriu. Viu as gêmeas juntas no alto de uma montanha, muito felizes. Ficou contente.

— É só dizer, meu amor, e eu farei — disse Armand.

— Estaremos juntos no inferno.

— Mas não entende? — disse Daniel. — Todas as decisões humanas são tomadas assim. Acha que a mãe sabe o que acontecerá ao filho em seu ventre? Meu Deus, nós estamos perdidos, pode acreditar.

Que diferença faz se você me der a eternidade e isso estiver errado? Não existe o errado! Existe apenas o desespero, e eu quero! Quero viver para sempre com você...

Abriu os olhos. O teto da cabine do avião, as fracas luzes amarelas refletidas nas paredes forradas de madeira, e então à volta dele o jardim, o perfume, as flores quase se desprendendo de seus ramos.

Estavam parados sob a árvore morta coberta de botões de glicínias de cor púrpura. E os botões batiam no rosto dele,

os cachos de pétalas cerúleas. Alguma coisa lhe voltou, algo que ele aprendera muito tempo antes — na linguagem dos povos antigos a palavra que significava flor significava também sangue.

Sentiu a picada aguda dos dentes em seu pescoço.

O coração parou de repente, esmagado num aperto poderoso! A pressão era mais do que ele podia suportar. No entanto, conseguia enxergar por cima do ombro de Armand, e a noite escorregava em volta dele, as estrelas crescendo até o tamanho das flores úmidas e perfumadas. Estavam erguendo-se para o céu!

Durante uma fração de segundo ele viu o Vampiro Lestat dirigindo, mergulhando na noite em seu brilhante carro preto. Parecia um leão, com sua juba de cabelos soprados para trás pelo vento, os olhos cheios de um humor enlouquecido. E então virou-se e olhou para Daniel, e de sua garganta veio uma risada profunda e suave.

Louis também estava lá, num aposento na Rua Divisadero, olhando pela janela, esperando. E então disse:

— Sim, venha, Daniel, se é isso que tem que acontecer.

Mas eles não sabiam das casas comunais incendiadas! Não sabiam das gêmeas! Do aviso de perigo!

Estavam todos numa sala apinhada, dentro da casa, e Louis estava apoiado na prateleira acima da lareira, usando fraque. Estavam todos lá! Até as gêmeas!

— Graças a Deus vocês vieram! — Daniel exclamou. Beijou Louis castamente, numa face, depois na outra. — Minha pele está branca como a de vocês!

Gritou de repente, quando seu coração foi libertado, e o ar encheu-lhe os pulmões. Novamente o jardim. Havia grama à sua volta. O jardim crescia acima da sua cabeça. Não me deixe aqui, na terra.

— Beba, Daniel. — O sacerdote disse as palavras latinas enquanto derramava o vinho da Santa Comunhão em sua boca. As gêmeas ruivas pegaram os pratos sagrados: o coração, o cérebro. — Este é o cérebro e este o coração de minha mãe, que devoro com todo respeito pelo espírito de minha mãe...

— Me dê isso! — Ele derrubara o cálice no chão de mármore da igreja, que desajeitado, mas...

O sangue!

Sentou-se, esmagando Armand contra si, sorvendo-lhe o sangue em grandes goles. Caíram juntos sobre as flores macias. Armand estava deitado ao lado dele, sua própria boca estava aberta na garganta de Armand, e o sangue era uma fonte inesgotável.

— Entre na Vila dos Mistérios — disse-lhe Louis, tocando-lhe o ombro. — Estamos esperando.

As gêmeas estavam abraçadas, acariciando os longos cabelos cacheados uma da outra. Os jovens gritavam do lado de fora do teatro porque não havia mais ingressos. Iam acampar no estacionamento até a noite seguinte.

— Temos ingressos? — ele perguntou. — Armand, os ingressos!

Perigo. Gelo. Está vindo daquele que está preso sob o gelo! Alguma coisa o atingiu com força. Ele estava flutuando.

— Durma, meu amado.

— Quero voltar para o jardim, para a Vila.

Tentou abrir os olhos. A barriga doía-lhe. Uma dor muito estranha, parecia tão longe...

— Sabe que ele está enterrado sob o gelo?

— Durma — respondeu Armand, cobrindo-o com o lençol. — Quando acordar, estará igual a mim. Morto.

São Francisco. Ele sabia que estava lá mesmo antes de abrir os olhos. Um sonho tão horrível, estava contente por abandoná-lo. Sufocante. A escuridão, navegar na corrente marítima, forte e aterradora!

Mas o sonho se dissipava. Um sonho sem visão, apenas o som da água, a sensação da água. Um sonho de terror inominável. Nele, ele era uma mulher, indefesa, sem uma língua para gritar.

Que desapareça. Alguma coisa sobre o ar frio em seu rosto, uma frescura alva da qual ele podia quase sentir o gosto. São Francisco, é claro. O frio cobria-o como se fosse uma roupa apertada, mas dentro estava deliciosamente quente.

Imortal. Para sempre.

Abriu os olhos. Armand o colocara lá. Através da escuridão viscosa do sonho, ele ouvira Armand dizendo-lhe para ficar. Armand dissera-lhe que ali ele estaria seguro.

Ali.

Todas as portas-janelas estavam abertas. E o próprio salão, opulento, repleto, um daqueles lugares esplêndidos que

Armand encontrava com tanta freqüência e amava tanto. Veja as lindas cortinas de renda que o vento agita nas portas-janelas. Veja as plumas brancas ondulando e brilhando no tapete Aubusson. Ele ficou de pé e saiu pelas portas abertas. Uma grande rede de galhos erguia-se entre ele e o céu molhado e brilhante. A folhagem rígida do cipreste. E lá longe, através da ramagem, contra a escuridão aveludada, ele viu o grande arco iluminado da Ponte Golden Gate. A neblina passava como fumaça branca pelas torres imensas, tentando engolir os pilares, os cabos, e depois desaparecia, como se a própria ponte, com seu reluzente fluxo de carros, a tivesse queimado.

Magnífico demais, aquele espetáculo — e o contorno profundo e escuro das colinas distantes, sob seu manto de luzes cálidas. Ah, os mínimos detalhes, os telhados úmidos derramando-se morro abaixo para longe dele, ou os ramos retorcidos erguendo-se à sua frente! Como couro de elefante, esse tronco, essa pele viva!

Imortal...para sempre.

Passou as mãos pelos cabelos e uma leve dormência percorreu-o. Podia sentir a marca suave de seus dedos nos cabelos mesmo depois de afastar as mãos. O vento aguilhoava-o deliciosamente. Lembrou-se de uma coisa; ergueu a mão e tocou nos caninos. Sim, eram maravilhosamente longos e afiados.

Alguém tocou nele. Ele virou-se tão depressa que quase perdeu o equilíbrio. Ora, era tudo tão inconcebivelmente diferente! Tentou controlar-se, mas teve vontade de chorar ao ver Armand. Mesmo na sombra os olhos escuros de Armand estavam cheios de uma luz vibrante. E a expressão do rosto dele — tanto amor! Estendeu a mão cuidadosamente e tocou nos cílios de Armand. Teve vontade

de tocar nas linhas minúsculas dos lábios de Armand. Armand beijou-o. Ele começou a tremer. Como era gostoso, a boca fria e sedosa, como um beijo do cérebro, a pureza elétrica de um pensamento.

— Entre, meu pupilo — disse Armand. — Temos menos de uma hora.

— Mas os outros?

Armand tinha descoberto algo muito importante. Que era? Coisas terríveis acontecendo, casas comunais incendiadas. No entanto, naquele momento nada parecia mais importante que o calor dentro dele, e o arrepio quando ele se movimentava.

— Estão fazendo planos — Armand informou. Estaria falando em voz alta? Devia estar. Mas a voz era tão clara!

— Estão assustados com toda a destruição, mas São Francisco não foi tocada. Alguns dizem que Lestat fez isso para trazer todos para si. Outros, que é obra de Marius, ou até das gêmeas. Ou de Aqueles Que Devem Ser Preservados, que atacam de seu santuário, com poder infinito.

As gêmeas! Ele sentiu novamente a escuridão do sonho rodeá-lo, um corpo de mulher sem língua, o terror pressionando-o. Ah, nada agora poderia atingi-lo. Nem sonhos, nem planos. Ele era o filho de Armand.

— Mas essas coisas têm que esperar — Armand disse suavemente. — Você tem que vir e fazer o que eu lhe disser.

Temos que terminar o que foi começado.

— Terminar?

Já estava terminado. Ele tinha renascido. Armand levou-o para dentro, para longe do vento. Brilho de uma cama de bronze na escuridão, de um vaso de porcelana com dragões dourados. Do piano de cauda com suas teclas como dentes num sorriso. Sim, toque nele, sinta o marfim, as borlas de veludo pendentes do abajur...

A música, de onde vinha a música? Um trompete de jazz, baixo e melancólico, tocando sozinho.

Aquilo o fez estacar, aquele som vazio e triste, as notas fluindo devagar, fundindo-se umas nas outras. Ele não tinha vontade de se mover. Queria dizer que compreendia o que estava acontecendo, mas estava absorvendo cada som. Começou a agradecer pela música, mas novamente sua voz soava tão inexplicavelmente estranha — mais aguda, e mais ressonante. Até a sensação da língua, e lá fora, a neblina, olhe só, ele apontou, a neblina passando pelo terraço, a neblina comendo a noite! Armand foi paciente. Armand entendia. Armand levou-o devagar através do aposento escuro.

— Eu te amo — Daniel declarou.

— Tem certeza? — respondeu Armand.

Aquilo fez com que ele risse.

Tinham entrado num corredor comprido e alto. Uma escadaria descia, imersa em sombras profundas.

Uma balaustrada encerada. Armand insistia para que avançasse. Ele queria olhar o tapete no chão, uma longa corrente de medalhões tecidos com lírios, mas Armand o levava para dentro de um aposento profusamente iluminado.

Daniel prendeu a respiração diante de tanta luz, que inundava os sofás de couro, as cadeiras. Ah, mas a pintura na parede! Tão vívidas, as figuras na pintura, criaturas informes que eram na verdade grandes manchas de tinta amarela e vermelha. Tudo que parecia vivo estava vivo — aquela era uma possibilidade diferente. Alguém pinta seres sem braços, nadando em cores cegantes, e eles terão que existir assim para sempre. Será que podiam enxergar com todos aqueles olhos minúsculos, espalhados? Ou enxergavam apenas o céu e o inferno de seu próprio reino brilhante, ancorados aos pregos na parede por um pedaço de arame retorcido?

Ele tinha vontade de chorar ao pensar nisso, ao ouvir o gemido rouco do trompete — mas não estava chorando. Tinha sentido um aroma forte e sedutor. Meu Deus, que era aquilo? Seu corpo todo pareceu enrijecer-se inexplicavelmente. E de repente ele estava olhando para uma garota.

Estava sentada numa cadeira dourada, de espaldar reto, observando-o, tornozelos cruzados, os espessos cabelos castanhos brilhando em volta do rosto alvo. As roupas eram sujas. Uma pequena fugitiva, com seus jeans rasgados e a camiseta manchada. Que quadro perfeito, até o punhado de sardas no nariz, e a mochila engordurada que jazia a seus pés! O formato dos braços, o jeito das pernas! E os olhos dela, os olhos castanhos! Ele estava rindo baixinho, mas era um riso sem humor, enlouquecido. Tinha um som sinistro — que estranho! Ele percebeu que tinha tomado o rosto dela em suas mãos e ela o encarava sorrindo, um leve rubor escarlate inundando-lhe o rostinho cálido.

Sangue, era esse o aroma! Os dedos dele queimavam. Ora, podia ver até os vasos sanguíneos sob a pele dela! E o som

do coração, ele conseguia ouvir. Estava ficando mais alto, era um som tão...úmido! Ele recuou.

— Meu Deus, tire ela daqui! — exclamou.

— Tome-a — sussurrou Armand. — E faça isso agora.

5

KHAYMAN, MEU KHAYMAN

Ninguém está escutando.

Agora você pode cantar a canção que é sua,
como faz o pássaro, não para marcar seu território
nem seu domínio,
mas para seu próprio aprendizado.

Que alguma coisa brote do nada.

STAN RICE de “Texas suite”, Body of work (1983)

Até aquela noite, aquela noite horrível, ele costumava fazer uma piadinha a respeito de si próprio: não sabia quem era, ou de onde viera, mas sabia do que gostava. E estava rodeado do que gostava — as bancas de flores nas esquinas, os grandes prédios de vidro e alumínio cheios da leitosa luz noturna, as árvores, naturalmente, a grama sob seus pés. E as coisas compradas, de plástico e metal brilhante — brinquedos, computadores, telefones, qualquer coisa. Gostava de entendê-las, dominá-las, depois esmagá-las em bolinhas rígidas, coloridas, com as quais brincava ou jogava nas vidraças quando não havia alguém por perto. Gostava de música de piano, dos filmes, e dos poemas que encontrava nos livros.

Gostava também dos automóveis, que queimavam óleo da terra, como lamparinas. E dos grandes jatos que voavam pelos mesmos princípios científicos, acima das nuvens. Sempre parava para escutar as pessoas rindo e conversando lá em cima, quando passava um avião. Dirigir era um prazer extraordinário. Certa vez, num Mercedes-Benz prateado, voou pelas estradas desertas e lisas de Roma a Florença e de lá a Veneza, tudo numa só noite. Gostava também de televisão — de todo o seu processo elétrico, suas luzes minúsculas.

Como era gostoso ter a companhia da televisão, a intimidade de tantos rostos engenhosamente maquilados na tela cintilante falando com ele com tanta simpatia!

Gostava de rock and roll também. Gostava de qualquer música. Gostava do Vampiro Lestat cantando Réquiem para a Marquesa. Não prestava muita atenção nas letras. Gostava da melancolia, do sombrio fundo de tambores e címbalos. Dava-lhe vontade de dançar.

Gostava das gigantescas máquinas amarelas que cavavam a terra tarde da noite nas grandes cidades, com homens uniformizados formigando por cima delas; gostava dos ônibus de dois andares de Londres, e das pessoas — por toda parte os inteligentes mortais — gostava delas também, é claro. Gostava de caminhar à noite em Damasco e ver, em súbitos lampejos de lembranças desconexas, a cidade dos antigos. Romanos, gregos, persas, egípcios pelas ruas.

Gostava das bibliotecas, onde encontrava fotos de monumentos antigos nos livros grandes, de cheiro bom. Tirava fotos dessas novas cidades e de vez em quando conseguia colocar nessas fotografias imagens que vinham de seus pensamentos. Por exemplo: numa fotografia de Roma havia romanos de túnica e sandália superpostos à versão moderna com suas roupas pesadas e desajeitadas.

Ah, estava sempre cercado de coisas de que gostava — a música de violino de Bartók, garotinhas em vestidos alvos saindo da igreja à meia-noite, depois de cantarem na Missa do Galo.

Gostava também do sangue de suas vítimas, é claro. Isso era óbvio. Não fazia parte da piada. Não achava a morte engraçada. Tocaíava sua presa em silêncio; não queria conhecer suas vítimas. Tudo o que um mortal precisava fazer era falar com ele, e ele se afastava. Não achava correto conversar com aqueles seres delicados, de olhar suave, e depois beber-lhes o sangue, quebrar seus ossos e chupar o tutano, reduzir seus membros a mingau. E era assim que agora se banqueteara: violentamente. Não sentia mais tanta necessidade de sangue; mas tinha o desejo. E esse desejo o dominava, com toda sua voraz pureza, bem diferente da sede.

Podia banquetear-se com três ou quatro mortais numa só noite.

No entanto tinha certeza absoluta de que já tinha sido um ser humano. Caminhar ao sol no calor do dia — sim, já fizera isso, embora certamente não pudesse fazê-lo agora. Via-se sentado a uma tosca mesa de madeira, cortando um pêsego maduro com um canivete de cobre. Linda, a fruta à sua frente. Conhecía seu sabor. Conhecía o sabor do pão e da cerveja. Via o sol brilhando na areia amarela que se estendia por muitos quilômetros, lá fora. "Deite-se e descanse no calor do dia" alguém lhe dissera uma vez. Teria sido no último dia em que fora vivo? Descanse, sim, porque esta noite o Rei e a Rainha reunirão a corte e alguma coisa terrível, alguma coisa...

Mas não conseguia lembrar-se direito. Não, ele apenas sabia — isto é, até aquela noite. Naquela noite...

Nem mesmo quando ouviu o Vampiro Lestat ele conseguiu lembrar-se. O cantor apenas fascinou-o um pouco — um roqueiro dizendo-se bebedor de sangue. E parecia mesmo sinistro, mas aquilo era televisão, não era? Muitos humanos do alucinante mundo do rock pareciam sinistros. E havia demasiada emoção humana na voz do Vampiro Lestat.

Não era apenas emoção; era um certo tipo de ambição humana: o Vampiro Lestat queria ser herói.

Quando ele cantava, dizia: "Reconheçam minha importância! Sou o símbolo do mal; se sou um símbolo verdadeiro, então faço o bem". Fascinante. Só um ser humano pensaria num paradoxo assim. E ele sabia disso muito bem, pois já fora humano, naturalmente.

Agora possuía uma compreensão sobrenatural dessas coisas. Isso era verdade. Os humanos não conseguiam olhar para uma máquina e entender seus princípios como ele entendia. E a maneira como tudo lhe era "familiar" — isso também tinha a ver com seus poderes sobre-humanos. Ora, não havia nada que pudesse realmente surpreendê-lo. Nem a física quântica, as teorias da evolução, a pintura de Picasso ou o processo pelo qual inoculam-se germes nas crianças para protegê-las da doença. Era como se ele tivesse consciência dessas coisas desde muito antes de se lembrar. Muito antes de poder dizer: "Penso, logo existo".

Mas, tirando isso tudo, ele ainda tinha uma perspectiva humana. Isso ninguém podia negar. Conseguia sentir dor humana com uma perfeição misteriosa e assustadora. Sabia o que era amar, e sentir solidão — ah, sim, isso ele conhecia mais que todas as coisas, e sentia-a mais intensamente quando escutava as canções do Vampiro Lestat. Por isso não prestava atenção às palavras.

E outra coisa: quanto mais sangue bebia, mais humana ficava a sua aparência.

Quando surgiu primeiro desta vez — para si mesmo e para os outros — não parecia humano. Era um esqueleto imundo andando por uma estrada da Grécia em direção a Atenas, os ossos enredados em veias estreitas e borrachudas, por fora uma camada de pele branca e endurecida. Aterrorizava as pessoas.

Elas fugiam correndo, forçando os motores de seus carrinhos. Mas ele lia suas mentes — via-se como elas o viam — e compreendia, e ficava com pena, é claro. Em Atenas arranjava luvas, um agasalho de lã com botões de plástico e aqueles engraçados sapatos modernos que cobriam o pé inteiro. Enrolara trapos em volta do rosto,

deixando buracos para os olhos e a boca. Cobrira os imundos cabelos negros com um chapéu de feltro cinzento...

Ainda se assustavam, mas não saíam correndo aos gritos. No crepúsculo, andava em meio às multidões na Praça Omonia e ninguém prestava atenção nele. Era interessante a agitação moderna daquela velha cidade, que em eras longínquas fora igualmente viva, com estudantes vindo de todo o mundo para estudar filosofia e arte. Ele olhava para a Acrópole e via o Partenon como fora então, perfeito, a casa da deusa. Não a ruína que era hoje.

Os gregos, como sempre, eram um povo esplêndido, gentil e confiante, embora agora tivessem a pele e os cabelos mais escuros, por causa do sangue turco. Não ligavam para suas roupas estranhas. Quando ele falava com sua voz suave e branda, imitando perfeitamente a linguagem deles — a não ser por alguns enganos aparentemente engraçados — eles o adoravam. E ele percebera também que seu corpo estava lentamente enchendo-se de carne. Era rígido como uma rocha, mas estava mudando. Finalmente, certa noite, ao retirar a máscara de trapos, ele vira as feições de um rosto humano. Então era essa a sua aparência?

Olhos grandes e negros, com delicadas ruguinhas nos cantos e pálpebras lisas. A boca era bela, sorridente. O nariz era bem-feito — gostou dele. As sobrancelhas eram o que ele mais apreciava, porque eram negras e retilíneas, não falhadas ou hirsutas, e ficavam bem acima dos olhos, dando-lhe uma expressão aberta, um ar de disfarçado espanto que inspirava confiança. Sim, era um belo rosto de homem jovem. Desde então ele andara descoberto, com roupas modernas. Mas tinha que se manter no lusco-fusco. Era branco demais.

Quando perguntavam, dizia chamar-se Khayman. Mas não sabia onde tinha arranjado esse nome.

Saberia, mais tarde, que um dia se chamara Benjamin. Havia outros nomes... Mas quando? Khayman: esse era o primeiro o nome secreto, aquele de que nunca se esqueceu. Sabia desenhar duas figuras minúsculas que significavam Khayman, mas não tinha idéia da origem daqueles símbolos.

Como todas as outras coisas, sua força também lhe causava espanto. Conseguia atravessar paredes de argamassa, erguer um automóvel e lançá-lo longe. No entanto, era curiosamente flexível e leve. Podia atravessar a própria mão com uma faca longa e fina. Que sensação estranha! E sangue por toda parte.

Então as feridas se fechavam, e ele tinha que abri-las novamente para retirar a faca.

Quanto à leveza... ora, não havia coisa que ele não pudesse subir. Era como se a gravidade não o dominasse, se ele decidisse desafiá-la. E certa noite, depois de subir um prédio alto no centro da cidade, voou lá do topo, descendo suavemente até a rua. Delicioso, aquilo. Sabia que poderia cruzar grandes distâncias, se ousasse. Ora, certamente já fizera isso, subindo até as nuvens. Mas... talvez não.

Tinha outros poderes também. Todas as noites acordava ouvindo vozes do mundo inteiro. Ficava deitado na escuridão, banhado em som. Ouvia gente falando grego, inglês, italiano, indústão. Ouvia risos, gritos de dor.

Se ficasse imóvel, conseguia ouvir os pensamentos das pessoas — uma corrente confusa, cheia de uma exasperação selvagem que o assustava. Não sabia de onde

vinham aquelas vozes. Ou por que uma voz abafava outra. Era como se ele fosse Deus escutando orações.

E de vez em quando, completamente diversas das vozes humanas, vinham-lhe vozes imortais. Outros como ele, pensando, sentindo, mandando um aviso? Seus gritos argênteos eram distantes, mas ele conseguia distingui-los facilmente da trama e urdidura humanas.

Mas essa receptividade o magoava. Trazia-lhe lembranças horríveis de estar fechado num lugar escuro durante anos e anos, com apenas essas vozes como companhia. Pânico. Não queria recordar isso. Algumas coisas ninguém gosta de recordar. Como ser queimado, aprisionado. Como lembrar-se de tudo e chorar, chorar uma terrível angústia.

Sim, coisas ruins tinham-lhe acontecido. Já estivera nesta terra com outros nomes, em outras ocasiões.

Mas sempre com esse mesmo temperamento gentil e otimista, amando as coisas. Seria a sua uma alma migrante? Não, ele sempre tivera esse corpo. Por isso era tão leve e tão forte.

Inevitavelmente desligava as vozes. Lembrava-se de um aviso antigo: se não aprender a desligar as vozes, elas vão deixá-lo louco. Mas agora era fácil. Desligava-as simplesmente levantando-se, abrindo os olhos.

Na realidade, teria que fazer um esforço para ouvi-las, e então elas apenas continuavam sem cessar, transformando-se num ruído único e irritante. O esplendor do momento esperava por ele. E era fácil abafar os pensamentos dos mortais próximos. Podia cantar, por exemplo, ou fixar a atenção em qualquer coisa à sua volta. Abençoado silêncio. Em Roma havia distrações por toda

parte. Como amava as velhas casas romanas, pintadas de ocre, castanho e verde-escuro! Amava as estreitas ruas de pedra. Podia dirigir um carro em disparada pelas ruas cheias de mortais ou passear pela Via Veneto até encontrar uma mulher por quem se apaixonar por pouco tempo.

E adorava a inteligência das pessoas nesta época. Ainda eram pessoas, mas sabiam muito. Um dirigente era assassinado na Índia, e dentro de uma hora o mundo inteiro chorava. Todo tipo de desastres, invenções e milagres médicos pesavam na mente do homem comum. As pessoas brincavam com os fatos e a imaginação.

Garçonetes escreviam à noite romances que iriam torná-las famosas. Operários apaixonavam-se por estrelas de cinema nuas em filmes alugados. Os ricos usavam jóias de papel, os pobres compravam diamantes minúsculos. E princesas andavam pelos Champs Elysées em farrapos cuidadosamente desbotados.

Ah, ele gostaria de ser humano. Afinal, o que era? Como eram os outros, aqueles cujas vozes ele desligava? Não da Primeira Geração, isso ele tinha certeza. A Primeira Geração jamais poderia entrar em contato uns com os outros puramente pelo pensamento. Mas que diabos era a Primeira Geração? Não conseguia se lembrar! Um leve pânico assaltou-o. Não pense nessas coisas. Escrevia poemas numa caderneta, simples e modernos — no entanto sabia que tinham o estilo mais antigo que já conhecera.

Viajava sem cessar pela Europa e Ásia Menor, às vezes caminhando, às vezes erguendo-se nos ares e desejando estar em determinado lugar. Encantava a todos que se envolviam com ele e durante o dia cochilava descuidadamente em esconderijos escuros. Afinal, o sol não mais o incendiava. Mas não conseguia funcionar à luz do

sol. Seus olhos começavam a se fechar assim que viam luz no céu matinal. Vozes, todas aquelas vozes, outros bebedores de sangue gritando angustiados, e depois nada. E despertava ao poente, ansioso para ler o padrão imemorial das estrelas.

Finalmente encorajou-se em seus vôos. Nas redondezas de Istambul, ergueu-se como um balão bem acima dos telhados. Girou e deu cambalhotas, rindo, e depois desejou ir para Viena, onde chegou antes da aurora. Ninguém o viu. Movia-se demasiado depressa para que o vissem. Além disso, não tentava essas pequenas experiências diante de olhos curiosos.

Tinha também outro poder interessante: conseguia viajar sem o corpo. Bem, não exatamente viajar. Podia enviar sua visão, por assim dizer, para ver coisas distantes. Deitado, ele pensava, por exemplo, num lugar distante que gostaria de ver, e no mesmo instante estava lá. Ora, havia mortais que também conseguiam fazer isso, dormindo ou acordados, usando uma grande concentração. Ocasionalmente ele passava por seus corpos adormecidos e percebia que suas almas estavam viajando em outra parte. Mas nunca conseguiu ver essas almas. Aliás, não via fantasmas ou qualquer outro tipo de espíritos. Mas sabia que estavam ali. Tinham que estar.

E vinha-lhe uma velha consciência de que certa vez, quando mortal, no templo, bebera uma poderosa poção que os sacerdotes lhe deram e viajara do mesmo modo, fora do corpo, até o firmamento. Os sacerdotes chamaram-no de volta. Ele não queria voltar. Estava com aqueles que amava dentre os mortos. Mas sabia que tinha que voltar. Era o que esperavam dele. Então tinha sido mesmo um ser humano! Sim, definitivamente.

Lembrava-se do suor em seu peito nú quando estava deitado no quarto empoeirado e lhe trouxeram a poção.

Amedrontado. Mas todos tinham que passar por aquilo. Talvez fosse melhor ser o que era agora, poder voar com o corpo e a alma juntos.

Mas causava-lhe imensa dor não saber, não se lembrar realmente, não compreender como podia fazer essas coisas ou por que vivia do sangue humano. Em Paris, foi ver filmes de vampiro, meditando no que parecia verdadeiro e no que era falso. Tudo familiar, embora tolíce em grande parte. O Vampiro Lestat inspirava suas roupas naqueles filmes em preto e branco. A maioria das "criaturas da noite" usava a mesma fantasia — a capa preta, a camisa branca engomada, a casaca, a calça preta.

Bobagem, naturalmente, mas aquilo o consolava. Afinal, eram bebedores de sangue, pessoas que falavam com suavidade, gostavam de poesia, no entanto matavam mortais o tempo todo. Comprava revistas de terror e recortava certas figuras de belos senhores bebedores de sangue como o Vampiro Lestat. Talvez devesse experimentar aquela linda fantasia; também seria um consolo. Faria com que se sentisse parte de alguma coisa, mesmo que essa coisa não exista.

Em Londres, depois da meia-noite numa loja na penumbra, encontrou suas roupas de vampiro. Calça e casaca, e reluzentes sapatos de verniz; uma camisa engomada como um papiro, com uma gravata de seda branca. Ah, e a capa de veludo preto, magnífica, com seu forro de cetim branco, que chegava até o chão.

Dava graciosos volteios diante dos espelhos. Como o Vampiro Lestat o teria invejado! E pensar que ele, Khayman,

não era apenas um humano fingindo — era real! Penteou os espessos cabelos pela primeira vez.

Encontrou perfumes e ungüentos em caixas de vidro, e perfumou-se apropriadamente para uma grande noite.

Encontrou anéis e abotoaduras de ouro.

Agora estava lindo, como já fora em outros trajes muito tempo antes. E nas ruas de Londres as pessoas o adoraram imediatamente! Tinha agido certo. Seguiam-no quando ele passava sorrindo, de vez em quando acenando, piscando o olho. Até matar ficou melhor. A vítima o encarava como se visse uma miragem, como se compreendesse. Ele primeiro se inclinava — como o Vampiro Lestat fazia nos videocliques na televisão — e bebia delicadamente da garganta, antes de dilacerar a vítima.

Claro que tudo aquilo era uma brincadeira com algo de extremamente trivial. Nada tinha a ver com ser um bebedor de sangue, era esse o sinistro segredo, nada a ver com as coisas apagadas de que ele mal se lembrava de vez em quando e expulsava da mente. Mesmo assim, era agradável ser por algum tempo "alguém" e "alguma coisa". Sim, o momento, o momento era esplêndido, E o momento era tudo que ele tinha.

Afinal, esqueceria essa época também, não era certo? Aquelas noites com seus maravilhosos detalhes desapareceriam; e num futuro qualquer, ainda mais complicado e exigente, estaria perdido novamente, lembrando-se apenas do próprio nome.

Finalmente foi para casa. Para Atenas.

À noite, vagava pelo museu com um toco de vela, examinando as velhas lápides com suas figuras entalhadas

que o faziam chorar. A mulher morta, sentada — os mortos estão sempre sentados —, estende a mão para o bebê vivo que ela deixou para trás, no colo do marido. Nomes lhe voltavam, como se morcegos sussurrassem em seus ouvidos. Vá ao Egito, lá você se recordará. Mas ele não queria ir. Cedo demais para implorar a loucura e o esquecimento. A salvo em Atenas, vagando pelo velho cemitério abaixo da Acrópole, de onde tinham retirado todas as colunas funerárias; não importa o ruído do trânsito — a terra ali é linda. E ainda pertence aos mortos.

Adquiriu um enxoval de roupas de vampiro. Comprou até um caixão, mas não gostava de entrar nele.

Em primeiro lugar, aquele caixão não tinha a forma de uma pessoa, não tinha rosto, nem inscrições para guiar a alma do morto. Não era apropriado. Em sua opinião, parecia uma caixa de jóias. Mas mesmo assim achou que, sendo um vampiro, tinha que ter o caixão, seria engraçado. Os mortais que vinham ao apartamento adoravam. Ele lhes servia vinho cor de sangue em taças de cristal. Recitava-lhes o "Poema do Velho Marinheiro" ou cantava-lhes canções em línguas estranhas, que eles adoravam. De vez em quando lia seus poemas. Que mortais bondosos! E o caixão era um lugar para sentarem, no apartamento sem moveis.

Mas gradualmente as canções do roqueiro americano, o Vampiro Lestat, começaram a perturbá-lo. Não eram mais divertidas. Os tolos filmes antigos também não. Mas o Vampiro Lestat o incomodava de verdade.

Que bebedor de sangue sonharia com atos de pureza e coragem? Suas canções tinham um tom trágico.

Bebedor de sangue... De vez em quando, ao despertar, sozinho no chão do apartamento quente e sem

ar, com a última luz do dia desaparecendo do outro lado das cortinas fechadas, ele sentia erguer-se de si um sonho pesado, no qual criaturas suspiravam e gemiam de dor. Teria estado seguindo um caminho, numa terrível paisagem noturna, na esteira de duas lindas mulheres de cabelos vermelhos que sofreram uma injustiça inominável, belezas gêmeas a quem ele tentava alcançar vezes sem conta? Depois que lhe cortaram a língua, a ruiva do sonho tomou a língua da mão do soldado e comeu-a. Sua coragem espantou-os...

Ah, não olhe para estas coisas!

Seu rosto doía, como se ele tivesse chorado ou estivesse muito ansioso. Deixou-se relaxar devagar.

Contemplar a lamparina. As flores amarelas. Nada. Apenas Atenas, com seus quilômetros de prédios indistintos, e o grande templo de Atena em pedaços no monte, agigantando-se sobre todas as coisas apesar do ar enfumaçado. Noite. O fluxo sublime de milhares de pessoas em suas surradas roupas de trabalho derramando-se pelas escadas rolantes em direção aos trens do metro. A Praça Sintagma pontilhada dos preguiçosos bebedores de retsina ou uzo, sofrendo com o calor do início da noite. E os pequenos quiosques vendendo jornais e revistas de todas as terras.

Não ouviu mais as canções do Vampiro Lestat. Deixou as danceterias americanas onde elas eram tocadas. Afastou-se dos estudantes que levavam pequenos toca-fitas presos aos cintos. Então certa noite, no coração do Plaka, com suas luzes fortes e suas tavernas barulhentas, viu outros bebedores de sangue passando apressados pela multidão. Seu coração parou. O medo e a solidão o dominaram. Não conseguia mover-se ou falar. Então passou

a seguiu-os pelas ruas íngremes, entrando e saindo de danceterias, uma após outra, onde a música eletrônica berrava. Estudou-os cuidadosamente enquanto atravessavam a multidão de turistas, sem perceberem que ele estava ali.

Dois homens e uma mulher em roupas de seda preta, os pés dela dolorosamente presos em sapatos de saltos altos. Óculos prateados de lentes escuras cobriam-lhes os olhos; cochichavam entre si e soltavam repentinas rajadas de riso; cobertos de jóias e perfumes, eles exibiam sua pele e seus cabelos sobrenaturais. Mas, além desses detalhes superficiais, eram muito diferentes dele. Para começar, não eram tão rijos e brancos. Na verdade, eram feitos de tanto tecido humano mole que ainda eram cadáveres animados. Enganadoramente rosados e fracos. E como precisavam do sangue de suas vítimas! Ora, naquele exato momento estavam sofrendo agonias de sede. E certamente aquele era seu destino todas as noites.

Porque o sangue tinha que agir incessantemente em todo o tecido humano mole. Trabalhava não apenas para animar o tecido, mas para transformá-lo lentamente em algo mais.

Quanto a ele, era feito de outra coisa. Não lhe sobrava tecido humano mole. Embora desejasse sangue, não precisava dele para qualquer transformação. Ao contrário, percebera de repente que o sangue apenas lhe fazia bem, aumentava seus poderes telepáticos, sua capacidade de voar ou de viajar sem o corpo, sua força prodigiosa. Ah, ele entendia isso! Era um hospedeiro quase perfeito do poder sem nome que agia dentro de todos eles.

Sim, era exatamente isso. E eles eram mais jovens, só isso. Mal tinham começado sua jornada em direção à

verdadeira imortalidade vampírica. Não se lembrava... Bem, na verdade não, mas sabia que eles eram filhotes, não mais que cem ou duzentos anos de estrada! Aquela era a época perigosa, quando ficavam loucos por sangue, ou os outros os pegavam, queimavam, coisas assim. Muitos não sobreviviam. E para ele, da Primeira Geração, aquilo já fazia muito tempo.

Ora, o tempo exato era quase inconcebível! Parou ao lado do muro pintado de um jardim e ergueu o braço para descansar a mão num galho retorcido, deixando as folhas verdes e frescas tocarem seu rosto.

Sentiu-se de repente dominado pela tristeza, uma tristeza mais terrível que o medo. Ouviu alguém gritando, não lá, mas em sua mente. Quem era? Pare! Bem, não iria ferir aquelas pobres crianças! Não, queria apenas conhecê-las, abraçá-las. Afinal, somos da mesma família, bebedores de sangue, vocês e eu! Mas quando se aproximou, quando lhes mandou sua saudação silenciosa, porém exuberante, eles se voltaram e o encararam com indisfarçado terror. Fugiram. Desceram um escuro labirinto de becos íngremes, afastando-se das luzes do Plaka, e nada que ele dissesse os fez parar.

Ficou imóvel e silencioso, com uma dor aguda que nunca sentira antes. Então aconteceu uma coisa curiosa e terrível. Foi atrás deles até vê-los novamente. Ficou zangado, realmente furioso. Malditos! Sejam castigados por me ferirem! E de repente experimentou uma súbita sensação na testa, um espasmo frio logo atrás do osso. Dele saiu uma força que saltou como uma língua invisível e penetrou num dos componentes do trio fugitivo, a mulher, e o corpo dela explodiu em chamas. Ele assistiu estupefato. No entanto, entendia o que tinha acontecido. Tinha penetrado nela com uma força aguda e dirigida. Essa força

tinha incendiado o sangue forte e combustível que ele e ela tinham em comum, e imediatamente o fogo percorrera-lhe as veias, e ao chegar ao tutano fez com que o corpo explodisse. Segundos depois ela não era nada.

Deuses! Ele tinha feito aquilo! Com sofrimento e terror ficou olhando para as roupas vazias, ilesas, mas escurecidas e manchadas de gordura. Apenas um pouco dos cabelos dela sobrava no chão, queimando lentamente enquanto ele observava. Talvez houvesse um engano qualquer. Mas não, sabia que tinha feito aquilo.

Ele se sentiu fazendo aquilo. E ela tivera tanto medo!

Foi para casa num silêncio chocado. Sabia que nunca tinha usado aquele poder antes, ou mesmo tido consciência dele. Será que só lhe viera agora, depois de séculos do sangue agindo, secando suas células, deixando-as brancas e fortes como as câmaras de um ninho de vespas? Sozinho no apartamento, tornou a furar-se com uma faca e observou o sangue fluindo. Era espesso e quente, empoçando-se na mesa diante dele, reluzindo à luz da lamparina como se estivesse vivo. E estava!

No espelho estudou o brilho que lhe voltara depois de tantas semanas dedicadas a caçar e a beber, e que começava a esvair-se. Um leve tom amarelado em suas bochechas, um traço de rosa nos lábios. Mas não tinha importância, ele era como a pele abandonada de uma serpente — morto, leve e rijo, a não ser pelo pulsar constante desse sangue. Esse sangue vil. E seu cérebro, ah, seu cérebro, que aparência tinha agora? Translúcido como uma coisa feita de cristal, com o sangue percorrendo seus minúsculos compartimentos? E lá vivia o poder, não vivia, com sua língua invisível?

Saindo novamente, ele tentou esse poder recém-descoberto em animais, nos gatos, pelos quais sentia uma aversão inexplicável — criaturas maléficas. E em ratos, que todos os homens desprezam. Não era a mesma coisa. Ele matava essas criaturas com a língua invisível de energia, mas elas não pegavam fogo. Os cérebros e os corações sofriam um tipo de ruptura fatal, mas o sangue natural delas não era combustível. E assim não se incendiavam.

Aquilo o fascinou, de um modo frio e angustiado. "Que belo assunto para pesquisas!" sussurrou, olhos de repente brilhando de lágrimas importunas. Capas, gravatas brancas, filmes de vampiro, que significavam para ele? Quem diabos era ele? O tolo dos deuses, vagando pela estrada de um momento para outro momento por toda a eternidade? Quando viu um enorme cartaz do Vampiro Lestat zombando dele na vitrine de uma loja de video filmes, voltou-se e com a língua de energia arrebentou o vidro.

Ah, que delícia. Quero as florestas, as estrelas! Naquela noite foi até Delfos, erguendo-se silenciosamente acima da terra às escuras. Desceu na grama úmida e caminhou até onde o oráculo costumava sentar-se, ali nas ruínas da casa do deus. Porém não deixaria Atenas. Tinha que encontrar os dois bebedores de sangue e dizer-lhes que lamentava, que nunca, nunca usaria esse poder contra eles. Tinham que falar com ele! Tinham que estar com ele...! Sim.

Na noite seguinte, ao despertar, tentou ouvi-los. E uma hora depois ouviu-os erguerem-se de suas tumbas. Uma casa no Plaka era sua toca, com uma daquelas tavernas enfumaçadas e barulhentas aberta para a rua. Durante o dia dormiam no porão, ele deduziu, e subiam a noite para ver os mortais dançando e bebendo na taverna. Lamia, a antiga palavra grega para vampiro, era o nome daquele estabelecimento, onde guitarras elétricas tocavam

a música grega primitiva, e jovens homens mortais dançavam uns com os outros, gingando os quadris com toda a sedução de mulheres, enquanto a resina jorrava. Nas paredes havia retratos tirados de filmes de vampiros — Bela Lugosi como Drácula, a pálida Gloria Holden Como sua filha — e cartazes de Lestat, o vampiro de cabelos louros e olhos azuis.

Então eles também tinham senso de humor, pensou gentilmente. O par de vampiros, aturdidos de sofrimento e medo, estavam sentados juntos, olhos fixos na porta aberta. Como pareciam indefesos! Não se moveram quando o viram parado à porta, com as costas para o brilho branco da rua. Que foi que pensaram quando viram sua capa comprida? Um monstro de seus próprios cartazes ganhou vida para trazer-lhes a destruição que tão poucas coisas podiam trazer?

— Venho em paz. Desejo apenas conversar com vocês. Nada me deixará zangado. Venho por... amor.

O par ficou paralisado. Então um deles levantou-se, e ambos soltaram um grito espontâneo e horrível. O fogo cegou-o, como cegou os dois mortais que passaram por ele empurrando-o, em sua repentina disparada para a rua. Os bebedores de sangue, em chamas, moribundos, numa dança Macabra de braços e pernas contorcidos. A própria casa estava em chamas, as vigas em brasa, garrafas explodindo, faíscas alaranjadas erguendo-se para o céu carregado.

Ele tinha feito aquilo! Seria ele a morte para os outros, desejando ou não?

Lágrimas de sangue desciam pelo rosto branco sobre a frente da camisa engomada. Ergueu o braço para

esconder o rosto com a capa. Era um gesto de respeito pelo horror que acontecia diante de si — os bebedores de sangue morrendo por dentro. Não, não podia ter feito aquilo, não podia. Deixou que mortais o empurrassem para fora do caminho. Sirenes feriram-lhe os ouvidos. Ele pestanejou, tentando enxergar a despeito das luzes ofuscantes. E então, num momentâneo choque de compreensão, ele soube que não tinha feito aquilo. Porque avistou o ser que o fizera! Ali, coberto por uma capa de lã cinzenta, meio escondido num beco escuro, estava o ser, a observá-lo.

Quando seus olhos se encontraram, ela sussurrou o nome dele:

— Khayman, meu Khayman!

Sentiu a mente esvaziar-se completamente. Era como se uma luz branca descesse sobre ele, incendiando todo o conhecimento. Por um sereno instante não sentiu coisa alguma. Não ouviu o ruído do fogo furioso, não percebeu as pessoas que o empurravam ao passar. Simplesmente encarou aquela coisa, aquele ser lindo e delicado, belíssima como sempre fora. Um horror insuportável dominou-o. Lembrou-se de tudo — tudo que já vira, fora ou soubera.

Os séculos abriram-se diante de si. Os milênios estendiam-se remontando ao próprio início de tudo.

Primeira Geração. Ele sabia de tudo. Estremeceu, chorando. Ouviu a si próprio dizer, com todo o rancor de uma acusação:

— Você!

Subitamente, num enorme clarão destruidor, ele sentiu toda a força dela. O calor atingiu-o no peito, e ele cambaleou para trás.

Pelos deuses, você vai me matar também! Mas ela não poderia ouvir seus pensamentos! Ele bateu de encontro ao muro caiado de branco. Uma dor aguda surgiu em sua cabeça.

Mas continuava a ver, sentir, pensar! E o coração batia regularmente, como antes. Não estava em chamas! E então, num raciocínio súbito, reuniu forças e combateu essa energia invisível com um violento golpe da sua própria energia.

— Ah, é o ódio novamente, minha soberana! — gritou, na antiga linguagem. Como sua voz soava humana!

Mas estava acabado. O beco estava vazio. Ela tinha partido.

Ou, melhor, tinha alçado vôo, erguendo-se em linha reta para o céu, como ele próprio já fizera muitas vezes, e tão depressa que os olhos não conseguiam enxergar. Sim, sentia a presença dela afastando-se. Ergueu os olhos e encontrou-a sem esforço — um minúsculo pontinho indo para o oeste, acima dos pedacinhos de nuvens pálidas. Sons ríspidos chocaram-no — sirenes, vozes, o estalejar da casa em chamas, as últimas vigas desabando. A rua estreita estava atulhada de gente; a música estridente dos outros bares não cessara. Ele recuou, afastando-se daquele lugar, chorando, com um último olhar para o domínio dos bebedores de sangue agora mortos. Ah, não saberia calcular quantos milhares de anos, e ainda a mesma guerra... Passou horas vagando pelas ruas escuras.

Atenas silenciou. Pessoas dormiam atrás de paredes de madeira. As calçadas brilhavam com a névoa que veio forte, como chuva. Sua história era como um caracol gigantesco, espiralada e imensa acima dele, pressionando-o

sobre a terra com seu peso incalculável. Finalmente subiu a encosta de um monte e entrou no bar frio e luxuoso de um grande hotel moderno, de aço e vidro. Preto e branco o lugar, exatamente como ele, com sua pista de dança quadriculada, mesas pretas, banquinhos de couro preto.

Despercebido, deixou-se cair numa cadeira na penumbra e permitiu que as lágrimas corressem. Chorou como um tolo, a testa de encontro ao braço.

Não lhe veio à loucura; nem o esquecimento. Vagou pelos séculos, revisitando os locais que conhecera em terna e descuidada intimidade. Chorou por todos aqueles a quem conhecera e amara. Mas o que o magoava acima de todas as coisas era a enorme e sufocante sensação do início, o verdadeiro início, antes até mesmo daquele longo dia em que estava deitado em sua casa junto ao Nilo, na imobilidade do meio-dia, sabendo que naquela noite precisaria ir ao palácio.

O verdadeiro início fora um ano antes, quando o Rei lhe dissera:

— Se não fosse por minha amada Rainha, eu buscaria meu prazer com essas duas mulheres. Mostraria que elas não são bruxas a serem temidas. Você fará isso em meu lugar.

Tinha sido tão real quanto o momento presente — a corte, inquieta, reunida para assistir; mulheres e homens de olhos pretos, com suas saias de fino linho e as complicadas perucas pretas, alguns atrás das colunas entalhadas, outros orgulhosamente próximos do trono; as gêmeas de cabelos vermelhos paradas diante dele, suas lindas prisioneiras a quem ele tinha passado a amar. Não posso fazer isso. Mas fizera. Enquanto a corte esperava, enquanto o Rei e a

Rainha esperavam, ele colocara o colar do Rei com o medalhão de ouro, para agir em nome do Rei. E descera os degraus do palanque, enquanto as gêmeas o encaravam, e profanara as duas, uma de cada vez.

Certamente aquela dor não podia durar tanto.

Teria rastejado para dentro do ventre da terra, se tivesse forças para isso. Bendita ignorância, como a desejava! Ir a Delfos, passear na grama alta, verde e perfumada. Colher as pequenas flores silvestres. Ah, elas abriam para ele como para a luz do sol, se as segurasse sob a lâmpada? Mas por outro lado não queria esquecer. Alguma coisa mudara; algo tornava esse momento ímpar. Ela erguera-se de seu longo sono! Ele a vira numa rua de Atenas com seus próprios olhos! O passado e o presente tornaram-se uma coisa só. Enquanto suas lágrimas secavam, ele ficou sentado, escutando, pensando.

Dançarinos contorciam-se no quadriculado à sua frente. Mulheres lhe sorriam. Seria um lindo Pierrô de porcelana aos olhos delas, com seu rosto pálido e as bochechas rubras? Ergueu os olhos para a tela de vídeo que pulsava e brilhava no teto do aposento. Seus pensamentos ficaram fortes, como seus poderes físicos.

Isso era agora, no mês de outubro, no final do vigésimo século após o nascimento de Cristo. E poucas noites antes ele vira as gêmeas em seus sonhos! Não. Não havia saída. Para ele a verdadeira agonia estava apenas começando, mas isso não tinha importância. Estava mais vivo que nunca.

Enxugou lentamente o rosto com um pequeno lenço de linho. Lavou os dedos na taça de vinho à sua frente, como se para consagrá-los. E tornou a erguer os olhos para

a tela onde o Vampiro Lestat cantava sua trágica canção. Demônio de olhos azuis, cabelos louros despenteados, tronco e braços fortes de um homem jovem. Seus movimentos, irregulares, porém graciosos; lábios sedutores, voz cheia de um sofrimento cuidadosamente modulado.

E todo esse tempo você vem me dizendo, não é? Me chamando! Chamando o nome dela!

A imagem no vídeo parecia encará-lo, responder-lhe, cantar para ele, mas naturalmente isso não era possível. Aqueles Que Devem Ser Preservados! Meu Rei e minha Rainha! Ele escutava com total atenção cada sílaba cuidadosamente articulada acima do lamento dos metais e do pulsar da bateria. E só quando o som e a imagem desvaneceram-se foi que se ergueu e deixou o bar, para caminhar às cegas pelos frios corredores de mármore do hotel até a escuridão lá fora.

Vozes chamavam-no, vozes de bebedores de sangue no mundo inteiro, avisando. Vozes que sempre estiveram lá. Falavam de calamidade, de reunir-se para impedir um desastre horrível. A Mãe Caminha. Falavam dos sonhos com as gêmeas, que eles não compreendiam. E ele estivera cego e surdo a tudo isso!

— Tanta coisa você não compreende, Lestat — sussurrou.

Finalmente subiu a um promontório escuro e contemplou a Cidade Alta, os templos à distância — pedaços de mármore branco brilhando sob as fracas estrelas.

— Maldita seja, minha soberana — sussurrou. — Maldita seja no inferno por tudo o que fez a todos nós!

E pensar que nesse mundo de aço e gasolina, de estridentes sinfonias eletrônicas e circuitos de computadores silenciosos, nós ainda vagamos. Mas lembrou outra maldição, bem mais forte que a sua. Viera um ano depois do momento horrível em que ele violentara as duas mulheres — uma maldição gritada dentro do pátio do palácio, sob um céu noturno tão distante e frio quanto esse.

— Que os espíritos testemunhem, pois deles é o conhecimento do futuro, do que seria e do que eu desejo: Você é a Rainha dos Condenados, é o que você é! O Mal é o seu único destino. Mas em seu maior momento sou eu quem vai derrotá-la. Olhe bem meu rosto. Sou eu quem vai derrubá-la!

Quantas vezes, durante os primeiros séculos, ele recordará aquelas palavras? Em quantos lugares, através de desertos e montanhas, através de férteis vales, ele procurara as duas irmãs ruivas? Entre os beduínos que certa vez as abrigaram, entre os caçadores que ainda usavam peles e o povo de Jericó, a mais antiga cidade do mundo. Elas já eram lenda.

E então sobreviera a bendita loucura; ele perdera todo o conhecimento, todo o rancor, toda a dor. Era Khayman, cheio de amor pelo que via à sua volta, um ser que compreendia a palavra alegria. Teria chegado à hora? Teriam as gêmeas de alguma forma sobrevivido, assim como ele? E para aquele grandioso propósito sua memória fora restaurada? Ah, que pensamento brilhante e dominador — que a Primeira Geração reunir-se-ia, que a Primeira Geração finalmente conheceria a vitória!

Mas com um sorriso amargo ele pensou no Vampiro Lestat e sua fome humana de heroísmo. Sim, meu irmão, perdoe minha zombaria. Também quero isso, a bondade, a

glória. Mas provavelmente não há destino, não há redenção. Só o que vejo à minha frente, nessa paisagem conspurcada e antiga — apenas nascimento e morte, e os horrores que nos esperam a todos.

Lançou um último olhar à cidade adormecida, aquele lugar moderno, feio e desgastado onde ele fora tão feliz, vagando sobre incontáveis sepulturas antigas. E então subiu, erguendo-se em segundos até acima das nuvens. Agora viria o maior teste desse seu dom magnífico, e como ele amava esse súbito propósito, por mais ilusório que fosse! Dirigiu-se para o oeste, em direção ao Vampiro Lestat, em direção às vozes que imploravam compreender os sonhos das gêmeas. Dirigiu-se para o oeste, como ela fizera antes dele. Sua capa vibrava como asas, e o delicioso ar frio o feria e de repente deu-lhe vontade de rir, como se por um instante fosse novamente um feliz bobalhão.

6

A HISTÓRIA DE JESSE, AGRADE FAMÍLIA E A TALAMASCA

Os mortos não compartilham.

Embora estendam as mãos para nós

a sepultura duro que

sim, eles não nos entregam seus corações.

Entregam suas cabeças, a parte que vigia.

STAN RICE de “Their share”, Body of work (1983)

Cubram o rosto dela; meus olhos se ofuscam; ela morreu jovem.

JOHN WEBSTER

TALAMASCA

Investigadores do Paranormal

Nós vigiamos E estamos sempre aqui.

Londres — Amsterdam — Roma

Jesse gemia, adormecida. Era uma delicada mulher de trinta e cinco anos, com longos cabelos ruivos e cacheados. Estava afundada num disforme colchão de plumas, aninhada num leito de madeira que pendia do teto em quatro correntes enferrujadas. Em algum lugar da enorme casa um relógio bateu. Ela precisava acordar. Duas horas até o show do Vampiro Lestat. Mas não podia abandonar as gêmeas agora.

Aquilo era novo para ela, essa parte acontecendo tão depressa, e o sonho era enlouquecedoramente embaçado, como tinham sido todos os sonhos com as gêmeas. No entanto ela sabia que as gêmeas estavam novamente no meio do deserto. A multidão que as cercava era perigosa. E as gêmeas, como estavam diferentes, tão pálidas! Talvez fosse ilusão esse brilho fosforescente, mas elas pareciam reluzir na obscuridade, e seus movimentos eram tão lânguidos, quase como se estivessem presas no ritmo de uma dança. Enquanto se abraçavam, pessoas jogavam-lhes tochas acesas; mas, veja, alguma coisa estava errada, muito errada. Uma delas agora estava cega.

Seus olhos estavam cerrados com força, à pele tenra estava enrugada e funda. Sim, tinham arrancado seus olhos. E a outra, por que faz sons tão terríveis?

— Fique quieta, não lute mais — disse a cega, na linguagem antiga que era sempre compreensível nos sonhos. E da outra gêmea veio um gemido horrível, gutural. Ela não podia falar. Tinham cortado sua língua!

Não quero ver mais nada, quero acordar. Mas os soldados estavam abrindo caminho por entre a multidão, alguma coisa horrível ia acontecer, e as gêmeas de repente ficaram imóveis. Os soldados as agarraram, separaram-nas.

Não as separem! Não sabem o que isso significa para elas?
Afastem as tochas!

Não lhes ponham fogo! Não queimem seus cabelos vermelhos! A gêmea cega estendeu a mão para a irmã, gritando o nome dela:

— Mekare!

E Mekare, a muda, que não podia responder, rugia como um animal ferido.

A multidão afastava-se, abrindo caminho para dois enormes caixões de pedra, cada um carregado numa grande e pesada carreta fúnebre. Rústicos, os sarcófagos, no entanto as tampas tinham a forma tosca de rostos, membros humanos. Que tinham feito as gêmeas, para serem colocadas naqueles caixões?

Não posso suportar isto, os caixões baixados, as gêmeas arrastadas para eles, às tampas de pedra erguidas.

Não façam isso! A cega está lutando como se conseguisse ver, mas está sendo subjugada, está sendo erguida e colocada dentro do caixão de pedra. Em terror mudo, Mekare está observando, embora ela própria esteja sendo arrastada para o outro caixão. Não baixem a tampa, ou gritarei por Mekare! Por ambas...

Jesse sentou-se, olhos abertos. Havia gritado.

Sozinha nessa casa, sem ninguém que a ouvisse, ela gritara, ainda podia sentir o eco. Depois mais nada, a não ser o silêncio acomodando-se à sua volta, e os leves estalos nas correntes da cama. O canto dos pássaros na floresta, nas profundezas da floresta; e sua própria consciência curiosa de que o relógio batera às seis horas.

O sonho desvanecia-se rapidamente. Tentou desesperadamente prendê-lo, ver os detalhes que sempre desapareciam — as roupas daquelas pessoas estranhas, as armas que os soldados portavam, os rostos das gêmeas! Mas já tinham sumido. Só restava a sensação, uma aguda consciência do que acontecera — e a certeza de que o Vampiro Lestat estava ligado a esses sonhos.

Sonolentemente consultou o relógio. Não havia tempo. Queria estar na platéia quando o Vampiro Lestat entrasse; queria estar bem junto do palco. No entanto hesitava, olhos fixos nas rosas brancas na mesa-de-cabeceira. Lá fora, através da janela aberta, via o céu meridional cheio de uma luz alaranjada. Pegou o bilhete junto às flores e tornou a lê-lo.

Minha querida:

Acabo de receber sua carta, pois estou longe de casa e ela levou algum tempo para me alcançar. Compreendo o fascínio que essa criatura, Lestat, representa para você. Até no Rio tocam a música dele. Li os livros que você enviou. E sei que você investigou essa criatura para a Talamasca. Quanto aos sonhos com as ruivas, precisamos conversar sobre isso. É da maior importância. Pois existem outros que têm tido esses sonhos. Mas eu lhe imploro — não, eu lhe ordeno que não vá a esse show. Precisa ficar em Sonoma até eu chegar. Partirei do Brasil assim que puder.

Espere por mim. Com todo amor, Sua tia Maharet

— Lamento muito, Maharet — ela sussurrou.

Mas era impensável não ir. E se alguém no mundo podia entender, esse alguém era Maharet.

A Talamasca, para quem ela trabalhava havia doze longos anos, nunca perdoaria se ela desobedecesse às ordens. Mas Maharet sabia a razão; Maharet era a razão. Maharet perdoaria. Tonta. Ainda não se libertara do pesadelo. Os objetos do quarto estavam desaparecendo nas sombras, no entanto a luz do crepúsculo de repente ficou tão clara que até os montes cobertos de floresta a refletiam. E as rosas estavam fosforescentes, como a carne branca das gêmeas no sonho.

Rosas brancas... tentou lembrar algo que ouvira sobre rosas brancas. Mandam-se rosas brancas a um enterro. Mas não, Maharet não queria dizer isso. Jesse estendeu a mão, pegou um dos botões e as pétalas soltaram-se imediatamente. Tanto perfume... Apertou-as contra os lábios, e uma imagem vaga, porém brilhante voltou-lhe daquele verão tão antigo, de Maharet nesta casa, num aposento iluminado por velas, deitada num leito de pétalas de rosa, tantas pétalas brancas, amarelas e rosadas, que ela juntara nas mãos e pressionara contra o rosto e a garganta.

Jesse tinha mesmo visto aquilo? Tantas pétalas de rosa presas nos longos cabelos vermelhos de Maharet. Cabelos como os de Jesse. Cabelos como os das gêmeas no sonho — espessos, cacheados e manchados de dourado. Era um de uma centena de fragmentos de lembranças que ela depois jamais conseguia encaixar num quadro completo. Mas não tinha mais importância o que ela conseguia ou não lembrar daquele perdido verão de sonhos. O Vampiro Lestat esperava: haveria um final, se não uma resposta, não muito diferente da certeza da morte.

Saiu da cama. Vestiu a velha jaqueta que ultimamente vinha sendo sua segunda pele, juntamente com a camisa masculina, aberta no pescoço, e o jeans. Enfiou as gastas botas de couro. Passou a escova nos cabelos. Agora, deixar

deserta a casa que ela invadira naquela manhã. Dava-lhe pena abandoná-la. Mas muito mais difícil tinha sido vir. À primeira luz ela chegara à beira da clareira, pasma ao descobri-la imutável depois de quinze anos — uma estrutura extensa, construída no sopé da montanha, telhados, varandas e colunas escondidos no azul das flores da trepadeira. Mais acima, meio escondidas na relva das encostas, algumas janelinhas secretas absorviam a primeira luz da manhã. Sentia-se uma espiã ao subir os degraus da entrada, a velha chave na mão. Parecia que ninguém ia lá havia meses. Poeira e folhas secas por toda parte.

Porém havia as rosas esperando em seu jarro de cristal, e a carta presa à porta, a nova chave dentro do envelope. Durante horas ela vagou, revisitou, explorou. Não importava o cansaço, ter dirigido a noite inteira. Tinha que percorrer os longos corredores ensombreados, obscuros, atravessar os aposentos espaçosos, imponentes. O lugar nunca se assemelhara tanto a um palácio rústico, com suas enormes vigas de madeira sustentando as toscas tábuas do teto, o cano das chaminés erguendo-se, enferrujado, das pedras das lareiras redondas.

Até a mobília era enorme — as mesas feitas de mós, cadeiras e sofás de madeira crua cobertos de macias almofadas de plumas, estantes e nichos escavados nas paredes de tijolos sem pintura. Tinha a grandeza crua da Idade Média. Os cacos e as peças de arte maia, as taças etruscas e as estátuas hititas pareciam pertencer ao ambiente, em meio às paredes largas e aos soalhos de pedra. Era como uma fortaleza.

Dava segurança.

Só as criações de Maharet eram cheias de cores brilhantes, como se as tivessem sugado das árvores e do

céu lá fora. A memória não exagerava sua beleza. Macios e espessos, os tapetes de lã que mostravam o padrão abstrato de grama e flores do bosque em toda parte, como se o tapete fosse a própria terra. E as inúmeras almofadas de retalhos com suas curiosas figuras de bastões e símbolos estranhos, e finalmente as enormes tapeçarias de retalhos — tapeçarias modernas, cobrindo as paredes com desenhos infantis de campos, regatos, montanhas e florestas, céus com sol e lua juntos, cheios de nuvens gloriosas e até mesmo chuva caindo. Tinham a força vibrante da pintura primitiva, com seus milhares de minúsculos retalhos de pano costurados cuidadosamente para criar os detalhes da água em cascata ou das folhas caindo. Ver tudo aquilo de novo tinha acabado com Jesse.

Por volta do meio-dia, faminta e atordoada pela longa noite sem dormir, ela criou coragem para erguer a tranca da porta traseira que levava aos aposentos secretos, sem janelas, no seio da própria montanha. Ofegante, seguiu pelo corredor de pedra. O coração ribombava quando ela encontrou a biblioteca destrancada e acendeu as luzes.

Ah, quinze anos antes, simplesmente o verão mais feliz de sua vida! Todas as suas maravilhosas aventuras depois, caçar fantasmas para a Talamasca, nada tinham sido, comparadas àquele tempo mágico e inesquecível.

Ela e Maharet juntas nessa biblioteca, a lareira acesa. E os inúmeros volumes de história da família, divertindo-a e causando-lhe espanto. A linhagem da “Grande Família”, como Maharet sempre chamava — “o fio a que nos agarramos no labirinto que é a vida”. Com tanto carinho ela pegara os livros para Jesse, abrira para ela os cofres que continham os antigos rolos de pergaminho.

Jesse não aceitara inteiramente, naquele verão, as implicações de tudo o que vira. Houvera uma confusão lenta, uma deliciosa suspensão da realidade, como se os papiros cobertos com símbolos que ela não conseguia classificar pertencessem mais verdadeiramente aos sonhos. Afinal, Jesse já era então uma arqueóloga experimentada. Já passara algum tempo em escavações no Egito e em Jericó. No entanto, não conseguia decifrar aqueles estranhos símbolos. Pelo amor de Deus, quantos anos têm estas coisas?

Durante muitos anos, depois disso, ela tentara recordar outros documentos que vira. Um dia entrara na biblioteca e descobrira um aposento secreto com a porta aberta. Percorrendo um corredor comprido ela passara por outros aposentos às escuras. Finalmente encontrara um interruptor, e vira um grande depósito cheio de tabletas de argila — tabletas de argila cobertas de minúsculas figuras! Sem dúvida os tivera nas mãos. Outra coisa acontecera então — algo que ela nunca quisera realmente recordar. Havia outro corredor? Sabia com certeza que havia uma escadaria curva, de ferro, que a levou para aposentos mais abaixo, com paredes de terra nua. Lâmpadas minúsculas estavam presas em antigos soquetes de porcelana. Ela puxara cordões para ligá-las!

Certamente tinha feito isso. Certamente abrira uma pesada porta de sequóia...

Ao longo dos anos, depois, tudo aquilo lhe voltara em pequenos vislumbres — um aposento vasto, de teto baixo, com cadeiras de carvalho, uma mesa e bancos que pareciam feitos de pedra. Que mais? Alguma coisa que a princípio parecia inteiramente familiar. E então...

Mais tarde, nessa noite, ela só se lembrava da escada. De repente eram dez horas, ela acabava de acordar e Maharet estava parada ao pé da cama. Maharet se aproximara e a beijara. Um beijo carinhoso, tão gostoso; provocara-lhe uma sensação latejante. Maharet dissera que a tinham encontrado ao pôr-do-sol, perto do regato, dormindo na clareira, e tinham-na trazido para dentro.

Perto do regato? Durante meses, depois disso, ela realmente “lembrava-se” de ter adormecido ali.

Na verdade, era uma “lembrança” muito vívida da paz e imobilidade da floresta, da água cantando sobre as rochas. Mas nunca acontecera, disse ela agora tinha certeza.

E agora, quinze anos depois, não conseguia encontrar qualquer prova dessas coisas semi-esquecidas.

Os aposentos estavam trancados para ela. Até mesmo os volumes da história familiar estavam fechados em estantes de vidro que ela não ousava quebrar.

Porém nunca acreditara com tanta firmeza no que conseguia recordar. Sim, tabletas de argila cobertos com minúsculas figuras feitas de palitinhos, pessoas, árvores, animais. Ela as vira, retirara-as das prateleiras e segurara-as sob a fraca luz do teto. E a escadaria, e o aposento que a assustara, não, a aterrorizara, sim... tudo ali.

No entanto, ali tinha sido um paraíso, naqueles cálidos dias e noites de verão, quando ela ficava horas sentada, conversando com Maharet, dançava com Mael e Maharet à luz da lua. Esqueça agora a dor de depois, tentando entender por que Maharet a enviou de volta a Nova York para nunca mais voltar para cá.

Minha querida:

O fato é que a amo demais. Minha vida vai dominar a sua, se não nos separarmos. Você precisa ter liberdade, Jesse, de traçar seus próprios planos, sonhos, ambições...

Não tinha voltado ali para reviver a velha dor, e sim para tornar a conhecer, por pouco tempo, a alegria que desaparecera.

À tarde, lutando contra o cansaço, ela finalmente saíra da casa e descera a longa alameda entre os carvalhos. Tão fácil encontrar as velhas trilhas através do denso bosque de sequóias. E a clareira, rodeada de samambaias e trevos nas margens íngremes e rochosas do regato.

Ali Maharet uma vez a guiara através da escuridão total, passando por dentro d'água e por um caminho de pedras. Mael juntara-se a elas. Maharet servira vinho a Jesse, e tinham cantado juntas uma canção que Jesse depois nunca conseguiu recordar, embora de vez em quando se descobrisse cantarolando a estranha melodia com uma exatidão inexplicável, e então interrompia-se, agora consciente, e não conseguia encontrar novamente a nota certa. Poderia ter adormecido perto do regato, em meio aos sons confusos da floresta, tal como a falsa “lembrança” de anos antes.

Tão ofuscante o verde brilhante dos bordos banhados pelos raros raios de luz! E as sequóias, como pareciam monstruosas no silêncio ininterrupto! Gigantescas, indiferentes, erguendo a centenas de metros sua escura folhagem rendilhada que terminava na margem irregular do céu.

E ela entendera o que o show daquela noite, com a gritaria dos fãs de Lestat, exigiria de si.

Mas teve medo de que o sonho das gêmeas recomeçasse. Finalmente voltou para a casa, e levou consigo as rosas e a carta. Seu antigo quarto. Três horas. Quem dava corda nos relógios desse lugar, para que soubessem das horas? O sonho das gêmeas a espreitava. E ela estava simplesmente cansada demais para continuar lutando. Sentia-se muito bem ali. Nenhum fantasma do tipo que ela encontrara tantas vezes em seu trabalho. Só a paz. Deitou-se na velha cama pendurada, na colcha de retalhos que ela mesma fizera com tanto cuidado, naquele verão com Maharet. O sono e as gêmeas chegaram juntos.

Ela agora tinha duas horas para chegar a São Francisco, e precisava deixar a casa, talvez em lágrimas, novamente. Verificou os bolsos: passaporte, documentos, dinheiro, chaves. Pegou a bolsa de couro, pendurou-a no ombro e desceu depressa o corredor para a escada. A noite caía depressa, e quando a escuridão cobrisse a floresta nada ficaria visível. Ainda havia um pouco de sol no saguão principal. Pelas janelas do oeste, uns poucos raios compridos e empoeirados iluminavam a gigantesca tapeçaria na parede.

Jesse prendeu a respiração ao olhar para ela. Sempre fora a sua favorita, pelo desenho intrincado, pelo tamanho. A princípio parecia uma grande massa de pequenos retalhos ao acaso — então gradualmente a paisagem emergia dos milhares de pedaços de pano. Durante um segundo ela ficava à vista; em seguida dissolvía-se. Era o que acontecera vezes sem conta naquele verão, quando, bêbada de vinho, ela caminhara de um lado para outro diante da tapeçaria, perdendo o desenho, depois recuperando-o: a montanha, a floresta, a minúscula aldeia aninhada no vale verdejante.

— Lamento muito, Maharet — tornou a sussurrar. Tinha que ir. Sua viagem estava quase no final.

Mas ao desviar os olhos alguma coisa na tapeçaria chamou sua atenção. Virou-se e tornou a estudá-la. Figuras que ela nunca tinha visto? Mais uma vez tudo era apenas um enxame de retalhos costurados. Então o flanco da montanha emergiu aos poucos, depois as oliveiras, e finalmente os telhados da aldeia, não mais que casebres amarelos espalhados no solo liso do vale. As figuras? Ela não conseguia encontrá-las. Até tornar a desviar os olhos. Pelo canto do olho viu-as por uma fração de segundo: duas figuras minúsculas abraçadas, mulheres de cabelos vermelhos!

Lentamente, quase cautelosamente, tornou a voltar-se para o quadro. Seu coração batia irregularmente. Sim, ali. Mas seria uma ilusão?

Atravessou o saguão até postar-se diretamente diante da tapeçaria. Estendeu a mão e tocou-a. Sim!

Cada bonequinha de pano tinha por olhos um par de minúsculos botões verdes, um nariz cuidadosamente costurado e a boca vermelha. E os cabelos, os cabelos eram de lã vermelha, enrolados em ondas e delicadamente costurados sobre os ombros alvos.

Ela ficou olhando, meio incrédula. No entanto ali estavam elas — as gêmeas! E enquanto ela estava ali parada, petrificada, o aposento começou a escurecer. A última luz escondera-se atrás do horizonte. A tapeçaria dissolvia-se, diante dos olhos dela, até tornar-se um desenho abstrato.

Aturdida, ouviu o relógio bater o quarto de hora. Telefonar para a Talamasca. Ligar para David em Londres.

Contar-lhe alguma coisa, qualquer coisa... Mas isso estava fora de cogitação, ela sabia. Partia-lhe o coração saber que, não importava o que lhe acontecesse nessa noite, a Talamasca jamais ficaria sabendo da história inteira.

Forçou-se a sair, trancar a porta atrás de si, atravessar a varanda larga e descer a extensa alameda.

Não compreendia inteiramente seus próprios sentimentos, por que estava tão perturbada, à beira das lágrimas. Aquilo confirmava suas suspeitas, tudo o que achava que sabia. No entanto estava assustada.

Estava realmente chorando.

Espere por Maharet.

Mas isso ela não podia fazer. Maharet iria conquistá-la, confundi-la, afastá-la do mistério em nome do amor. Foi o que acontecera tanto tempo antes, naquele verão. Já o Vampiro Lestat não escondia coisa alguma. O Vampiro Lestat era a peça crucial do quebra-cabeças. Vê-lo e tocá-lo seria dar validade a tudo.

O Mercedes esporte vermelho funcionou instantaneamente. E com uma chuva de cascalho ela recuou, fez a volta e pegou a estrada estreita e sem pavimentação. A capota estava arriada; ela estaria congelada quando chegasse em São Francisco, mas não tinha importância. Adorava o ar frio no rosto, adorava dirigir em disparada.

A estrada mergulhava imediatamente na escuridão da floresta. Nem mesmo a lua que se erguia conseguia penetrar ali. Ela aumentou a velocidade para 100 km, fazendo facilmente as curvas bruscas. Sua tristeza de

repente ficou maior, mas não havia mais lágrimas. O Vampiro Lestat. . . quase lá.

Quando finalmente alcançou a estrada municipal, ela dirigia em alta velocidade, cantando para si mesma coisas que mal conseguia ouvir por causa do vento. A escuridão total chegou quando ela estava passando pela linda cidadezinha de Santa Rosa, para juntar-se à corrente larga e veloz da Auto-estrada 101 Sul.

A névoa do mar estava entrando, transformando em fantasmas os montes escuros a leste e a oeste.

Mas a luz brilhante das lanternas traseiras dos outros carros iluminava a estrada à sua frente. Sua excitação crescia. Uma hora até a Golden Gate. A tristeza a abandonava. Durante toda a vida tivera confiança, sorte; de vez em quando ficava impaciente com as pessoas mais cautelosas. E, apesar do seu senso de fatalidade nessa noite, da aguda consciência dos perigos que se aproximavam, ela sentia que sua sorte costumeira a acompanhava. Não estava realmente com medo.

Nascera com sorte, em sua opinião: encontrada na beira de uma estrada minutos depois do acidente de carro que matara sua mãe, grávida de sete meses — um bebê abortado espontaneamente do ventre moribundo, chorando alto, para limpar seus pequenos pulmões, quando a ambulância chegou. Durante duas semanas não tivera nome, enquanto jazia no hospital da cidade, condenada à esterilidade e frieza das máquinas; mas as enfermeiras a adoravam, deram-lhe o apelido de “pardal” e ninavam-na sempre que podiam.

Anos mais tarde escreveriam para ela, mandando-lhe as fotos que tinham tirado, contando suas pequenas

histórias, o que aumentara muito sua sensação de ter sido amada.

Foi Maharet quem finalmente fora buscá-la, identificando-a como a única sobrevivente da família Reeves, da Carolina do Sul, e levando-a para Nova York para morar com primos de nome e família diferentes. Lá ela cresceu, num luxuoso apartamento duplex na Avenida Lexington, com Maria e Matthew Godwin, que lhe deram não apenas amor, mas tudo o que ela desejou. Uma babá inglesa dormiu em seu quarto até ela fazer doze anos. Não se lembrava de quando soubera que sua tia Maharet pagava suas despesas, que poderia estudar em qualquer universidade, seguir a carreira que desejasse. Matthew Godwin era médico, Maria tinha sido bailarina e professora; ambos eram sinceros em seu carinho por Jesse, sua dependência em relação a ela. Ela era a filha que sempre quiseram, e aqueles anos foram ricos e felizes.

As cartas de Maharet começaram antes que ela tivesse idade para ler. Eram maravilhosas, freqüentemente cheias de coloridos cartões postais e estranhas notas de dinheiro dos países onde Maharet vivia. Aos dezessete anos Jesse tinha uma gaveta cheia de rúpias e liras. Mais importante, ela tinha em Maharet uma amiga que respondia todas as suas cartas com amor e cuidado. Foi Maharet quem a inspirou em suas leituras, encorajou-a a aprender música e pintura, planejou suas excursões de verão à Europa e finalmente sua admissão na Universidade de Columbia, onde Jesse estudou línguas antigas e arte.

Foi Maharet quem providenciou suas visitas de Natal a primos europeus — os Scartinos da Itália, uma poderosa família de banqueiros que morava numa villa nas redondezas de Siena, e os humildes Borchardts de Paris,

que a receberam com alegria em sua casa superlotada, porém feliz.

No verão em que fez dezessete anos, Jesse foi para Viena conhecer o ramo emigrado russo da família, jovens e entusiasmados intelectuais e músicos que ela adorou. Depois, Inglaterra, para conhecer a família Reeves, ligada diretamente aos Reeves da Carolina do Sul, que tinham deixado a Inglaterra muitos séculos antes. Aos dezoito anos foi visitar os primos Petralona em sua villa em Santorini, gregos ricos e de aparência exótica. Moravam em esplendor quase feudal, rodeados de serviçais camponeses, e num súbito impulso tinham levado Jesse numa viagem em seu iate a Istambul, Alexandria e Creta.

Jesse quase se apaixonara pelo jovem Constantin Petralona. Maharet deu-lhe conhecimento de que aquela união teria a bênção de todos, mas ela devia tomar sua própria decisão. Jesse despedira-se de seu amor com um beijo e tomara um avião de volta para a América, a universidade e os preparativos para sua primeira escavação arqueológica no Iraque. Mas mesmo durante os anos na universidade ela permaneceu ligada à família. Todos eram muito bons para ela. Mas na verdade todos eram bons para todos. Todos acreditavam na família. Eram comuns as visitas entre os vários ramos; os freqüentes casamentos dentro da família criavam complicados parentescos; todas as casas tinham quartos sempre preparados para os parentes que poderiam aparecer. As árvores genealógicas pareciam não ter início; as pessoas contavam anedotas sobre os parentes famosos mortos havia trezentos ou quatrocentos anos. Jesse sentia uma grande comunhão com aquelas pessoas, mesmo parecendo tão diferentes.

Em Roma, ela ficou encantada com os primos que dirigiam suas esguias Ferraris a toda velocidade, o som

estereofônico aos berros, e à noite voltavam para casa, um encantador palazzo antigo onde os encanamentos, eram entupidos e o telhado tinha goteiras. Os primos judeus na Califórnia eram um brilhante grupo de músicos, desenhistas e produtores que, de um modo ou de outro, sempre estiveram ligados ao cinema e aos grandes estúdios. Sua velha casa perto de Hollywood Boulevard era o lar de um bando de atores desempregados. Jesse poderia morar no sótão se desejasse; o jantar era servido às seis a quem quer que aparecesse.

Mas quem era essa mulher Maharet, que sempre fora a mentora de Jesse, distante, porém atenta, que guiava seus estudos com cartas freqüentes, que lhe dava conselhos pessoais que ela seguia com tão bons resultados e pelos quais secretamente ansiava?

Para todos os primos que Jesse chegou a visitar, Maharet era uma presença palpável, embora suas visitas fossem tão raras que eram extraordinárias. Ela era a guardadora dos registros da Grande Família, isto é, de todos os ramos, com seus diferentes nomes, em todo o mundo. Era ela quem freqüentemente reunia os membros, até mesmo arranjando casamentos para unir diferentes ramos, e aquela que invariavelmente fornecia ajuda em épocas problemáticas, uma ajuda que às vezes podia significar a diferença entre a vida e a morte.

Antes de Maharet havia sua mãe, agora chamada a Velha Maharet, e antes dela a Tia-Avó Maharet, e assim por diante. “Sempre haverá uma Maharet”, era um velho ditado da família, dito em italiano, alemão, russo, ídiche ou grego. Isto é, uma única descendente feminina em cada geração tomaria o nome e as obrigações de manter os registros, ou pelo menos era o que parecia, pois ninguém além da própria Maharet conhecia realmente aqueles detalhes.

Quando vou conhecê-la?, Jesse perguntara muitas vezes em suas cartas ao longo dos anos. Tinha uma coleção de selos, dos envelopes de Deli, do Rio, da Cidade do México, de Bangcoc, de Tóquio, Lima, Saigon e Moscou. Toda a família era devotada a essa mulher, fascinada por ela, mas com Jesse havia outra ligação, secreta e poderosa. Desde seus primeiros anos Jesse tivera experiências “incomuns”, ao contrário das pessoas à sua volta. Por exemplo: conseguia ler o pensamento das pessoas, de um modo vago, sem palavras. Ela “sabia” quando alguém não gostava dela, ou lhe mentia. Tinha grande talento para línguas, porque freqüentemente entendia o sentido mesmo sem conhecer o vocabulário.

E via fantasmas — pessoas e construções que não podiam estar ali.

Quando era muito pequena, muitas vezes viu o contorno vago e cinzento de uma elegante casa, do outro lado da rua, defronte à sua janela em Manhattan. Sabia que não era real, e a princípio achava graça naquilo, no modo como ela ia e vinha, as vezes transparente, às vezes tão sólida quanto a própria rua, com luzes atrás de suas janelas com cortinas de renda. Passaram-se anos antes que ela soubesse que a casa fantasma tinha pertencido ao arquiteto Stanford White. Tinha sido demolida décadas antes. As imagens humanas que via não eram a princípio tão bem formadas. Pelo contrário, eram breves aparições fugidias que freqüentemente acompanhavam um inexplicável desconforto que ela sentia em alguns lugares.

Porém à medida que ficava mais velha esses fantasmas tornaram-se mais visíveis, mais permanentes.

Certa tarde escura e chuvosa, a figura translúcida de uma velha caminhara em sua direção e finalmente

atravessara-a de um lado a outro. Histórica, Jesse correria para dentro de uma loja próxima, onde os empregados chamaram Matthew e Maria. Muitas vezes Jesse tentou descrever o rosto conturbado da anciã, seu olhar parado, que parecia inteiramente cego ao mundo real à sua volta.

Os amigos geralmente não acreditavam quando Jesse descrevia essas coisas. No entanto ficavam fascinados e imploravam que ela repetisse as histórias. Aquilo deixava em Jesse uma sensação desagradável de vulnerabilidade. Então tentava não contar aos outros sobre os fantasmas, embora, ao entrar na adolescência, estivesse vendo essas almas perdidas cada vez com mais frequência.

Mesmo caminhando em meio à densa multidão na Quinta Avenida ao meio-dia ela vislumbrava essas criaturas pálidas e ansiosas. Então, certa manhã no Central Park, quando Jesse tinha dezesseis anos, viu o óbvio fantasma de um rapaz sentado num banco não muito longe dela. O parque estava cheio de gente, barulhento; no entanto a figura parecia alheia, sem fazer parte daquilo tudo. Os sons em volta de Jesse começaram a perder o volume, como se aquela coisa os estivesse absorvendo. Ela rezou para que ele fosse embora. Em vez disso ele voltou-se e fixou os olhos nela. Tentou falar com ela.

Jesse correu todo o caminho até em casa. Estava em pânico. Aquelas coisas agora a conheciam, contou a Matthew e Maria. Tinha medo de sair do apartamento. Finalmente Matthew deu-lhe um sedativo e disse-lhe que ela iria dormir. Deixou aberta a porta do quarto dela, para que não sentisse medo.

Enquanto Jesse estava semi-adormecida, uma jovem entrou no quarto. Jesse constatou que conhecia aquela moça; claro, era uma da família, sempre estivera por perto,

tinham conversado dezenas de vezes, não tinham? Não era de se espantar que ela fosse tão boazinha, tão carinhosa, tão familiar. Era uma adolescente, assim como Jesse.

Sentou-se na cama de Jesse e disse-lhe para não se preocupar, pois aqueles espíritos jamais poderiam fazer-lhe mal. Nenhum fantasma fazia mal a alguém. Não tinham esse poder. Eram pobres criaturas fracas. “Escreva para tia Maharet”, aconselhou a garota, e então beijou o rosto de Jesse, afastou-lhe os cabelos do rosto. O sedativo a essa altura já estava agindo. Jesse não conseguia manter os olhos abertos.

Havia uma pergunta que ela queria fazer sobre o acidente de carro quando ela nascera, mas não conseguia formulá-la. “Adeus, querida”, disse a jovem, e Jesse adormeceu antes que a outra saísse do quarto.

Quando acordou eram duas horas da manhã. O apartamento estava às escuras. Ela começou imediatamente a carta para Maharet, contando todos os incidentes estranhos de que conseguia lembrar-se. Só na hora do jantar foi que se lembrou, com um susto, da jovem. Impossível que aquela pessoa morasse ali, fosse familiar, estivesse sempre por perto. Como pôde ter aceito tal coisa? Até mesmo na carta ela escrevera: “Naturalmente Miriam estava aqui, e ela disse...” E quem era Miriam? Um nome na certidão de nascimento de Jesse. Sua mãe. Jesse não contou a ninguém. No entanto, um calor consolador a envolvia.

Podia sentir Miriam ali, tinha certeza.

A carta de Maharet chegou cinco dias depois. Maharet acreditava nela. Aquelas aparições dos espíritos não a surpreendiam. Essas coisas certamente existiam, e Jesse não era a única pessoa a vê-las: Em nossa família, ao longo

das gerações, sempre houve muitas pessoas que viam espíritos. E como você sabe elas eram as bruxas e feiticeiras de antigamente. Esse poder freqüentemente aparece naquelas pessoas abençoadas com seus atributos físicos: seus olhos verdes, a pele clara, os cabelos ruivos. Parece que os genes viajam juntos.

Talvez a ciência um dia explique isso. Mas por enquanto fique certa de que seus poderes são inteiramente naturais. Isso não significa, no entanto, que eles sejam construtivos.

Embora os espíritos sejam reais, quase não fazem diferença no esquema das coisas!

Podem ser infantis, vingativos e enganadores. Em geral você não pode ajudar as entidades que tentam comunicar-se, e às vezes está vendo apenas um fantasma sem vida — isto é, um eco visual de uma personalidade não mais presente.

Não os tema, mas não deixe que a façam perder tempo. Pois adoram fazer isso, quando descobrem que alguém pode vê-los. Quanto a Miriam, deve me dizer se vier a vê-la novamente. Mas como você fez o que ela lhe pediu — escrever para mim — não creio que ache necessário voltar. Com toda certeza está bem acima das tristes travessuras daqueles que você vê com mais freqüência. Escreva-me sobre essas coisas sempre que elas a assustarem. Mas tente não contar aos outros. Aqueles que não vêem jamais acreditarão.

Esta carta foi valiosíssima para Jesse. Durante anos ela a carregou consigo, na bolsa ou no bolso, onde quer que fosse. Não apenas Maharet acreditava nela, mas também

lhe dera um modo de entender e conviver com aquele poder perturbador. Tudo que Maharet dizia fazia sentido.

Depois disso Jesse de vez em quando se assustava com os espíritos; e compartilhava esses segredos com seus amigos mais íntimos. Mas em geral fazia o que Maharet aconselhara, e os poderes pararam de perturbá-la. Pareciam ter adormecido. Ela os esquecia durante longos períodos. As cartas de Maharet vinham ainda com mais frequência. Maharet era sua confidente, sua melhor amiga. Quando Jesse entrou para a universidade, tinha que admitir que Maharet era mais real através de suas cartas do que qualquer outra pessoa que ela já conhecera. Mas muito tempo antes tinha aceitado o fato de que talvez nunca se encontrassem pessoalmente.

Então, certa noite, em seu terceiro ano na Universidade de Columbia, Jesse abriu a porta de seu apartamento e encontrou as luzes acesas, fogo na lareira e uma mulher alta, magra e ruiva arrumando a lenha com um atizador. Tanta beleza! Essa tinha sido a primeira e dominante impressão. Habilmente pintado e empoado, o rosto tinha um ar oriental, exceto pela notável intensidade dos olhos verdes e os cabelos ruivos abundantes e cacheados que se derramavam pelos ombros.

— Minha querida, sou Maharet — disse a mulher.

Jesse correria para os braços dela. Mas Maharet a segurara delicadamente, mantendo-a longe de si, como se para contemplá-la. Depois cobriu-a de beijos, como se não ousasse tocá-la de outro modo, suas mãos enluvadas mal segurando os braços de Jesse. Tinha sido um momento delicado e maravilhoso. Jesse acariciara os macios cabelos vermelhos de Maharet, Tão parecidos com os seus.

— Você é a minha criança — Maharet sussurrara. — É tudo o que eu esperava que fosse. Sabe como estou feliz?

Como gelo e fogo, Maharet parecia naquela noite. Imensamente forte, no entanto irreprimivelmente carinhosa. Uma criatura magra, estatuésca, com uma cintura minúscula e saia rodada, tinha o refinado mistério das manequins de moda, o encanto estranho das mulheres que fizeram de si mesmas esculturas, sua comprida capa de lã marrom movendo-se com graça quando saíram juntas do apartamento.

Sentiam-se inteiramente à vontade uma com a outra.

Tinha sido uma longa noite na cidade; foram a exposições, ao teatro, e depois cearam, embora Maharet não tenha comido. Estava excitada demais, declarou. Nem mesmo tirou as luvas. Queria apenas escutar tudo que Jesse tinha para lhe dizer. E Jesse falou incessantemente sobre tudo — Columbia, seu trabalho em arqueologia, seus sonhos de escavar na Mesopotâmia.

Tão diferente da intimidade das cartas. Chegaram até a atravessar juntas o Central Park a pé na escuridão, Maharet dizendo a Jesse que não havia a menor razão para ter medo. E tinha parecido inteiramente normal, não tinha? E tão lindo, como se elas estivessem seguindo as trilhas de uma floresta encantada, nada temendo, conversando em voz baixa, mas excitadas. Como era divino sentir-se tão segura!

Quase ao amanhecer Maharet deixou Jesse no apartamento com promessas de levá-la para visitar a Califórnia muito breve. Maharet tinha uma casa lá, nas montanhas Sonoma.

Mas iriam passar dois anos antes que o convite chegasse. Jesse acabava de se formar. Tinha conseguido trabalho numa escavação no Líbano em julho.

“Venha passar quinze dias”, Maharet escrevera. Junto estava a passagem de avião. Mael, “um amigo querido”, ia pegá-la no aeroporto.

Embora na época Jesse não o admitisse, desde o início houvera fatos estranhos. Mael, por exemplo, um homem alto e robusto, com longos cabelos louros e cacheados, e fundos olhos azuis. Havia algo estranho no modo como ele se movia, no timbre da sua voz, no modo preciso com que dirigia o carro enquanto iam para o Condado de Sonoma. Ele estava usando as roupas de couro de um vaqueiro, até mesmo as botas de crocodilo, mas usava também um par de delicadas luvas de pelica e óculos de armação de ouro e grandes lentes azuis.

E no entanto ele se mostrara tão alegre, tão contente em vê-la, e ela gostara dele imediatamente.

Contara-lhe a história de sua vida antes de chegarem a Santa Rosa. Ele tinha uma risada maravilhosa.

Mas uma ou duas vezes Jesse ficara inteiramente tonta ao olhar para ele. Por quê?

A propriedade era inacreditável. Quem poderia ter construído um lugar como aquele? Ficava no final de uma precária estrada de terra, para começar; e os aposentos dos fundos tinham sido escavados na montanha, como se por máquinas gigantescas. E as vigas do telhado? Seriam de sequóia? Deviam ter uns quatro metros de altura. E as paredes de tijolos, positivamente centenárias. Teria havido europeus na Califórnia tantos anos antes, a ponto de... mas que importância tinha isso? O lugar era magnífico, e ponto

final. Ela adorava as lareiras redondas e os tapetes de peles de animais, a imensa biblioteca, o rústico observatório com seu velho telescópio de bronze.

Adorava os bondosos empregados que todas as manhãs vinham de Santa Rosa para limpar, lavar roupa, preparar as suntuosas refeições. Não se importava de ficar tanto tempo sozinha. Adorava caminhar na floresta. Ia a Santa Rosa comprar romances e jornais. Estudava as tapeçarias de retalhos. Havia artefatos antigos que ela não conseguia classificar; adorava estudar aqueles objetos.

E a propriedade tinha todos os confortos. Antenas no alto da montanha captavam transmissões de televisão do mundo inteiro. Havia uma sala de cinema no porão com projetor, tela e uma enorme quantidade de filmes. Nas tardes de calor ela nadava no lago ao sul da casa. Quando a noite caía, trazendo o frio inevitável do norte da Califórnia, enormes fogos eram acesos em todas as lareiras.

Naturalmente sua maior descoberta foi à história da família — havia incontáveis volumes de couro que traçavam a linhagem de todos os ramos da Grande Família por muitos séculos. Ela descobriu centenas de álbuns de fotografias, e baús cheios de retratos pintados, alguns não mais que minúsculos medalhões ovais, outros em grandes telas agora cobertas de poeira. Imediatamente devorou a história dos Reeves da Carolina do Sul, seus parentes — ricos antes da Guerra Civil, arruinados depois. As fotografias quase foram mais do que ela podia suportar. Finalmente ali estavam os antepassados com quem ela realmente se parecia; podia ver suas próprias feições no rosto deles. Tinham sua pele clara, até mesmo a sua expressão! E dois deles tinham seus longos cabelos ruivos e cacheados. Para Jesse, uma criança adotada, aquilo tinha uma importância muito especial.

Foi somente perto do final de sua estada que Jesse começou a entender as implicações dos registros familiares, à medida que abria pergaminhos em latim e grego antigos, e finalmente em hieróglifos egípcios. Ela nunca mais conseguiu recordar-se exatamente da descoberta dos tabletes de argila nas profundezas do porão.

Mas a lembrança de suas conversas com Maharet era sempre nítida. Passavam horas conversando sobre as crônicas familiares.

Jesse implorara para trabalhar com a história da família. Teria desistido da faculdade por aquela biblioteca. Queria traduzir e adaptar os antigos registros, e colocá-los num computador. Por que não publicar a história da Grande Família? Pois certamente uma linhagem tão longa era incomum, se não absolutamente única. Mesmo as cabeças coroadas da Europa não conseguiam seguir sua linhagem até antes da Idade das Trevas.

Maharet tinha sido paciente com o entusiasmo de Jesse, lembrando-lhe que era um trabalho vagaroso e pouco valorizado. Afinal, era apenas a história da evolução de uma família através dos séculos; de vez em quando tratava-se apenas de listas de nomes, ou curtas descrições de vidas sossegadas, contagens de nascimentos e mortes, registros de migrações.

Boas lembranças, aquelas conversas. E a luz suave da biblioteca, o cheiro delicioso de couro antigo e pergaminho, de velas e lareira acesa. E Maharet perto do fogo, a linda manequim, os olhos verdes cobertos com lentes levemente escuras, dizendo a Jesse que aquele trabalho poderia engoli-la, afastá-la de coisas melhores. O que importava era a Grande Família, não o seu registro, era a vitalidade em cada

geração, e o conhecimento e o amor dos parentes. O registro apenas tornava isso possível.

A ânsia de Jesse por aquele trabalho era maior que qualquer coisa que já sentira. Certamente Maharet deixaria que ela ficasse! Passaria anos naquela biblioteca, descobrindo finalmente as próprias origens da família! Só mais tarde ela encarou aquilo como um espantoso mistério, um entre muitos durante aquele verão. Só mais tarde tantas coisinhas começaram a perturbá-la. Por exemplo, Maharet e Mael simplesmente nunca apareciam até escurecer, e a explicação — dormiam o dia inteiro — não, era uma explicação. E onde dormiam? Essa era outra pergunta. Seus aposentos ficavam vazios o dia inteiro com as portas abertas, os armários transbordando de roupas exóticas e espetaculares. Ao pôr-do-sol eles apareciam, quase como se se materializassem. Jesse erguia os olhos e Maharet estava parada junto à lareira, a maquilagem perfeita, a roupa fascinante, as jóias brilhando à luz indireta. Mael, vestido como sempre em roupas de couro, postava-se silenciosamente junto à parede.

Mas quando Jesse perguntava a respeito de seus estranhos horários, as respostas de Maharet eram inteiramente convincentes! Eles eram seres pálidos, detestavam a luz do sol, e ficavam acordados até tão tarde! Era verdade. Ora, às quatro da manhã ainda estavam discutindo política ou história, e de uma perspectiva tão bizarra e grandiosa, chamando as cidades por seus nomes antigos, e de vez em quando falando numa língua rápida e estranha que Jesse não conseguia localizar, muito menos entender. Com seu dom Paranormal, ela às vezes sabia o que estavam dizendo; mas os sons estranhos a deixavam perplexa.

Alguma coisa em Mael impacientava Maharet, isso era óbvio. Seriam amantes? Realmente não pareciam.

E o modo como Mael e Maharet ficavam falando um com o outro, como se lessem os pensamentos um do outro. De repente Mael dizia: "Mas eu lhe disse para não se preocupar", quando na verdade Maharet não tinha dito coisa alguma. E às vezes faziam isso com Jesse também. Certa vez, Jesse tinha certeza, Maharet a chamara, pedira-lhe para descer ao salão de jantar, embora Jesse pudesse jurar que só ouvira a voz da tia dentro de sua cabeça. Naturalmente Jesse era telepata. Mas Mael e Maharet também seriam?

O jantar: isso era outra coisa — o modo como apareciam os pratos favoritos de Jesse. Ela não precisava dizer aos empregados o que gostava e o que não gostava. Eles sabiam! Escargôs, ostras ao forno, fettucini alia carbonara, filé Wellington, os seus pratos prediletos eram servidos no jantar. E o vinho, ela nunca provara safras tão deliciosas. No entanto, Maharet e Mael comiam como passarinhos, era o que parecia. Às vezes passavam a refeição inteira com as luvas postas. E quanto aos estranhos visitantes?

Santino, por exemplo, um italiano moreno, que certa noite chegou a pé, com um jovem companheiro chamado Eric. Santino encarara Jesse como se ela fosse um animal exótico, depois beijara-lhe a mão e dera-lhe um lindo anel de esmeralda, que desapareceu inexplicavelmente algumas noites depois. Durante duas horas Santino discutiu com Maharet numa linguagem desconhecida, depois partiu furioso, com Eric.

E havia também as estranhas festas noturnas, Jesse acordara duas vezes às três ou quatro horas da manhã para

encontrar a casa cheia de gente. Havia pessoas rindo e conversando em todos os aposentos. E todas aquelas pessoas tinham algo em comum. Eram muito pálidas, com olhos notáveis, como Mael e Maharet. Mas Jesse estava com sono demais. Não conseguia lembrar-se sequer de ter voltado para a cama.

Lembrava-se apenas de a certa altura estar cercada de vários rapazes lindos que lhe serviram uma taça de vinho, e em seguida era de manhã. Ela estava na cama. O sol jorrava pela janela. A casa estava vazia.

Além disso, Jesse ouvia coisas estranhas em horas incomuns. O rugido de helicópteros, pequenos aviões. No entanto, ninguém dizia uma só palavra sobre essas coisas.

Mas Jesse estava muito feliz. Aquelas coisas não pareciam ter importância. As respostas de Maharet dissipavam instantaneamente as suas dúvidas. No entanto, como era estranho que Jesse mudasse assim de opinião! Era uma pessoa muito confiante. Conhecia muito bem seus próprios sentimentos. Na verdade, era um pouco teimosa. No entanto, sempre tivera duas atitudes em relação às diversas coisas que Maharet lhe dizia. Por um lado "Ora, isso é ridículo!", e por outro, "É claro!"

Mas Jesse estava se divertindo demais para se importar. Passou as primeiras noites de sua visita conversando com Maharet e Mael sobre arqueologia. E Maharet era uma fonte de informações, embora tivesse algumas idéias muito estranhas. Por exemplo, ela declarava que a descoberta da agricultura se dera porque tribos que viviam muito bem da caça queriam ter plantas alucinógenas sempre disponíveis para seus transe religiosos. E também queriam cerveja. Não importava que não houvesse uma

sombra de evidência arqueológica. Era só continuar cavando, e Jesse iria descobrir.

Mael lia poesia em voz alta lindamente; Maharet de vez em quando tocava piano, lentamente, pensativamente. Eric reapareceu por umas duas noites, juntando-se entusiasticamente ao coro. Trouxe filmes do Japão e da Itália, e divertiram-se assistindo a eles. Kwaidan, em particular, tinha sido muito impressionante, embora assustador. E o italiano Julieta dos Espíritos levava Jesse às lágrimas.

Todas aquelas pessoas pareciam achar Jesse interessante. Aliás, Mael fazia-lhe perguntas estranhamente bizarras. Ela alguma vez na vida já fumara cigarro? Qual era o gosto do chocolate? Como tinha coragem de sair sozinha com um rapaz no carro dele, ou ir ao seu apartamento? Ela não entendia que podiam matá-la? Ela rira. Não, mas é sério, isso pode acontecer, ele insistiu. Ficou muito nervoso por causa disso. Veja os jornais: as mulheres nas cidades modernas eram caçadas pelos homens como corças no bosque.

Era melhor fazer com que ele mudasse de assunto, falasse de suas viagens. Suas descrições de todos os lugares onde estivera eram maravilhosas. Vivera anos nas florestas da Amazônia. No entanto, não gostava de voar "de avião". Era perigoso demais. E se explodisse? E não gostava de "roupas de pano" por serem frágeis demais.

Jesse teve um momento muito peculiar com Mael. Estavam conversando à mesa do jantar. Ela estava explicando sobre os fantasmas que às vezes enxergava, e Mael referiu-se a eles com raiva, como "os mortos confusos", ou "os mortos insanos", o que a fez rir sem querer. Mas era verdade — os fantasmas realmente agiam

como se estivessem confusos, aquilo era horrível. Nós deixamos de existir quando morremos? Ou ficamos suspensos num estado estúpido, aparecendo aos outros em momentos estranhos e fazendo comentários idiotas aos médiuns? Quando um fantasma dissera algo interessante?

— Mas são apenas os presos à terra, é claro — dissera Mael. — Quem sabe aonde vamos quando finalmente nos libertamos da carne e de todos os seus sedutores prazeres?

Jesse a essa altura já estava bastante bêbada, e sentiu um medo horrível dominá-la — pensamentos sobre a velha mansão fantasma de Stanford White, e os espíritos misturados às multidões nova-iorquinas.

Procurou olhar atentamente para Mael, que por uma vez não estava usando suas luvas ou seus óculos. O belo Mael, cujos olhos eram muito azuis, exceto por um pontinho escuro no centro.

— Além disso, há outros espíritos que sempre estiveram por aqui — ele continuou. — Nunca tiveram carne e sangue; e é isso que os deixa tão zangados.

— Que idéia curiosa!

— Como é que sabe disso? — Jesse perguntara, encarando Mael.

Mael era lindo. Sua beleza era a soma de seus defeitos — o nariz de gavião, o queixo proeminente demais, a magreza do rosto com os cabelos cacheados, cor de palha, sempre despenteados. Mesmo os olhos eram fundos demais, no entanto, por isso mesmo, ainda mais visíveis. Sim, lindo — para abraçar, beijar, levá-lo para a cama... Na verdade, a atração que ela sempre sentira por ele dominou-a subitamente. Então uma estranha constatação assaltou-a.

Este não é um ser humano. É alguém fingindo ser um ser humano. Era muito claro. Mas era também ridículo! Se ele não era um ser humano, que diabos era? Certamente não um fantasma ou espírito. Isso era óbvio.

— Acho que não sabemos o que é real ou não — dissera, sem querer. — Se a gente olha para alguma coisa durante muito tempo, de repente essa coisa se torna monstruosa.

Na realidade ela desviara o olhar dele e pousara-o sobre o jarro de flores no centro da mesa. Velhas rosas-chá, despetalando-se entre as samambaias e as zínias purpúreas. E aquelas coisas pareciam absolutamente estranhas, como os insetos, e de certa forma horríveis! Que eram aquelas coisas, na realidade?

Então o jarro despedaçou-se, a água derramou-se por toda parte. E Mael dissera, com absoluta sinceridade:

— Ah, perdoe-me. Não pretendia fazer isso.

Ora, aquilo tinha acontecido, sem dúvida. No entanto, não causara o menor impacto. Mael saíra para passear no bosque, beijando-lhe a testa antes de sair, a mão estremecendo de repente, quando ele a estendeu para tocar os cabelos dela e depois mudou de idéia. Naturalmente Jesse tinha bebido. Na verdade, Jesse bebeu demais durante todo o tempo que ficou lá. E ninguém parecia notar. De vez em quando saíam para dançar na clareira sob a lua. Não era uma dança ensaiada. Moviam-se solitários, em círculos, olhando para o céu. Mael cantarolava ou Maharet cantava canções numa linguagem desconhecida.

Qual tinha sido seu estado de espírito, fazendo essas coisas durante horas? E por que jamais tinha questionado,

ainda que em pensamentos, o estranho costume de Mael de usar luvas dentro de casa, ou passear na escuridão de óculos escuros? Então, certa manhã, bem antes do amanhecer, Jesse tinha ido para a cama de pileque e teve um sonho horrível. Mael e Maharet estavam brigando. Mael repetia sem parar:

— Mas e se ela morrer? E se alguém matá-la, se ela for atropelada por um carro? E se, e se, e se...

A briga tornara-se um estrondo ensurdecedor.

Então, várias noites depois, começara a catástrofe terrível e definitiva. Mael tinha saído, mas já retornara. Ela tinha passado a noite bebendo vinho, e estava parada no terraço com ele, ele a beijava e ela perdera a consciência, mas sabia o que estava acontecendo. Ele a abraçava, beijava-lhe os seios, e ela escorregava por uma escuridão sem fim. Então a garota voltara, a adolescente que a visitara aquela vez em Nova York, quando ela tivera tanto medo. Só que Mael não conseguia vê-la, e naturalmente Jesse sabia exatamente quem ela era, a sua mãe, Miriam, e que Miriam estava com medo. Mael soltara Jesse de repente.

— Onde está ela? — gritou com raiva.

Jesse abriu os olhos. Maharet estava lá. Ela bateu em Mael com tanta força que ele voou para trás, por cima da balaustrada do terraço. E Jesse gritou, empurrando, sem querer, a adolescente ao correr para a borda do terraço. Lá embaixo estava Mael, ileso. Impossível, porém verdadeiro. Já estava de pé, e fez uma profunda reverência a Maharet. Parado à luz que vinha das janelas dos aposentos inferiores, ele mandou um beijo para Maharet. Maharet parecia triste,

mas sorriu. Disse alguma coisa baixinho e fez um gesto indicando que não estava zangada.

Jesse estava com pavor de que Maharet ficasse zangada com ela, mas quando olhou nos olhos de Maharet viu que não havia razão para se preocupar. Então Jesse baixou os olhos e viu que à frente de seu vestido estava rasgada. Sentia uma dor aguda onde Mael a beijara, e quando voltou-se para Maharet ficou desorientada, incapaz de ouvir as próprias palavras.

De algum modo estava sentada em sua cama, apoiada nos travesseiros, e usava um comprido roupão de flanela. Estava contando a Maharet que sua mãe voltara, ela a vira no terraço. Mas aquilo era só parte do que ela dissera, pois tinha passado horas conversando com Maharet sobre a coisa toda. Mas qual coisa toda?

Maharet lhe disse que ela esqueceria. Ah, Deus, como ela tentou lembrar-se depois! Pedacos de fatos a atormentaram durante anos. Os cabelos de Maharet estão soltos, e são muito longos e cheios. Passaram juntas pela casa, como fantasmas, ela e Maharet, Maharet abraçando-a, de vez em quando parando para beijá-la, e ela abraçara Maharet. O corpo de Maharet parecia pedra respirando.

Estavam bem no alto da montanha, num aposento secreto. Havia gigantescos computadores, com seus rolos e suas luzes vermelhas, produzindo um zumbido baixo. E lá, numa imensa tela retangular que se estendia por dezenas de metros parede acima, havia uma enorme árvore genealógica desenhada em luzes. Essa era a Grande Família, estendendo-se pelos milênios passados. Ah, sim, para uma raiz única! A linhagem era matriarcal, como sempre fora com os povos antigos — como tinha sido com os egípcios, sim, a descendência através das princesas da

casa real. E ainda era, de certo modo, com as tribos hebraicas até hoje.

Naquele momento todos os detalhes eram evidentes para Jesse — nomes antigos, lugares, o início!

Meu Deus, ela conhecera até mesmo o início? A espantosa realidade de centenas de gerações desenhada diante de seus olhos! Ela vira o progresso da família através dos antigos países da Ásia Menor e da Macedônia e Itália, finalmente atravessando a Europa e indo para o Novo Mundo! E aquela poderia ser a história de qualquer família humana!

Depois disso ela nunca conseguiu rememorar os detalhes daquele mapa eletrônico. Não, Maharet dissera-lhe que ela esqueceria. O milagre era ela lembrar-se de algum detalhe. Mas que mais acontecera?

Qual tinha sido a verdadeira essência de sua longa conversa?

Maharet chorando, disso ela se lembrava. Maharet chorando com o pranto suave e feminino de uma garotinha. Maharet nunca parecera tão linda; seu rosto suavizara-se, iluminara-se, as rugas tão poucas e leves. Mas estava escuro então, e Jesse não conseguia enxergar claramente. Lembrava-se do rosto brilhando como âmbar na escuridão, os claros olhos verdes sombrios, porém vibrantes, e os cílios louros cintilando como se os minúsculos pêlos tivessem sido pintados de ouro. Velas ardendo em seu quarto. A floresta erguendo-se alta do lado de fora da janela. Jesse tinha implorado, protestado. Mas qual era o assunto da discussão?

Você vai esquecer isso. Não vai lembrar coisa alguma.

Quando abriu os olhos de manhã sabia que estava acabado; eles tinham partido. Nada lhe voltara naqueles primeiros instantes, a não ser que alguma coisa irrevogável tinha sido dita. Então encontrou o bilhete na mesa-de-cabeceira:

Minha querida:

Já não é bom que você fique conosco. Temo que nós todos tenhamos nos apegado muito a você, e gostaríamos de raptá-la e afastá-la das coisas que você decidiu fazer. Perdoe-nos a partida tão súbita. Tenho certeza de que é o melhor para você.

O carro vai levá-la ao aeroporto. Seu avião parte às quatro horas. Seus primos Maria e Matthew vão esperá-la em Nova York.

Fique certa de que a amo mais do que posso dizer em palavras. Minha carta estará esperando por você, quando chegar em casa. Alguma noite, daqui a muitos anos, discutiremos novamente a história da família. Você pode se tornar minha ajudante com os registros, se ainda desejar. Mas por enquanto isso não deve envolvê-la. Não deve afastá-la da vida.

Sempre sua, com muito amor, Maharet

Jesse nunca mais tornara a ver Maharet. As cartas dela chegavam com a regularidade de sempre, cheias de afeição, preocupação, conselhos. Mas nunca mais haveria uma visita. Jesse nunca mais foi convidada para visitar a casa na floresta de Sonoma. Nos meses seguintes, Jesse recebera muitos presentes — uma linda casa antiga na Washington Square em Greenwich Village, um carro novo, um enorme aumento de mesada, e as costumeiras passagens de avião para visitar membros da família no

mundo inteiro. E Maharet financiou uma parte substancial do trabalho arqueológico de Jesse em Jericó. Na realidade, ao longo dos anos, ela dava a Jesse qualquer coisa que Jesse pudesse desejar.

No entanto, Jesse tinha ficado marcada por aquele verão. Certa vez, em Damasco, sonhara com Mael e despertara em prantos. Ela estava em Londres, trabalhando no Museu Britânico, quando as lembranças começaram a voltar com força total. Nunca chegou a saber o que as despertara. Talvez o efeito da ordem de Maharet — Você vai esquecer — tenha simplesmente se gastado. Mas podia haver outra razão. Certa noite, na Praça Trafalgar, ela vira Mael, ou alguém exatamente igual a ele. O homem, parado a alguns metros de distância, estava encarando-a quando seus olhares se encontraram. Quando ela acenou, porém, dera-lhe as costas e afastara-se sem o menor sinal de reconhecimento. Ela correria atrás dele, tentando alcançá-lo; mas ele desapareceu como se nunca tivesse existido. Aquilo deixou-a magoada, decepcionada. No entanto, três dias depois recebeu um presente anônimo, uma pulseira de prata rústica. Era uma antiga relíquia celta, logo descobriu, e provavelmente sem preço. Poderia Mael ter-lhe enviado aquela coisa linda e preciosa? Era o que ela gostaria de acreditar.

Segurando a pulseira com força na mão, sentiu a presença dele. Lembrou-se daquela noite distante em que conversaram sobre fantasmas tolos. Ela sorriu. Era como se ele estivesse ali, abraçando-a, beijando-a.

Contou a Maharet sobre o presente, quando lhe escreveu. Desde então usava sempre a pulseira. Jesse mantinha um diário das lembranças que lhe voltavam. Escrevia sonhos, fragmentos de vislumbres. Mas não mencionou isso em suas cartas a Maharet. Teve um

romance enquanto estava em Londres. Terminou mal, e ela se sentiu solitária. Foi nessa época que a Talamasca entrou em contato com ela, e o rumo de sua vida mudou para sempre.

Jesse morava numa casa velha em Chelsea, não muito longe de onde morou Oscar Wilde, James McNeill Whistler também residira por ali, e também Bram Stoker, o autor de Drácula. Era um lugar que Jesse amava. Porém, sem que ela soubesse, a casa onde alugara um apartamento era mal assombrada. Nos primeiros meses Jesse viu várias coisas estranhas. Eram aparições fugazes, vagas, como freqüentemente se vê em tais lugares; ecos, como Maharet os chamava, de pessoas que tinham estado lá muito tempo antes.

Jesse as ignorava. No entanto, quando um repórter a abordou, certa tarde, explicando que estava fazendo uma reportagem sobre a casa assombrada, ela contou-lhe, em tom casual, sobre as coisas que tinha visto.

Fantasmas bem corriqueiros em Londres — uma velha trazendo um jarro da despensa, um homem de fraque e cartola que aparecia durante uns segundos na escada. Saiu um artigo melodramático. Jesse tinha falado demais, obviamente. Era chamada de "Paranormal", ou "médium natural", que via essas coisas o tempo todo.

Um membro da família Reeves de Yorkshire telefonou para brincar com ela sobre isso. Jesse também achou graça. Fora isso, não deu muita importância. Estava profundamente envolvida com seus estudos no Museu Britânico. Aquilo não tinha a menor importância. Então a Talamasca, tendo lido o jornal, veio procurá-la.

Aaron Lightner, um cavalheiro antiquado, de cabelos brancos e maneiras refinadas, convidou Jesse para almoçar. Num Rolls Royce velho, mas meticulosamente conservado, ele e Jesse atravessaram Londres até um clube particular, pequeno e elegante. Certamente tinha sido um dos encontros mais estranhos que Jesse já tivera. Na verdade, lembrou-lhe o verão de tanto tempo atrás, não porque fosse parecido, mas porque ambas as experiências eram tão diferentes de qualquer outra coisa que já lhe acontecera.

Lightner era um homem encantador, na opinião de Jesse. Os cabelos brancos eram cheios e bem tratados, e ele usava um terno impecavelmente cortado, de tweed Donegal. Foi o único homem que ela conheceu que usava uma bengala de prata.

Rápida e simpaticamente ele explicou a Jesse que era um "detetive parapsíquico"; trabalhava para uma "ordem secreta chamada a Talamasca", cujo único propósito era colecionar informações sobre experiências "paranormais" e manter esses registros para o estudo de tais fenômenos. Á Talamasca estendia a mão para pessoas com poderes paranormais. E, àqueles com uma capacidade extremamente forte, de vez em quando ela oferecia sociedade, uma carreira em "investigação parapsicológica", que na verdade era mais como uma vocação, pois a Talamasca exigia devoção total, lealdade e obediência às suas regras. Jesse quase soltou uma gargalhada. Mas Lightner aparentemente estava preparado para sua descrença. Tinha alguns "truques" que sempre usava nesses encontros de apresentação. E, para total espanto de Jesse, conseguiu movimentar vários objetos sobre a mesa sem tocar neles. Um poder simples, ele declarou, que funcionava como "cartão de visita".

Vendo o saleiro dançar de um lado para o outro, Jesse ficou espantada demais para falar. Mas a grande surpresa veio quando Lightner declarou que sabia tudo sobre ela. Sabia de onde ela vinha, onde tinha estudado. Sabia que ela via espíritos quando era garotinha. Aquilo chegara ao conhecimento da ordem muitos anos antes, através de "canais de rotina", e Jesse tinha uma ficha em seus arquivos. Ela não devia ficar ofendida. Por favor compreendesse que a Talamasca levava a cabo suas investigações com o maior respeito pelo indivíduo. A ficha continha apenas relatórios informais de coisas que Jesse dissera a vizinhos, professores, colegas. Jesse poderia examinar a pasta quando quisesse. Era sempre assim com a Talamasca.

Às vezes tentava-se um contato com pessoas sob observação. As informações eram dadas livremente à pessoa em questão, mas fora isso eram confidenciais.

Jesse interrogou Lightner implacavelmente. Logo ficou claro que ele sabia muita coisa a respeito dela, mas absolutamente nada sobre Maharet ou a Grande Família. E foi essa combinação de conhecimento e ignorância que atraiu Jesse. Se tivesse havido qualquer menção a Maharet, ela teria dado as costas à Talamasca para sempre, pois era inteiramente leal à Grande Família. Mas a Talamasca só estava interessada na capacidade de Jesse. E Jesse, apesar do conselho de Maharet, também sempre se interessara por isso. Além disso, a própria história da Talamasca mostrou-se muito atraente. Aquele homem estaria falando a verdade? Uma ordem secreta, que tinha registro de sua experiência desde o ano de 758, com arquivos sobre bruxos, feiticeiros, médiuns e videntes desde aquela época remota? Isso a deixava espantada, como antes os registros da Grande Família.

E Lightner amavelmente suportou outra rodada de perguntas. Era óbvio que ele sabia História e Geografia. Falava com facilidade e exatidão sobre a perseguição aos cátaros, a supressão dos Cavaleiros Templários, a execução de Grandier, e mais uma dezena de "fatos" históricos. Na realidade, Jesse mal conseguia acompanhá-lo. Pelo contrário: ele se referiu a antigos "magos" e "feiticeiros" de quem ela nunca ouvira falar. Naquela noite, quando chegaram à Casa Matriz, num subúrbio de Londres, o destino de Jesse estava selado. Ela passou uma semana sem sair de lá, e quando saiu foi apenas para fechar o apartamento em Chelsea e retornar à Talamasca.

A Matriz era uma enorme estrutura de pedra construída em 1500 e adquirida pela Talamasca "apenas" duzentos anos antes. Embora as bibliotecas suntuosamente forradas de lambris e as salas de estar tivessem sido construídas no século XVIII juntamente com as sancas, as frisas e os outros ornamentos em gesso, o salão de jantar e muitos dos quartos de dormir datavam do período elisabetano.

Jesse adorou imediatamente a atmosfera, a mobília solene, as lareiras de pedra, os soalhos de carvalho encerado. Gostou até dos tranquilos membros da ordem, que a cumprimentaram com simpatia e depois voltaram às suas conversas ou à leitura dos jornais da tarde, sentados nos salões amplos e iluminados. A riqueza do lugar era impressionante. Dava peso às declarações de Lightner. E o ambiente era agradável.

Psiquicamente agradável. As pessoas ali eram o que diziam ser.

Mas foram as bibliotecas que finalmente a conquistaram, trouxeram-na de volta àquele trágico verão

em que outra biblioteca com seus tesouros antigos havia sido trancada para ela. Aqui havia inúmeros volumes com a crônica de julgamentos e investigações, casos de possessão, psicocinese, reencarnação, etc.

Havia também museus sob a casa, aposentos repletos de objetos misteriosos ligados a ocorrências paranormais. Havia cofres onde ninguém podia entrar, exceto os mais antigos membros da ordem. Era deliciosa a perspectiva de segredos revelados apenas depois de certo tempo.

— Tanto trabalho a ser feito, sempre — Aaron dissera em tom casual. — Ora, todos os velhos registros, sabe, estão em latim, e não podemos mais exigir que os novos membros leiam e escrevam em latim. É algo simplesmente fora de questão nesta época moderna. E os quartos de depósitos, entende, a documentação da maioria daqueles objetos não é avaliada há quatro séculos...

Naturalmente Aaron sabia que Jesse lia e escrevia não só latim, mas grego, egípcio antigo, sumeriano antigo. O que ele não sabia era que ali Jesse encontrara uma substituição para os tesouros daquele verão perdido. Encontrara outra "Grande Família".

Naquela noite mandaram um carro buscar roupas para Jesse e o que mais ela pudesse precisar do apartamento em Chelsea. Seu novo quarto ficava no canto sudoeste da Matriz, um aposento aconchegante, com teto trabalhado e uma lareira em estilo Tudor. Jesse não queria mais deixar aquela casa, e Aaron sabia disso. Na sexta-feira daquela semana, apenas três dias depois de sua chegada, ela foi recebida na ordem como noviça. Deram-lhe uma mesada substancial, uma sala particular contígua ao quarto de dormir, um motorista em tempo integral e um carro velho e

confortável. Ela largou o emprego no Museu Britânico assim que foi possível.

As regras eram simples. Ela passaria dois anos estudando em tempo integral, viajando com outros membros quando e para onde fosse necessário. Podia falar sobre a Ordem com amigos ou parentes, naturalmente. Mas todos os nomes, as fichas e os detalhes relatados eram confidenciais. E nunca deveria tentar publicar alguma coisa sobre a Talamasca. Na realidade, jamais deveria contribuir para qualquer "menção pública" da Talamasca. Referências e missões específicas deviam sempre omitir nomes e lugares.

Seu trabalho especial seria dentro dos arquivos, traduzindo e "adaptando" velhas crônicas e antigos registros. E no museu ela trabalharia pelo menos um dia por semana, organizando artefatos e relíquias. Mas o trabalho de campo — investigações de assombrações e coisas do gênero — teria sempre precedência sobre a pesquisa.

Passou-se um mês antes que ela escrevesse para Maharet contando sua decisão. E nessa carta ela abriu sua alma. Amava aquelas pessoas e o trabalho delas. Naturalmente a biblioteca lembrava-lhe o arquivo da família em Sonoma, e a época em que fora tão feliz. Maharet compreendia? A resposta de Maharet deixou-a atônita. Maharet sabia o que era a Talamasca. Na verdade, parecia inteiramente familiarizada com a história da Talamasca. Disse sem preâmbulos que admirava muito os esforços da Ordem durante a caça às bruxas nos séculos XV e XVI, salvando muitos inocentes da fogueira.

Certamente lhe contaram sobre a "ferrovia subterrânea", por onde muitos acusados eram retirados das aldeias onde seriam queimados e eram levados para

Amsterdã, uma cidade esclarecida, onde as mentiras e tolices da época não recebiam crédito.

Jesse não sabia coisa alguma sobre isso, mas logo confirmaria cada detalhe. No entanto, Maharet tinha suas reservas sobre a Talamasca:

Por mais que eu admire sua compaixão pelos perseguidos de todas as eras, você precisa entender que não creio que suas investigações adiantem muita coisa.

Esclarecendo: espíritos, fantasmas, vampiros, lobisomens, bruxas, entidades indescritíveis — tudo isso pode existir, e a Talamasca pode passar outro milênio estudando-os, mas que diferença isso fará para o destino da raça humana?

Sem dúvida houve, no passado distante, pessoas que tinham visões e falavam com espíritos. E talvez, como bruxos ou xamãs, essas pessoas tivessem algum valor para suas tribos ou nações. Mas religiões complexas têm sido fundadas sobre essas experiências tão simples e enganadoras, dando nomes míticos a vagas entidades, criando um enorme veículo para uma crença supersticiosa global. Essas religiões não fizeram mais mal do que bem?

Permita-me sugerir que, seja qual for a interpretação que dermos à História, estamos agora além do ponto em que o contato com os espíritos possa ter alguma utilidade. Uma justiça rude, porém inexorável, pode estar agindo no ceticismo das pessoas comuns em relação aos fantasmas, médiuns e coisas do mesmo gênero. O sobrenatural, seja qual for a forma de sua existência, não deve interferir na história humana.

Em suma, sou de opinião que, exceto pelo consolo que dá a uma ou outra alma confusa, a Talamasca faz registros

de coisas que não são e não deveriam ser importantes.

A Talamasca é uma organização interessante. Mas não pode conseguir grande coisa.

Amo você. Respeito sua decisão. Mas espero, por seu próprio bem, que você se canse da Talamasca — e volte para o mundo real — muito breve.

Jesse pensou bastante antes de responder. Torturava-a saber que Maharet não aprovava o que tinha feito. No entanto, Jesse sabia que em sua decisão havia uma cobrança. Maharet afastara-a dos segredos da família; a Talamasca a aceitara. Quando escreveu, assegurou a Maharet que os membros da Ordem não tinham ilusões quanto à importância do seu trabalho. Tinham dito a Jesse que o trabalho era, sem exceção, secreto; não havia glória, às vezes nenhuma satisfação real. Concordariam plenamente com as opiniões de Maharet sobre médiuns, espíritos, fantasmas. Mas milhões de pessoas também não pensavam que as descobertas empoeiradas dos arqueólogos, não tinham a menor importância? Jesse implorou que Maharet entendesse o que isso significava para ela. E finalmente escreveu, para sua própria surpresa, o seguinte:

Nunca contarei à Talamasca qualquer coisa sobre a Grande Família. Nunca contarei sobre a casa em Sonoma e as coisas misteriosas que me aconteceram quando eu estive lá. Eles ficariam curiosos demais. E minha lealdade é para com você. Mas um dia, eu lhe imploro, deixe-me voltar para a casa da Califórnia. Deixe-me conversar com você sobre as coisas que vi. Ultimamente tenho me lembrado de coisas. Tenho tido sonhos enigmáticos. Mas confio na sua opinião sobre esses assuntos. Você é muito generosa. Não duvido que me ame. Por favor entenda o quanto eu a amo.

A resposta de Maharet foi breve:

Jesse, sou um ser excêntrico e caprichoso; pouca coisa me foi negada. De vez em quando me engano quanto ao efeito que tenho sobre as outras pessoas. Nunca devia ter trazido você para a casa de Sonoma; foi um gesto egoísta, que não consigo me perdoar. Mas você tem que acalmar minha consciência. Esqueça que houve aquela visita. Não negue a verdade das suas recordações; mas não pense muito nelas.

Viva sua vida como se ela não tivesse sido interrompida tão levemente. Algum dia responderei a todas as suas perguntas, mas nunca mais tentarei subverter seu destino.

Dou-lhe meus parabéns por sua nova vocação. Você tem meu amor incondicional e eterno.

Logo seguiram-se elegantes presentes: um jogo de malas de couro para as viagens de Jesse e um lindo casaco de mink para mantê-la aquecida no "abominável inverno inglês". É um país que "só um druida poderia amar", Maharet escreveu. Jesse adorou o casaco porque o mink ficava na parte de dentro e não chamava a atenção. O jogo de malas também foi muito útil. E Maharet continuou a escrever duas ou três vezes por semana. Continuava solícita como sempre. Porém, à medida que os anos passavam, foi Jesse quem se distanciou. Suas cartas tornaram-se breves e irregulares, pois seu trabalho na Talamasca era confidencial. Simplesmente não podia contar o que fazia.

Jesse ainda visitava membros da Grande Família, no Natal e na Páscoa. Sempre que algum primo vinha a Londres, ela ia encontrá-lo para um passeio ou um almoço. Mas todos os contatos eram breves e superficiais. A

Talamasca logo tornou-se a vida de Jesse. Um mundo revelou-se a Jesse nos arquivos da Talamasca logo que ela começou suas traduções do latim: registros de famílias e indivíduos paranormais, casos de bruxaria "óbvia", feitiçaria "verdadeira", e finalmente as transcrições, repetitivas, porém fascinantes, de julgamentos de bruxos, que sempre envolviam os inocentes e os humildes. Ela trabalhava noite e dia, traduzindo diretamente no computador, recuperando um valioso material histórico das precárias páginas de pergaminho. Mas outro mundo, ainda mais sedutor, abria-se para ela no trabalho de campo.

No primeiro ano com a Talamasca, Jesse viu casos de poltergeist tão assustadores que faziam homens adultos fugirem correndo. Viu uma criança telecinética erguer uma mesa de carvalho e jogá-la pela janela. Comunicou-se, em total silêncio, com telepatas que recebiam qualquer mensagem que ela enviasse. Viu fantasmas mais palpáveis que qualquer coisa que ela acreditara poder existir. Feitos de psicometria, escrita automática, levitação, transe mediúnico — tudo isso ela testemunhou, mais tarde fazendo suas anotações, e sempre maravilhada com sua própria surpresa.

Será que jamais se acostumaria e aceitaria como normal? Até os membros mais antigos da Talamasca confessavam que sempre se assustavam com as coisas que viam. E sem dúvida a vidência de Jesse era excepcionalmente forte. Com o uso constante, desenvolveu-se enormemente. Dois anos depois de entrar para a Talamasca, Jesse era mandada para casas assombradas em toda a Europa e nos Estados Unidos. Para cada um ou dois dias que ela passava na paz e no silêncio da biblioteca, havia uma semana num saguão cheio de correntes de ar, observando o aparecimento intermitente de um espectro silencioso que assustava as pessoas.

Jesse raramente chegava a uma conclusão sobre essas aparições. Na realidade, ela aprendeu o que todos os membros da Talamasca já sabiam: que não havia uma teoria única sobre o ocultismo que abrangesse todas as coisas estranhas que aconteciam. O trabalho era instigante, mas no final era frustrante também. Jesse ficava insegura ao se dirigir a essas "entidades sem descanso" ou espíritos confusos, como Mael certa vez os descrevera com muita propriedade. Mas Jesse os aconselhava a partir para "níveis mais altos", a procurar a paz para si mesmos, deixando em paz também os mortais.

Parecia a única coisa a ser feita, embora ela se assustasse com a possibilidade de estar forçando esses fantasmas a renunciar à única vida que lhes restava. E se a morte fosse o fim, e as assombrações surgiam quando almas tenazes não a aceitavam? Horrível, esse pensamento: o mundo espiritual como uma última centelha, baça e caótica, antes da escuridão definitiva.

Fosse qual fosse o caso, Jesse acabou com inúmeros casos de assombração. E sempre se sentia consolada com o alívio dos vivos. Desenvolveu-se nela um profundo senso da qualidade especial da sua vida.

Era excitante. Ela não a trocaria por qualquer outra coisa no mundo. Bem, quase qualquer outra coisa.

Afinal, teria partido no mesmo minuto se Maharet aparecesse à sua porta e lhe pedisse para voltar para a propriedade em Sonoma para cuidar, seriamente dos arquivos da Grande Família. Mas... talvez não fizesse isso.

Jesse teve, porém, uma experiência com os arquivos da Talamasca que lhe provocou considerável confusão pessoal em relação à Grande Família. Ao transcrever

documentos de bruxaria, Jesse descobriu que a Talamasca monitorara durante séculos certas "famílias de bruxos" cujos destinos pareciam influenciados pela intervenção sobrenatural de um tipo verificável e previsível. Mesmo agora a Talamasca vigiava algumas dessas famílias. Geralmente havia um "bruxo" em cada geração dessas famílias. Essa pessoa conseguia, segundo o arquivo, atrair e manipular forças sobrenaturais para assegurar a fortuna e o sucesso da família. Esse poder parecia ser hereditário — isto é, baseado no corpo físico — mas ninguém tinha certeza.

Algumas dessas famílias eram inteiramente ignorantes de sua própria história; não compreendiam as "bruxarias" que se manifestavam no século XX. E embora a Talamasca tentasse regularmente entrar em contato com essas pessoas, era geralmente mal recebida, ou achava o trabalho "perigoso" demais. Afinal, esses bruxos conseguiam fazer feitiços reais.

Chocada e incrédula, durante várias semanas depois dessa descoberta Jesse nada fez. Mas não conseguia tirar aquilo da cabeça. Era parecido demais com Maharet e a Grande Família. Então fez a única coisa que poderia fazer sem violar sua lealdade a qualquer um: examinou cuidadosamente os registros de todas as famílias de bruxos nos arquivos da Talamasca. Verificou tudo várias vezes. Procurou os mais antigos registros existentes e examinou-os detalhadamente. Nenhuma menção a alguém chamado Maharet. Nenhuma menção a alguém ligado a qualquer ramo ou sobrenome da Grande Família de que Jesse tivesse ouvido falar.

Nenhuma menção a qualquer coisa ligeiramente suspeita. Seu alívio foi enorme, mas afinal ela não ficou surpresa. Seus instintos lhe tinham dito que ela estava na

pista errada. Maharet não era uma bruxa; Não nesse sentido da palavra. Tratava-se de algo mais.

Mas na realidade Jesse nunca tentou entender a situação. Evitava teorias sobre o que acontecera, assim como evitava teorias a respeito de qualquer coisa. E ocorreu-lhe mais de uma vez que tinha procurado a Talamasca com o propósito de perder esse mistério pessoal numa imensidão de outros mistérios. Cercada de fantasias, poltergeists e crianças possuídas, ela pensava cada vez menos em Maharet e na Grande Família.

Na época em que Jesse tornou-se membro efetivo da Ordem, ela era especialista nas regras da Talamasca, nos métodos, no modo de registrar investigações, quando e como auxiliar a polícia em casos de crime, como evitar qualquer contato com a imprensa. Passou também a reconhecer que a Talamasca não era uma organização dogmática. Não exigia que seus membros acreditassem em qualquer coisa — simplesmente que fossem honestos e cuidadosos em relação aos fenômenos que observavam.

Padrões, semelhanças, repetições — essas coisas fascinavam a Talamasca. Usavam-se muitos termos, mas não havia um vocabulário rígido. Os arquivos eram simplesmente dotados de referências múltiplas. No entanto os membros da Talamasca estudavam os teóricos. Jesse leu as obras de todos os grandes investigadores parapsicológicos, médiuns e mentalistas. Estudava qualquer coisa relacionada ao oculto.

E muitas vezes pensava no conselho de Maharet. O que Maharet dissera era correto. Fantasma, aparições, pessoas que conseguiam ler pensamentos e mover objetos — tudo aquilo era fascinante para quem testemunhava, mas significava muito pouco para a raça humana em geral. Não

havia agora, nem jamais haveria, uma grande descoberta em ocultismo que alterasse a história da humanidade. Jesse, porém, nunca se cansava de seu trabalho. Viciou-se na excitação, até mesmo na qualidade secreta de suas atividades.

Estava dentro das entranhas da Talamasca, e, embora se acostumasse à elegância do ambiente — rendas antigas, camas de dossel, talheres de prata, carros com motoristas, empregados —, ela própria tornava-se cada vez mais simples e reservada.

Aos trinta anos era uma mulher clara, de aparência frágil, com seus cabelos ruivos cacheados partidos no centro da cabeça e jogados para trás dos ombros. Não usava cosméticos, perfumes ou jóias, a não ser a pulseira celta. Um blazer de caxemira era sua roupa favorita, juntamente com calças de lã ou jeans quando estava na América. No entanto era uma pessoa atraente, que chamava bastante a atenção dos homens, mais do que ela gostaria. Tinha alguns romances, mas sempre curtos. E raramente importantes.

O que lhe importava mesmo era sua amizade com os outros membros da Ordem; tinha muitos irmãos e irmãs. E eles gostavam dela como ela gostava deles. Adorava a sensação de comunidade a rodeá-la. A qualquer hora da noite podia-se descer as escadas e ir para uma sala iluminada onde as pessoas estavam acordadas — lendo, conversando, às vezes discutindo de maneira tranqüila. Podia-se ir à cozinha, onde a cozinheira da noite estava sempre pronta para preparar um café da manhã adiantado ou um jantar atrasado, conforme o que a pessoa desejasse.

Jesse poderia ter ficado para sempre com a Talamasca. Como uma ordem religiosa católica, a Talamasca cuidava de

seus velhos e seus doentes. Morrer dentro da Ordem era conhecer o máximo de conforto, assim como todo cuidado médico; passar os últimos momentos da maneira que a pessoa quisesse, sozinho na cama ou rodeado dos outros membros a confortá-lo, segurando-lhe a mão. Podia-se ir para a casa dos parentes, se fosse sua escolha. Mas a maioria preferia morrer na Casa Matriz. Os funerais eram grandiosos e elaborados. Na Talamasca, a morte era parte da vida. Um grande grupo de homens e mulheres de preto compareciam a cada enterro. Sim, eles tinham se tornado a família de Jesse. E na ordem natural das coisas ela teria permanecido lá para sempre.

Mas quando chegou ao final de seu oitavo ano aconteceu uma coisa que iria mudar tudo. Uma coisa que finalmente a fez romper com a Ordem.

Os sucessos de Jesse até então tinham sido impressionantes. Mas no verão de 1981 ela ainda trabalhava sob a direção de Aaron Lightner e raramente tivera contato com o conselho diretor da Talamasca ou com o punhado de homens e mulheres que realmente estavam no comando.

De modo que quando David Talbot, o chefe de toda a Ordem, chamou-a ao seu escritório em Londres, ela ficou surpresa. David era um homem ativo, de sessenta e cinco anos, robusto, cabelos grisalhos e maneiras sempre alegres. Ofereceu a Jesse uma taça de sherry e conversou simpaticamente sobre coisas sem importância durante uns quinze minutos, antes de entrar no assunto.

Ofereceu a Jesse uma missão bem diferente. Deu-lhe um romance chamado Entrevista com o vampiro e disse:

— Quero que leia este livro. Jesse ficou perplexa.

— O caso é que já li — respondeu. — Há uns dois anos. Mas o que um romance como esse tem a ver conosco?

Jesse tinha comprado um exemplar no aeroporto, devorando-o durante um longo vôo intercontinental. A história, supostamente contada por um vampiro a um jovem repórter em São Francisco nos dias de hoje, tinha afetado Jesse como um pesadelo. Não tinha certeza de ter gostado do livro. Na verdade, depois jogara-o fora, em vez de deixá-lo num banco do aeroporto para que outra pessoa o encontrasse.

Os personagens principais da obra — imortais encantadores — tinham formado uma familiazinha malévola em Nova Orleans antes da guerra, onde, durante cinquenta anos, caçavam a população. Lestat era o vilão e o líder. Louis, seu angustiado subordinado, era o herói e aquele que contava a história. Claudia, sua linda "filha" vampira, era uma figura realmente trágica, o cérebro amadurecendo ano após ano enquanto o corpo permanecia eternamente o de uma garotinha. A busca infrutífera de Louis pela redenção era o tema do livro, obviamente, mas o ódio de Claudia pelos dois vampiros que fizeram dela o que ela era, e sua própria destruição no final, tinham provocado um efeito muito mais forte em Jesse.

— Não é ficção — David explicou com simplicidade. No entanto, o motivo de ter sido escrito não está claro E o ato de publicá-lo, mesmo em forma de romance, deixou-nos assustados.

— Não é ficção? — Jesse repetiu. — Como assim?

— O nome do autor é um pseudônimo — David continuou. — E os cheques dos direitos autorais vão para um rapaz que vive viajando e resiste a todas as nossas

tentativas de contato. Ele já foi repórter, como o entrevistador do romance. Mas isso não vem ao caso agora. Seu trabalho é ir a Nova Orleans e documentar os acontecimentos na história que aconteceram antes da Guerra Civil.

— Espere um minuto. Você está dizendo que os vampiros existem? Que aquelas pessoas, Louis, Lestat e a garotinha Claudia, são reais?

— Exatamente — David respondeu. — E não se esqueça de Armand, o mentor do Théâtre des Vampires em Paris. Lembra-se de Armand, não é?

Jesse não teve trabalho para se lembrar de Armand ou do teatro. Armand, o mais velho imortal do romance, tinha o rosto e o corpo de um adolescente. Quanto ao teatro, tinha sido um macabro estabelecimento onde seres humanos eram mortos no palco diante de uma platéia que de nada suspeitava. A sensação de pesadelo que o livro lhe despertara estava voltando a dominar Jesse. Especialmente as partes a respeito de Claudia. Claudia morrera no Teatro dos Vampiros. O bando, sob as ordens de Armand, a tinha destruído.

— David, será que estou entendendo direito? Está dizendo que essas criaturas existem mesmo?

— Exatamente. Temos observado esse tipo de ser desde o início da nossa existência. De um modo muito real a Talamasca foi fundada para observar essas criaturas, mas essa é outra história.

Provavelmente não há nesse romance um só personagem fictício, mas essa seria a sua missão: documentar a existência do bando de Nova Orleans, como está descrito aqui. Claudia, Louis, Lestat.

Jesse riu. Não conseguiu evitar. Riu de verdade. A expressão paciente de David só lhe dava vontade de rir mais ainda. Mas não causava surpresa a David, assim como não causara a Aaron Lightner oito anos antes.

— Excelente atitude — disse David, com um sorrisinho travesso. — Não queremos que você seja imaginativa ou confiante demais. Mas esse campo requer muito cuidado, Jesse, e estrita obediência às regras. Acredite-me, é uma área extremamente perigosa. Você tem toda liberdade de recusar a missão.

— Vou começar a rir novamente — disse Jesse.

Raramente ouvira a palavra "perigo" na Talamasca. Só a vira escrita nos arquivos das famílias de bruxos. Ora, conseguia acreditar na bruxaria sem muita dificuldade. Bruxos eram seres humanos, e os espíritos provavelmente podiam ser manipulados. Mas vampiros?

— Bem, vamos fazer o seguinte. Antes que você decida, vamos examinar certos objetos pertencentes a essas criaturas, que temos em nossos cofres.

A idéia era irresistível. Havia dezenas de aposentos sob a Matriz aos quais Jesse nunca tinha sido admitida. Não ia deixar passar essa oportunidade. Enquanto ela e David desciam as escadas, a atmosfera da propriedade em Sonoma voltou-lhe súbita e vividamente. Até mesmo o corredor comprido, com suas poucas e fracas lâmpadas elétricas, lembrava-lhe o porão de Maharet. Ela estava cada vez mais excitada.

Em silêncio, seguiu David através de vários depósitos trancados. Viu livros, uma caveira numa estante, o que pareciam roupas velhas amontoadas no chão, mobília, quadros, baús e cofres, poeira.

— Toda esta parafernália está ligada de algum modo a nossos imortais amigos bebedores de sangue — explicou David. — Na realidade, parecem ser gente bastante materialista. E deixam para trás todo o tipo de lixo.

Já aconteceu de deixarem uma casa inteira, com móveis, roupas e até caixões, uns caixões muito enfeitados e interessantes, quando se cansam de um determinado lugar ou de uma determinada identidade.

Mas existem coisas específicas que quero lhe mostrar. Algo bem conclusivo, eu acho.

Conclusivo? Haveria algo conclusivo naquele trabalho? Aquela era certamente uma tarde de surpresas.

David levou-a a uma derradeira câmara, um aposento muito amplo, forrado de metal e imediatamente iluminado por uma série de luzes no teto.

Ela viu uma enorme pintura apoiada na parede. Classificou-a de imediato como pertencente à Renascença, provavelmente veneziana. Era feita de têmpera de ovo em madeira. E tinha o maravilhoso lustro dessas pinturas, que nenhum material sintético consegue criar. Leu o título em latim, juntamente com o nome do artista, em pequenas letras romanas no canto inferior direito.

"A Tentação de Amadeo" por Marius

Recuou para estudá-lo. Um esplêndido coro de anjos de asas negras pairava em volta de uma figura ajoelhada, um rapaz de cabelos dourados. O céu azul-cobalto atrás deles, visto através de uma série de arcadas, era esplendidamente pintado, com massas de nuvens douradas. E o chão de mármore mostrava uma perfeição fotográfica. Podia-se sentir sua frialdade, distinguir os veios da pedra.

Mas as figuras eram a verdadeira glória da pintura., os rostos dos anjos eram belissimamente modelados, suas túnicas em tons pastéis e as asas de penas negras eram extravagantemente detalhadas. E o rapaz, o rapaz simplesmente estava vivo! Seus olhos castanhos realmente brilhavam, enquanto ele olhava para fora do quadro. A pele parecia úmida. Ele estava prestes a mover-se ou falar.

Na verdade, era artístico demais para pertencer à Renascença. As figuras eram reais, não ideais. Os anjos tinham expressões de divertimento, quase cinismo. E a fazenda da roupa do rapaz era bem-feita demais. Ela via até os remendos, um pequeno rasgão, o pó na manga da túnica. Havia outros detalhes assim — folhas secas pelo chão, e dois pincéis caídos a um lado, sem qualquer razão aparente.

— Quem é esse Marius? — ela sussurrou.

Aquele nome nada significava. E ela nunca encontrara uma pintura italiana com tantos elementos perturbadores. Anjos de asas negras... David não respondeu. Apontou para o rapaz.

— É o rapaz que quero que você observe — disse. — Ele não é o verdadeiro assunto da sua investigação. Apenas um elo muito importante.

Assunto... Elo. .. Ela estava demasiado absorta na pintura.

— Veja, ossos no canto, ossos humanos cobertos de poeira, como se alguém simplesmente os tivesse varrido para fora do caminho. Mas afinal o que significa isso tudo?

— Sim — murmurou David. — Quando encontramos a palavra "tentação", geralmente há demônios cercando um

santo.

— Exatamente — concordou ela. — E a técnica é excepcional. — Quanto mais observava a pintura, mais perturbada ficava. — Onde conseguiu isso?

— A Ordem comprou-a há muitos séculos — David respondeu. — Nosso emissário em Veneza recuperou-a de uma vila incendiada no Grand Canal. Esses vampiros estão sempre associados aos incêndios.

É a única arma que podem usar efetivamente uns contra os outros. Sempre há incêndios. Na Entrevista com o vampiro há vários incêndios, lembra-se? Louis incendiou uma casa em Nova Orleans quando estava tentando destruir seu criador e mentor, Lestat. E mais tarde Louis incendiou o Teatro dos Vampiros em Paris, depois da morte de Claudia.

A morte de Claudia. Aquilo causou um arrepio em Jesse, assustando-a.

— Mas olhe com atenção para o rapaz — David insistiu. — É ele quem estamos discutindo agora.

Amadeo. Significava "aquele que ama Deus". Era uma bela criatura, realmente. Dezesseis, talvez dezessete anos, rosto quadrado, de proporções fortes, e uma expressão curiosamente implorante.

David colocou algo em sua mão. Foi com relutância que afastou os olhos do quadro. Em sua mão havia uma fotografia tirada no final do século XIX. Depois de um instante ela sussurrou:

— Mas é o mesmo rapaz!

— É, sim. E uma experiência interessante — disse David.

— Deve ter sido tirada logo após o crepúsculo, em péssimas condições de iluminação, provavelmente não teria dado certo com qualquer outro modelo. Repare que na verdade não se vê muita coisa além do rosto dele.

Realmente. No entanto ela pôde reconhecer o penteado da época.

— Veja isto também — continuou David.

Dessa vez ele lhe deu uma velha revista do século XIX, com estreitas colunas de letras pequenas e ilustrações a tinta. Lá estava o mesmo rapaz saltando de uma caleça — um esboço apressado, embora o rapaz estivesse sorrindo.

— O artigo é sobre ele, e sobre o seu Teatro dos Vampiros. Aqui está um jornal inglês de 1789.

Oitenta anos antes. Mas nele você vai encontrar uma descrição perfeita do estabelecimento e do mesmo rapaz.

— O Teatro dos Vampiros... — Ela fixou os olhos no rapaz louro ajoelhado no quadro. — Ora, é Armand, personagem do romance!

— Exatamente. Parece que ele gosta desse nome. Pode ter sido Amadeo quando estava na Itália, mas tornou-se Armand no século XVIII e desde então tem sido Armand.

— Devagar, por favor — Jesse pediu. — Você está me dizendo que o Teatro dos Vampiros foi documentado? Pelo nosso pessoal?

— Detalhadamente. A ficha é enorme. Inúmeros livros de memórias descrevem o teatro. Temos os documentos da propriedade também. E agora chegamos a outro elo entre nossos arquivos e esse romanczinho. O nome do proprietário do teatro era Lestat de Lioncourt, que o comprou em 1789.

E hoje a propriedade em Paris está nas mãos de um homem do mesmo nome.

— Isso tudo foi verificado?

— Está tudo no arquivo — disse David. — Cópias dos velhos registros e dos mais recentes. Você pode estudar a assinatura de Lestat, se quiser. Lestat faz tudo de maneira grandiosa: cobre metade da página com sua caligrafia ostentosa. Temos fotocópias de vários exemplos. Queremos que leve essas cópias para Nova Orleans com você. Temos um artigo de jornal contando o incêndio que destruiu o teatro exatamente como Louis o descreveu. A data combina com os fatos da história. Você vai ter que verificar tudo, é claro. E o romance: leia-o de novo com bastante atenção.

No final da semana Jesse pegou um avião para Nova Orleans. Deveria analisar e documentar o romance, de todas as maneiras possíveis, examinando títulos de propriedade, transferências, jornais antigos, diários — tudo o que pudesse encontrar para apoiar a teoria de que os personagens e os fatos eram reais.

Mas Jesse ainda não acreditava nisso. Sem dúvida havia "alguma coisa", mas tinha que haver um senão. E o senão era, provavelmente, um esperto romancista histórico que tinha descoberto fatos interessantes e feito deles uma história de ficção. Afinal, bilhetes de teatro, títulos de

propriedade, programas e coisas assim não provam a existência de imortais chupadores de sangue.

Quanto às regras que Jesse teria que obedecer, ela as achava ridículas.

Não tinha permissão de permanecer em Nova Orleans a não ser entre o nascer do sol e às quatro horas da tarde. Às quatro horas tinha que ir para a cidade de Baton Rouge, e passar as noites em segurança num quarto no décimo sexto andar de um hotel moderno. Se tivesse a mais leve sensação de que alguém a observava ou seguia, teria que procurar imediatamente a segurança entre outras pessoas. De algum lugar bem iluminado e com muita gente ela telefonaria imediatamente para a Talamasca em Londres. Nunca, em qualquer circunstância, deveria tentar ver um desses vampiros. Os parâmetros dos poderes vampírescos não eram conhecidos pela Talamasca. Mas uma coisa era certa: aqueles seres conseguiam ler pensamentos. E também conseguiam criar confusão mental em seres humanos. E havia considerável evidência de que eram excepcionalmente fortes. A maioria matava com facilidade.

Também alguns deles, sem dúvida, sabiam da existência da Talamasca. Ao longo dos séculos, vários membros da Ordem tinham desaparecido durante esse tipo de investigação. Jesse teria que ler escrupulosamente os jornais diários. A Talamasca tinha razões para crer que no momento não havia vampiros em Nova Orleans. Senão Jesse não teria sido enviada para lá. Mas a qualquer momento Lestat, Armand ou Louis poderiam aparecer. Se Jesse encontrasse uma reportagem sobre uma morte suspeita, deveria sair da cidade e não voltar.

Jesse achou tudo isso hilariante. Nem mesmo um punhado de recortes sobre mortes misteriosas a

impressionou ou assustou. Afinal, aquelas pessoas poderiam muito bem ter sido vítimas de um culto satânico. E eram todos demasiadamente humanos.

Mas Jesse queria essa missão.

A caminho do aeroporto, David perguntou-lhe a razão.

—Se você não consegue acreditar no que lhe contei, então por que quer investigar o livro?

Ela demorou a responder.

— Há alguma coisa de obsceno neste romance. Faz a vida desses seres parecer atraente. A princípio não se percebe; é um pesadelo de onde não se pode sair. Então de repente fica-se confortável. Dá vontade de continuar. Nem a tragédia de Claudia chega a ser desencorajadora.

— E...?

— Quero provar que é tudo ficção — Jesse declarou. Isso satisfazia a Talamasca, principalmente vindo de um investigador experimentado.

Mas durante, o longo vôo para Nova York Jesse percebeu que havia algo que ela não poderia contar a David. Ela própria acabara de descobrir. A Entrevista com o vampiro lembrava aquele antigo verão com Maharet, embora Jesse não soubesse por quê. E várias vezes interrompeu a leitura para pensar naquele verão. E pequenas coisas lhe voltavam Chegou até a sonhar com aquilo novamente. Não tem relação com o assunto, disse a si mesma. Mas havia alguma ligação alguma coisa a ver com a atmosfera do livro, o ambiente até mesmo a atitude dos personagens, e o modo como as coisas pareciam ser de um jeito e na verdade não eram. Mas Jesse não conseguia

raciocinar sobre aquilo. Seu raciocínio, como sua memória, estava curiosamente bloqueado.

Os primeiros dias de Jesse em Nova Orleans foram os mais estranhos de toda a sua carreira de Paranormal.

A cidade tinha a úmida beleza caribenha e um ar teimosamente colonial que a encantaram imediatamente. No entanto, em toda parte Jesse "sentia" coisas. Tudo lá parecia mal-assombrado. As sombrias casas de antes da Guerra Civil eram sedutoramente silenciosas e melancólicas. Até mesmo as ruas do Bairro Francês, cheias de turistas, tinham uma atmosfera sensual e sinistra que a fazia estar sempre perdendo o rumo ou parando para longos períodos de devaneio, sentada num banco na Jackson Square. Odiava ter que deixar a cidade às quatro da tarde. O opulento hotel em Baton Rouge dava-lhe o conforto do luxo americano.

Ela gostava disso. Mas o ambiente suave e preguiçoso de Nova Orleans dominava-a. Todas as manhãs acordava com a vaga consciência de ter sonhado com os vampiros. E com Maharet.

Então, no quarto dia de sua investigação, ela fez uma série de descobertas que a enviaram direto a um telefone. Realmente tinha havido um Lestat de Lioncourt em Louisiana. Em 1862 ele tinha comprado uma casa na Rua Royal, de seu sócio, Louis de Pointe du Lac. Louis de Pointe du Lac tinha possuído sete propriedades na Louisiana, e uma delas era a plantação descrita na Entrevista com o vampiro. Jesse ficou atônita. E deliciada. Mas houve outras descobertas. Alguém chamado Lestat de Lioncourt possuía casas em toda a cidade, ainda agora. E a assinatura dessa pessoa, que aparecia em registros datados de 1895 e 1910,

eram idênticas às assinaturas do século dezoito. Ah, era maravilhoso demais. Jesse estava se divertindo muito.

Partiu imediatamente para fotografar as propriedades de Lestat. Duas eram mansões no Garden District, evidentemente inabitáveis, caindo em ruínas por trás dos portões enferrujados. Mas o resto, inclusive a casa da Rua Royal — a mesma vendida a Lestat em 1862 —, estava alugado por uma agência local, que enviava o dinheiro a um advogado em Paris.

Isso era mais do que Jesse podia agüentar. Mandou um telegrama a David pedindo dinheiro. Tinha que indenizar os inquilinos dos apartamentos da casa da Rua Royal para que a abandonassem, pois aquela era certamente a casa que fora habitada por Lestat, Louis e a criança Claudia. Podiam ou não ter sido vampiros, mas tinham morado ali!

David mandou o dinheiro imediatamente, junto com instruções estritas de que ela não se aproximasse das mansões em ruínas. Jesse respondeu imediatamente que já tinha examinado aqueles locais. Ninguém entrava lá havia anos. Importante era a casa da Rua Royal. No final da semana ela já era a única inquilina. Os antigos moradores partiram de boa vontade, os bolsos cheios de dinheiro. E bem cedo na segunda-feira Jesse entrou no apartamento deserto do segundo andar. Deliciosamente mal conservado. As antigas lareiras, as sancas, as portas, tudo ali!

Jesse entrou em ação nos quartos da frente com uma chave de fenda e um formão. Louis tinha descrito um incêndio nesses aposentos, durante o qual Lestat ficara bastante queimado. Bem, Jesse descobriria. Em uma hora tinha descoberto as madeiras queimadas! Quando os pedreiros — benditos! — tinham vindo consertar o estrago, tinham fechado os buracos com jornais de 1862. Isso

combinava perfeitamente com a narrativa de Louis. Ele passara a casa para Lestat, fizera planos para partir para Paris, então houve o incêndio durante o qual Louis e Claudia fugiram.

Naturalmente Jesse disse a si mesma que ainda estava cética, mas os personagens do livro estavam se tornando curiosamente reais. O velho telefone preto no vestíbulo tinha sido desligado. Ela teria que sair para telefonar para David, o que a irritou. Queria contar-lhe tudo imediatamente. Mas não saiu. Ao contrário, simplesmente passou horas sentada na sala, sentindo o calor do sol nas tábuas rústicas à sua volta, escutando os estalidos da casa. Uma casa daquela idade nunca fica em silêncio, principalmente num clima úmido. Parece uma coisa viva. Não havia fantasmas ali, pelo menos que ela pudesse ver. No entanto, não se sentia sozinha. Pelo contrário, estava rodeada de carinho. Alguém sacudiu-a para que acordasse. Claro que não.

Estava sozinha ali. Um relógio batendo quatro horas...

No dia seguinte alugou um vaporizador de papel de parede e pôs-se em ação nos outros aposentos.

Tinha que chegar à forração original. A padronagem poderia ser datada, e além disso ela estava procurando uma coisa em particular. Mas havia um canário cantando em algum lugar, possivelmente num apartamento ou numa loja das redondezas, e aquele canto distraiu-a. Tão lindo. Não esqueça o canário, O canário vai morrer se você o esquecer. Ela adormeceu novamente.

Já estava completamente escuro quando acordou. Ouvia próxima a música de um cravo. Durante muito tempo ficou escutando sem abrir os olhos. Mozart, muito rápido.

Rápido demais, mas que técnica! Uma cascata de notas, uma técnica inacreditável. Finalmente forçou-se a levantar-se, ligar as luzes e fazer funcionar novamente o vaporizador.

O aparelho era pesado; a água quente pingava em seu braço. Em cada aposento ela limpou um trecho da parede até o reboco original, depois passava para outro aposento. Mas o zumbido do aparelho a perturbava. Parecia ouvir vozes nele — pessoas rindo, conversando, alguém falando francês num sussurro ansioso, uma criança chorando. Ou seria uma mulher? Desligou a maldita coisa. Nada. Apenas uma ilusão criada pelo ruído numa casa vazia.

Voltou ao trabalho sem consciência da hora, ou de que não tinha comido, ou de que estava ficando tonta. Continuou manejando o pesado vaporizador até que no quarto do centro encontrou o que estava procurando — um mural pintado a mão numa parede caiada. Por um instante ficou paralisada de excitação.

Então pôs-se a trabalhar freneticamente. Sim, era o mural da "floresta mágica" que Lestat encomendara para Claudia. E em rápidas passadas do vaporizador gotejante ela o pôs a descoberto.

"Unicórnios e pássaros de ouro e árvores carregadas de frutas sobre regatos cintilantes." Era exatamente como Louis a descrevera. Finalmente ela conseguiu limpar uma grande parte do mural que ocupava as quatro paredes. O quarto de Claudia, sem dúvida. Sua cabeça girava. Estava fraca de fome.

Consultou o relógio: uma hora. Uma hora! Já se passara metade da noite! Tinha que sair imediatamente.

Era a primeira vez em todos aqueles anos que ela desobedecia a uma regra!

No entanto, não conseguia se obrigar a sair. Estava cansada demais, apesar da excitação. Estava sentada no chão, encostada na lareira de mármore; a luz da lâmpada no teto era ruim, e sua cabeça estava doendo, também. No entanto, ela tinha o olhar fixo nos pássaros dourados, nas pequenas flores primorosamente pintadas, nas árvores. O céu era de um púrpura escuro, mas havia uma lua cheia e não se via o sol, e sim uma grande mancha de minúsculas estrelas. Havia pedacinhos de prata ainda presos às estrelas.

Gradualmente ela percebeu um muro de pedra pintado num canto. Havia um castelo atrás dele. Como seria bom caminhar pela floresta em direção a ele, atravessar o portão de madeira pintada... Entrar em outro reino. Ouvia uma canção em sua cabeça, algo que ela já tinha esquecido, algo que Maharet costumava cantar. Então subitamente ela reparou que o portão era pintado sobre uma abertura na parede!

Inclinou-se para frente. Conseguia ver as fendas no reboco. Sim, uma abertura quadrada, que ela não tinha visto ao trabalhar com o pesado vaporizador. Ajoelhou-se diante da abertura e tocou nela. Uma porta de madeira. Imediatamente pegou a chave de fenda para tentar abri-la. Não conseguiu. Tentou numa beirada, depois na outra. Mas apenas arranhava a pintura.

Acocorou-se para estudá-la. Um portão pintado cobrindo uma porta de madeira. E havia um lugar gasto, justamente onde ficava o trinco pintado. Sim! Ela esticou o braço e deu um empurrãozinho no local.

A porta se abriu. Simples. Ergueu a lanterna. Um compartimento forrado de cedro. E havia coisas ali. Um livrinho encapado em couro branco! Um rosário, parecia, e uma boneca muito antiga, de porcelana. Por um instante não conseguiu se obrigar a tocar naqueles objetos. Era como profanar uma sepultura. E havia também um leve odor, como um perfume. Ela não estava sonhando, estava? Não, sua cabeça doía demais para que aquilo fosse um sonho. Estendeu a mão e pegou a boneca primeiro. O corpo era tosco, pelos padrões modernos, no entanto os membros de madeira eram bem esculpidos e montados. O vestido branco e a faixa lavanda estavam apodrecidos. Mas a cabeça de porcelana era linda, os enormes olhos azuis perfeitos, a peruca de longos cabelos louros ainda intacta.

— Claudia — ela murmurou.

Sua voz deixou-a cônica do silêncio. Nenhum trânsito a essa hora. Só as tábuas estalando. E o lampejar suave e apaziguador de uma lamparina a óleo numa mesa próxima. E aquele cravo em algum lugar, alguém agora tocando Chopin com a mesma habilidade extraordinária que ela ouvira antes. Ficou sentada imóvel, olhos baixos para a boneca em seu colo. Tinha vontade de pentear-lhe os cabelos, consertar a faixa. Os principais acontecimentos da Entrevista com o vampiro lhe voltaram — Claudia destruída em Paris. Claudia pega pela mortal luz do sol nascente num poço de tijolos de onde não poderia escapar. Jesse sentiu um choque opaco, e o pulsar rápido e silencioso de seu coração batendo na garganta.

Claudia destruída, ao passo que os outros continuavam. Lestat, Louis, Armand...

Então, com um susto, percebeu que estava olhando para as outras coisas dentro do compartimento.

Estendeu a mão para o livro. Um diário! As páginas eram frágeis, manchadas. Mas a escrita antiquada, em sépia, ainda era legível, especialmente agora que as lamparinas a óleo estavam todas acesas, e o quarto tinha um brilho aconchegante. Ela lia francês sem esforço. O primeiro registro datava de 21 de setembro de 1836:

Este é o presente de aniversário que ganhei de Louis. Use como quiser, ele disse. Mas talvez fosse interessante copiar aqui os poemas que me agradarem, e lê-los para ele de vez em quando. Não entendo exatamente o que quer dizer meu aniversário. Será que eu nasci no dia 21 de setembro, ou foi nesse dia que larguei todas as coisas humanas e me tornei o que sou?

Os cavalheiros meus pais estão sempre relutantes em esclarecer questões tão simples. Parece até que é de mau gosto mencionar esses assuntos. Louis faz ar de perplexidade, depois de infelicidade, antes de voltar ao jornal. E Lestat, ele sorri e toca um pouco de Mozart para mim, depois responde, dando de ombros: — Foi o dia em que você nasceu para nós.

Naturalmente ele me deu uma boneca, como sempre, uma réplica minha, sempre usando uma duplicata do meu vestido mais novo. Manda buscar essas bonecas na França, faz questão que eu saiba. E o que eu deveria fazer com ela? Brincar, como se eu fosse uma criança de verdade?

— Existe aí alguma mensagem, meu amado pai? — perguntei-lhe esta noite. — De que eu própria serei uma boneca para sempre? — Ele já me deu trinta dessas bonecas ao longo dos anos, se a memória não me falha. E a memória nunca falha. Cada boneca exatamente igual ao resto. Não iria haver lugar para mim no quarto, se eu ficasse com elas. Eu as queimo, mais cedo ou mais tarde.

Despedaço os rostos de porcelana com um atizador. Fico vendo o fogo comer os cabelos. Não posso dizer que gosto de fazer isso. Afinal, as bonecas são lindas. E se parecem mesmo comigo. No entanto, esse é o gesto correto. A boneca espera isso. E eu também.

E agora ele me trouxe outra, e depois fica parado à minha porta olhando para mim, como se minha pergunta o ofendesse. E de repente tem uma expressão de tanta raiva que eu penso: este não pode ser o meu Lestat. Gostaria de poder odiá-lo. Gostaria de poder odiar os dois. Mas eles me derrotam, não com sua força, mas com sua fraqueza. São tão amorosos! E tão agradáveis de se ver. Mon Dieu, como as mulheres correm atrás deles! Enquanto ele estava ali de pé olhando para mim, vendo-me examinar a boneca que ele me dera, perguntei rispidamente:

— Está gostando do que está vendo?

— Você não as quer mais, não? — ele sussurrou.

— Você quereria, se fosse eu? — perguntei.

A expressão no rosto dele ficou ainda mais zangada. Nunca o vi daquele jeito.

Um calor ardente subiu-lhe ao rosto, e ele piscou para clarear a visão. Sua visão perfeita. Saiu e foi para a sala. Fui atrás dele. Na verdade, eu não suportava vê-lo daquele jeito, mas fui atrás dele.

— Você gostaria delas, se fosse eu? — insisti.

Ele me encarou como se eu o assustasse, ele um homem de um metro e oitenta e eu uma criança com no máximo a metade disso.

— Você me acha bonita? — perguntei.

Ele passou por mim, desceu o corredor e saiu pela porta dos fundos do apartamento. Mas eu o alcancei. Agarrei sua manga, quando ele estava no alto da escada.

— Responda! — falei. — Olhe para mim. Que é que está vendo?

Ele estava num estado horrível. Pensei que fosse se desvencilhar, rir, mostrar sua exuberância costumeira. Mas em vez disso ele caiu de joelhos na minha frente e agarrou meus braços. Beijou-me com força na boca.

— Eu te amo! — falou. — Eu te amo!

Como se fosse uma maldição que me jogava.

Depois recitou-me este poema:

Cubra o rosto dela;

meus olhos se ofuscam;

ela morreu jovem.

Webster, tenho quase certeza. Uma daquelas peças que Lestat tanto adora.

Fico pensando. .. será que Louis vai gostar desse poeminha? Não sei por que não. É pequeno, mas muito bonitinho.

Jesse fechou o livro com suavidade. Sua mão tremia. Ela ergueu a boneca e segurou-a contra o seio, o corpo oscilando levemente, e tornou, a recostar-se na parede pintada.

— Claudia — sussurrou.

A cabeça latejava, mas isso não tinha importância. A luz das lamparinas a óleo era tão tranquilizante, tão diferente das gritantes lâmpadas elétricas. Ficou sentada imóvel, acariciando a boneca com a ponta dos dedos, quase como uma cega, sentindo os cabelos macios e sedosos, o vestidinho engomado. O relógio tornou a bater, bem alto, cada nota surda ecoando no aposento. Não podia desmaiar ali. Tinha que dar um jeito de se levantar. Tinha que pegar o livrinho, a boneca e o rosário, e sair dali. As janelas vazias eram como espelhos, com a noite por trás. Regras desobedecidas. Ligar para David, sim, ligar para David agora. Mas o telefone estava tocando. A esta hora, imagine. O telefone tocando. E David não tinha o número deste apartamento, porque o telefone. . . Ela tentou ignorá-lo, mas ele continuou tocando. Está bem, atenda. Deu um beijo na testa da boneca.

— Volto já, meu bem — sussurrou.

Afinal, onde ficava o maldito telefone nesse apartamento? Na prateleira no vestíbulo, é claro. Ela quase o pegou quando viu o fio solto, enrolado no aparelho. Não estava ligado. Ela via que não estava ligado.

Mas estava tocando, ela ouvia, e não era uma alucinação auditiva, a coisa estava tocando com estridência!

E as lamparinas! Meu Deus, não havia lamparinas no apartamento! Está bem, você já viu coisas assim antes. Não entre em pânico, pelo amor de Deus. Pense! Que é que deveria fazer? Mas ela estava prestes a gritar. O telefone não parava de tocar!

Se você entrar em pânico, vai perder totalmente o controle. Tem que apagar essas lamparinas, parar esse telefone. Mas as lamparinas não podem ser reais. E a sala de estar no final do corredor — a mobília não é real! O brilho do fogo não é real! E a pessoa se movendo lá, quem é, um homem? Não olhe para ele.

Ela estendeu a mão e empurrou o telefone para o chão. O receptor rolou pelo soalho. Uma voz fina de mulher saiu dele:

— Jesse?

Em cego terror ela correu de volta para o quarto, tropeçando na perna de uma cadeira, caindo de encontro ao cortinado de uma cama de dossel. Nada disso é real. Nada disso está aqui. Pegue a boneca, o livro, o rosário! Enfiando-os em sua bolsa de lona, ela levantou-se e saiu correndo do apartamento para a escada dos fundos. Quase caiu quando seus pés atingiram o metal escorregadio. O jardim, o chafariz...

Mas você sabe que não há outra coisa além de ervas. Havia um portão de ferro torneado bloqueando seu caminho. Ilusão. Atravesse-o. Corra!

Era o pesadelo clássico e ela estava presa nele, o som de cavalos e carruagens ribombando em seus ouvidos enquanto ela corria pela rua calçada de pedras. Cada gesto desajeitado durava uma eternidade, as mãos lutando para pegar as chaves do carro, abrir a porta, e então o carro se recusando a ligar. Quando chegou ao limite do Bairro Francês, estava soluçando, e seu corpo estava banhado de suor. Dirigiu pelas ruas do centro em direção à rodovia. Tendo que parar na rampa de acesso, ela virou a cabeça. O banco traseiro estava vazio. Certo, não a seguiram. E a

bolsa de lona estava em seu colo; sentia a rígida cabeça de porcelana contra seu peito. Foi em disparada para Baton Rouge.

Quando chegou ao hotel estava passando mal. Mal conseguiu caminhar até a recepção. Uma aspirina, um termômetro. Por favor ajude-me a chegar ao elevador. Quando acordou, oito horas depois, era meio-dia.

A bolsa de lona ainda em seus braços. Estava com quarenta graus de febre. Telefonou para David, mas a ligação estava péssima. Ele ligou de volta; não adiantou. Mesmo assim ela tentou fazer-se entender. O diário era de Claudia, sem dúvida, e confirmava tudo! E o telefone não estava ligado, mas ela ouvira a voz da mulher. As lamparinas estavam ardendo quando ela saiu correndo do apartamento. O apartamento estava cheio de móveis; havia fogo nas lareiras. Será que essas lamparinas e o fogo poderiam incendiar a casa? David tinha que fazer alguma coisa! Ele respondia, mas ela mal conseguia ouvi-lo. Estava com a bolsa, disse a ele; que ele não se preocupasse.

Estava escuro quando abriu os olhos. A dor de cabeça a despertara. O relógio digital na penteadeira marcava dez e meia. Sede, uma sede terrível, e a garrafa na mesa-de-cabeceira estava vazia. Havia mais alguém no quarto. Virou-se para o outro lado. A luz entrava pelas finas cortinas brancas. Sim, ali.

Uma criança, uma garotinha. Estava sentada numa cadeira contra a parede.

Jesse via claramente os longos cabelos louros, o vestido de mangas bufantes, as pernas que não chegavam ao chão. Tentou ver melhor. Uma criança... não era possível. Uma aparição. Não. Alguma coisa que ocupava espaço.

Alguma coisa malévola. Uma ameaça — e a criança estava olhando para ela.

Claudia.

Saiu da cama aos tropeções, ainda segurando a bolsa, e, recuando, encostou-se à parede. A garotinha levantou-se. Era nítido o som de seus pés no carpete. A sensação de ameaça pareceu ficar mais forte. A criança entrou na faixa de luz que vinha da janela, e Jesse viu os olhos azuis, as bochechas arredondadas, os bracinhos macios. Jesse gritou. Apertando a bolsa de encontro ao corpo, ela saltou em direção à porta.

Tateou à procura da maçaneta, com medo de olhar por cima do ombro. Gritava incontrolavelmente. Alguém chamava do outro lado da porta; finalmente ela conseguiu abri-la e cambaleou para o corredor. Pessoas rodearam-na; mas não conseguiram convencê-la a se aproximar do quarto. Então alguém ajudou-a a levantar-se, pois aparentemente ela caíra novamente. Outra pessoa trouxe uma cadeira. Ela chorava, tentando acalmar-se, mas incapaz de parar, e segurava com as duas mãos a bolsa com a boneca e o diário.

Quando a ambulância chegou, ela recusou-se a se separar da bolsa. No hospital deram-lhe antibióticos, sedativos, drogas suficientes para levar qualquer um à loucura. Ela dormia como uma criança, a bolsa a seu lado sob as cobertas. Se uma enfermeira apenas tocasse na bolsa, Jesse acordava de imediato. Quando Aaron Lightner chegou, dois dias depois, entregou-a a ele. Ainda estava doente quando pegou o avião para Londres. A bolsa estava no colo dele, e ele foi muito bonzinho, acalmando-a, cuidando dela; ela cochilou durante grande parte do longo vôo. Só pouco antes de chegarem foi que percebeu que sua

pulseira tinha sumido, sua linda pulseira de prata. Chorou baixinho, de olhos fechados. A pulseira de Mael tinha sumido.

Retiraram-na do caso.

Ela soube disso antes que lhe contassem. Era jovem demais para aquele trabalho, disseram.

Inexperiente demais. Tinham errado ao enviá-la. Continuar seria simplesmente perigoso demais.

Naturalmente, o que ela tinha feito era de "imensa valia". E o fantasma tinha um poder incomum. O espírito de um vampiro morto? Inteiramente possível. E o telefone tocando, bem, havia muitos casos assim — as entidades usavam vários meios para "comunicar-se" ou assustar. Melhor descansar agora, tirar aquilo tudo da cabeça. Outras pessoas continuariam a investigação. Quanto ao diário, ele nada continha de mais importante do que aquilo que ela própria lera. Os psicometristas que tinham examinado o rosário e a boneca nada conseguiram descobrir. Os objetos seriam guardados com o maior cuidado. Mas Jesse tinha que parar de pensar naquelas coisas imediatamente.

Jesse argumentou, implorou para voltar. Chegou a fazer uma cena. Mas era como conversar com o Vaticano. Algum dia, daí a uns dez anos, talvez vinte, ela poderia voltar para esse campo. Ninguém estava dizendo que isso era impossível. Mas no momento a resposta era não. Jesse devia descansar, melhorar, esquecer o que acontecera. Esquecer o que acontecera...

Passou várias semanas doente. Usava roupões de flanela branca o dia inteiro e bebia incontáveis xícaras de chá quente. Sentava-se à janela do quarto. Contemplava o gramado do parque, os velhos e imensos carvalhos.

Observava os carros indo e vindo, minúsculos pedacinhos de cor silenciosa movendo-se na distante estrada de cascalho. Deliciosa, aquela tranqüilidade. Traziam-lhe coisas gostosas para comer, beber. David vinha e conversava carinhosamente com ela sobre qualquer coisa exceto vampiros. Aaron enchia seu quarto de flores. Outras pessoas vinham visitá-la.

Ela falava pouco, ou nada. Não conseguia explicar-lhes por que aquilo a magoava profundamente, lembrando-lhe o verão distante em que fora expulsa de outros segredos, outros mistérios, outros documentos em cofres. Era a mesma velha história: vislumbrara algo de importância incalculável que lhe fora logo retirado.

E agora jamais entenderia o que vira ou vivera. Deveria permanecer ali em silêncio com seu arrependimento. Por que não tinha pego aquele telefone e falado, escutado a voz do outro lado? E a criança, que desejava o espírito da criança? Seria o diário ou a boneca? Não, Jesse estava destinada a encontrá-los e retirá-los.

No entanto, fugira do espírito da criança! Ela, que tinha conversado com tantas entidades sem nome, que se postava corajosamente em aposentos escuros conversando com coisas trêmulas, quando os outros fugiam em pânico! Ela, que tranqüilizava os outros com a velha assertiva: esses seres, sejam quem forem, não conseguem nos fazer mal!

Mais uma chance, ela implorou. Rememorou tudo o que acontecera. Tinha que voltar àquele apartamento de Nova Orleans. David e Aaron ficaram em silêncio. Então David aproximou-se e abraçou-a.

— Minha querida Jesse, nós amamos você. Mas neste assunto nós simplesmente não podemos ir contra as regras.

À noite ela sonhava com Claudia. Certa vez acordou às quatro horas, foi à janela e olhou para o parque, esforçando-se para enxergar além da luz fraca das janelas inferiores. Havia uma criança lá fora, uma figurinha minúscula sob as árvores, numa capa vermelha com capuz, uma criança olhando para ela. Ela desceu correndo a escada, mas apenas conseguiu perder-se no gramado deserto e úmido, no alvorecer de uma fria manhã cinzenta.

Na primavera mandaram-na para Nova Deli.

Ela teria que documentar as provas de reencarnação, segundo os relatos de crianças na Índia que lembravam-se de suas vidas anteriores. Um promissor trabalho já havia sido feito nessa área por um certo Dr. Ian Stevenson. E Jesse deveria encetar uma pesquisa independente, para a Talamasca, que poderia produzir resultados igualmente frutíferos. Dois membros mais antigos da Ordem encontraram-na em Deli.

Deixaram-na imediatamente à vontade na velha mansão inglesa onde moravam. Ela acabou adorando o trabalho; e depois dos choques iniciais e dos pequenos desconfortos, acabou amando a Índia também. No final do ano sentia-se novamente feliz — e útil.

Aconteceu outra coisa, uma coisinha pequena, mas que parecia um bom presságio. Num bolso de sua velha mala — aquela que Maharet lhe dera anos antes — ela encontrou a pulseira de prata de Mael.

Sim, era feliz.

Mas não esquecia o que acontecera. Havia noites em que se lembrava tão vividamente da imagem de Claudia que acabava por levantar-se e acender todas as luzes do quarto, em outras ocasiões julgava ver a sua volta, nas ruas da cidade, estranhos seres de rosto pálido como os personagens da Entrevista com o vampiro. Sentia que estava sendo vigiada.

Por não poder contar a Maharet sobre essa estranha aventura, suas cartas tornaram-se ainda mais apressadas e superficiais. No entanto, Maharet continuava fiel. Quando membros da família vinham a Deli, visitavam Jesse. Tentavam mantê-la dentro do rebanho. Mandavam-lhe notícias de casamentos, nascimentos, mortes. Imploravam que fosse visitá-los nas férias. Matthew e Maria escreviam da América pedindo que Jesse “voltasse logo para casa”. Sentiam saudades dela.

Jesse passou quatro felizes anos na Índia. Documentou mais de trezentos casos individuais, que incluíam impressionantes evidências de reencarnação. Trabalhou com alguns dos melhores investigadores do oculto que ela já conheceria. E achava o trabalho sempre gratificante, quase consolador. Muito diferente das caçadas a fantasmas dos anos anteriores.

No outono do quinto ano ela finalmente cedeu aos pedidos de Matthew e Maria e foi passar um mês nos Estados Unidos. Eles ficaram felicíssimos.

Aquele encontro significou para Jesse muito mais do que ela própria tinha imaginado. Adorou estar de volta no velho apartamento de Nova York. Adorava os jantares tardios com seus pais adotivos. Eles não a interrogavam sobre o trabalho. Sozinha durante o dia, ela telefonava para antigos colegas de faculdade ou dava longos passeios

solitários pela palpitante paisagem urbana das esperanças, dos sonhos e das mágoas infantis.

Duas semanas depois de sua volta, Jesse viu O Vampiro Lestat na vitrine de uma livraria. Por um instante achou que se enganara. Não era possível. Mas era. O vendedor contou-lhe sobre o disco do mesmo nome, o show em São Francisco. Jesse comprou o ingresso a caminho de casa, na loja onde comprou o disco.

Durante todo o dia Jesse ficou deitada no quarto lendo o livro. Era como se o pesadelo da Entrevista com o vampiro tivesse voltado e, mais uma vez, ela não conseguia fugir dele. No entanto sentia-se estranhamente tocada por cada palavra. Sim, reais, todos vocês. A história ia e voltava, retrocedendo até o bando romano de Santino, à ilha que era o refúgio de Marius, ao túmulo druida de Mael. E finalmente a Aqueles Que Devem Ser Preservados — vivos, porém duros e brancos como mármore.

Ah, sim, ela tinha tocado essa pedra! Ela tinha olhado dentro dos olhos de Mael; tinha sentido, o toque da mão de Santino. Tinha visto o quadro pintado por Marius nos cofres da Talamasca!

Quando fechou os olhos para dormir, viu Maharet na sacada da casa de Sonoma. A lua estava alta, acima dos topos das sequóias. E a noite cálida parecia estranhamente cheia de promessas e perigos. Eric e Mael estavam lá. Também outros que ela não conhecia a não ser das páginas de Lestat.

Todos da mesma tribo: olhos incandescentes, cabelos bruxuleantes, a pele uma substância brilhante e sem poros. Em sua pulseira de prata milhares de vezes ela contemplava os antigos símbolos celtas de deuses e deusas

com quem os druidas falavam nas florestas como aquela para onde Marius certa vez fora levado como prisioneiro. Quantas ligações ela precisaria entre aquela ficção esotérica e o verão inesquecível? Mais uma, sem dúvida. O próprio Vampiro Lestat. Em São Francisco, onde ela poderia vê-lo e tocá-lo. Aquela seria a ligação definitiva. Ela saberia então, naquele momento, a resposta de tudo.

O relógio tiquetaqueava. Sua lealdade à Talamasca estava morrendo no silêncio da tarde. Ela não lhes contaria uma só palavra. Isso dava-lhe uma grande pena, pois eles teriam dado muita importância, e sem egoísmo; não duvidariam de coisa alguma. A tarde perdida. Lá estava ela novamente. Descendo para o porão de Maharet pela escada em espiral. Não conseguia empurrar a porta? Olhe. Veja o que viu então.

Alguma coisa não tão horrível à primeira vista — simplesmente aqueles que conhecia e amava, na escuridão, adormecidos. Mas Mael está deitado no chão frio, como morto, e Maharet está sentada de encontro à parede, ereta como uma estátua. Os olhos dela estão abertos! Acordou com um susto, o rosto vermelho, o quarto frio e escuro.

— Miriam — disse em voz alta. O pânico diminuiu gradualmente. Ela se aproximara, apavorada. Tocara em Maharet. Fria, petrificada. E Mael morto! O resto era escuridão.

Nova York. Ela deitada na cama com o livro na mão. E Miriam não vinha. Lentamente desceu da cama e atravessou o quarto até a janela. Ali, na empoeirada penumbra do entardecer, estava a alta e estreita casa fantasma de Stanford White. Ela a encarou até que a imagem se desvaneceu aos poucos. Da capa do disco apoiada na penteadeira o Vampiro Lestat lhe sorria.

Fechou os olhos. Visualizou o trágico casal — Aqueles Que Devem Ser Preservados. Rei e Rainha indestrutíveis em seu trono egípcio, a quem o Vampiro Lestat cantava seus hinos nos rádios, nas vitrolas automáticas e nos pequenos toca-fitas que as pessoas carregavam. Viu o rosto branco de Maharet brilhando nas sombras. Alabastro. A pedra que está sempre cheia de luz. A tarde caindo, de repente, como acontece no final do outono, a tarde opaca desvanecendo-se no brilho agudo da noite. O trânsito troava na rua apinhada, ecoando pelas laterais dos prédios. O trânsito sempre fora assim barulhento nas ruas de Nova York? Ela encostou a testa na vidraça. Pelo canto do olho via a casa de Stanford White. Havia figuras movimentando-se dentro dela.

Jesse partiu de Nova York na tarde seguinte, no velho conversível de Matt.. Fez questão de pagar pelo carro, apesar dos argumentos dele. Sabia que não o traria de volta. Então abraçou os pais e, no tom mais casual possível, disse-lhes todas as coisas simples de seu coração, que sempre desejara que eles soubessem.

Naquela manhã mandara uma carta expressa a Maharet, juntamente com os dois romances vampírescos.

Explicou que tinha abandonado a Talamasca, ia ao show do Vampiro Lestat na Califórnia e queria parar na propriedade de Sonoma. Tinha que ver Lestat, isso era de crucial importância. Sua velha chave serviria na porta da casa de Sonoma? Maharet permitiria que ela parasse lá?

Foi na primeira noite, em Pittsburgh, que ela sonhou com as gêmeas. Viu as duas mulheres ajoelhadas diante do altar. Viu o corpo cozido, pronto para ser devorado. Viu uma das gêmeas erguer o prato com o coração; a outra, o prato com o cérebro. Então os soldados, o sacrilégio.

Quando chegou a Salt Lake City tinha sonhado três vezes com as gêmeas. Tinha visto sua violação, numa cena vaga e aterrorizante. Tinha visto um neném nascido de uma das irmãs. Tinha visto o bebê escondido quando as gêmeas foram novamente caçadas e aprisionadas. Teriam sido mortas? Ela não sabia.

Os cabelos vermelhos. Se ao menos pudesse ver os rostos delas, os olhos! Os cabelos vermelhos a torturavam. Foi somente quando telefonou para David de um telefone público na beira da estrada que ficou sabendo que outras pessoas tinham tido esses sonhos — paranormais e médiuns no mundo inteiro. E sempre havia uma ligação com o Vampiro Lestat. David mandou Jesse voltar para casa imediatamente.

Jesse tentou explicar calmamente. Ia ao show, para ver Lestat. Tinha que fazer isso. Havia outras coisas, mas era tarde demais para lhe contar. David que a perdoasse.

— Você não pode fazer isso, Jessica — disse David. — O que está acontecendo não é simplesmente um caso para os arquivos. Você tem que voltar, Jessica. A verdade é que precisamos de você. Desesperadamente. É impensável tentar esse tipo de coisas simples de seu coração, que sempre desejara contato sozinha. Jesse, escute o que estou lhe dizendo.

— Não posso voltar, David. Sempre amei você. Vocês todos. Mas diga-me uma coisa. — É a última pergunta que lhe faço. Por que você não pode vir?

— Jesse, você não está me escutando.

— A verdade, David. Conte-me a verdade. Você sempre acreditou mesmo neles? Ou sempre foi uma questão de objetos, registros e pinturas guardadas em

cofres, coisas de ver e tocar? Você sabe o que estou dizendo, David. Pense no padre católico ao dizer as palavras da consagração durante a Missa, ele acredita mesmo que Cristo está no altar? Ou é só uma questão de cálices, o vinho sacramental e o coro cantando?

Ah, que mentirosa ela era, por esconder tanta coisa dele e no entanto pressioná-lo assim! Mas a resposta não a decepcionou.

— Jesse, você entendeu errado. Sei o que são essas criaturas. Sempre soube. Nunca tive a menor dúvida. E por causa disso é que nenhum poder deste mundo conseguirá me fazer comparecer a esse show. É você quem não consegue aceitar a verdade. Tem que ver para crer! Jesse, o perigo é real. Lestat é exatamente o que diz ser, e haverá outros lá, ainda mais perigosos, outros que podem descobrir o que você é e tentar feri-la. Entenda isso e faça o que eu lhe digo. Volte para casa agora.

Um momento ríspido e doloroso. Ele estava tentando alcançá-la, e ela apenas lhe dizia adeus. Ele dissera outras coisas: que lhe contaria "toda a história", que abriria os arquivos para ela, que todos precisavam dela exatamente em relação a isso. Mas ela estava pensando em outras coisas. Não podia contar a ele "toda a história", e esse era o seu sofrimento. Estava tonta novamente, e o sonho a ameaçava quando ela desligou o telefone. Tinha visto os pratos, o corpo no altar. A mãe delas. Sim, a mãe delas. Hora de dormir. O sonho quer entrar. E depois continuar.

Rodovia 101. Sete e trinta e cinco da noite. Faltam vinte e cinco minutos para o show. Ela acabara de atravessar o desfiladeiro no Waldo Grade e ali estava o velho milagre — o enorme horizonte de São Francisco derramando-se pelos montes, bem além do brilho negro da

água. As torres da Ponte Golden Gate erguiam-se diante dela, o vento gelado da Baía congelava suas mãos nuas agarradas ao volante. O Vampiro Lestat começaria na hora marcada? Dava-lhe vontade de rir, pensar numa criatura imortal tendo que chegar na hora marcada. Bem, ela chegaria na hora marcada; a viagem estava quase no final.

Toda a tristeza desaparecera; tristeza por David, Aaron e aqueles a quem amara. Também não sentia tristeza pela Grande Família. Apenas gratidão por tudo. No entanto, talvez David tivesse razão.

Talvez ela não tivesse aceitado a verdade dura e assustadora, e sim simplesmente penetrado no reino de lembranças e fantasmas, de criaturas pálidas que eram a própria matéria dos sonhos e da loucura.

Estava caminhando em direção a casa fantasma de Stanford White, e não tinha importância quem morava ali. Seria bem-vinda. Eles estavam tentando dizer-lhe isso desde que ela conseguia lembrar-se.

FIM DA 1ª PARTE